

# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

práticas, silenciamentos e resistência (im)possíveis

organização  
ÉDERSON LUÍS DA SILVEIRA



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

práticas, silenciamentos e resistência (im)possíveis

organização  
ÉDERSON LUÍS DA SILVEIRA



 pimenta  
cultural  
2018



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados

Copyright do texto © 2018 os autores e as autoras

Copyright da edição © 2018 Pimenta Cultural

Esta obra é licenciada por uma *Licença Creative Commons: by-nc-nd*. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural pelo autor para esta obra. Qualquer parte ou a totalidade do conteúdo desta publicação pode ser reproduzida ou compartilhada. O conteúdo publicado é de inteira responsabilidade do autor, não representando a posição oficial da Pimenta Cultural.

## Comissão Editorial Científica

Alaim Souza Neto, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil  
Alexandre Silva Santos Filho, Universidade Federal do Pará, Brasil  
Aline Corso, Faculdade Cenecista de Bento Gonçalves, Brasil  
André Gobbo, Universidade Federal de Santa Catarina e Faculdade Avantis, Brasil  
Andressa Wiebusch, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil  
Andreza Regina Lopes da Silva, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil  
Angela Maria Farah, Centro Universitário de União da Vitória, Brasil  
Anísio Batista Pereira, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil  
Arthur Vianna Ferreira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil  
Beatriz Braga Bezerra, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil  
Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos, Universidade do Vale do Itajaí, Brasil  
Cleonice de Fátima Martins, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil  
Daniele Cristine Rodrigues, Universidade de São Paulo, Brasil  
Delton Aparecido Felipe, Universidade Estadual do Paraná, Brasil  
Dorama de Miranda Carvalho, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil  
Elena Maria Mallmann, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil  
Elisiane Borges leal, Universidade Federal do Piauí, Brasil  
Elizabeth de Paula Pacheco, Instituto Federal de Goiás, Brasil  
Francisca de Assiz Carvalho, Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil  
Gracy Cristina Astolpho Duarte, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil  
Heloisa Candello, IBM Research Brazil, IBM BRASIL, Brasil  
Inara Antunes Vieira Willerding, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil  
Jacqueline de Castro Rimá, Universidade Federal da Paraíba, Brasil  
Jeane Carla Oliveira de Melo, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, Brasil  
Jeronimo Becker Flores, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil  
Joelson Alves Onofre, Universidade Estadual de Feira de Santana, Brasil  
Joselia Maria Neves, Portugal, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal  
Júlia Carolina da Costa Santos, Universidade Estadual do Maro Grosso do Sul, Brasil  
Juliana da Silva Paiva, Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba, Brasil  
Kamil Giglio, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO



Lidia Oliveira, Universidade de Aveiro, Portugal  
Ligia Stella Baptista Correia, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil  
Luan Gomes dos Santos de Oliveira, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil  
Lucas Rodrigues Lopes, Faculdade de Tecnologia de Mogi Mirim, Brasil  
Luciene Correia Santos de Oliveira Luz, Universidade Federal de Goiás; Instituto Federal de Goiás., Brasil  
Lucimara Rett, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil  
Marcio Bernardino Sirino, Universidade Castelo Branco, Brasil  
Marcio Duarte, Faculdades FACCAT, Brasil  
Maria Edith Maroca de Avelar Rivelli de Oliveira, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil  
Maribel Santos Miranda-Pinto, Instituto de Educação da Universidade do Minho, Portugal  
Marília Matos Gonçalves, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil  
Marina A. E. Negri, Universidade de São Paulo, Brasil  
Marta Cristina Goulart Braga, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil  
Michele Marcelo Silva Bortolai, Universidade de São Paulo, Brasil  
Midierson Maia, Universidade de São Paulo, Brasil  
Patricia Biegging, Universidade de São Paulo, Brasil  
Patricia Flavia Mota, UNIRIO, Brasil  
Patricia Mara de Carvalho Costa Leite, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil  
Patrícia Oliveira, Universidade de Aveiro, Portugal  
Ramofly Ramofly Bicalho, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil  
Rarielle Rodrigues Lima, Universidade Federal do Maranhão, Brasil  
Raul Inácio Busarello, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil  
Rita Oliveira, Universidade de Aveiro, Portugal  
Robson Teles Gomes, Universidade Católica de Pernambuco, Brasil  
Rosane de Fatima Antunes Obregon, Universidade Federal do Maranhão, Brasil  
Samuel Pompeo, Universidade Estadual Paulista, Brasil  
Tarcísio Vanzin, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil  
Thais Karina Souza Do Nascimento, Universidade Federal Do Pará, Brasil  
Valdemar Valente Júnior, Universidade Castelo Branco, Brasil  
Vania Ribas Ulbricht, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil  
Wellton da Silva de Fátima, Universidade Federal Fluminense, Brasil  
Wilder Kleber Fernandes de Santana, Universidade Federal da Paraíba, Brasil

PIMENTA COMUNICAÇÃO E PROJETOS CULTURAIS LTDA – ME.  
São Paulo - SP. Telefone: +55 (11) 96766-2200.  
E-mail: [livro@pimentacultural.com](mailto:livro@pimentacultural.com)  
[www.pimentacultural.com](http://www.pimentacultural.com)



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

Direção Editorial Patricia Biegling  
Raul Inácio Busarello

Administrador de sistemas Marcelo Eyng

Capa e Projeto Gráfico Chama7  
Camila Clemente

Imagens da capa Projetado por Freepik

Editora Executiva Patricia Biegling

Revisão Organizador e autores(as)

Organizador Éderson Luiz da Silveira

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

O811 Os efeitos do autoritarismo: práticas, silenciamentos e resistência (im)possíveis. Éderson Luiz da Silveira - organizador. São Paulo: Pimenta Cultural, 2018. 254p..

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-66832-94-5 (eBook PDF)  
978-85-66832-93-8 (Brochura)

1. Autoritarismo. 2. Censura. 3. Silenciamento. 4. Cultura.  
5. Educação. I. Silveira, Éderson Luiz da. II. Título.

CDU: 37.3  
CDD: 340

DOI: 10.31560/pimentacultural/2018.945

---



2018



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO

Prefácio	
O autoritarismo (nosso) de cada dia .....	7
<i>Éderson Luís da Silveira</i>	
Capítulo 1	
Efeito Bolsonaro: anatomia do autoritarismo .....	13
<i>Leonard Christy Souza Costa e Éderson Luís da Silveira</i>	
Capítulo 2	
Redes sociais e o ódio escancarado .....	36
<i>Raquel Campos</i>	
Capítulo 3	
Pedofilização da arte? A censura como medida protetiva da infância. Análise multimodal de telas da série Criança Viada à luz da Semiótica Social .....	52
<i>João Paulo Silva Barbosa</i>	
Capítulo 4	
A escravidão africana em Campos dos Goytacazes: contexto histórico de resistência e coisificação do negro.....	75
<i>Neilda da Cunha Alves Ferro e Thiago Soares de Oliveira</i>	
Capítulo 5	
Redução linguística no Brasil colonial: os primeiros silenciamentos .....	96
<i>Guilherme Lima Cardozo</i>	
Capítulo 6	
Tecnologias digitais e autoridade pedagógica: reconstruindo a tradição pelo viés libertador .....	119
<i>Adilson Cristiano Habowski e Elaine Conte</i>	



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO



## Capítulo 7

A educação ambiental:  
espaço de ressignificação ..... 144  
*Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos*

## Capítulo 8

Concepções alegóricas de um  
Estado Autoritário em cena..... 164  
*Robson Teles Gomes*

## Capítulo 9

A escrita literária enquanto resistência:  
vozes e memórias de sujeitos invisíveis  
na obra *Outros Cantos*, de Maria Valéria Rezende ..... 186  
*Sandra de Fátima Kalinoski*

## Capítulo 10

Cultura, relação de poder, exploração  
e opressão em *Os Magros* ..... 207  
*Juliana Cristina Ferreira*

## Capítulo 11

Authoritarianism, dissent and the self:  
what can the Transcendentalism  
of Emerson and Thoreau teach us?..... 228  
*Alan Tocantins Fernandes*

Índice remissivo ..... 246

Sobre os autores..... 249



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



## PREFÁCIO

### O AUTORITARISMO (NOSSO) DE CADA DIA

*Apenas nove palavras seriam necessárias para eu dizer tudo o que eu preciso dizer, mas eu sei que vou escrever, vou escrever esse livro, vou escrever outro, vou escrever outro e não vou encontrar as nove palavras.*

Maurice Blanchot

Com a citação do francês Maurice Blanchot inicio o presente prefácio que, como na origem latina, busca designar aquilo que é dito (*fatio*) antes (*prae*), mas com um *spoiler* que adianta ao leitor que o presente livro não busca esgotar o assunto ou estender-se demasiadamente sobre todas as facetas do autoritarismo possíveis. Seja porque a completude é impossível seja porque os múltiplos redirecionamentos, deslocamentos ou problematizações em torno da questão assinalada trazem justamente o enriquecimento de visões, de perspectivas, de desconfianças e de gestos de resistência atravessados pela assinatura daqueles que escrevem e também pelos discursos que permeiam teorias, olhares, escutas, direcionamentos outros.

Não é a toa que ao ler o mundo à nossa volta nos deparamos com formas de olhar para o outro que nos olha. Assim, o objeto estudado se entrelaça com aquele que estuda e também tece sobre ele visadas que não cessam de se reescrever. Desse modo, as leituras efetuadas se inscrevem na história daqueles que as assinam para não esgotar-se naquilo que é pronunciado,





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



que é apresentado, mas buscam fazer frutificar modos de operar gestos de interpretação sobre os objetos que são esquadrihados, esmiuçados e, ao mesmo tempo, se tornam inesgotáveis. É nesse contexto que o autoritarismo emerge como um fantasma que não cessa de reaparecer nos compartimentos das memórias daqueles que sofreram os efeitos d(as tentativas d)e silenciamento que busca apagar diferenças e homogeneizar singularidades. Do particular do passado à atualidade a obra que é apresentada ao leitor neste momento visa contribuir a partir da escrita que torna outras escritas e leituras possíveis.

Neste contexto, os três primeiros capítulos amalgamam-se em um eixo comum a partir de leituras da contemporaneidade autoritária que permeia o cotidiano de todos nós: o texto de *Leonard Costa* e de *Éderson Silveira* busca trazer ponderações acerca da constituição de uma anatomia do autoritarismo a partir de uma figura específica e polêmica: Jair Bolsonaro. A partir de uma anti-democracia que se instaura sob vestes “democráticas”, vislumbra-se o contexto de uma emergência política pautada nas reflexões foucaultianas acerca do panoptismo para averiguar a emergência de dizeres não-democráticos em um regime democrático.

O segundo texto é de autoria de *Raquel Campos* e busca problematizar a questão do ódio nas redes sociais. Partindo da constatação de que uma onda conservadora tem ganhado terreno em espaços virtuais de interação a autora reflete sobre o modo como tais espaços podem alterar o comportamento dos usuários mediante a proliferação de discursos de ódio, de intolerância e de produção e disseminação de *fake news*. No terceiro capítulo, *João Paulo Barbosa* vai apresentar a análise de três telas da exposição *Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira*, promovida pelo Santander Cultural em 2017, que foram acusadas de incentivo à pedofilia e de corrupção da infância para problematizar a



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



questão da (in) existência da pedofilização da arte no Brasil a partir do exemplo mencionado.

O quarto e quinto capítulos se voltam, historicamente, a contextos que se inscreveram nas memórias do Brasil escravagista e colonial, especificamente. Assim, no quarto texto, *Neilda Alves Ferro* e *Thiago de Oliveira* partem de uma explanação acerca da escravidão nacional para culminar em reflexões acerca de algumas especificidades do contexto de Campos de Goytacazes onde a utilização da força de trabalho escrava foi intensa, sobretudo devido ao cultivo da cana-de-açúcar. No quinto capítulo, *Guilherme Cardozo* aponta os primeiros silenciamentos que marcaram as práticas de redução linguística no Brasil colonial a partir do empreendimento jesuítico no Brasil do século XVI.

O sexto e o sétimo texto estão centrados em problematizações de cunho educacional. O capítulo assinado por *Adilson Cristiano Habowski* e *Elaine Conte* apresenta explicações acerca da relação entre as tecnologias digitais e (crise d)a autoridade pedagógica buscando reacender o debate em torno da autoridade e da liberdade, apresentando tal discussão como necessária para que as práticas formativas estejam marcadas pela sensibilidade dialética e pelo respeito aos saberes do outro. Já o texto de *Bruna Siqueira dos Santos* traz contribuições para pensarmos a educação ambiental como espaço de ressignificação mediante ao esvaziamento de valores e sentidos e ao cerceamento de direitos insubstituíveis, como por exemplo, o direito a ser diferente.

Os três capítulos a seguir partem da recepção de obras literárias produzidas em contextos autoritários. No oitavo, *Robson Gomes* apresenta a literatura como possibilitadora de ressignificações mediante a existência de fatos histórico-sociais e criações alegóricas específicas a partir do exemplo da obra *O pagador de Promessas*, de Dias Gomes. No nono, *Sandra Kalinoski*



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



reitera a necessidade de pensar a escrita literária enquanto lugar de resistência pautando-se em reflexões permeadas pelas vozes e memórias de sujeitos invisibilizados na obra *Outros Cantos*, de Maria Valéria Rezende. No décimo capítulo *Juliana Ferreira* se propõe a analisar a obra *Os magros*, de Euclides Neto, abordando relações de exploração e de opressão, com foco na intersecção entre cultura, identidade e sociedade presentes na narrativa.

No décimo primeiro e último texto, não menos inédito e relevante, *Alan Tocantins Fernandes* traz contribuições possíveis de Ralph Waldo Emerson e de Henry David Thoreau para pensar o autoritarismo a partir de contextos teóricos específicos de explanação onde é possível operar a partir da aproximação entre os autores mencionados.

Finalmente, cabe destacar que a presente obra busca refletir acerca do autoritarismo seja através da literatura, da análise de repressões passadas ou hodiernas em instâncias de explanação que vão do geral ao específico, do coletivo ao individual, com leituras que visam traçar uma história do presente. Ao apresentar tal proposta, busca-se contribuir para dar visibilidade aos efeitos dessas e de outras ações a partir de novas perspectivas e contextos que tornaram possível a permanência, a manutenção e a (possibilidade de) gestos de resistência.

Mas a questão central do presente livro não é tomar o autoritarismo como algo exterior a nós ou como algo que poderia ser localizado homoganeamente ou atribuído a algum indivíduo ou instituição estanques. Desde a introdução à obra d'*O Anti-Édipo*, Michel Foucault havia tecido algumas considerações para se pensar em



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



uma vida não fascista<sup>1</sup> o que pode justamente servir para ficarmos alertas para as complexidades dos autoritarismos cotidianos que podem levar a alimentar o fascista que há em cada um de nós. Sob inspiração foucaultiana a questão que pode ser destacada é: de que forma seria possível desentranhar comportamentos autoritários de nosso cotidiano? Como livrar nosso discurso e nossos atos, nossos corações e nossos prazeres do autoritarismo? Neste contexto, a arte de viver contrária às formas de autoritarismo possíveis se articula a uma série de princípios elencados ao final do prefácio foucaultiano que deixo aqui transcritos a seguir *ipsis literis* para que não sejam esquecidos:

- Liberem a ação política de toda forma de paranoia unitária e totalizante.
- Façam crescer a ação, o pensamento e os desejos por proliferação, justaposição e disjunção, e não por subdivisão e hierarquização piramidal.
- Livrem-se das velhas categorias do Negativo (a lei, o limite, as castrações, a falta, a lacuna) que por tanto tempo o pensamento ocidental considerou sagradas, enquanto forma de poder e modo de acesso à realidade. Prefiram o que é positivo e múltiplo, a diferença à uniformidade, os fluxos às unidades, os agenciamentos móveis aos sistemas. Considerem que o que é produtivo não é sedentário, mas nômade.
- Não imaginem que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo se o que se combate é abominável. É a

1. Trata-se do prefácio à edição norte-americana de *O anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia*, de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Foi publicado também na coletânea *Dits et écrits*, de Foucault (da editora Gallimard). O título que costuma acompanhar o prefácio (*O anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista*) é da redação do *Magazine Littéraire*, onde foi publicado pela primeira vez em francês.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



ligação do desejo com a realidade (e não sua fuga nas formas da representação) que possui uma força revolucionária.

- Não utilizem o pensamento para dar a uma prática política um valor de Verdade; nem a ação política para desacreditar um pensamento, como se ele não passasse de pura especulação. Utilizem a prática política como um intensificador do pensamento, e a análise como multiplicador das formas e dos domínios de intervenção da ação política.
- Não exijam da política que ela restabeleça os “direitos” do indivíduo tal como a filosofia os definiu. O indivíduo é produto do poder. O que é preciso é “desindividualizar” pela multiplicação e o deslocamento, o agenciamento de combinações diferentes. O grupo não deve ser o liame orgânico que une indivíduos hierarquizados, mas um constante gerador de “desindividualização”.
- Não se apaixonem pelo poder.

Dito isso, desejo a todos uma produtiva e enriquecedora leitura!

Éderson Luís da Silveira

*organizador deste livro  
Florianópolis, outubro de 2018.*



Capítulo 1

# **EFEITO BOLSONARO: ANATOMIA DO AUTORITARISMO**

Leonard Christy Souza Costa  
Éderson Luís da Silveira





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



### Resumo:

O presente capítulo reflete sobre o autoritarismo no que chamamos de efeito Bolsonaro, a emergência política de uma pessoa anti-democrática 'democraticamente'. Tal reflexão é possível via teoria discursiva cunhada por Michel Foucault, sobretudo através do panoptismo. Pontuamos como pergunta de pesquisa, ancorada na Análise do Discurso, de cunho francesa, com viés foucauldiano: que fenômenos discursivos tornam possível a emergência de dizeres não democráticos em um sistema democrático?

### Palavras-chave:

autoritarismo, Bolsonaro, Foucault

DOI: 10.31560/pimentacultural/2018.945.13-35



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



## INTRODUÇÃO

Pretendemos, no presente texto, refletir sobre os mecanismos discursivos que tornam possível que ideias autoritárias circulem, democraticamente, em uma sociedade que saiu de um governo militar ditatorial e se estabeleceu em um Estado de Direito. Entender como tal paradoxo se efetua, é o objetivo principal do presente texto, ancorado pela teoria discursiva de Michel Foucault, em especial o que se coloca sobre o panoptismo.

## O PANOPTISMO

Uma das principais concepções formuladas por Michel Foucault em seus escritos sobre o poder é a tecnologia do panóptico. Ao relatar a ideia de Bentham (2003c, p. 162-187) Foucault demonstra o acontecimento da passagem da soberania para as tecnologias da disciplina. O suplício utilizado para que todos vissem como o corpo do condenado era tocado pelo soberano reforçava o próprio efeito da soberania. “Diante da justiça do soberano, todas as vozes devem-se calar” (2003c, p.33). O controle total sobre o corpo, feito de maneira tão explícita durante o suplício indicava um tipo de poder focalizado no resultado das ações. O panóptico, contudo, se evidencia como uma sofisticação do poder vigente.

A prática do suplício denota que (FOUCAULT, 2003c, p.63): “como se o poder soberano não visse, um desafio que ele mesmo lança e que poderá ser aceito um dia: acostumado a ‘ver correr sangue’, o povo aprende rápido que só pode se vingar com sangue”.

A prática da punição irá paulatinamente ser modificada pois “é preciso que a justiça criminal puna em vez de se vingar” (Ibid, 2003c, p. 63). É nesse contexto que o projeto de Bentham faz





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



sentido. Um novo tipo de justiça criminal se faz necessário, uma maneira de punir, mas também de controlar, vigiar, atingir a alma mais que os corpos dos condenados. Pensando sobre o século XVII, o surgimento do fuzil é relatado como um elemento desencadeador para a tecnicização maior do exército, com soldados mais bem treinados e com um custo maior. É fundamental, portanto, que ao se formar um soldado, o poder não o deixe morrer.

A partir desse momento, o hospital militar passa a ser um local de vigilância, não apenas para evitar a deserção, mas também para produzir um saber sobre as doenças para que os soldados fossem curados e, uma vez curados, não fingissem mais estar doentes. Essa sofisticação do hospital não se dá através da medicina, da clínica ou um meio similar, “não foi a partir de uma técnica médica que o hospital marítimo e militar foi reordenado, mas, essencialmente, a partir de uma tecnologia que pode ser chamada política: a disciplina” (FOUCAULT, 2005b, p.105). Em princípio, alguns aspectos são imediatamente evidenciados nessa nova tecnologia política: a positividade e a questão do saber.

A questão da positividade pode ser ressaltada quando se coloca que “se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não, você acredita que seria obedecido?” (FOUCAULT, 2005b, p.8). É importante pontuar que o aspecto repressivo não é suprimido, é óbvio que ele existe e cumpre o seu papel diante da sexualidade, da educação, ciência e outras esferas. Porém, a repressão não explica tudo, ou talvez não explique tanto; a positividade, a produção dos itens que se encontram entremeados no jogo do poder não são exercidos de determinada maneira apenas por conta da chamada hipótese repressiva.

Cabe assinalar, então, que a produção de tais itens são frutos do mesmo sistema de poder que comporta a questão repressiva e tal positividade só é possível por conta de uma vigilância constante



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



efetuada muito mais sobre o processo e os indivíduos. O que faz, portanto, com que o poder seja obedecido, não é meramente a funcionalidade de aparelhos repressivos como a polícia e forças de segurança do estado; mais que isso, é necessário que a própria estrutura social produza os policiais e os indivíduos que exercem tal controle repressivo.

A positividade, contudo, não se esgota na 'produção' dos agentes repressivos, a própria positividade da obediência à polícia será cuidadosamente produzida pelo jogo de poder; afinal, devemos aceitar o trânsito de homens armados em nossa volta. A disciplina, meio fundamental, pelo qual se exerce o panóptico também será essencial para que o controle seja efetuado em outras áreas, como a educação e a política.

Pode-se preconizar, portanto, que o panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder (FOUCAULT, 2003c, p.169), o locus que produz um saber que, por sua vez, reativa o poder, que observa e escande minuciosamente os sujeitos e assim o fazendo, os controla, sobretudo porque também os produz. No caso hospitalar, o médico assume a torre panóptica, não apenas pelo esquadramento policial que queria controlar as doenças – como a peste, mas também pela chamada medicina do meio. É na combinação entre esses dois elementos que acontecerá a medicalização do hospital.

Ao refletirmos sobre a educação, por exemplo, podemos pensar o fato de que “a disciplina exerce seu controle, não sobre o resultado de uma ação, mas sobre seu desenvolvimento” (2005b, p.106). A questão, portanto, não seria apenas para que serve a educação, para que estudar, para que o médio prepara seus alunos; a questão deve ser anterior a essa, pois se daria sobre o processo que permeia o sistema educacional, a quantidade de séries, a quantidade de alunos em sala, quem decide o conteúdo a ser ensinado



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



e aprendido; não apenas como serão as avaliações, mas quem decidirá como elas serão, quem exercerá o poder, quem vigiará os alunos e quem vigiará os vigias? Não apenas quem serão os professores, mas quem serão os formadores desses formadores.

O sistema educacional, portanto, também se estrutura dentro do viés panóptico, na medida em que escande o comportamento dos alunos, produz um determinado tipo de saber e, da mesma forma, pode preparar sua modificação. É o que pontua Foucault quando enuncia que “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (2003c, p.44). A educação utiliza a mesma tecnologia política constitutiva da prisão, a disciplina, e o seu efeito mais direto: o controle - é um dos entes fundadores de uma microfísica do poder. Microfísica esta que escapa à análise mais costumeira da ideologia, da luta de classes, de uma física evidente do poder; o aspecto micro demonstra mecanismos que reativam um poder não concentrado em um único local ou sob a tutela de um único sujeito, soberano das decisões, é o caso de refletir se “os mecanismos de poder que funcionam na fábrica entre o engenheiro, o contramestre e o operário serão muito diferentes na União Soviética e aqui?” (FOUCAULT, 2005b, p. 161).

A ideia original de Bentham - da torre de vigilância que permite ao vigia observar todos os seus prisioneiros ao mesmo tempo, sem que os mesmos saibam se estão sendo observados naquele exato momento - evolui progressivamente. Essa torre de vigilância que tudo pode ver causa o efeito ótico que reativa o poder, o sujeito não é mais submisso a uma vontade soberana, mas sim a uma imaterialidade que disciplina, vigia e controla. A obra foucauldiana demonstra que o projeto arquitetônico principal sofre modificações. As penitenciárias não guardam o mesmo formato, câmeras são introduzidas, o controle através da informática o tornará ainda mais remoto e menos maquinal, mas o modelo filosófico permanecerá.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO

A imaterialidade do poder se consolida quando o panoptismo se espalha para além da prisão e o controle e a vigilância do sujeito o fazem um transmissor da energia do poder.

Ao perguntar se “devemos ainda nos admirar que a prisão se pareça com as fábricas, com as escolas, com os quartéis, com os hospitais, e todos se pareçam com as prisões?” (2003c, p.187), Foucault evidencia o espalhamento do panoptismo em uma sociedade de vigilância na qual nos inserimos. Uma sociedade tão disciplinarizada e controlada não significa, é claro, a inexistência de conflitos, da luta entre sujeitos. Os sujeitos - provavelmente mais que as classes – continuarão em conflito pela própria dinamicidade do poder. No mecanismo do poder não há neutralidade – “não há sujeito neutro. Somos forçosamente adversários de alguém” (FOUCAULT, 2005a, p.35) – o conflito é essencialmente algo necessário.

Isso não significa, contudo, que a luta seja um paradoxo em relação ao panóptico, ao contrário, faz parte dele e o reforça. O controle e a vigilância não tornam os sujeitos seres eminentemente adestrados, os faz sim, corpos dóceis (FOUCAULT, 2003c, p.117), mas mesmo assim, capazes de sublevações. É preciso ter em mente que o modelo panóptico não cria apenas o efeito ótico para o observado, mas também para o observador. Aquele que está na torre, mesmo que seja daí retirado, abre espaço para um novo sujeito que ocupará o seu lugar. Os sujeitos em oposição, não significam enfrentamentos de poderes diferentes, pois são produzidos pelo mesmo efeito ótico. É o que podemos depreender da entrevista no seguinte excerto:

- E, em relação aos prisioneiros, apoderar-se da torre central não tem sentido?

- Sim. Contanto que este não seja o objetivo final da operação. Os prisioneiros fazem funcionar o dispositivo panóptico e ocupando a torre – você acredita então que será muito melhor assim que com os vigias? (FOUCAULT, 2005b, p. 227)



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Ocupar a torre de vigilância apenas faria com que os vigias fossem substituídos, assim como os vigiados. O sistema de controle não é aplicado a um sujeito em específico, ele passa por todos, transitando pelas individualidades, e não apenas se aplicando de forma ideológica a um deles. Em um sistema de poder imaterial, essencialmente intangível, a vigilância e o controle cumprem um papel mais sofisticado do que aquele que o soberano desempenhava outrora: os corpos não são mais tocados a ferro e pulverizados pelo fogo, mas a própria alma – tanto quanto os corpos – torna-se dócil.

Os prisioneiros que se rebelassem e ocupassem a torre, provavelmente, não saberiam o que fazer com ela e passariam a observar os que outrora eram vigias. O poder não está, portanto, nos vigias. Não são eles os mandatários inescrupulosos que submetem os vigiados e ‘inventam’ o poder; ao contrário, são criados pelo poder. Desde o surgimento da prisão, várias críticas têm se avolumado contra ela, da sua ineficácia de reinserção social, de refazimento moral do sujeito ou de uma punibilidade com poucos efeitos práticos; considerada ineficaz por muitas vezes, cumpre, porém, o seu papel de reator do poder: não se sabe pelo que substituí-la.

O sistema educacional, por outro lado, visto como o responsável pela formação pragmática da mão de obra, de outra parte acusado de ser o ‘alienador’ das mentes humanas e, em outro viés, percebido como o agente transformador de todo o sistema vigente, estrutura-se como um instrumento panóptico de disciplina, por excelência. A ‘torre educacional’ não apenas vigia e controla os sujeitos, mas também produz saberes determinados; essa pluralidade de saberes que, muitas vezes, estarão em oposição, provoca o equilíbrio do sistema de controle, é como se o discurso em oposição à torre de vigilância, na verdade, apenas buscasse tomar a torre, não sendo, portanto, uma oposição à torre em si, mas sim a quem a ocupa.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Esse sistema de vigilância panóptico constituirá e se apropriará da produção dos saberes na época moderna e contemporânea, imiscuindo-se em toda a sociedade, nas religiões, educação, forças armadas e na própria política. A torre de vigilância se multiplica em várias esferas e nos mostra que o poder não está meramente isolado em um local ou detido por uma pessoa, uma espécie de novo soberano. Assim como em uma torre de distribuição elétrica, a tensão passa por toda a fiação, o poder transita por todos os indivíduos.

Nesse contexto, ninguém é imune ao poder, somos forçosamente por ele constituídos, mesmo que não percebamos - assim como o olho que não se vê; isso não significa, contudo, que os sujeitos são simples cumpridores de ordem de uma voz superior. O controle não anula a revolta, a sublevação e o conflito, mas inteligentemente o disciplina; como em um campo de batalha, onde a luta acontece, mas segundo regras já disciplinarizadas.

A vigilância não evita, por exemplo, as revoluções políticas, mas é através dela que os 'revolucionários' garantem a estabilidade pós-revolução. O panóptico, mesmo que tenha sido formulado por Bentham, não possui um mantenedor fixo, não é sustentado por uma pessoa ou uma classe para atingir determinado fim; da mesma forma que as regras de um jogo não são o logos que perfazem o vencedor em detrimento do vencido. Na verdade, as regras do jogo, tornam o jogo possível, assim como a prática do jogo torna possíveis as mudanças das regras, em uma simbiose que se auto-complementa e constitui os jogadores.

O *panopticum* arquitetural assim como foi desenhado por Bentham não floresceu como imaginado por seu autor, mas deu vazão a uma arquitetura mais complexa de vigilância, controle e disciplina, que rege a sociedade na qual vivemos. Ao observarmos, portanto, Foucault postular que apenas tomar a torre não provocaria



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



mudanças, que isso não poderia ser o resultado final da ação; seria necessário, por conseguinte, pensar nas outras ações, nos outros procedimentos para que a torre não prevaleça sobre os sujeitos. O olhar de vigilância vigia os próprios vigias, os 'controladores' não estão livres do controle, os olhares se completam em um grande jogo de observação que suporta o sistema maior de disciplina, sustentáculo do poder.

Dessa forma, é válido afirmar que o poder panóptico não se sustenta por um caráter ideológico, embora não se possa retirar a importância da ideologia, não é a partir dela, assim como não é do aspecto repressivo o eixo de sustentação que mantém o poder. O exemplo do médico incompetente que deixa o contágio se espalhar é prototípico em mostrar o efeito da vigilância, não apenas para isolar o paciente e, com isso, fazer o isolamento da doença e proteger os sãos. O isolamento vigiado e disciplinarizado faz com que não apenas se saiba mais sobre a doença e o doente, as maneiras da transmissão e a identificação dos sintomas, essa vigilância faz com que o doente deseje ir ao hospital.

Ao pensar sobre o caso do preso, soa exagerado dizer que o mesmo deseje ir para a prisão, mas não há dúvidas que a sociedade lá o quer pelo maior tempo possível. Fato interessante nas análises prisionais feitas por Foucault serão as descrições dos efeitos das reivindicações dos presos durante as rebeliões. A imprensa, em sua grande parte, não as ouvirá, o que evidencia o papel da mídia na sociedade disciplinar e nos leva a refletir que talvez existam múltiplas torres panópticas que, com maior ou menor intensidade, cumprem o seu papel vigilante e controlador.

A ideia, comum em muitas rebeliões prisionais, de vitimar o diretor é míope, pois o poder não se concentra no 'diretor-soberrano', mas perpassa todo o prédio da prisão e os próprios presos. É elucidativa, portanto, a ideia de que a escola e a fábrica tanto se



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO

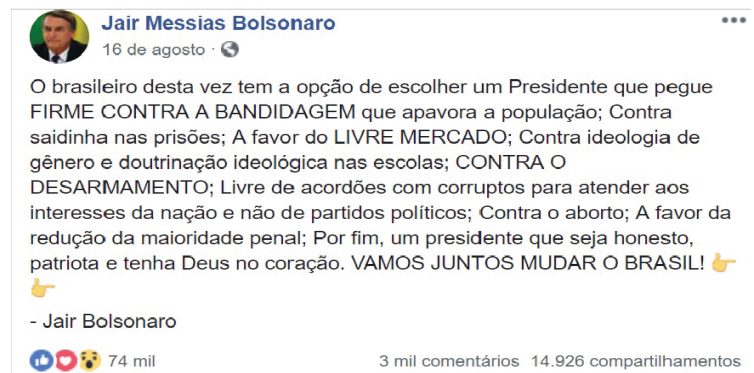



parecem com a prisão. O professor, por exemplo, um dos observadores principais dos alunos, pode perceber que também é por eles observado e que, embora possa ter variáveis em sua performance, não pode contrariar as determinantes previamente impostas pelo sistema educacional que criam a sua posição de sujeito – ou pelo menos, não poderá fazer isso impunemente.

## EFEITO BOLSONARO

O objetivo desta seção é analisar o que, no presente capítulo, intitulamos ‘efeito Bolsonaro’ como uma terminologia que nominaliza a representação de um rompimento para com vários princípios basilares da democracia. Faremos isso a partir de determinados posts, retirados da página do candidato à presidência da república, Jair Bolsonaro.

Para tanto, evidenciamos o primeiro dos *posts* aqui analisados (com um respectivo comentário):



 **Jair Messias Bolsonaro** 16 de agosto · 🌐

O brasileiro desta vez tem a opção de escolher um Presidente que pegue FIRME CONTRA A BANDIDAGEM que apavora a população; Contra saidinha nas prisões; A favor do LIVRE MERCADO; Contra ideologia de gênero e doutrinação ideológica nas escolas; CONTRA O DESARMAMENTO; Livre de acordões com corruptos para atender aos interesses da nação e não de partidos políticos; Contra o aborto; A favor da redução da maioria penal; Por fim, um presidente que seja honesto, patriota e tenha Deus no coração. VAMOS JUNTOS MUDAR O BRASIL! 👍

👍

- Jair Bolsonaro

👍❤️👎 74 mil

3 mil comentários 14.926 compartilhamentos





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Só quero poder andar tranquilamente sabendo que apesar de ser "presa fácil" por ser mulher, terei pelo menos uma chance de me defender.

Com arma, eu mato ou morro, sem arma, só morro... Ver mais

Curtir · Responder · 12 sem · Editado



Fonte: Facebook Jair Messias Bolsonaro. Acesso em 10/08/2018: <<https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/>>.

É necessário lembrar questões básicas do panoptismo, que estão presentes no que se convencionou chamar de Rede Social, no caso em tela, o facebook: a questão da observação, da torre do panóptico e dos observados – que sabem ser observador; o jogo dicotômico entre vigias e vigiados é, presentemente, reconfigurado entre um candidato à presidência que posta algo e aqueles que fazem os seus comentários (seja confirmando ou não o post principal).

Estão dispostos, no caso em tela, os seguintes enunciados: “firme contra a bandidagem”, “livre mercado”, “desarmamento” e “vamos mudar o Brasil”. Tais enunciados trazem à memória determinadas questões constitutivas do Brasil: em “firme contra a bandidagem”, muito mais que se posicionar contra o crime, se objetiva enfatizar o “firme”; a ideia de pulso firme, de mão forte, de energia ao agir, encontra guarida para fazer com que o sentido ecoe como verdadeiro. Um discurso que busca amparo na questão da segurança pública, na ideia da eficácia das forças policiais podendo ter liberdade de ação para contra “a bandidagem”.

Note-se que a expressão “contra a bandidagem que apavora a população” pode ser interpretada tanto para o criminoso ‘comum’, o que pratica furtos simples, quanto para os que praticam ‘furtos complexos’, como os assim denominados ‘crimes de colarinho branco’. O ‘contra saidinha nas prisões’ exemplifica que os ambientes prisionais aparentam ser complacentes para com



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



os apenados que lá estão (o que reforça a ideia de ‘pulso firme’ e ‘mão forte’ na solução necessária para se reduzir a criminalidade). É preciso notar, igualmente, duas palavras que parecem estar desconectadas no *post* “livre mercado” e “desarmamento”, parecem fazer parte de argumentos diferenciados, com o primeiro fazendo referência ao discurso econômico e o segundo, conectando-se ao sentido da segurança pública.

Contudo, dependendo do ângulo interpretativo, podemos perceber que a questão da posição contrária ao armamento traria uma forte negociação em torno do comércio de armas. ‘Livre mercado’, portanto, não diz respeito apenas à questão do ‘livre comércio nos ditames econômicos’, mas também diz respeito à um comércio específico: o de armas. A questão do armamento da população, por sua vez, não é vista como uma questão comercial digna de nota, mas como uma questão de segurança pública – para o bem da população – que, por sua vez, finda aquecendo a economia brasileira. Vamos mudar o Brasil, nesse sentido, não diz respeito apenas ao impacto do ‘livre comércio’, mas também ao efeito que o comércio de armas teria – não apenas em seu aspecto econômico – seria algo importante para a contabilidade do país – mas também para o reforço da segurança pública: os cidadãos de bem se sentiriam mais seguros.

Observa-se que a junção de dois efeitos de sentido, no caso em tela, são desejados: por um lado, aquece-se a economia, por outro, os cidadãos de bem, ganham segurança e tal feito só é possível porque um presidente “que pegue firme contra a banditagem” estaria exercendo o poder central. Ao movimentar tais sentidos, o candidato Jair Bolsonaro, causa um efeito síncrono: ajusta a interpretação econômica (o livre mercado) à uma satisfação psicológica sobre a segurança pública (a de que estar armado nos tornará mais seguros). Um bom exemplo desse paradoxo é a frase comentada acima “com arma eu mato ou morro, sem arma eu só



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



morro”. O enunciado feito por uma mulher evidencia algumas asserções fundamentais: 1. A arma é uma proteção que pode significar a vida ou a morte da vítima, há uma chance última de defesa; 2. A necessidade da arma demonstra, de forma silente, a ineficácia policial – ineficácia essa que não encontrará amparo em um sistema de gestão ou algo similar, mas em um armamento da população que, em tese, agirá em conformidade com os propósitos policiais – no combate à criminalidade, com uma possível morte do criminoso; 3 Haverá uma venda substancial, um mercado extremamente aquecido de armas de fogo; e essa escolha ‘comercial’ é conectada ao interesse pela segurança pública, de uma forma que evidencia a ‘mão forte’ do candidato.

É questão fundamental perceber que essa tríade: combate à criminalidade – venda de armas – chance da vítima se defender – traz à tona uma outra questão para o esquema panóptico de poder, quando aplicado à análise do candidato em tela: a crença de que o combate ao crime se faz com a arma combatendo o criminoso e não, necessariamente, em sua prevenção. É preciso, nesse sentido, eliminar o estupro, e não coibir a cultura de estupro. Percebe-se, portanto, o viés autoritário como o *modus operandi* para combater a criminalidade, e não o viés de inteligência investigativa, ou a estruturação educacional como armas para combater os crimes em si, e para se desconstruir a cultura de estupro, por exemplo.

Outro ponto fundamental, para o que se chama aqui de efeito Bolsonaro é perceber que o sentido ditado em um ponto discursivo, ‘livre mercado’, não é consubstanciado por um viés econômico. Não há detalhes econômicos em voga. A questão econômica funciona como um elemento aglutinado ao foco principal do discurso: o combate à violência, que encontra sua consubstanciação em um viés autoritário (e não em uma proposta jurídica ou político-reformista): o armamento da população para que possa, efetivamente, eliminar o criminoso, na ideia – ilusória – de que eliminar o criminoso significará,

# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO

necessariamente, eliminar o crime. O 'efeito Bolsonaro', portanto, se realiza, politicamente quando, paradoxalmente, se enfraquece o discurso político para que o viés autoritário ganhe espaço.

## ANATOMIA DO AUTORITARISMO



Fonte: Facebook Jair Messias Bolsonaro. Acesso em 10/08/2018:  
<<https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/>>.

# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Fonte: Facebook Jair Messias Bolsonaro. Acesso em 10/08/2018:  
<<https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/>>.

Para que o autoritarismo aconteça é necessário que, para além de alguém que o exerça, exista eco desses sentidos em outros discursos. No caso em tela, evidenciamos o eco do sentido autoritário em relação a dois pontos: a mídia e o discurso religioso.

Em um ponto, apresentamos a imagem da capa da Revista Veja, sobre o então candidato Lula 'O PT cresce e agita', ao lado uma outra chamada importante para a década de oitenta, mais exatamente para dezembro de 1985: 'começa a caça ao Halley'. A data escrita em letras miúdas, ou a indicação temporal trazida pela menção ao cometa Halley, passam incólumes pela maioria dos (e) leitores.

Há aqui uma releitura essencial para se entender o que denominamos de 'anatomia do autoritarismo': cabe ao candidato Bolsonaro 'enunciar as verdades' e tais verdades são formuladas



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



de uma forma a reforçar o poder de Bolsonaro. Quando o candidato Bolsonaro pontua que a revista Veja está assustada com ele 'porque o mesmo combate o Centrão e os comunistas – que fazem a corrupção', há dois elementos importantes nessa construção de sentido: 1. Em tese, a revista Veja possui um conluio com o pacto comunistas-centrão, que alimenta a corrupção; 2. Cabe ao candidato Bolsonaro exercer essa nobre luta contra a corrupção e, por isso, enfrentar não apenas o centrão e os comunistas, mas também quem está em conluio com ele: a mídia. Cabe destacar, porém, que uma das táticas para que tal argumentação funcione deriva da manipulação de datas: 'a revista em tela não é de 1995, mas de 1985', uma década antes – quando o Brasil saía, precisamente, de um regime autoritário capitaneado pelas forças armadas.

Nota-se uma manipulação, antigo instrumento retórico, por parte do candidato. O interessante nesse movimento é que não se trata apenas de manipular a informação em destaque, mas também há o sentido de se desqualificar a revista em questão. A sentença 'assustamos o centrão e os comunistas' diz muito a esse respeito; relaciona-se os comunistas à figura de Lula e o centrão, no caso, ligado à mídia, à própria revista. Dessa forma, a própria classe política fica comprometida, fazendo com que uma renovação seja necessária.

Tal renovação (poderíamos evocar terminologias já usadas na política brasileira, embora não seja o objetivo central desse capítulo, como Estado Novo. A palavra Novo não é recente na terminologia política brasileira) exige força, pulso firme, e traz à tona o DNA do autoritarismo. A anatomia desse autoritarismo, contudo, não vem da farda militar, do fato de o enunciador ser um ex-capitão do exército; é necessário que o viés do autoritário seja evidenciado, reforçado, confirmado por outros discursos. É o caso de professores se declararem favoráveis a esse tipo de postura reproduzida também por religiosos e mulheres, por exemplo.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Para perceber a concretude desse efeito, nos reportamos ao vídeo citado acima, feito por um padre católico romano; frisamos os seguintes enunciados ditos pelo sacerdote: “ele tem os mesmos princípios que eu tenho”; “ele é contra o aborto, contra a ideologia de gênero”; “ele é contra o de como fazer sexo nas escolas”; “ele é contra a doutrinação nos colégios”; “contra a liberação de drogas”; “contra a corrupção”; “ele é ficha limpa”.

Nota-se, então, uma coadunação, entre o discurso político e a interpretação religiosa, sobre determinados temas: a questão de gênero, a descriminalização da maconha e a discussão sobre o aborto é uma delas. Se observarmos que os argumentos para determinada visão religiosa se posicionarem contrariamente ao aborto e à ideologia de gênero, por exemplo, encontram guarida em uma certa visão teológica e que tem sido contrapostas não só por teorias de cunho filosófico, mas também por argumentos vindos da área médica, com a força discursiva que a ciência tem. Na área médica, por exemplo, uma questão fundamental para se discutir o aborto é ressaltar quando a vida começa e quando a vida termina e, por isso, classificar o início da vida humana em zigoto, embrião e feto, por exemplo. A vida, em um viés médico, não existiria em um zigoto, por exemplo.

No embate discursivo entre visão teológica e médica, a força da interpretação científica vem ganhando espaço. Se, por um lado, um argumento teológico perde espaço (não evidenciamos aqui a questão de verdade envolvida nesse embate, mas sim as táticas de luta que cada ponto argumentativo arregimenta), ele pode encontrar no campo político, um espaço para ser reforçado e, inversamente, o político que o faz, também encontra um espaço para, evidenciando determinados preceitos de cunho religioso, ganhar espaço político e traduzir isso em votos. A questão da homossexualidade e o que se convencionou chamar de ideologia de gênero é outro exemplo prototípico disso. Na ausência de um debate centrado nos silo-

# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO

gismos, nos argumentos e contra-argumentos que corporificariam uma dialética, o discurso religioso se une à um discurso político que se faz com pouco debate, que se realiza com pulso forte, com uma voz que ganha pelos decibéis.

Com o “em nome de Deus” credenciando uma palavra que, a despeito de se querer impor por um viés autoritário, se torna não apenas ‘correta’ e ‘verdadeira’, mas também ganha contornos de ‘sacralizada’. De forma similar, encontramos o discurso sobre a questão do estupro. As questões postas pelo feminismo e a própria cultura do estupro são referendadas como algo ‘de esquerda’, sendo substituídas por algo mais eficaz: o combate ao estuprador. Tal combate não se dá nas reformas de leis, em um sentido mais hermenêutico, ou tampouco sobre a eficiência das prisões na punição e vigilância dos apenados; nem, tampouco, na formulação de políticas que desestimulem qualquer tipo de abuso ou violência física, psicológica e emocional contra as mulheres. O discurso ‘firme’ de combater o estuprador de uma forma mais ‘contudente’ ganha força, de atingir seu corpo, da mesma forma que ele atingiu o corpo de suas vítimas:



Fonte: Facebook Jair Messias Bolsonaro. Acesso em 10/08/2018: <<https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/>> .





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Na medida em que mulheres consubstanciam o discurso de combate ao estuprador e, conforme já evidenciado anteriormente, garantem o discurso de que as armas lhes dão uma chance a mais, referendam dessa forma, o viés autoritário que alimenta o discurso político do candidato aqui analisado. Não se trata de dizer que todas as pessoas que referendam o discurso autoritário concordam com o autoritarismo; é justamente esse movimento, aparentemente paradoxal, que precisa ser melhor estudado e compreendido: é com o conluio de pessoas 'pacíficas' que as efetivações de atos e discursos autoritários ganham força, na sociedade brasileira, historicamente.

No entendimento de que, na ausência de ordem e no meio de um perigo maior (os comunistas, o clima de impunidade que faz com que não se acredite nas instituições, por exemplo), é preciso renunciar ao debate, ao diálogo, pontos fundamentais para o exercício democrático, a fim de que o viés autoritário faça o que não se consegue fazer sem ele: impor determinada ordem. Caso as mulheres que apoiem a castração química ao estuprador não sejam exatamente contra o aborto; ou caso os que são favoráveis à posse de armas pensem que seria interessante a descriminalização da maconha, por exemplo, isso não impede a conexão autoritária entre os discursos. Isso ocorre devido ao fato de um dos vieses do autoritarismo ser o silenciamento.

O autoritarismo, portanto, não é apenas uma questão de se silenciar no sentido de censurar, mas também no sentido de fazer com que sujeitos, em diferentes esferas discursivas (discurso religioso, político, militar) se unam para validar um ponto em comum: o desejo de fazer com que determinadas interpretações, sejam postuladas autoritariamente. A crença de que o autoritarismo (a mão forte, o pulso firme) é condição *sine qua non* para provocar uma mudança política no Brasil, não é nova, mas ganha contornos novos no Brasil. O paradoxo de um padre apoiar o mesmo candidato



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



que prega o armamento da população é possível de se entender a partir da perspectiva autoritária, pois é a ideia do autoritarismo que faz com que soluções antidemocráticas possam ser propostas democraticamente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O autoritarismo, conclui-se, não nasce na democracia, mas na ideia de que é preciso o uso da força para estabelecer e consolidar determinadas interpretações (sobre a posse de armas, sobre a violência, o aborto e o mercado livre). Caso as instituições democráticas não consigam estabelecer a democracia, é crível, para muitos, que o autoritarismo o fará. Uma parte desse paradoxo deriva do fato de um grande contingente de eleitores querer adotar a via autoritária, de forma democrática, exercendo o voto. Esse paradoxo é entendível se percebermos que um dos principais itens do autoritarismo (combate à imprensa e desconsideração pelo Outro) confere nexos à união de sujeitos que, em tese, não poderiam se unir (subjetividades que defendem o uso violento para fazer justiça estarem lado a lado com profissionais da fé que, em certa medida, pregam a paz e o amor, a conciliação e o diálogo).

É na tática de silenciamento de quaisquer argumentos contrários que o autoritarismo se firma; no silenciamento que, em último caso, objetiva não apenas calar argumentos, mas a própria argumentação. O processo de resistência, parece ser uma obviedade, é o vozeamento, a vinda para o debate – que finda sendo o principal ponto para a existência do presente capítulo.

Diante disso, podemos concluir, por isso, que a fala argumentativa de viés democrático deve se intensificar para que os vieses autoritários não preponderem, seja em formatos antidemocráticos per se, seja via autoritarismo travestido pelo voto.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



## REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. 232 p. Rio de Janeiro: Graal, 2001. 232 p.
- \_\_\_\_\_. *História da Sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 2002. 246 p.
- \_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2003a. 79 p.
- \_\_\_\_\_. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2003b. 152 p.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 2003c. 262 p.
- \_\_\_\_\_. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005a. 382 p.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2005b. 295 p.
- \_\_\_\_\_. *O Poder Psiquiátrico*. São Paulo: Martins Fontes, 2006b. 528 p.
- \_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 541 p.
- \_\_\_\_\_. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a. 376 p.
- \_\_\_\_\_. *Isto não é um cachimbo*. São Paulo: Perspectiva, 2008b. 86 p.
- \_\_\_\_\_. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008c. 474p.
- \_\_\_\_\_. *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 2009. 551 p.
- \_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a. 236p.
- \_\_\_\_\_. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2010b. 506 p.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



\_\_\_\_\_. *Eu, Pierre Riviere, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2010c. 294 p.

\_\_\_\_\_. *O governo de si e dos outros*. São Paulo: Martins Fontes, 2010d.

\_\_\_\_\_. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2010e. 330 p.

\_\_\_\_\_. *A coragem da verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. 339 p.



Capítulo 2

# REDES SOCIAIS E O ÓDIO ESCANCARADO

Raquel Campos





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



### Resumo:

O presente capítulo procura analisar como as redes sociais são capazes de alterar o comportamento daqueles que as utilizam, de modo que discursos de ódio e preconceito acabem ganhando cada vez mais espaço, assim como as *fake news* espalhadas pela internet e, muitas vezes, tomadas como fatos. A crescente onda conservadora e autoritária que tem dominado as instâncias políticas encontra eco no mundo virtual, onde há um excesso de informação e de opinião e onde essas últimas tendem a se misturar.

### Palavras-chave:

redes sociais; *fake news*; autoritarismo.

DOI: 10.31560/pimentacultural/2018.945.36-51



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Já não podemos nos dar ao luxo de extrair aquilo que foi bom no passado e simplesmente chamá-lo de nossa herança, deixar de lado o mau e simplesmente considerá-lo um peso morto, que o tempo, por si mesmo, relegará ao esquecimento.

Hannah Arendt

Você recebeu agora, nesse instante, mais uma notificação no seu celular, vinda de alguma das suas redes sociais. Quem sabe um e-mail novo (deve ser *spam*) ou então pode ser que alguém tenha curtido sua nova foto no *Instagram*. Quem sabe alguém tenha decidido polemizar naquela sua publicação sobre política no *Facebook*. Talvez alguém tenha descoberto aquela grande besteira que você publicou no *Twitter* em 2010. Você possivelmente já foi excluído de algum grupo de família do *WhatsApp* por contrariar as opiniões da maioria. Se ainda não foi, não se preocupe: há sempre uma primeira vez.

Estamos mergulhados, imersos e, se pudéssemos, estaríamos ainda mais abaixo, aprofundados nessa rede de informações e contatos que nos deixa conectados por grande parte do dia. A internet e mais especificamente, as redes sociais, nos engoliram de tal maneira que hoje existem inclusive centros de reabilitação para aqueles que desejam curar seus vícios e, enfim, desconectar – o que parece ser o grande desafio da atualidade. Como a realidade virtual estimula as áreas de recompensa de nosso cérebro, ficar sem internet pode gerar o mesmo feito que a abstinência de drogas mais pesadas.

Para além da invasão de privacidade sofrida em nossas vidas – mesmo que tenhamos voluntariamente nos submetido a isso nas pequenas linhas dos famigerados *Termos de Serviço* que nunca



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



lemos – com a imensa quantidade de informações que as grandes empresas têm sobre nós, passamos a ser cada vez mais manipulados. Quais matérias somos direcionados a ler, quais produtos nos são oferecidos nas propagandas, quais páginas temos interesse em seguir são hoje informações disponíveis a (e controladas por) empresas que traçam nosso perfil como consumidor e espalham essas informações entre si. Há fortes interesses por trás de nosso uso aparentemente corriqueiro e inócuo das redes sociais.

Jaron Lanier é autor do livro *Ten Arguments for Deleting Your Social Media Accounts Right Now* [*Dez argumentos para deletar suas redes sociais agora*] – ainda sem tradução no Brasil. Ele é considerado um dos pioneiros dos estudos e da criação da realidade virtual, tendo iniciado sua pesquisa nos Estados Unidos do começo dos anos 1980. O autor vem analisando há anos – não apenas como pesquisador mas como um dos participantes e criadores dentro do mundo tecnológico, especificamente do Vale do Silício (CA), Estados Unidos, onde se situam diversas empresas de tecnologia – as mudanças de comportamento acontecendo com as pessoas por conta das interações com as redes sociais.

Segundo ele, as redes sociais têm modificado o comportamento de seus usuários, prendendo-os em um círculo vicioso de validação social, em uma espécie de *loop* eterno de dopamina – este neurotransmissor que aumenta em nosso cérebro quanto maior for o número de recompensas. Isso os torna extremamente dependentes do *feedback* dado por elas, tornando-os mais agressivos e intolerantes. É o motivo de tais serviços serem de graça, de acordo com o autor – o cadastro em grande parte das redes sociais é gratuito – é possível porque somos constantemente vigiados por essas empresas, com propagandas direcionadas a nós e que se ajustam com o passar do tempo e com nossas mudanças de interesse, de maneira que nos tornemos viciados nesse *feedback*.





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Tal vício tem suas consequências. Ele não apenas muda o comportamento de cada indivíduo, como, em larga escala, é capaz de mudar o comportamento de uma sociedade inteira. O vício nas redes sociais, cujas respostas são instantâneas e constantes, torna o indivíduo mais facilmente irritável, impaciente, sendo o *bullying* virtual, por exemplo, um efeito colateral dessas mudanças de comportamento, segundo Lanier. Além disso, a liberdade de pensamento fica prejudicada quando somos deliberadamente direcionados a notícias específicas, que geralmente corroboram nossos pontos de vista e limitam uma visão pluralizada do mundo.

Como você pode permanecer autônomo em um mundo em que você está sob vigilância constante e é constantemente estimulado por algoritmos criados por algumas das corporações mais ricas da história, que não têm como ganhar dinheiro a não ser sendo pagas para manipular o seu comportamento?<sup>1</sup> (LANIER, 2018, p.2 –Tradução Livre)

Com tudo isso dito, ainda nos resta a questão: por que a internet virou, mesmo com tantas mudanças positivas que ela inegavelmente trouxe, um espaço persistente de discursos de ódio e preconceito, autoritários e agressivos? Esconder-se atrás de um computador parece dar coragem e uma sensação de invencibilidade a quem escreve. Achar que se pode falar o que quiser sem que se haja consequências também funciona como estímulo a esse tipo de comportamento, embora isso seja, diga-se de passagem, uma grande falácia. Há sim consequências. Se não para a pessoa que escreve, para nós enquanto sociedade e quando passamos a analisar a que ponto chegamos em nossas interações e em nossos discursos.

Parte da discussão sobre o ódio na internet tem relação com isso. Xingo, insulto, minto, difamo, ameaço não apenas porque me sinto

1. "How can you remain autonomous in a world where you are under constant surveillance and are constantly prodded by algorithms run by some of the richest corporations in history, which have no way of making money except by being paid to manipulate your behavior?" (LANIER, 2018, p.2).



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



protegido por um pretenso anonimato, mas também pelo fato de que não vejo o meu interlocutor frente a frente. Ele é um avatar com nome desconhecido, não uma pessoa com sentimentos. (SAKAMOTO, 2016, p.15)

A citação acima pertence ao livro *O que aprendi sendo xingado na internet*, do jornalista Leonardo Sakamoto. Como o autor tem um blog bastante conhecido e que divulga fundamentalmente conteúdos de esquerda, ele é com frequência atacado e difamado na internet por conta de seus posicionamentos. Muitas vezes os comentários são apenas desagradáveis, já em outras mais preocupantes, tornam-se ameaças detalhadas, violentas. Tudo isso gerado pelos mesmos sentimentos de ódio e desinformação tão difundidos no mundo virtual.

Ao publicarem conteúdos de ódio, algumas pessoas podem acabar ganhando um reforço positivo nas redes sociais – em formas de curtidas, compartilhamentos e comentários – ao encontrarem eco em outros indivíduos que apoiam e dividem a mesma opinião. E, como já vimos, as redes sociais geram uma enorme dependência desse *feedback*, da sensação de recompensa que temos quando alguém aprova o que dizemos. A partir daí, há um risco de se criarem grupos unidos pela mesma crença e que ganham força e espaço na sociedade. Tais grupos se fortalecem pelo “barulho” causado, por aparecerem constantemente em nosso *feed*, com pessoas que compartilham essas “notícias” porque acreditam nelas ou por acharem que são absurdas. Assim, alguns discursos que há muito considerávamos ultrapassados aparecem novamente e tornam-se presentes em nossas vidas, com o risco de se naturalizarem e passarem a ser encarados como “normais”, como representantes legítimos de parte da população. Além disso, como as matérias de jornais ou de fontes não tão confiáveis nos são direcionadas de acordo com os nossos interesses – previamente analisados e estudados pelas empresas atuando por trás das redes sociais – tendemos a apenas ler aqui que já pensamos ou que já concordamos.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Para muitos leitores, não há mesmo diferença entre um meme de origem duvidosa, uma denúncia anônima no *WhatsApp* e uma reportagem extremamente bem apurada. Quando um conteúdo vai ao encontro do que eles acreditam, não se importam com a veracidade do fato. Abraçam o argumento e compartilham-no, alimentando a tal rede. (Ibid., p.9)

A ignorância desses discursos – com todas as suas características apelativas, hiperbólicas, falaciosas, conspiratórias – acaba gerando um grande medo na sociedade. Pode ser o medo do *outro*, do que é desconhecido, o que acaba, por sua vez, gerando o ódio que observamos tão rotineiramente. O mais preocupante é como esse ódio virtual pode se transformar em ódio real, muitas vezes gerado por informações descontextualizadas, tendenciosas ou simplesmente equivocadas. “Nunca entendi muito bem por que as pessoas acreditam com tanta certeza naquilo que recebem aleatoriamente. Maluquices, baboseiras, teorias conspiratórias, cascatas, invencionices [...] abastecem caixas de e-mail e *timelines* desavergonhadamente” (Ibid., p.93). Parece que, no espaço infinito da internet, a veracidade se perdeu de vista.

O termo *fake news* hoje, por exemplo, nos é comum. Foi e ainda é usado com frequência pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, desde a sua eleição em 2016 e tem reverberado até os dias atuais. Trump geralmente usa o termo para se referir às emissoras ou aos jornais que divulguem matérias questionando seus atos, discordando de suas decisões ou apontando suas muitas contradições e mentiras. O autor Brian McNair, em seu livro *Fake News: falsehood, fabrication and fantasy in journalism [Fake news: falsidade, fabricação e fantasia no jornalismo]*, fala sobre as dificuldades de se distinguir jornalismo de não-jornalismo na era digital, com a desconfiança na mídia tradicional causada pelo pânico das *fake news*, incitado, entre outros, pelo atual presidente dos Estados Unidos, o que faz com que as pessoas busquem informações por meio de outras fontes, muitas vezes duvidosas e sem nenhuma credibilidade.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Mesmo quando há de fato um áudio ou um vídeo demonstrando descaradamente contradições a respeito de algo que Trump disse ou fez, ele é capaz, à maneira do romance *1984* (de George Orwell) e seu “duplipensamento”, de se esquivar da veracidade do fato concreto, daquilo que enxergamos com nossos próprios olhos, encontrando refúgio numa espécie de realidade paralela, passível de abarcar todas essas contradições e na qual só deve ser considerada como correta a última coisa dita por ele. Isso, junto à quantidade absurda de dados e informações disponíveis online, não só diariamente, mas em todos os momentos do dia, acaba confundindo os indivíduos quanto ao que devem acreditar e qual, dentre tantas informações soltas e nem sempre contextualizadas, é verdadeira.

McNair usa o termo “caos cultural” para expressar a quantidade de acontecimentos desastrosos no mundo atual como a ascensão de um populismo reacionário, do nacionalismo, da xenofobia. Há ainda terrorismo, guerras, fanatismo: tudo isso caracteriza a era do “caos cultural”, marcada por um período de fortes crises políticas e de intensa volatilidade. Tal fator gera ainda mais instabilidade em várias democracias no mundo, que correm o risco de perder espaço para o autoritarismo provindo do medo e da disseminação de notícias falsas: “o fenômeno das *fake news* é expressão de uma crise mais ampla de confiança nas elites, incluindo as elites políticas e a mídia tradicional, cujos membros lutam para manter seus papéis tradicionais em nossas democracias liberais”<sup>2</sup> (MCNAIR, 2018, p. x-xi – Tradução Livre).

Logo, a desconfiança da população a respeito do jornalismo e da grande mídia é alimentada e estimulada por posturas autoritárias, nacionalistas, populistas e radicais. Atualmente, a questão

2. “The phenomenon of fake news is one expression of a wider crisis of trust in elites, including political and mainstream media elites, whose members are struggling to maintain their traditional roles in our liberal democracies” (MCNAIR, 2018, p. x – xi).



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



da veracidade das informações tem se tornado especialmente problemática a partir do momento em que políticos se valem do argumento de que notícias contrárias a eles são “falsas”: “apenas recentemente, porém, tornou-se comum para políticos e outros sugerirem que a cobertura jornalística que eles desaprovam não é apenas errada ou tendenciosa de alguma forma, mas ‘falsa’, e intencionalmente”<sup>3</sup> (Ibid., p.9-10 – Tradução Livre). Fazendo isso, eles menosprezam o jornalismo sério, em que há um trabalho de apuração, e influenciam uma parcela da população a acreditar que apenas as notícias favoráveis a eles são verdadeiras. As outras? *Fake news*.

Essa enorme desinformação estimula o linchamento virtual de quem é visto como culpado em qualquer que seja o cenário, muitas vezes sem provas ou informações verídicas. Junte-se a isso a atual descrença no governo e na política, e observamos como resultado os discursos de ódio que frequentemente encontramos espalhados por aí, com ou sem autoria. Passa-se a ver, portanto, como única solução a ação violenta em relação ao outro que se teme. As posturas autoritárias, de indivíduos que até então não tinham um histórico de violência, encontram ressonância em outras vozes autoritárias na internet, que confirmam a razão de seus argumentos e muitas vezes ainda servem para radicalizar seus posicionamentos.

Podemos assim dizer que o ódio transita entre nós. Mas o curioso é que isso não acontece somente de maneira inconsciente. Há algo assustador no ódio contemporâneo. Não se tem vergonha dele, ele está autorizado hoje em dia e não é evitado. A estranha autorização para o ódio vem de uma manipulação não percebida a partir de discursos e de dispositivos criadores desse afeto. Somos seres capazes de amar e odiar. O motivo pelo qual amamos é inversamente proporcional ao porque odiamos. No primeiro caso construímos, no segundo, destruímos. (TIBURI, 2015, p.30)

3. “Only recently, however, has it become routine for politicians and other actors to suggest that coverage of which they disapprove is not just wrong or biased in some way, but ‘fake’, and intentionally so” (MCNAIR, 2018, p. 9 – 10).’



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Como Márcia Tiburi coloca, há uma “estranha autorização” ao ódio, que faz com que ele não mais fique escondido, não mais tenha vergonha de aparecer. Podemos encontrá-lo escancarado nas redes sociais, em matérias de jornal ou mesmo nas falas de certos candidatos à Presidência. Se há pouco tempo atrás havia um pudor ou vergonha em compartilhar determinadas opiniões, tidas como retrógradas ou reacionárias, hoje vemos que parte das pessoas já não sente a necessidade de se comportar com o mesmo pudor. Isso porque encontram respaldo em “autoridades” como políticos, militares, colonistas, cantores, celebridades, entre outros, que compartilham os mesmos pensamentos e já não veem motivo para escondê-los sob o pretexto da vergonha ou da inadequação social.

Atitudes que antes eram vistas como tentativas de avanço nas questões dos direitos sociais, nas questões de gênero e no respeito às diferenças, hoje são consideradas, por parte da população brasileira, como um exagero, uma “ameaça comunista” ou mesmo uma afronta aos seus direitos de manifestarem publicamente preconceitos e discursos de ódio, fomentados por crenças religiosas e reacionárias, numa inversão de valores que desafia a lógica.

Não digo nem mesmo que isso mudou, que os discursos de ódio antigamente não existiam. Muito pelo contrário, como sabemos bem. O que muda é que havíamos conquistado nos últimos anos pequenas vitórias no que diz respeito aos direitos humanos, à emancipação feminina, ao casamento entre pessoas do mesmo sexo e que passaram a ser consideradas como enormes ameaças à estrutura da família, ao pensamento religioso e à tradição.

Esses temores, aliados à desinformação deliberada disponível nas redes sociais ou compartilhada em mensagens de *WhatsApp*, são verbalizados por esses meios e espalhados por quem concorda ou até discorda das opiniões manifestas, possivelmente apresentadas erroneamente como fatos: “acredito que um



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



dos grandes desafios dos próximos anos seja fomentar o sentimento de responsabilidade em quem produz, lê e compartilha informação” (SAKAMOTO, 2016, p.11).

A responsabilidade, portanto, não está apenas em quem cria conteúdo falso e mentiroso na internet, mas também em quem compartilha esse mesmo conteúdo, sem antes pesquisar ou se certificar da verdade das informações ali contidas. Quem compartilha, querendo ou não, acaba ampliando o alcance de informações equivocadas ou preconceituosas, divulgando-as como fatos absolutos. A falta de questionamento e senso crítico dos leitores, junto a uma tendência a acreditar naquilo que se lê, é um dos fatores que contribuem para a onda crescente de conservadorismo que observamos não só no Brasil, como em outras partes do mundo. Essa onda vai na contramão das conquistas fundamentais dos direitos humanos, das conquistas dos negros, das mulheres, da comunidade LGBT e de outras minorias.

É nesse ponto que entra o autoritarismo efetivado na prática diária. O que podemos chamar de autoritarismo cotidiano. Ele é feito daquilo que alguns chamam de microfascismos. Do autoritarismo em geral depende o capitalismo. Mas ele não sobrevive se não é sustentado no cotidiano. Ao mesmo tempo, o cotidiano é um lugar em geral desprezado pelas críticas mais consistentes. Do autoritarismo depende o extermínio da democracia como desejo em nome de uma democracia enquanto fachada. Para exterminar a democracia como desejo é preciso que o povo odeie e é isso o que o autoritarismo é e faz. Ele é o cultivo do ódio, de maneiras e intensidades diferentes em tempos diferentes. Às vezes um ódio mais fraco, às vezes um ódio intenso, servem à aniquilação do desejo de democracia. (TIBURI, 2015, p.31)

Os “microfascismos” são as pequenas atitudes do cotidiano que, à primeira vista, podem parecer irrelevantes ou inócuas, mas que, unidas e constantes, ganham força, poder e espaço na sociedade, além de trazer à tona o autoritarismo por trás dessas ações. Seus efeitos são desastrosos pois exterminam, pouco a pouco, a democracia ou mesmo o desejo de democracia e de igualdade



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



social. A partir do momento em que o cidadão comum não mais acredita nas instituições democráticas, ele pode facilmente passar a cultivar ideias autoritárias, que usam a palavra “democracia” apenas enquanto fachada, como escreve Tiburi.

Estimulados pelo ódio e por notícias falsas, fica mais difícil enxergar a veracidade das informações e exercitar a empatia. O outro nos parece alguém absolutamente temível, que precisamos destruir antes que nos destrua. É preciso, portanto, que as leis funcionem a nosso favor e que não nos impeçam de exterminá-lo. Assim, paulatinamente, ideias como o encarceramento em massa, a pena de morte, o porte de armas para a população civil, a redução da maioria penal, vão sendo introduzidas na sociedade e defendidas com veemência por alguns grupos.

O que não se vê ou não se quer ver é que não se destrói apenas o próximo dessa forma: estamos exterminando e sendo exterminados, matamos e somos mortos simultaneamente pelas mesmas ideias autoritárias. A ilusão de que a sujeira da barbárie não manchará as nossas mãos é, além de ingênua, perigosa. A mesma sujeira que torcemos para que manche o outro pode muito bem se transformar em nossa própria tragédia anunciada.

A tentativa totalitária de tornar supérfluos os homens reflete a sensação de superfluidade das massas modernas numa terra superpovoada. O mundo dos agonizantes, no qual os homens aprendem que são supérfluos através de um modo de vida em que o castigo nada tem a ver com o crime, em que a exploração é praticada sem lucro, e em que o trabalho é realizado sem proveito, é um lugar onde a insensatez é diariamente renovada. No entanto, na estrutura da ideologia totalitária, nada poderia ser mais sensato e lógico. Se os presos são insetos daninhos, é lógico que sejam exterminados por meio de gás venenoso; se são degenerados, não se deve permitir que contaminem a população; se têm “almas escravas” (Himmler), ninguém deve perder tempo tentando reeducá-los. Vistos através do prisma da ideologia, os campos parecem até ser lógicos demais. (ARENDR, 2012, p.606)





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



A lógica, portanto, por trás da ideologia<sup>4</sup> totalitária, corre o risco de se fortalecer e até de se naturalizar em sociedade. O que, a princípio, pode ter sido considerado como algo alarmante, terrível, criminoso – como a escravidão, os campos de concentração, os genocídios – com o passar do tempo e com a aceitação das elites econômicas e sociais pode se transformar em lei, chegando mesmo a ser visto como natural, como parte da ordem das coisas, do sentido do mundo. De acordo com Hannah Arendt, na citação acima, a estrutura da ideologia totalitária passa então a fazer sentido e inclusive a ser sensata, dentro desse modo de pensamento. Logo, se há pessoas indesejadas na sociedade, é preciso que sejam exterminadas. Se cometem crimes, é preciso isolá-las em cadeias, longe da população, para que não haja risco de “contaminá-la”. Não há porque se perder tempo tentando reeducar essas pessoas ou reabilitá-las para o convívio em sociedade. Essa é uma das grandes armadilhas do pensamento autoritário: a barbaridade e a estupidez passam a fazer sentido e são tidas como a lógica dominante.

As estruturas de poder que regem esse tipo de raciocínio não estão apenas nas instâncias mais altas, nas elites do topo da pirâmide. Elas são disseminadas entre todas as classes sociais, todos os indivíduos, de modo que cada um passe a sofrer as consequências do poder ao mesmo tempo em que o exerça sobre alguém. Há, como aponta Michel Foucault em seu livro *Em defesa da sociedade*, uma “multiplicidade das relações de poder” (2005, p.49). Este último não é, portanto, um fenômeno homogêneo, mas sim é manifestado nas diferentes camadas sociais.

O poder, acho eu, deve ser analisado como uma coisa que circula, ou melhor, como uma coisa que só funciona em cadeia. Jamais ele está localizado aqui ou ali, jamais está entre as mãos de alguns,

4.O conceito de ideologia aqui utilizado, no contexto das considerações de Hannah Arendt, diz respeito, por exemplo, ao antissemitismo difundido pelo próprio governo e disseminado entre a população, ao nacionalismo exacerbado levando à xenofobia, ao racismo e outras ideologias que acabam contribuindo com a ascensão e a manutenção de um governo totalitário.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



jamais é apossado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona. O poder se exerce em rede e, nessa rede, não só os indivíduos circulam, mas estão sempre em posição de ser submetidos a esse poder e também de exercê-lo. Jamais eles são o alvo inerte ou consentidor do poder, são sempre seus intermediários. (FOUCAULT, 2005, p.34-35)

Quando lutamos contra o status quo e o *establishment*, devemos ao mesmo tempo nos questionar sobre o poder que afeta a nossa vida cotidiana – com sua rede invisível circulando entre nós – por mais banal ou frívolo que ele nos pareça. Ao passo que sofremos as consequências do poder exercido por elites sociais e econômicas, também tendemos a reproduzir os seus efeitos nocivos. Dessa maneira, podemos, talvez até inconscientemente, reforçar a reprodução de estruturas de poder com as quais sequer concordamos. Assim, ainda que acreditemos que alguma ideologia autoritária não esteja mais presente em nossa sociedade, ela consegue sobreviver ao tempo, transitando por meio dos indivíduos, em suas múltiplas relações de poder.

Como coloca Hannah Arendt em seu livro *Origens do totalitarismo*: “as soluções totalitárias podem muito bem sobreviver à queda dos regimes totalitários sob a forma de forte tentação que surgirá sempre que pareça impossível aliviar a miséria política, social ou econômica de um modo digno do homem” (2012, p.610). Portanto, mesmo que tenhamos superado regimes autoritários e fascistas, mesmo que, quem sabe ingenuamente, os víssemos como algo pertencente ao passado, Arendt reforça que ainda que eles tenham terminado na prática, suas soluções e seus ideais podem muito bem sobreviver ao tempo. O “caos cultural”, termo que mencionei anteriormente, marcado por uma profunda instabilidade política, torna ainda mais frágeis as bases da democracia, até então aparentemente consolidada.

É preciso apenas dar um passo em falso para que comecemos a olhar e até mesmo a caminhar para trás. A nostalgia



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



e o saudosismo de dias melhores encaminham a atual frustração das pessoas para a ilusão de que antigamente o mundo era melhor. Talvez comecem mesmo a ignorar os livros de História, as pesquisas, os registros e depoimentos de sobreviventes, e passem a pedir pela volta da ditadura. Talvez encontrem na internet outras pessoas que pensem o mesmo. Talvez se alimentem dessa aprovação social e da sensação de acolhimento para radicalizarem suas ideias e posicionamentos. Talvez queiram entrar para a política ou impedir mudanças a favor da igualdade social. Talvez, mesmo com isso tudo, ainda achem que tenham razão. Talvez só leiam matérias e notícias que digam que têm razão. Talvez, num mundo despedaçado por divergências ideológicas que parecem intransponíveis, ainda haja alguma esperança de diálogo. Só assim resistiremos.

O diálogo verdadeiro e aberto – enquanto forma de resistência – nos obriga a fugir do pensamento dicotômico e raso difundido na internet, no qual parece apenas haver duas alternativas, duas saídas. E o caminho a ser seguido para atingir o equilíbrio não é necessariamente o do meio. Há vários, múltiplos caminhos e maneiras de enxergar o mundo. Cada um tem suas idiossincrasias que tornam sua vivência no mundo particular e única, podendo acrescentar algo ao outro. A multiplicidade de ideias tende a ser eliminada quando há a necessidade de que nos enquadremos em duas linhas de raciocínio, aliás, em uma ou em outra, visto que são radicalmente opostas. Devemos insistir, portanto, na potencialidade do diálogo, para que este não se torne impossível, inviável, autoritário, fascista. Como diz Marcia Tiburi, é preciso que tenhamos a “coragem do diálogo” para que ele aconteça: “O diálogo não surge sem esforço. Um esforço que, de tão complexo, equivale ao método. Que, de tão difícil, equivale à resistência” (TIBURI, 2015, p.5). A dificuldade do diálogo é tão maior quanto maior for a sua importância. E é preciso, para uma comunidade plural, que ele possa ocorrer sem medo, sem ódio, reafirmando, através de si, a própria existência da democracia.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



## REFERÊNCIAS

ARENDR, Hannah. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-76)*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LANIER, Jaron. *Ten Arguments for Deleting Your Social Media Accounts Right Now*. New York: Henry Holt and Company, 2018.

MCNAIR, Brian. *Fake news: falsehood, fabrication and fantasy in journalism*. London/New York: Routledge, 2018.

SAKAMOTO, Leonardo. *O que aprendi sendo xingado na internet*. São Paulo: LeYa, 2016.

TIBURI, Marcia. *Como conversar com um fascista*. Rio de Janeiro: Record, 2015.



Capítulo 3

**PEDOFILIZAÇÃO DA ARTE? A CENSURA COMO MEDIDA PROTETIVA  
DA INFÂNCIA. ANÁLISE MULTIMODAL DE TELAS DA SÉRIE  
CRIANÇA VIADA À LUZ DA SEMIÓTICA SOCIAL**

João Paulo Silva Barbosa





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## Resumo:

Realizamos, neste capítulo, uma análise multimodal de três telas da série *Criança Viada*, de Bia Leite, a partir dos fundamentos da Semiótica Social. As obras sob análise fizeram parte da exposição *Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira*, promovida pelo Santander Cultural em 2017, e foram acusadas de incentivo à pedofilia e de corrupção da infância. Nosso objetivo, então, é identificar possíveis marcas de práticas pedófilas que possam justificar a censura sofrida pela exposição.

## Palavras-chave:

Análise multimodal. Semiótica Social. Pedofilia. Infância. Censura.

## SUMÁRIO





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Presenciamos, ao longo do ano de 2017, uma onda de manifestações a favor dos bons costumes, sendo algumas, inclusive, bem-sucedidas, clamando pela censura de exposições de arte em cartaz pelo país. Em setembro, a apresentação do *performer* Wagner Schwartz no 35º Panorama de Arte Brasileira, lançada pelo Museu de Arte Moderna, em São Paulo (SP), foi vítima de discursos de ódio na *internet* (*sites, blogs, facebook*). A performance *La Bête*, inspirada na obra *Bichos*, de Lygia Clark, trouxe o artista nu e em interação com o público. O fato de uma menina de 04 anos, acompanhada pela mãe, ter tocado o pé do artista foi o suficiente para caracterizar a exposição como arte degenerada e de incentivo à pedofilia.

Ainda em setembro, o espaço Santander Cultural, após sofrer protestos virtuais em redes sociais, optou pelo cancelamento da exposição *Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira*, em Porto Alegre (RS), a qual se manteve menos de um mês em cartaz. Já em outubro, a exposição *Faça você mesmo a sua Capela Sistina*, de Pedro Moraleida, sofreu uma tentativa de boicote no Palácio das Artes, em Belo Horizonte (MG). Os manifestantes acusaram o artista de fazer apologia às drogas, à pornografia e à pedofilia, em suas telas.

A curta exibição, promovida pelo Santander Cultural de Porto Alegre e sob a curadoria de Gaudêncio Fidelis, apresentou peças de renomados artistas brasileiros, como Volpi, Portinari, Flávio de Carvalho, Lygia Clark, Alair Gomes e Adriana Varejão. A mostra contava com cerca de 270 obras e abordava, principalmente, questões de gênero, diversidade e temáticas LGBTs. Os protestos contra a exposição foram encabeçados pelo Movimento Brasil Livre (MBL), com a alegação de que algumas obras profanavam o cristianismo e incitavam a pedofilia e azoofilia. Conservador em seus



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



princípios morais e políticos, o MBL promoveu uma reação inflamada ao Queermuseu e justificou agir na defesa da religião cristã, da família tradicional e da infância. Em nome dessa base de defesa, o curador do museu foi acusado de perversão e os artistas e visitantes, intimidados.

As pinturas da série *Criança Viada*, assinadas pela artista cearense Bia Leite, foram as mais combatidas, sob a denúncia de corrupção da infância e de pedofilia. As peças — inspiradas no *tumblr* também intitulado *Criança Viada*<sup>1</sup>, de criação do jornalista Iran Giusti — trazem ilustrações de crianças fora do padrão heteronormativo. Lembramos que essas mesmas obras foram exibidas, em 2016, no *13º Seminário LGBT* — cuja iniciativa se deve aos deputados Jean Wyllys (Psol-RJ) e Luiza Erundina (Psol-SP), entre outros deputados do Psol, do PT e PCdoB<sup>2</sup> —, na Câmara dos Deputados, em Brasília (DF).

Leite, no texto enviado ao portal da UOL (2017, s/p)<sup>3</sup>, afirmou ser contrária à pedofilia e ao abuso psicológico de crianças: “Nas telas expostas todas as crianças sorriem e o texto enaltece e empodera essas crianças desviantes — finalmente! — chamando-as de

1. A página *Criança Viada*, idealizada em 2012 por Iran Giusti, ficava hospedada no sítio virtual *tumblr*, onde os internautas seguidores podiam ter suas fotografias de infância publicadas. Esses arquivos, normalmente, traziam meninas masculinizadas e meninos afeminados, enfim, dotados de traços fora dos padrões heteronormativos. No intuito de celebrar e promover a inclusão desses traços que, durante toda a infância, foram motivo de deboche e violência, Giusti criou a página. Segundo o idealizador, o objetivo desse espaço sempre foi fortalecer a pluralidade e respeitar a existência infantil. Desde o cancelamento da exposição Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira, em setembro de 2017, o *tumblr* começou a sofrer constantes acusações de incentivo à pedofilia, o que culminou em sua suspensão temporária.

2. A matéria encontra-se disponível no portal da Câmara dos Deputados: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/DIREITOS-HUMANOS/514616-COMISSOES-PROMOVEM-O-13-SEMINARIO-LGBT-DO-CONGRESSO-NACIONAL.html>>. Acesso em 18 dez. 2017.

3. Trechos do texto da artista podem ser conferidos na matéria “Nós, LGBT, já fomos crianças e isso incomoda”, diz artista acusada de incitar pedofilia, de Tiago Dias, publicada no portal da UOL em 12 set. 2017. Disponível em: <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2017/09/12/nos-lgbt-ja-fomos-criancas-esse-assunto-incomoda-diz-artista-acusada-de-pedofilia.htm>>. Acesso em 16 dez. 2017.





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



deusas ou nomes de super-heroínas”. Sobre a relação entre as obras, a infância e o movimento LGBT, a artista ainda disse:

A linguagem da pintura também nos insere na História com orgulho e força, diante de uma sociedade que nos quer invisíveis. Nós, LGBT, já fomos crianças.[...] Todos nós devemos cuidar das crianças, não reprimir a identidade delas nem seu modo de ser no mundo, isso é muito grave (LEITE, 2017, s/p).

As frases e/ou legendas que batizam cada uma das telas em estudo são de autoria de Iran Giusti, o qual, adota uma perspectiva parecida com a página *Criança Viada*, utilizando dizeres específicos da conjuntura LGBT para falar sobre a experiência da homossexualidade e do travestismo na infância. A série exposta no *Queermuseu* faz-se impactante, ao nosso ver, pois trata das implicações da identidade de gênero na infância e na adolescência.

O repúdio às obras de Bia Leite, bem como às outras exposições de arte já mencionadas, tem como pauta o combate à pedofilia e à pornografia infantil. Por outro lado, há uma parcela da sociedade — o que inclui artistas, admiradores de arte e intelectuais — que rebate a censura e defende as muitas formas disruptivas da arte. Para os defensores da liberdade de expressão, os reacionários consideram depravação qualquer proposta que aborde a diversidade, a identidade de gênero e o ativismo LGBT.

Há muitos contrapontos discursivos no entorno das telas de Leite, mas a acusação de pedofilia se destaca para nós, uma vez que essa parafilia se associa a muitos crimes condenáveis pela legislação brasileira, como o abuso sexual de menores e a pornografia infantil, cujas implicações se encontram descritas no(s) capítulo(s) 227(CF, 1988); 240 e 241 (ECA, 1990, com alterações da Lei 11.829/2008); 213, 214, 217, 218 e 234 do Código Penal. As implicações, de modo geral, variam de multa a reclusão e visam a resguardar os menores. Nesse tocante, dispomos de um aparato legal que trata os menores como sujeitos propensos à vulnerabilidade e que carecem de



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



proteção, portanto. O amparo legal em questão é subsidiado por uma base cultural que preza pela integridade física e emocional das crianças e adolescentes. A vivência ética da infância se instaura à medida que a sociedade se preocupa em combater alguns males, entre eles a prática da pedofilia.

Definimos como tema deste trabalho o cerceamento da série Criança Viada em função do resguardo da infância e das acusações de pedofilia. Por compreendermos Criança Viada como um evento discursivo de grande apelo multimodal, optamos, neste trabalho, por analisar três telas (FIGURAS 1, 2 e 3) à luz da Semiótica Social. Sendo delimitado o nosso espaço de discussão, organizamos o corpus em torno de três quadros apenas e, ao efetuar a análise, exploramos a redação de alguns capítulos da Constituição Federal, do Estatuto da Criança e do Adolescente e do Código Penal brasileiro para estabelecer o que pode ou não ser considerado crime contra menores.

Salientamos que um procedimento multimodal se concentra, sobretudo, nos significados produzidos no material de análise, bem como nas marcas culturais que neles são impressas. Para dissertar, neste trabalho, sobre a produção social dos significados, nos amparamos nas bases teóricas de Hodge e Kress (1988), Kress e van Leeuwen (2001) e Kress (2010). Como operamos, basicamente, com dois significados (o composicional e o interativo), recorreremos às categorias de análise propostas por Kress e van Leeuwen ([1996] 2006) na Gramática do Design Visual. Paralelo a isso, nos apoiamos em Kress e van Leeuwen (2001) e van Leeuwen (2006) para subsidiar nossas considerações sobre a tipografia e as cores.

Não pretendemos desenvolver uma discussão minuciosa sobre identidade de gênero, tampouco nos posicionar sobre as manifestações da sexualidade em crianças e adolescentes, o que excederia as possibilidades deste trabalho. O nosso objetivo geral é investigar a produção de significados no corpus. Além disso,



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO



## SUMÁRIO

tencionamos: identificar os elementos que tornam os quadros polêmicos e alvo de censura; avaliar a legitimidade das acusações de pedofilia; identificar os efeitos da censura sobre a arte e sobre o público que a consome.

Nosso capítulo se organiza em torno de duas seções; a primeira se dedica aos aparatos teóricos e à metodologia, a segunda, à análise do *corpus*. Por último, dispomos as considerações finais.

## O SIGNO SOCIAL: A CONSTRUÇÃO DOS SIGNIFICADOS NO INTERIOR DA PAISAGEM SEMIÓTICA E AS DIREÇÕES METODOLÓGICAS

Podemos dizer, de forma breve, que os nossos atos de comunicação são a (re)produção de mensagens direcionadas aos nossos interlocutores. A ação de comunicar, social e historicamente situada, movimenta um vasto elenco de signos, cujo processo de significação, segundo Carmo (2014, p. 175), sofre impacto direto da cultura. A articulação desses signos, na interação diária, recorre a muitos modos e/ou recursos (palavra, imagem, gestos, sons, cores, fala, tipografia etc.), fazendo com que a paisagem semiótica seja extremamente diversificada. É nesse campo de investigação que se concentra o interesse da Semiótica Social.

Hodge e Kress (1988, p. 261) definem a Semiótica Social como o estudo dos processos de produção, reprodução, recepção e circulação de significados, envolvidos nas atividades de comunicação. Portanto, a concepção de signos e significados faz-se fundamental ao campo dos estudos semióticos e é a partir dela que direcionamos nossa discussão.

Hodge e Kress (1988) e Kress e van Leeuwen (2006) concebem o signo (seja ele verbal ou não verbal) como união não arbitrária de uma forma (significante) e de um significado. Para os



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



autores, os signos são motivados por nossas escolhas e cumprem um propósito específico de construir significados em um determinado contexto social. De modo semelhante, Volóchinov ([1929] 2017) nos assegura que o signo surge no fluxo social, cultural e histórico, não podendo ser pensado fora desse eixo. Logo, concluímos que os signos e os significados estão diretamente relacionados a uma experiência social, política e cultural dos sujeitos.

As mensagens, produto da comunicação, são resultado de combinações de diferentes modos semióticos e é, por isso, que Kress (2010) nos afirma que todo significado é, essencialmente, multimodal. Dessa forma, na multimodalidade, de acordo com Kress e van Leeuwen (2001), lidamos com a produção de significados em várias articulações.

A cultura ocidental, tradicionalmente, tem priorizado o código escrito em detrimento de outros, atribuindo à imagem, por exemplo, um papel complementar (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). Como o significado provém da conexão de diferentes modos semióticos (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, 2006; KRESS, 2010), Carmo (2014) rebate o termo *complementar*, sugerindo sua substituição por *integração*. Se o significado é multimodal, o texto deve ser considerado uma unidade de integração semântica, na qual cada modo semiótico contribui com seus respectivos significados potenciais na construção de um sentido global. Assim, uma análise multimodal, tal qual a que propomos, investe na integração dos modos semióticos e nos significados inerentes a cada um.

Para analisar as imagens, na próxima seção, recorreremos à Gramática do *Design Visual* (GDV). Kress e van Leeuwen (2006) remontam às metafunções da Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) para estipular a estrutura dos significados visuais (representacional, interativo e composicional) e criar, em seguida, um quadro de categorias, que nos dão suporte



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



para analisar as imagens. Os significados representacionais originam-se da metafunção ideacional; eles se baseiam nas escolhas efetuadas dentro de um código para representar objetos em sua relação com o mundo. Os significados interativos são formados a partir da metafunção interpessoal e se concentram na relação entre o produtor e o receptor de um signo, buscando analisar as formas adotadas na interação. Os significados composicionais, oriundos da metafunção textual, prezam os elementos internos e externos utilizados na formatação dos textos.

Em nossa análise, recorreremos apenas a algumas categorias dos significados composicional e interativo e é sobre elas que discorreremos a seguir. Na estrutura composicional, damos proeminência à disposição espacial dos elementos visuais de uma determinada situação, com o intuito de compreender como esses elementos se relacionam, espacialmente, uns com os outros. A categoria *valor da informação* se concentra na posição ocupada (topo, base, esquerda, centro, direita) pelos elementos representados na imagem.

Na polarização horizontal, os elementos posicionados à esquerda são designados de *dado*; os posicionados à direita, de *novo*. O *dado* e o *novo* trazem consigo significados específicos; a exemplo, o *dado* representa o conhecido, o já-aí, o familiar, enquanto o *novo* representa o desconhecido, o modificado, o contestável. Na polarização vertical, os elementos dispostos na parte superior correspondem ao *ideal* e os na parte inferior, ao *real*. O *ideal* é visto como informação idealizada ou generalizada, enquanto o *real* é identificado como informação mais específica e próxima da realidade.

Na estrutura interativa, priorizamos a relação entre a imagem e o observador. Este significado se ramifica nas seguintes categorias: *contato*; *distância social*; *atitude/perspectiva*; *modalidade*.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Na categoria *contato*, a imagem, portadora de participantes representados, pode demandar ou ofertar algo do observador, colocando-o numa posição ativa ou passiva frente a ela. O *contato de demanda* é estabelecido pelo vetor do olhar do participante representado em direção ao observador. No *contato de oferta*, esse vetor é inexistente.

A categoria *distância social* é caracterizada através da altura e de quantas partes do corpo do participante representado aparecem na imagem. Quando a representação se dá dos ombros para cima, há uma *distância íntima/pessoal* e um *plano fechado*. Quando representados dos joelhos para cima, há uma *distância social* e um *plano médio*. Quando os participantes têm sua totalidade corporal representada, chamamos de *distância impessoal* e de *plano aberto*.

A utilização da cor — como indicativo de escalonamento (saturação, modulação, diferenciação), contextualização (profundidade), iluminação e brilho — é uma marca de modalidade. A *modalidade naturalística* representa traços mais específicos da realidade. Já o processo de representação da realidade é menos específico na *modalidade abstrata*. A *modalidade técnica* serve a questões técnicas/tecnológicas, em geral. A *modalidade sensorial*, por sua vez, extrapola a concepção de realidade, despertando a subjetividade e as emoções do espectador.

Ainda a respeito das cores, Kress e van Leeuwen (2001) e van Leeuwen (2006) advogam que o cromatismo, assim como a tipografia, é um recurso semiótico com o papel comunicativo de representar ideias, promover interação com o observador da imagem e indicar ligação entre os elementos do texto. Por fim, van Leeuwen (2006) salienta que a tipografia agrega muito significado ao texto, destacando aspectos como espessura, expansão, curvatura, alinhamento, entre outros.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Organizamos a metodologia de modo a proceder a uma análise multimodal do *corpus*, levando em conta os fundamentos de Kress (2001), Kress e van Leeuwen (2001, 2006). O procedimento dá relevo a dois modos semióticos, o verbal e o visual. Ao discorrer sobre os elementos verbais, focalizamos o uso do léxico (BIDERMAN, 2001; MAZZARO, 2016; VOLÓCHINOV, 2017) e promovemos uma curta reflexão sobre identidade (MOITA LOPES, 2002). Para descrever as imagens, utilizamos as categorias presentes na GDV (KRESS; VAN LEEUWEN, 1996); para tratar da tipografia, partimos das considerações de van Leeuwen (2006). Cumpridas essas etapas, promovemos uma discussão sobre infância e pedofilia (BARBOSA; GUALBERTO, 2018; FELIPE, 2006; LOWENKRON, 2013a, b), relacionando-a alguns capítulos da legislação brasileira que versam sobre o tema.

## CONSTRUINDO UMA VISÃO DE INFÂNCIA: ANÁLISE DAS TELAS

Nas figuras sob análise, apresentadas mais adiante nesta seção, todos os personagens são identificados pela expressão *criança viada/criança viada sapatão*. *Viada*, no feminino, é uma flexão do termo “viado”, o qual se refere, em nosso contexto cultural, aos homossexuais masculinos. *Sapatão*, por sua vez, é uma alusão aos homossexuais femininos. Durante muito tempo, essas palavras foram carregadas de valor pejorativo. Entretanto, na medida em que a militância LGBT ganhou mais visibilidade, o campo semântico de expressões como *viado*, *bicha* e *sapatão* sofreu deslocamentos e assumiu também uma conotação político-conjuntural.

Esses termos, antes usados apenas como ofensa, hoje marcam um lugar de identidades, um espaço de resistência à opressão normativa. Notamos que esse mesmo processo aconteceu com a palavra *queer*, em inglês. Conforme explica Mazzaro



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



(2016), *queer* significa *estranho*, *excêntrico*, um insulto similar a *bicha*, *viado*. Ainda de acordo com o autor, o vocábulo passou a designar uma teoria que despontou, no fim da década de 1980, nos Estados Unidos: a Teoria *Queer*. Essa corrente teórica, em linhas gerais, dedica-se aos estudos de identidade sexual e de gênero.

A respeito de nossas colocações sobre o deslocamento semântico das palavras em estudo, Volóchinov (2017) nos assegura que a palavra traz em si o registro de todas mudanças sociais, por mais sutis que sejam. Fundados no autor, asseveramos que *viada* e *sapatão* efetivam-se como um signo social, logo podem projetar significados culturais (xingamentos, marcas identitárias, proposta de inclusão social etc.). A caráter de exemplo, ao passo que a autora das telas emprega esses itens lexicais para exaltar a diversidade, aqueles que são contrários ao *Queermuseu* os julgam depreciativos, a ponto de associá-los à pedofilia.

Lembramos que as peças de Bia Leite estiveram expostas em uma mostra e que foram submetidas, por conseguinte, a diversos auditórios sociais (LGBT e simpatizantes, não LGBT e não simpatizantes, entre outros). Tal fato revela que cada público pode receber a obra de uma maneira diferente e isso explica parte da celeuma em torno de *Criança Viada*. Uma das audiências tende a compreender as telas como uma oportunidade de acolhimento de crianças à margem dos padrões heteronormativos; a outra, por sua vez, acredita haver um rebaixamento da existência infantil. Apesar de oponentes, as percepções apontadas têm um ponto em comum: a preocupação com o viver ético de crianças e adolescentes. No embate estabelecido, surge a denúncia de incentivo à pedofilia. Através da análise multimodal, investigaremos a validade da acusação.

Para Biderman (2001), as formas lexicais são um importante instrumento para registrar o conhecimento do universo; através de um processo de nomeação da realidade, nós rotulamos coisas e





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



entidades para, em seguida, nos apropriarmos do real. Assim, a geração desse léxico se processa por sucessivos atos de cognição da realidade e de categorização da experiência, que têm, como fim, a construção das palavras capazes de rotular as vivências do sujeito. O pensamento da autora nos coloca no limiar de dois elementos importantes que são: (1) o léxico carrega em sua significação aspectos importantes da visão de mundo dos indivíduos e (2) a própria conceptualização da realidade se dando por modelos categoriais, a exemplo das palavras *viado(a)* e *sapatão*.

Esses elementos demonstram a língua e, por conseguinte, suas categorias léxico-gramaticais como formas produzidas pelo ser humano para interagir cognitivamente com o seu meio. Além disso, a língua, com todo seu arsenal, constitui-se como um elemento de construção e representação de uma “realidade” específica, fruto do dialogismo existente entre o ser humano e o meio, entre o ser humano e a sociedade.

A princípio, não compreendemos como ultrajantes os usos de *criança viada* e de *criança viada sapatão*, conforme se lê nas figuras abaixo:

# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Figura 1: Criança viada travesti da lambada <3 - Criança viada deusa das águas  
Fonte: <https://mdemulher.abril.com.br>



Figura 2: Adriano criança viada bafônica<3 -Luiz França viada She-Ra [...]<3  
Fonte: <https://mdemulher.abril.com.br>

# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Figura 3: Criança viada sapatão de Jaspion - Criança viada sapatão dirigindo caminhão imaginário.

Fonte: <https://mdemulher.abril.com.br>

Ao nosso ver, essas denominações celebram a existência de meninos afeminados e de meninas masculinizadas, valorizando as crianças “viadas” e “desviadas” da norma, promovendo o acolhimento de sujeitos que, historicamente, estiveram/estão à margem do processo social. Reconhecemos, contudo, a existência de outras perspectivas (e não menos legítimas!), como as do MBL, que reprovam o teor das telas. O litígio que se estabelece busca impor um ponto de vista, demarcar o decente e o reprovável, o permitido e o censurável. Dessa forma, o uso de *criança viada* e *criança viada sapatão* problematiza o terreno das identidades sociais, reforçando a ideia de que a experiência humana é muito complexa para ser encerra em padrões.

Moita Lopes (2006), ao refletir sobre as identidades fragmentadas no espaço da sala de aula, assegura que as noções de raça, gênero e sexualidade são construções sociodiscursivas. Em outras palavras, as identidades sociais se (re)constróem constantemente



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



no discurso, desobedecendo à lógica de qualquer convenção: “[...] a visão homogênea da identidade tem sido substituída por uma percepção heterogênea das pessoas [...]” (MOITA LOPES, 2006, p.90). Presumimos, então, que tanto as críticas direcionadas ao *Queermuseu* quanto aquelas direcionadas aos apoiadores da censura podem estar relacionadas à dificuldade de se acolher essa “percepção heterogênea das pessoas”.

Sobre o aspecto imagético do *corpus*, lembramos que as pinturas foram inspiradas nas fotos dispostas na página de Iran Giusti. A artista, em tela, adotou o efeito de mural, utilizando a técnica de colagem e preservando os traços principais das fotografias. Percebemos, em todas as figuras, um aspecto pueril no que se refere à combinação de cores e ao efeito de “tinta escorrendo”. Como recurso semiótico, o cromatismo, conforme sustentam Kress e van Leeuwen (2001) e van Leeuwen (2006), assume um importante papel de construir sentidos; neste caso, ele nos remete aos coloridos de crianças na fase escolar. Várias reminiscências de uma determinada geração foram inseridas nas telas, a saber: o ritmo lambada (FIG. 1), super-heróis de desenhos animados (She-*ra* e Jaspion, nas FIG. 2 e 3, respectivamente), brincadeiras (carrinho, caminhão, na FIG. 3). Atinamos que, nos quadros, a ludicidade resgata memórias da infância e ganha mais destaque do que uma discussão que se venha a travar sobre a identidade de gênero dos personagens representados.

Nas três figuras, a categoria *valor da informação* distribui os personagens numa demarcação horizontal de *dado* e *novo*, o que, segundo Kress e van Leeuwen (2006), orientará a nossa direção de leitura (da esquerda para a direita). Para os autores, os elementos na posição de *dado* representam uma informação familiar ao leitor, enquanto os elementos localizados no *novo* trarão o desconhecido.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Nas Figuras 1 e 3, o *dado* traz personagens representados (PR) usando fantasias, fornecendo-nos a informação de que crianças, em suas brincadeiras, costumam se fantasiar. Neste caso, o travestimento infantil aponta para uma situação bastante corriqueira em nossa cultura: homens que se vestem com acessórios femininos costumam ser designados de *viados*, *travestis*; mulheres que se vestem como homem são identificadas como *sapatão*. Nessas mesmas figuras, o *novo* apresenta PR vestidos de forma convencional e o aspecto *viada* aparece de modo sutil através da expressão facial e dos trejeitos, podendo não ser facilmente identificado.

Diferente das demais, a Figura 2, na posição de *dado*, representa um personagem masculino usando roupas convencionais, porém dotado de gestos expansivos. A feminilidade do PR suscita uma série de premissas culturais, se um menino é afeminado, provavelmente é homossexual. Temos, na posição do *novo*, uma situação não muito marcada; o PR masculino usa roupas típicas de meninos e ergue um objeto; nesse caso, os elementos visuais fornecem informações tênues sobre as características *viadas*. A seguir, detalhamos um pouco mais a categoria *valor da informação*.

Na Figura 1, temos um PR masculino (*dado*), usando trajes típicos das dançarinas de lambada (minissaia, miniblusa). Por essa razão foi chamado de *travesti da lambada*. A lambada foi um gênero musical muito difundido no Brasil no início da década de 1990, tornando-se popular pela sensualidade do ritmo e dos trajes das dançarinas. A sensualidade do PR se encontra nas roupas, no cabelo preso em coque e no braço, delicadamente, apoiado abaixo da cabeça. Na posição de *novo*, o PR, também masculino, é designado de *deusa das águas*. *Deusa*, provavelmente, é uma referência à pose à moda das divas: sorriso discreto e elegante, mãos na cintura, pernas cruzadas. Já *das águas* pode ser uma menção à roupa de banho (sungã).



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Na Figura 2, o PR disposto no *dado*, munido de trejeitos chamativos (corpo requebrado, boca aberta denotando espanto, braço direito esticado com a mão espalmada simulando o sinal de trânsito *pare*, braço esquerdo apoiado na perna), é chamado de *bafônica*. No segmento LGBT, esse termo normalmente é usado para se referir a pessoas, situações ou eventos espalhafatosos. Notemos que o personagem Adriano traja roupas convencionalmente masculinas (calça, camiseta e boné), mas o aspecto “bafônico” da expressão corporal se destaca sobre o vestuário. Na posição de *novo*, o PR Luiz França empunha uma espada, de forma semelhante à *She-ra*, uma personagem de desenho animado exibido nas décadas de 1980 e 1990. Assim como o personagem localizado na esfera do *dado*, Luiz França usa trajes típicos de meninos (bermuda e camiseta), no entanto são os gestos (braço erguendo a espada em imitação à heroína) e não as roupas que lhe atribuem traços femininos.

Na Figura 3, o *dado* é constituído por um PR feminino fantasiado de *Jaspion*, que foi um personagem de desenho animado japonês muito consumido no Brasil nas décadas de 1980 e 1990. *Jaspion* personificava o padrão masculino definido para aquela geração: força, poder, combate, enfrentamento do mal. Logo, não se tratava de um desenho propriamente voltado para as meninas. Nesse caso, a roupa e os gestos (boca aberta com os dentes à mostra, braços retesados, punhos cerrados) conferem ao PR trejeitos rudes. O *novo* retrata um PR feminino brincando e simulando dirigir um caminhão. Esse tipo de brincadeira (carrinho, dirigir), tradicionalmente, associa-se aos meninos. Prevaecem, nas roupas e nos contornos do PR, tons azuis, cor habitualmente atribuída ao gênero masculino. Vale lembrar ainda que o campo semântico de *caminhão*, em nosso espaço social, produz signos que se associam às lésbicas como, por exemplo, *caminhoneira*. *Caminhoneira* seriam as lésbicas com trejeitos bruscos, indelicados e másculos.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Ao tratar da categoria *distância social*, nas Figuras 1, 2 e 3, constatamos que todos os personagens têm sua totalidade corporal representada (*plano aberto*), estabelecendo uma *distância impessoal* em relação ao observador. Além disso, as pinturas foram inspiradas em fotos antigas e de infância, incorporando um aspecto *vintage* e provocando, conseqüentemente, um afastamento temporal em relação ao observador. Segundo Kress e van Leeuwen (2006), a *distância impessoal* estipula um efeito de afastamento entre a imagem e o espectador.

As três figuras recorrem ao mesmo *layout*. As letras vermelhas, condensadas e em caixa alta seguem um padrão único de tipografia. As letras foram feitas por uma forma-molde do alfabeto (“forminhas de letra”), que era um objeto escolar muito recorrente antes da popularização do computador. Os estudantes utilizavam formas-molde para confeccionar cartazes, capas de trabalho, faixas. Observamos, inclusive, que as letras, em algumas cenas, apresentam borrão e estão pouco legíveis, assim como muitos “trabalhinhos” de crianças. A tipografia, para van Leeuwen (2006), põe-se a serviço da produção de sentidos; dessa forma, no *corpus*, ela suscita lembranças de uma época e reverbera o efeito de reminiscência.

Nas telas, os PR recebem uma identificação inscrita sobre o corpo ou nas imediações do mesmo. Conforme já discutimos, esses dizeres trazem um nome, acompanhado dos sintagmas *criança viada*, *criança viada sapatão*. A integração entre os modos semióticos verbal e visual mostra como pode ser forte a relação que o PR mantém com o nome ou com suas características (*viada*, *sapatão*). Nas Figuras 1 e 2, há também a presença de *emoticons* em formato de coração. Esses ícones gráficos, muito difundidos na era informatizada e bastante comuns na linguagem das redes sociais, expressam emoções diversas. Nesse caso, os *emoticons* manifestam afeição, carinho, empatia pelas *crianças viadas*.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Buscamos, ao longo de nossa análise, identificar elementos que pudessem, ainda que sutilmente, oferecer indícios de crimes associados à pedofilia. Se considerarmos, por exemplo, a audiência LGBT, não houve, nas telas, nenhum elemento ameaçador à infância; os recursos verbais e visuais estiveram a serviço de um aspecto lúdico e de enaltecimento de infâncias plurais. Por outro lado, se tomamos a audiência não LGBT, vemos a tentativa de proteger a criança contra os efeitos de uma sexualidade precoce. Quando nos debruçamos sobre a legislação, o art. 227 (CF, 1988) considera crime contra a infância o abuso, a violência e a exploração sexual. Os arts. 240 e 241 (ECA, 1990, com alterações da Lei 11829/2008) incriminam a produção e a divulgação de material pornográfico envolvendo crianças e adolescentes. Os arts. 213, 214, 217, 218 e 234 do Código Penal, de modo geral, tratam como infração a prática de sexo com menores, seja por indução, imposição, coação ou constrangimento. Ao nosso ver e diante do que diz a legislação, a série de Bia Leite não incorreu em crimes contra a infância, tampouco incentivou práticas de pedofilia.

Acreditamos que os protestos virtuais contra o *Queermuseu* e os discursos de ódio direcionados ao curador e aos artistas partem de uma associação que, comumente, é feita entre pedofilia e identidade de gênero, pedofilia e sexualidade. Essa postura, mesmo apresentando alguns equívocos conceituais, ganha força à medida que novos casos de pedofilia são denunciados. A intensificação de crimes contra a infância, em nossa sociedade, certamente nos sensibiliza e mobiliza boa parte das pessoas a se posicionar contra o uso da imagem de crianças em alguns gêneros artísticos. Somado a isso, temos o fato de que lidamos como uma recente valorização do sujeito criança nas sociedades ocidentais e com uma concepção de infância atrelada a discursos de combate ao incesto e à pedofilia (BARBOSA; GUALBERTO, 2018, p. 324).





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Para Barbosa e Gualberto (2018), a figura do pedófilo ameaça uma concepção histórico-conjuntural de infância, que consagra à criança um ideal de pureza e fragilidade. É por isso que, de acordo com Felipe (2006) e Lowenkron (2013a, b), o combate à pedofilia tornou-se uma causa política e um caso de polícia em nossa sociedade. Assertamos, por fim, que, apesar de dispormos de uma definição clínica e jurídica, o signo pedofilia ainda se encontra em elaboração em nosso cenário político-social. Em decorrência disso, presenciamos alguns efeitos desse processo, como a hostilidade sofrida pelo *Queermuseu*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise multimodal, através da integração dos modos semióticos verbal e visual, nos permitiu mapear alguns significados produzidos nas telas de Bia Leite. Os significados que depreendemos contemplam uma infância feliz, com crianças que se fantasiavam de super-heróis e que brincam de carrinho. O uso de *viada* e *sapatão* em nada afeta os PR em sua condição de criança, pelo contrário, enaltece características que, na maioria das vezes, fazem desses sujeitos vítimas de preconceito e violência. O *layout*, acompanhado dos *emoticons*, denota simpatia pelas crianças. Quando associamos esses significados à legislação que descreve os crimes contra menores, não enxergamos legitimidade nas acusações sofridas pelo Santander Cultural.

Através de nossa análise, chancelada pela Semiótica Social e por teorias afiliadas, pudemos realizar, diante do *corpus*, reflexões políticas, críticas e historicizadas. Acima de tudo, pudemos perceber a dinâmica social dos signos e dos significados. Assim nos tornamos mais conscientes e, sobretudo, críticos sobre a maneira como usamos a linguagem e como somos afetados por ela.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Reconhecemos que o conceito de criança, infância, identidade de gênero e pedofilia são recentes em nossa sociedade e, encontram-se, portanto, submetidos a forças políticas e ideológicas. Por estarem em elaboração, esses conceitos frequentemente são postos em discussão, principalmente, nas redes sociais, onde os discursos (de ódio, inclusive) são rapidamente pulverizados. A censura das obras em questão, aos nossos olhos, reflete uma preocupação latente de preservar a infância e de limar os casos de pedofilia. A interdição artística, no entanto, dificulta uma discussão democrática e humanizada sobre questões como a identidade de gênero, o enfrentamento do preconceito na infância eo convívio com as diferenças.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, João Paulo Silva; GUALBERTO, Clarice Lage. O(s) discurso(s) pedagógico(s) sobre o incesto e a construção social da infância. In: FUCHS, Cláudia; SCHWENGBER, Ivan Luís; SCHÜTZ, Jenerton Arlan (orgs.). *Educação em debate: cercanias da pesquisa*. São Leopoldo (RS): Editora Oikos, 2018. p. 312-325.

Biderman, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: oliveira, A. M. P. P.; isquierdo, Aparecida Negri. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2001. p. 13-22.

BRASIL. *Decreto-Lei 2.848*, de 07 de dezembro de 1940. Código Penal. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 31 dez. 1940.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil, 1988*. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. *Lei n. 8.069 de 13 de julho de 1990, com alterações da Lei n. 11.829/2008*. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA/1990). Brasília, DF, 2005.

CARMO, Cláudio Márcio do. *O lugar da cultura nas teorias de base linguística sistêmico-funcional: multimodalidade e produção de sentido na dança-ritual de Oxóssi*. Curitiba, PR: Appris, 2014.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



FELIPE, Jane. Afinal, quem é mesmo o pedófilo? *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 26, jan./jun. 2006, p. 201-223.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christian Matthias Ingemar Martin. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. London: Edward Arnold, 2004.

HODGE, Robert; KRESS, Gunther. *Social semiotics*. [s.l.]: Polity Press, 1988.

KRESS, Gunther. *Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication*. New York: Routledge, 2010.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication*. London: Arnold publishers, 2001.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading images: the grammar of visual design*. 2. ed. London: Routledge, (1996) 2006.

LOWENKRON, Laura. A cruzada antipedofilia e a criminalização das fantasias sexuais. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, Rio de Janeiro, n. 15, dez. 2013a, p. 37-61.

LOWENKRON, Laura. O monstro contemporâneo: notas sobre a construção da pedofilia como “causa política” e “caso de polícia”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 4, jul./dez. 2013b, p. 303-337.

MAZZARO, Daniel. *Performatividades gays: um estudo na perspectiva brasileira e argentina*. 2016. 359 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

VAN LEEUWEN, Theo. Towards a semiotics of typography. *Information Design Journal*, London, v. 14, n. 2, 2006, p. 139-155.

VOLÓCHINOV, Valentín Nikoláievitch (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Sheila Grillo, Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, [1929] 2017.

A stylized, light gray silhouette of a city skyline with various skyscrapers and buildings of different heights and shapes, set against a white background.

Capítulo 4

**A ESCRAVIDÃO AFRICANA EM CAMPOS DOS  
GOYTACAZES: CONTEXTO HISTÓRICO DE  
RESISTÊNCIA E COISIFICAÇÃO DO NEGRO**

Neilda da Cunha Alves Ferro  
Thiago Soares de Oliveira





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



### Resumo:

Neste capítulo teórico,<sup>1</sup> pretende-se uma explanação sobre o contexto brasileiro escravista geral, desde a colonização, abordando, em seguida, algumas especificidades de Campos dos Goytacazes, considerando a resistência negra em tal município, onde a utilização da força de trabalho escrava foi intensa, sobretudo devido ao cultivo da cana-de-açúcar. Para isso, utilizar-se-ão como fontes de pesquisa as obras de autores campistas, bem como de outros pesquisadores que tratam da temática.

### Palavras-chave:

Africanidades; Escravidão; Campos dos Goytacazes.

1. Este capítulo é resultado parcial de pesquisa desenvolvida no âmbito do Instituto Federal Fluminense, campus Campos Centro, em Campos dos Goytacazes/RJ.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



### NOTA INTRODUTÓRIA

A formação sócio-histórica do Brasil no geral - e também a de Campos dos Goytacazes, cidade do interior do estado do Rio de Janeiro -, foi marcada pela presença dos negros africanos, que, desde o século XVI, foram traficados como escravos para o trabalho em diversos ofícios, destacando-se como mão de obra para a lavoura canavieira. Como cativos sob a exploração portuguesa, os negros oriundos de diversos lugares do continente africano formaram uma população maior que a dos brancos colonizadores destas terras, deixando várias heranças observáveis na cultura, na religião, na língua, na tradição, nos costumes etc.. Tudo isso, pela união e pela mescla, são elementos que compõem a identidade brasileira.

A fim de abordar a questão escravista em Campos dos Goytacazes, município do interior do Estado do Rio de Janeiro, o capítulo divide-se em duas seções internas. Na primeira, parte-se do contexto escravista geral, destacando-se a antiguidade da relação de dominação entre povos, para, em seguida, explicar sobre o contexto do Brasil, país onde o exercício da escravidão é genético e remonta à época do descobrimento. Dessa forma, pretende-se ter um panorama geral do quadro escravista. Na segunda seção, o foco passa a ser as especificidades da região de Campos, lugar onde os negros trazidos da África trabalhavam em diversos ofícios, com ênfase na lavoura canavieira, sendo tais indivíduos relegados ao *status* de objeto, de coisa, já que não tinham direitos e deviam obediência ao senhor. Nesse sentido, fixa-se um panorama regional da questão central deste capítulo.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



## DO CONTEXTO ESCRAVISTA GERAL AO BRASILEIRO

O trabalho escravo era uma prática laborativa (se é que se pode chamá-lo assim) que dominava o modo de produção nas civilizações antigas da Grécia, nos anos 800 a.C. e de Roma, dos anos 500 a. C aos 301 d. C. Segundo Nascimento (2014, p. 22), “a escravidão pode ter sido a primeira forma conhecida pela humanidade para o emprego de mão-de-obra alheia”.

Para além do modo de produção, a escravidão em si, configurada como trabalho complementar, também existia na Ásia, na África, na América e era prática não rara em vários grupos tribais, normalmente, pelo apresamento de membros de grupos rivais. A partir da expansão marítima europeia entre os séculos XV e XVI, o modo de produção escravagista foi introduzido na América Portuguesa. Primeiro, com a escravização dos ameríndios; posteriormente, com o uso maciço de escravos oriundos da África. Neste trabalho, destaca-se a escravização dos negros africanos como uma das mais cruéis, pois, por meio da força, os escravistas, de modo coercitivo e autoritário, impuseram vontades, tendo o direito de castigar aqueles que descumpriam determinações ou mesmo tentavam fugir.

Desde que o homem é reduzido à condição de cousa, sujeito ao poder e domínio ou propriedade de um outro, é havido por morto, privado de todos os direitos, e não tem representação alguma, como já havia decidido o Direito Romano. Não pode, portanto, pretender direitos políticos, direitos da cidade, na frase do Povo Rei; nem exercer cargos públicos: o que se acha expressamente consignado em várias leis pátrias antigas, e é ainda de nosso Direito atual, como princípios incontestáveis, embora elas reconheçam ser este um dos grandes males resultantes da escravidão (MALHEIROS, 2008, p. 16).

Na citação de Malheiros (2008), fica patente que os escravos da civilização romana eram tratados como coisas, sem lhes serem



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



atribuídos os direitos à terra e ao ajuste a alguma classe social, pois não eram reconhecidos como pessoas ou sujeitos de direitos, e sim como objetos. Nesse viés, Souza (2003, p. 13) cita que, no sul do Egito, os escravos eram vendidos como “mercadoria de alto valor para a região”, mas desprovidos de racionalidade, de vida social e cultural, pois seriam seres inferiores e submissos. Como se percebe, a prática escravista está presente no mundo desde remotas eras. Muito antes do tráfico dos povos africanos, os vencedores escravizavam os vencidos nas batalhas, adquirindo sobre estes o direito de propriedade. Os derrotados eram obrigados a trabalhar longas jornadas em condições desumanas, com alimentação e alojamento inadequados.

A rigor, a relação de trabalho entre senhores e escravos era vinculada à dominação pessoal e social, já que a utilização dessa mão de obra era uma atividade lucrativa. Nesse sentido, os escravos eram comparados a animais, sujeitos ao uso e à comercialização, conforme o desejo do seu senhor.

O exercício escravista também marca a origem do Brasil, no século XVI, período no qual ocorre a colonização portuguesa do país, objetivando a exploração das terras e das riquezas naturais. A princípio, os lusitanos tentaram escravizar os índios nativos desta terra e, depois, ocorreu a exploração dos negros trazidos de várias localidades do continente africano. Desse modo, Silva (2009 apud Ianni, 1978) afirma que essa relação inaugura as desigualdades sociais, políticas e econômicas no Brasil, asseverando que o trabalho escravo é a expressão de uma questão social que interfere na formação sociocultural brasileira. No conceito de Lucchesi et al. (2009), o senhor de engenho era a figura central da relação com o povo escravizado, que, na visão de Freyre (2005), está concebido entre a casa grande e a senzala. Consequentemente, a formação social e econômica do Brasil relaciona-se ao escravismo colonial, predominando a intensificação da exploração da força do trabalho escravo para aumentar os lucros.





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Prova de que a questão escravista compõe o processo de formação da sociedade brasileira a partir de uma prática autoritária ainda anterior à escravidão dos africanos está na utilização da força de trabalho indígena no princípio da colonização brasileira. A escravização do índio, da mesma forma que a africana, abarcou ações que partiam de interesses econômicos, cabendo à igreja o papel de catequização dos povos autóctones do Brasil, pretendendo ainda a expansão do catolicismo na América. Inicialmente, a principal função dos indígenas era a extração do pau-brasil para a fabricação de tintas, as quais se destinavam à exportação para a Europa. O trabalho era compensado com a troca de mercadorias: os escambos.

A resistência cultural intrínseca do índio ao trabalho forçado, sobretudo ao trabalho agrícola (que na sua cultura nômade extrativista ocupava uma posição subalterna, sendo entregue às mulheres e crianças), aliadas às campanhas contra a escravidão indígena movidas pelos jesuítas, fez com que se fizesse necessário buscar uma outra fonte de mão de obra para atender as crescentes demandas dos emergentes e muitos prósperos engenhos de cana de açúcar que começaram a se instalar no nordeste brasileiro (LUCCHESI et al., 2009, p. 45).

Com a implantação da cultura agroexportadora do açúcar, ainda no século XVI, matéria-prima econômica, produtiva e de grande aceitação na Europa, os colonos portugueses passam a escravizar os indígenas. Com o tempo, a mão de obra indígena passa a escassear e tornar-se onerosa<sup>2</sup>, ao mesmo tempo em que aumentava a

2. A resistência cultural dos indígenas à disciplina do trabalho na lavoura levou a grandes fugas, já que os índios conheciam o território e tinham a expectativa real de voltar para suas tribos; a muitos suicídios; ao alcoolismo e a grandes conflitos entre portugueses e indígenas, como as Guerras Guaraníticas, a Confederação dos Tamoios, a Guerra do Açúcar etc. Uma grande parte da população indígena morreu pelas epidemias de doenças trazidas pelos europeus. Isso torna cada vez mais oneroso (monetária e politicamente) a escravização de índios e, portanto, torna insustentável basear o empreendimento colonial português neste tipo de trabalhador escravo. Obviamente, a resistência indígena também foi uma grande celeuma que acabava por inviabilizar a utilização dos índios como mão de obra.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO



## SUMÁRIO

demanda<sup>3</sup>, fazendo-se necessário importar mão de obra do outro lado do Atlântico: era o negro da Guiné, o escravo africano, que passava a ser usado em larga escala no Brasil. Então, os portugueses começam a comercializar os povos africanos para a colônia brasileira com vistas a suscitar o comércio e a circulação mercantil, aumentando, por consequência, os lucros dos comerciantes europeus, os quais vendiam os africanos escravizados, que representavam um bom investimento, como mão de obra ágil e isenta de pagamento de salários, propícia à obtenção do valor de uso.

O direito de propriedade, concedida ao senhor, transformava o escravo em objeto de compra, venda, empréstimo, alienação, herança, arrematação, depósito, adjudicação, transmissão, usufruto, condomínio, usucapião, ou seja, objeto de quaisquer transações legais por parte de seus proprietários (LIMA, 1981, p. 42).

Aliás, a objetificação dos escravos era notável desde o transporte para a América nos navios, onde sofriam maus-tratos e eram conduzidos amontoados em porões como cargas humanas, trancados em grades, marcados a ferro, com alimentação escassa e, às vezes, banhando-se somente próximo aos portos de desembarque, o que supostamente melhorava a aparência no momento da negociação. A citação de Lima (1981), nesse sentido, demonstra o caráter amplo da sujeição dos escravos a seus proprietários.

Uma das influências africanas trazidas para o território brasileiro foi a língua. Para Pessoa de Castro (1984), entre os séculos XVI e XIX, chegaram ao Brasil cerca de quatro milhões de falantes africanos, basicamente de duas regiões da África: a sudanesa e a banto. O povo banto era constituído de pelo menos 300 línguas, sendo que as mais faladas no Brasil foram a quicongo, a quim-

3. Aumento da demanda por mão de obra - a colonização se expandiu do litoral para o interior, houve um crescimento da lavoura canaveira, inclusive com grandes engenhos, e surgiram outras atividades econômicas que demandaram mais mão de obra.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



bundo e a umbundo<sup>4</sup>, sem que se esqueça do grupo sudanês, que teve como principais falantes os nagôs (iorubás) e os jejes (ewes). Assim, as línguas de tronco africano que estiveram presentes no Brasil, a partir do tráfico negreiro, acabaram por influenciar sobremaneira o português brasileiro<sup>5</sup>. Conforme Mendonça (2012), a relevância da presença africana na formação sociocultural brasileira pode ser assim demonstrada em números:

	Regiões	Entradas	Anuais	Total
Século XVI	Todo o Brasil	-	-	30.000
Século XVII	Brasil holandês	3.000	8.000	800.000
	Brasil português	5.000		
Século XVIII	Pará	600	25.000	2.500.000
	Recife	5.000		
	Bahia	8.000		
	Rio	12.000		
Século XIX (até 1830)	Rio	20.000	50.000	1.500.000
	Todo o Brasil	-		
Durante o tráfico	-	-	-	4.830.000

Tabela 1: Número de escravos que entraram no Brasil.  
(Avaliação baseada em estatísticas aduaneiras subsistentes)  
Fonte: Mendonça (2012).

Os dados contidos na Tabela 1 reforçam a ideia de que a cultura negra fixou-se no Brasil por causa do trabalho escravo e, por esse viés, respalda particularidades relevantes na sociedade. A questão linguística deve ser mencionada porque figurava nas relações de poder entre escravos e senhores no início da colonização brasileira, o que acaba por refletir na fala popular brasileira, devido,

4. Quicongo é falado na República Popular do Congo, na República Democrática do Congo e no Norte da Angola; o quimbundo é falado na região central da Angola, e o umbundo está presente no sul da Angola e na Zâmbia.

5. Cf. Aragão (2011), Pessoa de Castro (1984), Lucchesi et al (2009), Mendonça (2012), Petter (2015).



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



também, à sua interação com grande parte da sociedade desde o tráfico até os dias atuais. E a língua também era fator de resistência, sendo um dos motivos pelos quais os escravos, quando traficados para o Brasil, permaneciam sob a vigilância de outrem. A intenção era evitar motins e revoltas dentro dos navios, principalmente naqueles que conduziam falantes de idêntica variedade linguística.

Possivelmente, os primeiros navios negreiros chegaram ao Brasil entre 1516 e 1526<sup>6</sup>, e o mercado de escravos era sediado na zona portuária, onde se verificavam as condições dos escravizados, os quais depois eram expostos como peças para fins comerciais, ressaltando que “o valor de um cativo variava segundo suas qualidades: beleza, força, idade, instrução” (SILVA, 2011, p. 17). Os donos dos escravos dispunham de sua total dominação, fazendo deles o que bem entendessem, possuindo o direito sobre as suas vidas, separando-os das famílias e suprimindo a liberdade.

No Rio de Janeiro, os escravos passavam pela alfândega e eram levados para casas alugadas, no centro da cidade, onde eram vendidos. A comercialização recebia críticas, porque resultava em confusão e indisposição, ambas atribuídas aos negros recém-chegados dos países da África<sup>7</sup>. Isso era sinal da resistência negra. Assim, a Câmara do Rio de Janeiro determinou, em 1758, a proibição da negociação e da permanência dos escravos nos arredores da cidade.

6. Conforme analisa o pesquisador Oscar (1985), há dissensão entre os estudiosos no que condiz à chegada dos primeiros africanos ao Brasil. Segundo o autor, é possível que os primeiros negros tenham chegado com Pero Capico, entre 1516-1526, conforme descrevem Varnhagen e Maurício Goulart. Já Delso Renaut atribui a chegada dos primeiros africanos em 1531, com Martim Afonso de Souza. Outros, por sua vez, entendem que Thomé de Souza trouxe os escravos, em 1549.

7. De acordo com Petter (2015), a diáspora africana para o Brasil ficou dividida da seguinte forma: a) 1º ciclo - século XVI, da Guiné, trazendo escravos sudaneses, originários da África situada ao norte do equador; b) 2º ciclo - século XVII, do Congo e de Angola, donde vieram os negros bantos; c) 3º ciclo - século XVIII, da costa de Mina, novamente trazendo os sudaneses, ampliando para a baía de Benim; d) 4º ciclo - século XIX, africanos advindos de todas as regiões, com predominância dos negros de Angola e de Moçambique.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



O conflito entre os negociantes e a câmara e o problema das moléstias, do mau cheiro e da nudez dos escravos recém-chegados foram finalmente resolvidos na época do governo do Vice-Rei Marquês de Lavradio, que determinou a construção de um mercado de escravos no Valongo, subúrbio da cidade. A partir de então, os escravos recém-chegados, assim que tivessem passado pela Alfândega, eram novamente embarcados e levados ao Valongo. Lá ficavam e eram negociados. Os compradores não podiam entrar na cidade com eles em grupos maiores que cinco, e se fossem conduzidos para as minas ou para as fazendas, deveriam ser guardados no campo S. Domingos, deixando a cidade livre da pestilência e do espetáculo do seu comércio (LARA, 1988, p. 147-148).

Na citação de Lara (1988), identifica-se, mais uma vez, a coisificação dos homens escravizados, que passavam pela alfândega como objetos, enriquecendo os traficantes e se tornando uma das maiores comercializações da época, atraindo mercadores de todas as partes da colônia. Nesses termos, os africanos escravizados eram subordinados, sem autonomia do seu próprio trabalho, ficando à mercê dos negociadores como produto e, quando vendidos, eram parte da propriedade do seu novo dono, relegados ao domínio e aos abusos da sua força de trabalho. O ato da Câmara do Rio de Janeiro funcionou como uma forma de silenciar os traficados; um silenciamento forçado, por assim dizer.

## CAMPOS DOS GOYTACAZES: ALGUMAS ESPECIFICIDADES

Em Campos dos Goytacazes, os primeiros habitantes foram os índios goitacás. Conforme analisa Feydit (1979), a descrição do caráter do índio goitacá como selvagem e violento é equivocada, uma vez que eles eram hospitaleiros, caridosos e protetores de fugitivos e náufragos. Para o autor, há um hábito de ouvir, sem questionar, a narrativa de que o índio goitacá era indulgente, mas, na verdade, até a chegada dos colonizadores portugueses, esses nativos sobreviviam livremente dos produtos da natureza, especialmente da pesca, da caça e do extrativismo.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Em meados do século XVII, quando os colonizadores portugueses começaram o processo de povoamento de Campos, encontraram os habitantes originais, os índios goitacás, que aos poucos foram dizimados ou expulsos de suas terras por meio de guerras e lutas, em virtude das disputas pelo território que abrangia a Capitania da Paraíba do Sul, a qual, posteriormente, foi denominada Capitania de São Tomé. Esse povoamento da região iniciou-se a partir da criação de gado bovino, em 1632 e, em seguida, ocorreu a fundação da Vila em 1677, a qual foi elevada à categoria de cidade, em 1835, denominada hoje como Campos dos Goytacazes.

No geral, a escravidão negra foi introduzida no Brasil por meio dos colonizadores portugueses, e o Cais Valongo, localizado no Rio de Janeiro, foi alçado em 1811, tornando-se o maior porto de desembarque e de entrada de escravos no Brasil e na América. Pelas apreciações de Oscar (1985), cerca de sessenta por cento do total de escravos que desembarcava no país entrava pelo Rio de Janeiro, que era um grande mercado de compra e venda de africanos escravizados.

Há consonância entre as informações apresentadas por Oscar (1985) e as mencionadas por Silva (1984), o qual relatou que, entre 1576 e 1591, chegaram ao Brasil pelo menos 52 mil cativos de Angola, num crescimento contínuo do tráfico, conforme a necessidade do país, que empregava a mão de obra barata como modalidade de trabalho não só na lavoura açucareira e cafeeira, mas também na criação do gado e na mineração. Segundo o autor, por cada africano escravizado que desembarcava no Brasil, eram cobrados impostos, estabelecidos pela Coroa Portuguesa, com preço estipulado de acordo com a idade, com a condição física ou com sexo dos escravos e, mesmo depois da interdição do comércio negreiro, de 1831 a 1841 desembarcaram no país cerca de 200 mil cativos. Assim, em 1851, o Brasil contava com três milhões de africanos escravizados num universo de cinco milhões de habitantes.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Percebe-se que a vinda dos africanos escravizados para o Brasil colonial desencadeou, a troco da objetificação, o desenvolvimento e o crescimento do país. Parte dos escravos era trazida para a planície dos Goitacazes, uma das zonas de ocupação da Província do Rio de Janeiro, pertencente à Capitania de São Tomé, doada a Pero Góis da Silveira, que iniciou o processo de colonização nesta região, trazendo da Capitania de São Vicente (SP) gados e mudas de canas-de-açúcar. Numa tentativa frustrada, ele construiu o primeiro engenho, em 1547, com a pretensão de produzir mil arrobas de açúcar.

Assim, o crescimento produtivo nos engenhos, ao longo dos oitocentos e, posteriormente, nas usinas, na segunda metade do século XIX, exigia cada vez mais trabalhadores e, por isso, a principal atividade dos negociadores era levar os escravos que saíam, até 1831, do Cais do Valongo para serem vendidos em Campos dos Goytacazes. Conforme analisa Silva (1984), quando concretizada a compra, os seus corpos eram marcados com as iniciais do nome de seus donos, com ferro em brasa. Segundo Lara (1988), o comboio era transportado a pé, passando por várias localidades, onde os negociantes pernoitavam estrategicamente para a comercialização de escravos dos cativos, até chegar aos Campos dos Goytacazes.

É importante ressaltar que a criação de gado foi o meio de subsistência inicial dos colonos na planície goitacá. Assim, na década de 1630, eles construíram os primeiros currais, na Lagoa Feia. Em 1633, assim que chegaram aos Campos para tomar posse de suas terras, os sete capitães<sup>8</sup> construíram currais, pois haviam trazido uma vaca, treze novilhas e três touros. Assim, o gado multiplicava-se nos pastos, tornando a pecuária uma importante atividade econômica do norte fluminense, como mercado consumidor

8. Referência feita por Lamego Filho (1945) a Miguel Aires Maldonado, Miguel da Silva Riscado, Antônio Pinto Pereira, João de Castilho, Gonçalo Correia de Sá, Manuel Correia e Duarte Correia.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



e exportador para o Rio de Janeiro da época, acontecimento que, segundo Oscar (1985), despertou a cobiça dos padres jesuítas, beneditinos e carmelitas, tornando-os donos de vastas terras, como a fazenda do Colégio<sup>9</sup>.

Ainda no século XVII,

Junto à boiada que cresce em Campos, aparece um novo tipo de cultura. A cana de açúcar, que retorna nas pegadas do boi. Aventureiros chegam aos Campos aos montes, limpam terrenos, plantam cana, constroem toscas engenhocas e fazem açúcar [...]. Salvador Correa e outros poderosos que possuem terras na baixada, beneditinos, jesuítas e fazendeirões, estão insatisfeitos com os acontecimentos e temem que fatos inesperados tirem de suas mãos as ricas terras goitacazes (SILVA, 1984, p. 37).

Nesse sentido, de forma sutil, a cana, trazida pelos próprios criadores de rebanhos, por observarem que a terra goitacá era propícia ao cultivo dessa planta, embrenhou-se na região. Silva (1984) registra que, aos poucos, os donos de engenhocas conseguem crédito financeiro na província, melhorando a produção açucareira com a compra de maquinários novos, situação que resulta na luta pela posse da terra, com protestos entre aqueles que reivindicavam o direito ao solo campista, caracterizando um conflito armado entre produtores de açúcar e pecuaristas. Esse embate perdurou até o início do século XVIII com vitória da economia açucareira.

A forte influência exercida pela monocultura açucareira marcou o processo de transição da economia campista ao longo do séc. XVIII, a qual só se consolida em meados do séc. XIX, predominando entre as exportações, fato que destacava o município na região e na corte. No século XVIII Campos aumenta sua produção de cana, com grande acréscimo do número de engenhos e engenhocas e de

9. De acordo com as informações do Instituto Historiar, o Solar da Fazenda do Colégio foi doado para a Companhia dos Jesuítas a fim de que fosse fundado um colégio e fortalecida a catequização dos nativos campistas.





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



lavouras canavieira, mas também havia bastante lavoura de gêneros alimentícios. Segundo Lara (1988), os escravos desempenhavam as mais diversas atividades em Campos, e não apenas nas lavouras canavieiras:

Havia ainda escravos pescadores, escravos que levavam recados ou objetos para seus senhores, escravas lavadeiras, cozinheiras e outras mais que faziam os serviços 'de porta a dentro'. A especialização mais comum, no entanto, era a dos escravos empregados nos diversos ofícios: em Campos, encontramos escravos sapa-teiros, tecelões, carpinteiros, seleiros, alfaiates, pedreiros, costureiras, barbeiros, paneiros e até mesmo um cirurgião (LARA, 1988, p. 187).

Como se nota, a foice e o facão não foram os únicos instrumentos de trabalho dos cativos na atividade braçal das lavouras, dos engenhos e dos currais de gado. Ao contrário, como mão de obra barata e lucrativa, eles desenvolveram outros serviços, como os domésticos e os culturais. Na planície Goitacá, por exemplo, executaram uma gama de funções nas olarias, tecelagens, fábricas, oficinas, ferrovias e outros, conforme satisfação e interesse dos seus donos, ou seja, o negro não desfrutava do ócio, visto que, além das atividades braçais elencadas acima, era possível encontrá-los em funções especializadas, mas sempre a serviço de seus proprietários, como na construção de casas, estradas, canais, igrejas, sendo até emprestados ou alugados para outros latifundiários.

A rigor, o cotidiano da população cativa em Campos dos Goytacazes era árduo e degradante, pois, além de desempenhar atividades laborais extenuantes, alienadoras e sem remuneração, essa população era submetida a castigos, exploração, opressão, violência coercitiva do seu senhor. De fato, a relação entre senhores e escravos estabelecia-se num contexto que definia o que era justo ou injusto; desumano ou afável, numa dinâmica de resistência ou adequação, subversões entre dominantes e dominados ou ainda numa relação de solidariedade entre os cativos. Nessa conjuntura,



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



o cotidiano onde se gestou a analogia entre essas duas categorias (senhores e escravos) não se caracterizou como estático e inconsistente, uma vez que os espaços sociais dos atores envolviam o autoritarismo, a opressão e a resistência, a partir de embates ocorridos no dia a dia, suplantando a mera formalidade do título de propriedade ou da condição social daqueles envolvidos na constituição da sociedade campista.

A coisificação dos escravizados motivou a rebeldia em todo o país. Em Campos dos Goytacazes não foi diferente. Na verdade, “os índios resistiram à escravidão desde o momento em que os colonos portugueses tentaram escravizá-los. Os africanos e seus descendentes, por sua vez, promoveram várias formas de resistência à escravatura” (SILVA, 2011, p. 34). É importante destacar que os escravos sempre se opuseram a tal condição, protestando e organizando motins, ou seja, eles não foram passivos diante de sua própria escravização. Nesse sentido, a rebeldia dos escravos observada desde o começo da colonização campista foi tratada pelos colonizadores como um caso de polícia, até porque, de acordo com Costa (2015), do século XVI ao XVIII, a legitimidade da escravidão só foi discutida entre os próprios cativos.

Segundo Silva (1984), uma forma que esboçou a resistência escravista diz respeito à prática suicida, solução encontrada pelos escravos para se livrarem do cativo. Oscar (1985) relata que, no mês de abril de 1840, em uma das edições do jornal Monitor Campista, noticiou-se o suicídio de pelo menos três escravos em seis dias, o que demonstra que a prática suicida era ação frequente entre os cativos. Porém, a forma de resistência que mais se destacou era a fuga (LARA, 1988), que sempre existiu no contexto escravista como tática de protesto de alguns cativos, sobretudo por causa das precárias condições de subsistência às quais eram submetidos, além da imposição do poder central dos latifundiários, que dominavam e regulavam as relações entre eles próprios e os



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



escravizados africanos, valendo-se da brutalidade e dos castigos. A fuga resultava no aglomerado de escravizados em locais isolados ou de difícil acesso denominados quilombos<sup>10</sup>, pois

A vida miserável do escravo, o trabalho de sol a sol sob o látego do feito, os castigos terríveis, a degradação, o desespero de sua condição, foram temas que alimentaram fartamente a retórica abolicionista, depois repetida por muitos historiadores em alusão às páginas de sangue escritas pela escravidão em nossa história (LIMA, 1981, p. 54).

Em poucas palavras, na busca pela liberdade do sofrimento nas senzalas, alguns valentes escravos tinham como símbolo de resistência o planejamento de fuga para os quilombos. Essas ocorrências tiveram um efeito significativo na reação dos cativos em geral que, mesmo em condição desvantajosa, impostas pela opressão, não ficaram passivos e lutaram o quanto puderam, indignaram-se contra o sistema escravista em busca de uma vida digna. No bojo dessa resistência, encontram-se os fugitivos para áreas de relevo em regiões isoladas, distantes, protegidas pela mata, a fim de dificultar a captura pelos capitães do mato. Foi assim que esses povos formaram comunidades, locais propícios à manifestação dos aspectos culturais da tradição africana como a dança, a música, os valores religiosos, a linguagem e outros.

As comunidades quilombolas são compostas de grupos sociais com uma identidade étnica que os distingue do restante da sociedade. Estas comunidades foram se constituindo a partir de uma grande mudança de processos, tanto durante a vigência do sistema escravocrata, que por mais de 300 anos explorou os negros trazidos da África para o Brasil, quanto após a abolição da escravidão, no século XIX, quando depois de abandonados à própria sorte, tiveram

10. Cordeiro (2012) afirma que o termo “quilombo” é da época da escravidão, conceituado, na língua banto como “povoação”, ou seja, local de conglomerado de povos escravizados que, de uma forma ou de outra, conseguiram escapar de seus donos e, para não serem capturados, escondiam-se em lugares ermos e de difícil acesso aos olhares de seus perseguidores, como era o caso dos capitães do mato.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



que enfrentar as desigualdades, situação que se arrasta até os dias de hoje (CORDEIRO, 2012, p. 32).

Cordeiro (2012) discorre, ainda, sobre o número expressivo de comunidades negras existentes em Campos e região, destacando as surgidas no período escravista, como o Quilombo do Carukango, na região de Conceição de Macabu, que originou, em Campos, os Quilombos de Aleluia, Batatal, Cambucá e Conceição do Imbé (todos localizados na região do Imbé). Destaca ainda o autor que outros quilombos foram formados por toda a região do município, principalmente depois da abolição da escravatura, como é o caso da Comunidade de Custodópolis, antiga “Cidade de Palha”, apreciada como quilombo urbano.

Ainda sobre a resistência dos escravos, Lima (1981) revela que a rebeldia negra campista foi uma das mais intensas de todo o período imperialista, mesmo antes das manifestações dos abolicionistas. Tais abolicionistas tiveram efetiva participação no processo libertador na região de Campos dos Goytacazes e no Brasil, sobretudo pela extensa quantidade de escravizados estimada, no período da abolição (século XIX), em um contingente de 17.357 pessoas em um universo populacional de 31.917 habitantes, ou seja, mais de 50% dos habitantes campistas no Brasil Império eram compostos de população escravizada.

Sobre isso, Oscar (1985) narra que, no período abolicionista, o desenvolvimento açucareiro absorveu, nas terras campistas, o maior número de escravos do Brasil, indo de encontro a um dos núcleos abolicionistas mais importantes do país, recebendo apoio das camadas populares, jornalistas, intelectuais e outros, em prol da liberalização do trabalho escravo. Assim, o sistema escravista entrava em ruínas, e os fazendeiros reagiam com violência àqueles que defendiam o fim da escravidão. Apoiada pelos abolicionistas, a massa escrava revolucionava as senzalas contra os seus senhores. Em Campos, segundo Oscar (1985), a campanha abolicionista foi



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



intensa, e a ousadia dos negros e de seus aliados repercutiu em todo o território nacional, tornando-se um dos maiores centros da radicalização na libertação dos cativos.

## À GUIA DE CONCLUSÃO

Tendo em vista o aporte teórico utilizado neste capítulo, pôde-se perceber que a utilização da mão de obra de escravos é prática antiga que remonta à Grécia e à Roma antigas. Apenas entre os séculos XV e XVI, durante a expansão marítima, esse tipo de atividade forçada foi empregada na América Portuguesa, que representava um novo mundo a ser desbravado e descoberto.

A relação escravista geral baseava-se na autoridade, na coerção e na punição, pilares a partir dos quais se buscava o lucro por meio das dominações pessoal e social, “coisificando” indivíduos, atribuindo-lhes o *status* de propriedade de um senhor, cujas vontades deveriam ser satisfeitas. Havidos como mercadorias, os cativos eram uma das representações da desigualdade social, política e econômica que, no Brasil, passou pela tentativa de dominação dos índios, seguida pela efetiva escravização dos negros traficados de várias partes do continente africano.

Apesar de tratados como objetos e das diversas tentativas de silenciamento, os negros demonstravam uma resistência que já se vislumbrava nos navios que os transportavam: a necessidade de evitar o contato entre indivíduos de línguas e dialetos afins com o intuito de impedir e dificultar motins. Em terra firme, a fuga e o suicídio eram estratégias de resistência à autoridade dos senhores, para os quais a perda de um escravo representava uma diminuição do lucro e um prejuízo de mão de obra. A resistência escravista é um fato que aponta para a não inércia dos cativos diante de sua própria degradação.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Por fim, no caso específico de Campos dos Goytacazes, a resistência dos cativos já era notada no início da colonização desse território, o que foi registrado por Costa (2015). A formação dos quilombos também deve ser mencionada e pode ser entendida como um elemento de obstinação negra, sendo hoje uma representação de um passado de opressão. Foi apenas com o suposto sucesso da campanha abolicionista que formalmente foi “extinta” a escravidão no Brasil, assunto que merece desdobramentos reflexivos mais aprofundados.

## REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Africanismos no português do Brasil. *Revista de Letras*, vol. 30, 1/4, jan. 2010/dez. 2011, p. 7-16. Disponível em: <[http://www.revistadeletras.ufc.br/Revista%20de%20Letras%20Vol.30%20-%201.4%20%20jan.%202012%20.%20dez.%202011/rl30art01\\_Africanismos\\_no\\_portugues\\_do\\_Brasil.pdf](http://www.revistadeletras.ufc.br/Revista%20de%20Letras%20Vol.30%20-%201.4%20%20jan.%202012%20.%20dez.%202011/rl30art01_Africanismos_no_portugues_do_Brasil.pdf)>. Acesso em: 28 fev. 2018.

CORDEIRO, Hélvio Gomes. *Quilombo: terra da esperança*. Campos dos Goytacazes, RJ: Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima, 2012.

COSTA, Tanize. *Abolicionismo em Ação: o jornal vinte e cinco de março em Campos dos Goytacazes (1884-1888)*. Campos dos Goytacazes, RJ: Essentia, 2015.

FEYDIT, Julio. *Subsídios para a História dos Campos dos Goytacazes: Desde os tempos coloniais até a Proclamação da República*. São João da Barra: Luartson, 1979.

FREYRE, Gilberto. Aspectos da influência africana no Brasil. *Revista del CESLA*, [S.l.], n. 7, p. 369-384, may 2005. Disponível em: <<http://revistadelcesla.com/index.php/revistadelcesla/article/view/264>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

IANNI, Octávio. *Escravidão e Racismo*. São Paulo: Hucitec, 1978.

LAMEGO FILHO, Alberto. *O Homem e o Brejo*. Rio de Janeiro: Instituto



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO



## SUMÁRIO

Brasileiro de Geografia e Estatística – Conselho Nacional de Geografia, 1945.

LARA, Silva Hunold. *Campos da violência: escravos e senhores na Capitania do Rio de Janeiro, 1750-1808*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LIMA, Lana Lage da Gama. *Rebelião negra e abolição*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

LUCCHESI, Dante et al. O português afro-brasileiro: as comunidades analisadas. In: LUCCHESI, Dante. BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/209/4/O%20Portugues%20Afro-Brasileiro.pdf>> . Acesso em: 15 fev. 2017.

MALHEIROS, Agostinho Marques Perdigão. *A escravidão no Brasil: ensaio histórico jurídico social - direito sobre os escravos e libertos*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional - ebook do Brasil, 2008.

MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. 2. ed. Brasília: FUNAG, 2012.

NASCIMENTO, Maria Daniele Silva do. *Trabalho escravo: reflexões sobre a escravidão urbana contemporânea no Brasil*. 2015. 185 f.. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Direito, Programa de Pós-Graduação em Direito, Fortaleza/CE, 2015. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/16363>> . Acesso em: 20 jul. 2018.

OSCAR, João. *Escravidão e Engenhos*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1985.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. *A influência das línguas africanas no português brasileiro*, 1984. Disponível em: <<http://educacao.salvador.ba.gov.br/adm/wpcontent/uploads/2015/05/linguasafricanas.pdf>> . Acesso em: 03 mar. 2017.

PETTER, Margarida. *Introdução à linguística Africana*. Contexto: São Paulo, 2015.

Projeto Historiar – preservando nossa história. Disponível em: <<http://institutohistoriar.blogspot.com.br/2009/06/desolardocolegioarquivopublico.html>> . Acesso em: 28 out. 2017.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



SILVA, Osório Peixoto. *Os momentos decisivos da história dos Campos dos Goitacazes*. Rio de Janeiro: Serviço de Comunicação da PETROBRÁS, 1984.

SILVA, Amanda Paula Pinheiro da. *Subsídios para a análise do escravismo e seus reflexos na contemporaneidade*. 2011. 70f.. Monografia (Licenciatura em Geografia). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, campus Campos Centro, Campos dos Goytacazes/RJ, 2011. Disponível em: < <http://bd.centro.iff.edu.br/xmlui/handle/123456789/632>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

SOARES, Márcio de Souza. Presença africana e arranjos matrimoniais entre os escravos. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 52, p. 75-90, jan./jun. 2010. Disponível em: < [revistas.ufpr.br/historia/article/download/24110/16136](http://revistas.ufpr.br/historia/article/download/24110/16136)>. Acesso em: 28 fev. 2018.

SOUZA, Talita Tavares Batista Amaral de. Escravidão interna na África, antes do tráfico negreiro. *Vértices*, ano 5, n. 2, p. 1-13, 2003. Disponível em: < <http://essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/127/115>>. Acesso em: 10 out. 2017.





Capítulo 5

# REDUÇÃO LINGUÍSTICA NO BRASIL COLONIAL: OS PRIMEIROS SILENCIAMENTOS

Guilherme Lima Cardozo





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



### RESUMO:

Este capítulo traz à tona o empreendimento jesuítico no Brasil do século XVI, cujas estratégias colonizadoras iam muito além da religião, da política, da cultura, atingindo propriamente as diversas línguas nativas. As transformações linguísticas que os portugueses implantaram em terras brasileiras modificaram o quadro social vigente, visto que as línguas indígenas, ao passo que eram aprendidas pelos padres jesuítas, entravam em processo de redução, a fim de serem catalogadas em uma gramática geral. Esta pesquisa mostra como a língua portuguesa, desde a chegada dos jesuítas, transforma-se, paulatinamente, em uma herança forçada, silenciando as práticas culturais e linguísticas nativas, em prol de uma língua geral e genérica.

### Palavras-chave:

Jesuítas, linguística, herança, português, indígena.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



## INTRODUÇÃO

A chegada dos portugueses em terras brasileiras marca o período em que a história de nosso país passa a ser registrada, escrita, passível de conhecimento e interpretação. No entanto, somente com a chegada da Companhia de Jesus, meio século depois da “descoberta”<sup>1</sup>, é que as culturas e as línguas nativas sofrem um indelével choque. A empreitada jesuítica na velha terra de Santa Cruz forjava os primeiros passos de uma colonização quase nada política, mas acima de tudo linguística: os jesuítas eram exímios educadores, excelentes aprendizes e portadores de uma disciplina admirável, a ponto de, conforme os ditames da *Ratio Atque Institutio Studiorum Societatis Jesu*<sup>2</sup>, sobre a qual nos debruçaremos na segunda seção deste capítulo, aprenderem diversas línguas e, assim, serem aptos a catequisarem povos diferentes em terras longínquas. Destaques para o papel desbravador do padre José de Anchieta, a quem dedicamos a quarta seção do capítulo, cujo trabalho entre os povos nativos de diversas tribos resultou em inúmeras obras, as quais abrangiam as áreas da fonética, da morfossintaxe, da semântica, bem como da poética e da literatura. A maioria dos escritos de Anchieta impulsionava o que denominamos perspectivismo metalinguístico, onde, por meio da força e do poder de agente colonizador, todos os signos linguísticos nativos eram reduzidos pelo jogo da (re)significação jesuítica. As terceira e quinta seções tratam, respectivamente, das peculiaridades linguísticas do Brasil colonial – por meio da qual teremos acesso a uma riqueza imensurável em âmbito morfossemântico – e dos silenciamentos produzidos pelos processos de ressignificação semântica do léxico da língua chamada Tupi.

1. As aspas se justificam pelo posicionamento que este capítulo assume em relação ao termo, ressignificando a descoberta como invasão, exploração, vista sob o ponto de vista meramente ocidental (cf. FREYRE, 2012).

2. Tradução: Plano e Organização de Estudos da Companhia de Jesus, que doravante será tratado como *Ratio Studiorum*.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



### O *RATIO STUDIORUM*

Em 1548, o padre Inácio de Loyola elabora junto à Companhia de Jesus este plano de estudos para os ingressantes no Colégio dos Jesuítas, o *Ratio Studiorum*. O cerne deste ordenamento era garantir a uniformidade de procedimentos, de mente e coração dos educadores jesuítas e dos alunos, para a consecução dos objetivos propostos, quais sejam, as colonizações religiosa e linguística. Um ano após a elaboração do documento, os jesuítas desembarcaram no Brasil para a catequização dos nativos. Foi o padre Manuel da Nóbrega quem chefiou a primeira missão jesuítica no Brasil, fundando assim a primeira escola no país, mais precisamente em Salvador, Bahia.

O eminente padre Leonel Franca, doutor em teologia e sacerdote da Companhia de Jesus, legou-nos uma obra publicada postumamente chamada *O método pedagógico dos jesuítas*, onde, entre outras lições, apresenta essa metodologia, denominada de *Ratio Studiorum*, como um ditame a ser seguido fidedignamente pelos educadores jesuítas, onde quer que estivessem. Afirma o pe. Leonel Franca:

A formação religiosa configurava-se como o maior pilar do sistema educativo jesuítico. Cuidava-se para que a fidelidade doutrinária fosse mantida, irrestritamente, evitando-se quaisquer textos, autores, questões polêmicas ou debates em discordância com a doutrina da Igreja, para que nada expusesse a fé e a piedade dos alunos. [...] *O Ratio Studiorum* [...] se adapta bem às exigências do seu tempo; tudo o que tinha um valor no mundo científico do século XVI foi nele levado em consideração. Não duvido tampouco, que pela organização escolar, a Ordem tenha promovido eficazmente a difusão da cultura intelectual, e, em particular, o conhecimento das línguas clássicas nos países católicos, onde os jesuítas eram os mestres mais instruídos e mais zelosos (FRANCA, 1952, p. 55-56).

Esses aspectos trazidos pelo pe. Leonel Franca demonstram a inflexibilidade dos preceitos jesuíticos, quanto aos seus métodos



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



de do Evangelho, mormente no que diz respeito ao afastamento de questões polêmicas na educação catequética dos povos colonizados. O advérbio “irrestritamente”, nos primeiros contatos entre ameríndios e jesuítas no Brasil, revelava uma falsa eficácia na conversão dos nativos, e neste ponto nevrálgico se destacam as figuras dos padres Manuel da Nóbrega e José de Anchieta como grandes tradutores culturais – o último se destaca por também ser um conhecedor da língua dos nativos – e, portanto, tidos em grande conta por parte da maioria das tribos e aldeias da costa sul brasileira. Ambos os jesuítas perceberam que as restrições, se não fossem flexibilizadas pela Companhia de Jesus, não permitiriam um alcance eficiente da doutrina cristã aos “selvagens da terra”, porquanto não abdicavam tão facilmente dos seus costumes, mesmo que, aparentemente, se maravilhassem com as mensagens dos missionários.

A missão dos jesuítas no Brasil é importantíssima sob o ponto de vista político, pois a Ordem dos Jesuítas é produto de um interesse mútuo entre a Coroa de Portugal e o Papado, visto que era útil à Igreja e ao Estado emergente. Ambos pretendem expandir o mundo, defender as novas fronteiras, somar forças, integrar interesses leigos e cristãos, organizar o trabalho do Novo Mundo pela força da unidade lei-rei-fé.

É claro que não colocaremos em cheque a intenção primeira das missões jesuíticas, a qual se resume na empresa colonizadora em âmbitos linguísticos, culturais, religiosos, por conseguinte econômicos e políticos, já que a Companhia de Jesus representava em solo brasileiro a Igreja e a Coroa portuguesas (CARDOZO, 2016, p. 60).

### A ordem de superioridade das línguas

Em suas missões catequéticas, os jesuítas deveriam priorizar, pelo ordenamento, a ordem de superioridade das línguas: em primeiro lugar, a relação /aprendizagem da doutrina cristã priorizaria



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



o do Latim, considerada a língua ideal para falar das coisas de Deus. Independentemente da necessidade de se comunicar com os nativos por meio de uma língua comum, o Latim deveria permear as relações catequéticas; seguindo a ordem de superioridade das línguas, em segundo plano estavam as derivadas do latim (o português, o italiano, o francês, etc.), no caso a língua do povo colonizador. Em âmbito político, eram as línguas derivadas que assumiriam o status de língua da colônia, posto isso os jesuítas também ensinavam a língua portuguesa aos povos nativos, até prioritariamente ao Latim (visto ser esta uma língua estritamente litúrgica); em último plano estavam as línguas nativas, chamadas pelo documento de “línguas selvagens”. Essas hierarquizações não eram de balde, claramente expunham o esquema estratégico do domínio colonial e do papel dos Jesuítas neste cenário: por mais que o *Ratio Studiorum* fornecesse subsídios teóricos para o aprendizado e o desenvolvimento dessas línguas chamadas “selvagens”, o objetivo era explicitamente aprendê-las para reduzi-las (ou gramatizá-las), e assim, eliminá-las em troca da língua da metrópole. Assim sendo, pode-se sentenciar que, em nenhum momento da história do Brasil, o que chamam “língua Tupi” foi a língua oficial da colônia, nem mesmo houve esforço para tal.

### Estágios dos primeiros letramentos

Os primeiros letramentos, regidos pelo *Ratio Studiorum*, realizaram uma revolução metalinguística na colônia: delimitaram o que era a “língua mais falada da região”, bem como deram uma escrita a esta língua oral, e por fim lhe forneceram uma sintaxe portuguesa. O resultado dessa empreitada foi a convencionalizada “Língua-Geral”, a qual ganhou uma gramática e alguma literatura.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Em suma, os primeiros letramentos se davam em três estágios:

- Catequese e de Latim por meio da leitura e ensino da doutrina cristã;
- de leitura e escrita da língua portuguesa para fins de comunicação entre colonizador e colonizado;
- Necessidade de se aprender as línguas nativas (um dos preceitos do *Ratio Studiorum*), para facilitar as traduções.

Não obstante alguns raros comentários em favor de uma autonomia dos padrões linguísticos da língua Tupi, era lugar-comum a ideia de que uma “língua civilizada”, portanto um “homem civilizado”, não poderia nascer de culturas e línguas “tão brutas e primitivas”, daí serem o Latim e o português meios necessários para a formação da ocidentalização do homem “primitivo”. Dessa forma, com a instalação dos Colégios dos Jesuítas, em 1549, e conversão nascem juntos. O padre Manuel da Nóbrega foi um importante nome no papel de catequese dos nativos brasis, mas não possuía a visão linguística que caracterizou o trabalho do padre Anchieta. Nóbrega se destacou ao perceber a função da música nas comunidades tribais e, desde então, adotara a pregação da Bíblia permeada por cânticos – muitos deles à moda indígena (o que muito irritava os padres e bispos que serviam de porta-vozes do Reino Português), mas no que respeita aos processos linguísticos e tradutórios, o padre José de Anchieta foi personagem fundamental no estabelecimento do saber metalinguístico brasileiro. O pe. Nóbrega, ao contrário de seu colega jesuíta, não enxergava o terreno fértil para a criação de um espaço onde a doutrina cristã fosse bem pregada:

Temos determinado de ir viver com elles nas aldeias, como estivermos mais assentados e seguros, e aprender com elles a língua e il-os doutrinando pouco a pouco. Trabalhei por tirar em sua língua



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



as orações e algumas práticas de Nosso Senhor e não posso achar língua que m'o saiba dizer, porque são elles tão brutos que nem vocábulos têm (pe. NÓBREGA apud SILVA, 2001, p. 145).

Com a chegada de Anchieta, em 1553, ao Brasil, a relação -conversão-língua (cf. SILVA, 2001) se fortalece e se aprofunda, através dos autos e peças teatrais, sermões catequéticos, poemas, cartas e, em especial, gramática e dicionários.

A transcrição alfabética e a gramatização de uma das línguas indígenas foi a estratégia por excelência da evangelização e da colonização. Criou-se uma língua como sistema com uma ordem interna própria, que nada mais é do que a ordem da política na língua. A civilização letrada vinha, com todas as letras, estabelecer as formas de pensar e de agir de um outro mundo, estendendo-se a outros espaços de linguagem (SILVA, 2001, p. 146).

## PECULIARIDADES CULTURAIS E LINGUÍSTICAS DO BRASIL COLONIAL

Conforme dissemos anteriormente, quem chefiava a missão jesuítica em terras brasileiras era o padre Manuel da Nóbrega. O jesuíta, em uma das cartas enviadas à Coroa, destacou positivamente os primeiros contatos e as primeiras impressões com os povos da terra.

Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências. E portanto se os degredados que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na nossa santa fé (MINISTÉRIO DA CULTURA, p. 12, 2016).

Mas não tardou para que a real percepção da situação sócio-político-cultural do Brasil lhe impingisse um tom mais crítico nas próximas cartas, especialmente no que tangia à recalcitrância dos indígenas em permanecer nos costumes cristãos. Padre Anchieta,





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



inicialmente, também viveu momentos de apreensão frente à inconstância dos ameríndios, pelo que escreveu:

Tanta dureza de coração dos Brasis que ensinamos, tão cerrados ouvidos à Palavra Divina, tão fácil renunciando dos bons costumes, que alguns não desaprendido, tão pronto relaxo aos costumes e pecados dos seus maiores, e finalmente tão pouco e nenhum cuidado de sua própria salvação (ANCHIETA, XI: 145).

Docilidade e recalcitrância. Da mesma maneira que o nativo se fazia receptivo à doutrina cristã, não abandonava suas práticas tradicionais (e essa convivência intercultural não era tolerada pelos jesuítas). Vê-se que, ao contrário do que alguns inocentemente querem fazer crer, as culturas presentes no universo brasílico eram muitos resistentes às investidas coloniais, gozando de prestígio entre as diversas sociedades tribais, como comprova a assertiva de Anchieta, trazida pelo antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, em seu livro *A inconstância da alma selvagem*:

Os impedimentos que há para a conversão e perseverar na vida cristã de parte dos Índios, são seus costumes inveterados [...] como o terem muitas mulheres; seus vinhos em que são muito continuos e em tirar-lhos há ordinariamente mais dificuldade que em todo o mais [...] Item as guerras em que pretendem vingança dos inimigos, e tomarem nomes novos, e títulos de honra; o serem naturalmente pouco constantes no começado, e sobretudo faltar-lhes temor e sujeição (ANCHIETA apud VIVEIROS DE CASTRO, 2013, p. 189).

É muito óbvio que o lusotropicalismo de Gilberto Freyre é o mais mitológico dos mitos, forjando no imaginário nacional uma ilusão de colonização amigável entre o “bom português” e o “bugre inocente e fiel”, próprio de alguns romances fundadores da literatura brasileira.

É notório que o de leitura e escrita, nesse contexto de inconstância, era de extrema dificuldade, tanto para os jesuítas professores, quanto para os aprendizes nativos, mormente para estes, visto que suas línguas eram estritamente orais. Somada a isso, a falta de habilidade da maioria dos jesuítas com as línguas



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



nativas dispersava o interesse dos indígenas em aprender as línguas europeias, bem como aceitar a catequese.

### Empecilhos para os letramentos

Anteriormente vimos que o *Ratio Studiorum* prescrevia a necessidade de se aprenderem as línguas nativas, a fim de descrevê-las e normatizá-las, todavia vários fatores serviram de empecilho em um primeiro momento nas tentativas de letramento: o primeiro era a extensão territorial do novo mundo, o que contrastava com o pequeno número de padres jesuítas preparados para o trabalho mais linguístico que catequético; o segundo era a diversidade linguística incomensurável, o que impedia um trabalho preciso de descrição linguística da colônia: estima-se que à época da chegada da Companhia de Jesus ao Brasil, havia cerca de mil e quinhentas línguas diferentes em todo o território; junto a isso, os troncos linguísticos que davam origem às línguas nativas não se pareciam em nada com os idiomas aprendidos pelos padres no Colégio dos Jesuítas – estudiosos afirmam que existem dois troncos de línguas indígenas no Brasil: o Tupi e Macrô-Jê. Ou seja, ao contrário do que se referendou pelos jesuítas, o Tupi não é uma língua, tampouco a língua mais falada pelos nativos brasis. Essas línguas do tronco Tupi possuíam alguma semelhança entre si, talvez da mesma forma como as línguas derivadas do tronco latino se assemelham. Essa aproximação virtual entre as línguas foi uma das prováveis razões de sua redução à língua imaginária, denominada “Língua-Geral”. O mito dessa língua configurou-se um decisivo passo na destruição da cultura genuinamente brasileira.

Outro problema era a ausência de escrita das línguas indígenas, o que dificultava a análise comparativa – por exemplo, em Goa (Índia), os jesuítas encontraram uma língua nativa com escrita, o



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Tâmul; não suficiente todas essas questões, a diferença ontológica entre portugueses e indígenas sobressaltava: costumes nativos como as guerras de vingança, a poligamia, os ritos próprios (como as festas de cauim), o respeito aos profetas da terra (*karaíbas*), a busca da Terra sem Mal, o canibalismo presente em algumas tribos, além da obsessão onomástica, desenhavam-se como verdadeiros entraves à empresa colonialista. Portanto, necessário era dizimar completamente esses costumes, para que se pudesse enraizar a cultura ocidental, em especial a doutrina cristã. É nesse cenário que compreenderemos o “efeito Anchieta” como o divisor de águas no processo catequético do Brasil no século XVI.

## O EFEITO ANCHIETA

Em 1553, o padre jesuíta José de Anchieta desembarca no Brasil, permanecendo, primeiramente, em Salvador, na Bahia, e logo depois partindo para São Paulo, onde, um ano depois, funda a primeira escola da região. A habilidade linguística de Anchieta fez com que, em pouco tempo de convivência com os nativos, aprendesse grande parte das línguas faladas naquela região brasileira, o que obviamente facilitou a relação -aprendizagem entre indígenas e jesuítas, tornando o Colégio de São Paulo proeminente no de línguas e catequese.

Um grande feito que abrangeu as áreas linguística, cultural e religiosa foram as composições de José de Anchieta em língua nativa: o padre jesuíta percebeu a necessidade de se falar a “língua do índio” e passou a compor liturgias, peças de teatro, orações, catecismos e canções na língua dos nativos, o que garantiu a Anchieta, de certa forma, prestígio entre algumas tribos. Esse minucioso trabalho de campo culminou na elaboração da *Arte de Gramática da Língua Mais Falada na Costa do Brasil*, o que direcionou os letramentos ulteriores em toda a colônia.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



A gramática aparece como mero instrumento de domesticação cultural e religiosa, da mesma forma os dicionários, os textos escritos, as peças teatrais anchietanas, todos esses elementos dirigidos a outros sujeitos que não os grupos tribais, dos quais se furtava o direito de interagir, intervir e reinventar essa nova realidade linguística da colônia. Quanto à Arte de Anchieta – vista pelo antropólogo Luiz C. Borges (2001) como um trabalho de domesticação, encobrimento e transmutação ideológico-discursiva da cultura tupi –, também para outros pensadores da história das ideias linguísticas no Brasil o trabalho realizado pelos jesuítas se resume a uma captura do conhecimento e da tecnologia dos povos indígenas, com fins de construir uma nova ordem discursiva nas condições históricas da época, e não deve ser confundido com uma valorização da cultura tupi.

### A Arte de Gramática

Com a gramática elaborada pelo padre José de Anchieta para a língua dos nativos brasileiros, sedimenta-se o mito de que haveria uma língua mais falada do que outras, e de que todos os indígenas soubessem essa “língua-geral”. Se a catequese já significava um processo de redução cultural indígena, o letramento por meio da *Arte de Gramática* conduzia a um violento processo de redução linguística.

Mas falemos também das condições que levaram missionários como José de Anchieta a descrever prioritariamente a língua que denominou a mais usada na costa do Brasil: em 1557, nas regiões de Ilhéus e Porto Seguro, na Bahia, Mem de Sá mandou destruir mais de cento e trinta tribos falantes de línguas do tronco Tupi; e mesmo que a região da capitania de São Vicente ainda conservasse tribos falantes dessas línguas, aproximadamente entre



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



1557 e 1584 essas mesmas tribos foram aniquiladas, dando lugar a tribos como os Aimoré, falantes do “tapuya” – ou seja, não falavam esta variedade linguística do Tupi, mas outra completamente diferente. José de Anchieta, amparado pelo convívio com os falantes de Tupi, redigiu os *Vocabulário na Língua Brasileira* e a *Arte de gramática*, fundamentado em seus estudos com essas tribos. O jesuíta Fernão Cardim, em seu *Tratados da terra e gente do Brasil*, aponta algumas situações linguísticas que ocorriam na costa brasileira e que servem de subsídio para as escolhas feitas por Anchieta em sua gramática:

Em toda esta província ha muitas e varias noções de diferentes línguas, porém huma é a principal que comprehende algumas dez nações de Índios: estes vivem na costa do mar, e em uma grande corda do sertão, porém são todos estes de uma só língua ainda que em algumas palavras discrepão e esta é a que entendem os Portuguezes. A língoa da costa é fácil, e elegante, e suave, e copiosa, a dificuldade della está em ter muitas composições. [...] Todas estas setenta e seis nações de Tapuyas que têm as mais diferentes, são gente brava, silvestre e indómitta, são contrarias quasi todas do gentio que vive na costa do mar, vizinhos dos Portuguezes... D'estes há muitos christãos... e somente com estes Tapuyas se pode fazer algum fructo; com os demais Tapuyas, não se pode fazer conversão por serem muito andejos e terem muitas e diferentes lingoas difficil-tosas (CARDIM, 1978 [1584]:121).

Uma suposta homogeneidade rondava o imaginário do português falante de um tupi instrumental, e havia certo prestígio ao índio da costa brasileira, tanto por seu falar “homogêneo”, o que tornava a língua “fácil”, “elegante” e “suave”, conforme descreve o jesuíta Fernão Cardim. O tratamento com outras tribos era diferente, principalmente por seu falar diversificado, o que lhes atribuía características antagônicas às dos índios da costa (eram os Tapuyas “selvagens” e “indómitos”). Acerca dos mesmos Aimorés, que passaram a viver na região de São Vicente nos fins do século XVI, afirma o missionário Gabriel Soares de Sousa:

E são estes Aimorés tão selvagens...a sua fala é rouca da voz, a qual arrancam da garganta com muita força...[ao contrário dos Tupinambá que] têm muita graça quando falam, mormente as



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



mulheres; são mui compendiosas na forma da linguagem, e muito copiosas no seu orar (SOARES DE SOUSA, 1587:302).

Falando da gramática propriamente dita de Anchieta, esta conta com dezesseis capítulos, com uma atenção especial à ortografia e à fonologia, mesmo que encontremos muitas observações quanto a regras morfossintáticas nas outras seções da arte de gramática. Ela segue uma ordem comum, com fonologia e ortografia antecedendo a morfologia: esta começa com os nomes, após pronomes e verbos são descritos com bastantes detalhes. Ressalva feita às preposições, que gozam de um capítulo específico (o capítulo X) no meio das análises. Do XII ao XVI, padre Anchieta dedicou a análise dos verbos em Tupi, onde também são feitos comentários avulsos acerca das outras partes do discurso, como os advérbios, as interjeições, os participios e as conjunções, visto que, segundo o jesuíta, esses elementos não comparecem na realidade linguística nativa. Da mesma forma, a sintaxe não goza de um capítulo específico, mas se espalha por entre os dezesseis da obra anchietana.

Apesar de o Latim estar sempre presente no imaginário do criador da *Arte de Gramática*, pode-se dizer que Anchieta percebeu que muitas categorias latinas eram inapropriadas ao Tupi, fato que fez com que sua gramática se diferenciasse das demais, pois criou capítulos que tratassem de uma morfossintaxe estritamente Tupi. Ao contrário de outros gramáticos desta época, Anchieta não faz menção aos clássicos, tampouco aos seus métodos, o que corrobora com seu estilo de composição inovador e diferenciado. Não restam dúvidas – e isso não é apenas uma opinião – de que as gramáticas missionárias possuíam todas as características de uma gramática laica, a saber seus aspectos técnicos muito bem definidos, sua descrição minuciosa de algumas variantes linguísticas nativas, seu aspecto pedagógico para o e o aprendizado, entre outras causas. Quem corrobora esta afirmativa é o tupinólogo J. J. Philipson, através de seu trabalho “Por que estudar Tupi-Guarani?”:



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Creio que a *Arte* de Anchieta resiste a todas as críticas, desde que se leve em conta a época em que foi feita. É uma gramática que, embora decalcada sobre o latim, não o é tanto quanto geralmente se pensa, pois tantos são os dados específicos e novos, que de forma alguma poderiam constar, se o autor se tivesse limitado a preencher os vazios de um esquema preconcebido. O fator tempo que hoje dificulta muitas vezes o trabalho de campo de etnólogos e linguistas não entrava em consideração para Anchieta e seus muitos colegas de catequese, que tiveram, ao que tudo indica, um bom *speaking knowledge* (conhecimento de falar) da nova língua. Quanto à época, devemos nos lembrar que a primeira gramática portuguesa, a de Fernão de Oliveira, é de menos de cinquenta anos anterior à *Arte* e *Ihe* é muito inferior na ordenação da matéria (PHILIPSON apud DRUMOND, 1990, p. 11).

Outro grande conhecedor do Tupi, Prof. Frederico G. Edelweiss, em sua obra *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis*, ratifica o que vimos expondo:

Outro ponto dificilmente contestável é a presença da gramática latina nos espírito dos tupinistas inacianos em suas elucubrações linguísticas. Entretanto, concluir daí que a estrutura latina era por eles considerada o modelo e que, para melhorar o tupi, o disciplinaram pela gramática latina é ultrapassar os limites. É uma afirmação não apenas impossível de provar, mas ilógica, porque tais alterações dificultariam grandemente a evangelização, somando, para gente bronca, o abstruso de concepções religiosas, tão diferentes, à sua transmissão em linguagem desajustada com a dos índios. A história mostra que o jesuíta não anularia grande parte do seu esforço pela falta de adaptação linguística adequada. Ao contrário, esse preparo, segundo a declaração expressa de Antônio Vieira, foi sempre exigência primordial entre os jesuítas, ao ponto de sobreporem, para os missionários, o conhecimento do tupi ao do latim desde o tempo de Nóbrega e de admitirem de preferência elementos conhecedores do tupi, por haverem convivido com os índios (...). A que se reduz então a latinização do tupi pelos jesuítas? Exclusivamente à terminologia e à disposição da gramática (EDELWEISS, 1969, p. 11-12).

Para legitimar a revolução tecnológica gramatical<sup>3</sup> iniciada pelos jesuítas no Brasil, especialmente o padre Anchieta, trouxe

3. Termo cunhado pelo filósofo Sylvain Auroux, em sua obra *A revolução tecnológica da gramatização*, Ed. Unicamp, Campinas, 1992.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



a sentença de dois especialistas no assunto, a fim de confirmar a tese exposta em linhas anteriores sobre a tecnicidade das gramáticas missionárias. Não obstante o rasgo epistemológico anchietano quanto a uma dependência estrutural das gramáticas latinas, não se deve negligenciar que a pedagogia dessas gramáticas apresentava fatores catequistas espalhados pelos exemplos citados na gramática: a devoção aos bons costumes, o castigo, as proibições, todas as noções ligadas a Tupã estavam de alguma forma presentes nas obras de Anchieta. Por exemplo, no capítulo XVI, sobre verbos irregulares, observamos exemplos de frases que indicam a subserviência à figura do padre: “*Toçôey padre, endêbe*. Va, dis o padre a ti”; ou remetendo aos símbolos cristãos do paraíso celeste: “*aicôcatû taçône ibácupeyába*, sou bom pera ir ao ceo”; alguns remontavam às pregações jesuítas contra as práticas de vingança em troca da cura por algum mal: “*Oyepoçanôngucâr tapoeráne noyáho ruã*. Cura-se para sarar, mas não há de sarar”; ou falando sobre os castigos: “*Aporonupã*, castigado”, “*Xeporonupã*, costume a castigar”, *Xeporonupãjà xeporonupãjabî*, acostumo a çoutar muitas vezes, *Acanhêmja*, costume fugir a meude”; sobre a interpretação ocidental para os valores nativos: “*naxêabaréi pagê xepagê*, não sou padre, sou feiticeiro”; sobre os valores cristãos: “*Aromanô tecocatû*, morro com a virtude posto que ela não morra”, “*xecatû*, eu sou bom”.

O que se conclui, quanto às gramáticas missionárias, é que, se por um lado, há constantes traduções de catecismos espalhados por seus exemplos, há também um severo trabalho de descrição linguística, entretanto não somente isso. Segundo Hovdhaugen:

A gramática missionária esboçava um desenho bem preciso que compreendia, geralmente, a tradução das pregações, em seguida de um Catecismo, um livro das confissões e geralmente também um dicionário. Havia o intento de instruir os missionários que quisessem embarcar naquelas missões em terras distantes (HOVDHAUGEN apud MURU, 2010, VIII).





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



E completa Cristina Muru, pesquisadora italiana da consistência linguística das gramáticas missionárias:

Aquilo a que as gramáticas missionárias se reportam, por exemplo, não são somente meras descrições linguísticas ou tentativas de redigir gramáticas pedagógicas. Frequentemente nas entrelinhas é possível recolher informações a respeito de estruturas organizacionais das sociedades dentro das quais eles [missionários] operavam. Descrição gramatical e etnografia são, portanto, os aspectos salientes deste ramo da linguística que é definida como linguística missionária (MURU, 2010, VIII).

É de se destacar que essa redução das línguas indígenas não se dava pela imposição das línguas latina e portuguesa, mas por um processo de metalinguagem da língua nativa. Podemos elencar quatro procedimentos fulcrais para a empresa reducionista dos padres portugueses:

1. Reconhecimento do terreno linguístico: conforme já dissemos, apesar de as expedições missionárias terem sido anteriores à chegada do padre José de Anchieta, é com ele que, precisamente, o terreno linguístico dos indígenas é investigado e descrito (mesmo que parcialmente). Com a severa doutrinação do *Ratio Studiorum* aos estudantes do Colégio dos Jesuítas, no que diz respeito ao e aprendizado de línguas de diferentes troncos, era mister aprender e reconhecer os signos dos povos colonizados, não para preservá-los, mas para reduzi-los, até o desaparecimento;
2. Descrição das línguas: a convivência com diferentes tribos permitiu aos jesuítas identificar elementos em comum entre as línguas faladas por cada uma delas. Antes de concluir a sua gramática, Anchieta e os outros jesuítas puderam se valer de outros documentos descritivos, mesmo que bastante superficiais, ou restritos ao campo lexical. Não obstante a pouca profundidade



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



desses materiais, foram de importante auxílio na empreitada jesuítica de coleta de dados linguísticos, para fins metalinguísticos.

3. Redução das línguas: ao identificar uma série de palavras e/ou estruturas em sentenças da fala dos nativos, a habilidade linguística de Anchieta permitiu que ele condensasse diversos elementos das várias línguas com as quais teve contato em apenas uma língua, cujo nome não é em vão: “Língua-Geral”. Uma língua fabricada, estereotipada, fruto da arbitrariedade de seus produtores. A subjetividade nas escolhas dos elementos léxicos, morfológicos e sintáticos que comporiam essa língua, reduzia quase que inteiramente o arcabouço de uma série de línguas do tronco Tupi;
4. Revoluções metalinguísticas: todo esse processo de reconhecimento, descrição e redução resultam nos processos de metalinguagem das diversas línguas indígenas condensadas na suposta “Língua-Geral”. As línguas, que eram orais, passam a gozar de uma escrita – fato que gera estranhamento à cultura local; a nova língua escrita possui uma gramática, que descreve as suas peculiaridades fonéticas, morfológicas, com algumas observações no campo da sintaxe. Uma nova língua de léxico “Tupi” e sintaxe portuguesa emerge do (des) encontro entre indígenas brasis e jesuítas portugueses. O resultado é o surgimento da “língua Tupi”, também chamado, segundo Luiz Borges (2001), de “tupi jesuítico”.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



## PROCESSO DE SILENCIAMENTO LINGUÍSTICO/ CULTURAL

Apesar de a *Arte de Gramática* ser a revolução tecnológica por excelência desse conglomerado linguístico nativo, chamado de “língua Tupi”, não é dentro dela que um dos processos de redução mais sensíveis das línguas indígenas se manifesta. Em obras do padre Anchieta, como *A Lírica Tupi* e *a A Doutrina Cristã* (volumes I e II), escritas tanto em português como em Tupi, fica nítido como a cultura e as línguas nativas foram violentadas por meio das ressignificações onomásticas. Abaixo seguem alguns exemplos desse processo de redução:

- a) Añánga: segundo a cultura nativa, era um espírito antigo que guardava as florestas, e, conforme a crença de algumas tribos, manifestava-se nas cobras e onças, matando seus invasores. Após as ressignificações simbólicas feita pelos padres jesuítas, Añánga passa a ser o inimigo de Tupã, contrário a Jesus Cristo e difamador de Santa Maria. Sua figura é traduzida ao novo contexto linguístico-simbólico como “o diabo”;
- b) Tupã: consoante a cultura dos nativos, era uma entidade ligada às manifestações naturais que provinham do céu, como os trovões e as tempestades, e muito temida pelos indígenas. Após as ressignificações feitas pelos jesuítas, Tupã passa a assumir a figura de Deus único e criador do universo, contra quem peleja Añánga. Os trovões passaram a ser usados pelos jesuítas como manifestações de insatisfação ou ira de Deus para com as insubordinações dos indígenas;
- c) Guaixará: conforme a cultura nativa, este era um antigo chefe dos indígenas Tamoio, tido com grande estima e



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



respeito. Liderou muitos nativos contra os portugueses e em favor dos franceses. A reformulação simbólica dos jesuítas transformou Guaixará em um índio terrível, habitante dos infernos e a serviço de Añánga. Seu trabalho era influenciar os nativos contra o novo comportamento dos catequisados, em favor do retorno às práticas dos ancestrais;

d) Ratápe: para os da terra, era a fogueira localizada ao centro dos rituais e festas indígenas, onde os *karaíbas* entravam em transe, e os inimigos eram mortos e desmembrados para o ato antropofágico. Os jesuítas redimensionam o signo *ratápe*, dando-lhe a denotação de “inferno”, o contrário de “Ybakýpe” – o Paraíso, ou a Terra sem Mal –, que representa algo muito desejado pelos nativos. Persistindo os indígenas nos rituais sugeridos pela velha significação da palavra *ratápe*, automaticamente perdiam seu paraíso;

e) Xamã, Karaíba, Pajés: segundo a cultura dos nativos, respectivamente representavam aquele que faz a interface entre mundos diferentes intervivos; aquele que assumia a função de profeta, trazendo conselhos de antigos espíritos; e aqueles que realizavam rituais de medicina e cura nas tribos. Entretanto, conforme a concepção dos jesuítas, esses nomes passaram a assumir o sentido de “feiticeiros”. A autoridade que eles representavam era substituída pela dos *Abarés* (padres);

f) Ybakýpe: não representava exatamente o símbolo da Terra sem Mal para a cultura nativa, até porque este era um símbolo Tupinambá. Entretanto, *ybakýpe* convocava um local de fartura e vida eterna, para gozo dos guerreiros honrados. Devido à convergência de sentido, os padres jesuítas trazem o conceito de Paraíso Cristão, Nova Jerusalém para o conceito de *ybakýpe*, local para onde vão os que não guerreiam, mas



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



se convertem e se batizam, perdendo seus velhos nomes em troca de um novo nome, dado por um *abará*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A era colonial foi a época-mãe dos silenciamentos étnicos, culturais e sociais do Brasil, e observamos que os nativos brasis foram as primeiras cobaias desse reducionismo proporcionado pela “civilização” europeia. Não apenas na esfera morfológica, sintática e semântica esse fenômeno sucedia, contudo – e essencialmente – no âmbito da memória indígena (seus costumes milenares, sua cultura riquíssima em diversidade, seu ponto de vista), que foi gradativamente apagada pelos construtos epistemológicos do estrangeiro colonizador. O papel dos jesuítas é de grande destaque nesse apagamento, porquanto silenciaram mais de três mil línguas – mais de três mil formas de expressar o mundo/mundos – em prol de uma artificial “Língua-Geral”. A redução de todas as outras manifestações linguísticas em prol de uma miscelânea das línguas mais faladas da costa do Brasil foi o início de um processo de silenciamento do nativo brasileiro, que vê, impotente – mas não sem resistir –, sua história se apagar ao longo do tempo. O último ato desse processo se dá com a instituição do Diretório do Índio, por Marquês de Pombal, em meados do século XVIII, proibindo a veiculação da “Língua-Geral”, e oficializando a língua portuguesa como única língua da colônia. Desde então, essas vozes silenciadas (sobre)vivem de espasmos vocais, sussurros, gritos monossilábicos. Todavia há algo que não mudou: continuam sem ser ouvidos.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO



## SUMÁRIO

## REFERÊNCIAS

- ALVES FILHO, P.E. As traduções do jesuíta José de Anchieta para o Tupi no Brasil colonial. *Revista TradTerm*, Universidade de São Paulo, n. 17, p. 11-30, 2010.
- ANCHIETA S.J., J. *Teatro de Anchieta*. Ed. Armando Cardoso. São Paulo: Loyola, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Poesias*. Manuscrito do século XVI em português, castelhano, latim e tupi. Tradução de Maria de Lourdes de Paula Martins. São Paulo: Comissão do IV Centenário, 1954.
- \_\_\_\_\_. *Doutrina Cristã, Tomo I: Catecismo Brasílico*. São Paulo: Loyola, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Doutrina Cristã, Tomo II: Doutrina Autógrafa e Confessionário*. São Paulo: Loyola, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Lírica portuguesa e tupi, Tomo I. Obras completas – 5º volume*. São Paulo: Loyola, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Artes de Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Diálogo da Fé: Texto tupi e português*. São Paulo: Loyola, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Cartas: correspondência ativa e passiva. Obras completas – 6º volume*. São Paulo: Loyola, 1984.
- BORGES, L. C. A instituição de Línguas Gerais no Brasil. In: ORLANDI, E. (org.) *História das Ideias Linguísticas*. Campinas/SP: Pontes; Cáceres/MT: Unemat Editora, 2001.
- BOSI, A. *Dialética da colonização*. São Paulo, Cia. das Letras, 1992.
- BRANDÃO, H. N. *Uma análise do discurso catequético de Anchieta*. Mestrado (Dissertação). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo: São Paulo, 1978.
- CARDIM, F. *Tratados da terra e gente do Brasil*. 3ª edição. São Paulo: Companhia Editoria Nacional/MEC, 1978 [manuscrito de 1584].



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO



## SUMÁRIO

CARDOZO, G. L. *A questão da linguagem nas epístolas de Paulo aos romanos e aos coríntios*. Saarbrücken (Alemanha): Novas Edições Acadêmicas, 2016.

DRUMOND, C. *Prefácio à nona edição de Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

EDELWEISS, F. J. *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis: confrontos e revisões*. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editora, 1969.

FRANCA S.J., L. *O método pedagógico dos jesuítas: o "Ratio Studiorum": Introdução e tradução*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1952.

FREYRE, G. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Ed. Global, 2012.

MINISTÉRIO DA CULTURA. *Carta de Pero Vaz de Caminha*. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do livro. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/livros\\_eletronicos/carta.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf)>. Acesso em: <18/08/2016>.

MURU, C. *Missionari portoghesi in India nei secoli XVI e XVII: L'Arte della lingua Tamil – Studio comparato di alcuni manoscritti*. Prima Edizione. Sette Città: 2010.

NAVARRO, E. A. "The translations of the first texts to Tupi, the Classical Indian Language in Brazil". In: *Crop*, n. 6, p. 51-73, São Paulo: Humanitas, 2001.

NIETZSCHE, F. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*, Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1967/1978. 15 vols. (Organizada por Giorgio Colli eazzino Montinari).

ROBINSON, D. *Translation and Empire: Postcolonial theories Explained*. Manchester: St. Jerome, 1997.

SILVA, M. V. Alfabetização, escrita e colonização. In: ORLANDI, E. (org.) *História das Ideias Linguísticas*. Campinas/SP: Pontes; Cáceres/MT: Unemat Editora, 2001.

SOARES DE SOUSA, G. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me003015.pdf>>. Acesso em: <01/02/2016>.

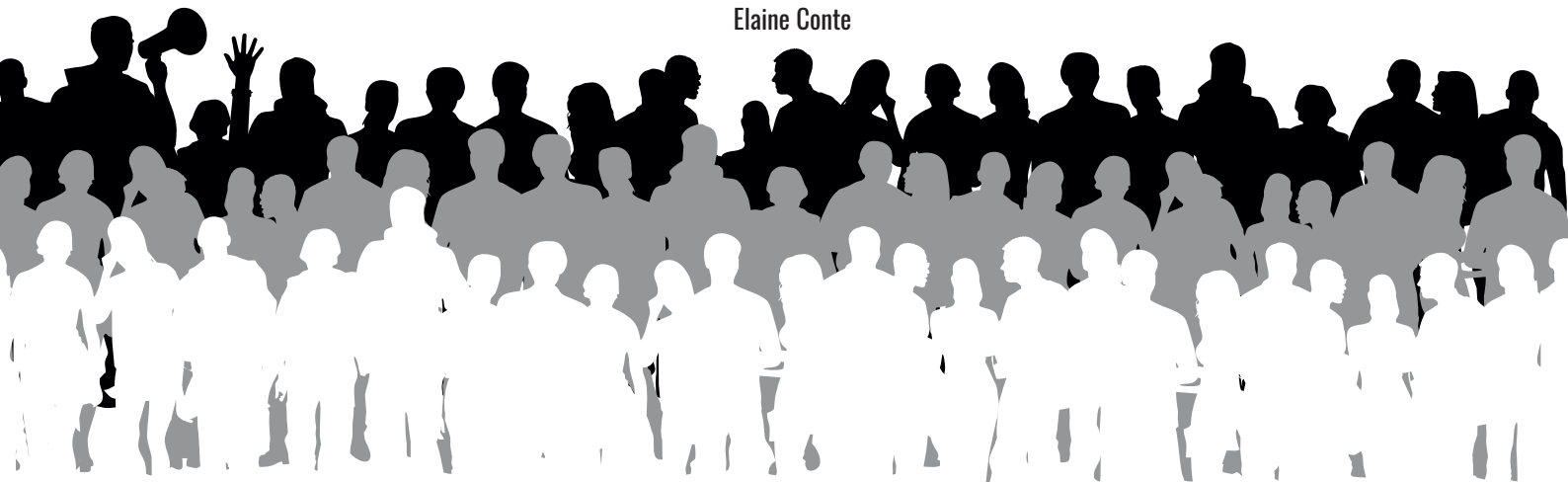
VIVEIROS DE CASTRO, E. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac&Naify, 5ª edição, 2013.



Capítulo 6

# **TECNOLOGIAS DIGITAIS E AUTORIDADE PEDAGÓGICA: RECONSTRUINDO A TRADIÇÃO PELO VIÉS LIBERTADOR**

Adilson Cristiano Habowski  
Elaine Conte







# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



### Resumo:

O estudo visa problematizar sobre a crise da autoridade do educador no cenário das tecnologias digitais, tomando como *lócus* investigativo as pedagogias freireanas. Discutimos a questão da autoridade frente às possibilidades de (re)construir os conhecimentos e as linguagens na cultura digital pelos desdobramentos do ponto de vista social, ético e político da educação. Em meio às contradições vigentes, trata-se de revitalizar a investigação que sustenta o diálogo pedagógico e as bases entre autoridade e liberdade, pois é nessa tensão que se reconhecem e se retroalimentam as práticas formativas marcadas pela sensibilidade dialética e pelo respeito aos saberes do outro. Concluímos que as práticas sociais de educar pressupõe uma autoridade que nos dá possibilidades de reconstrução do antigo e de compreensão das linguagens digitais à reeducação dos conhecimentos, criando vínculos cooperativos para fazer valer a autoridade pedagógica da autocrítica através do outro, da emancipação dialógica e das inquietações humanas.

### Palavras-chave:

Autoridade Pedagógica, Cultura Digital, Autoridade Digital, Postura Investigativa.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



## INTRODUÇÃO

Procuramos neste estudo (re)pensar a questão da autoridade do professor no cenário das tecnologias digitais, tomando por base as pedagogias<sup>1</sup> de Paulo Freire, que tem sido um dos mais expressivos e frutíferos expoentes no campo da investigação da educação. A problematização das tecnologias digitais tem como referencial teórico a Teoria Crítica que nos auxilia a pensar a tecnologia como dimensão contraditória e criativa da vida humana, esclarecendo suas ambiguidades e seus condicionamentos dirigidos por interesses, pelo poder do mercado e pela lógica programada. Destacamos, inicialmente, Adorno e Horkheimer (1985), pensadores de visão crítica do mercado e que lançam em suas análises provocações dirigidas aos processos educativos. A partir disso, debatemos sobre a inclusão tecnológica, notadamente no que se refere ao acesso e democratização das telas imagéticas presentes nas relações sociais, cuja fluidez dos produtos ofertados ganha novas roupagens técnicas.

Nos tempos da atual sociedade do espetáculo, na qual, como diria Christoph Türcke, propagandear-se eletronicamente se transforma na condição da autoconservação do indivíduo, também as relações entre professores e alunos se espetacularizam, a ponto de o vetor de tal espetacularização voltar-se para a atitude de alunos que com aparelhos celulares gravam imagens de professores sendo humilhados e as postam na internet. (ZUIN, 2017, p. 15).

As escolas esquecem que os as tecnologias funcionam de fora para dentro, armazenam e processam informações, mas ainda não são instrumentos de transformação por si, porque não são

1. Mencionamos pedagogias de Freire para referir às obras clássicas: Pedagogia da autonomia (2005); Pedagogia do oprimido (1996); Pedagogia da indignação (2000); Pedagogia da esperança (1992), como um convite ao pensamento e ao diálogo necessário às práticas sociais de educar. Um diálogo que não pretende dar respostas apressadas, isoladas ou esvaziadas de sentido aos dilemas e interrogações de uma sociedade tecnológica absolutamente desigual e que se reflete no campo da educação.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



pensadas para acolher a multiplicidade de sujeitos e interpretações de conhecimentos, bem como dependem das relações dialógicas para o avanço ou retrocesso dos saberes. Para ultrapassar a operacionalidade técnico-normativa inscrita e projetada na educação é necessário expandir os horizontes reflexivos com base no pensar (auto)crítico da vida em sociedade, buscando elucidar as contradições formativas do conhecimento tecnológico como forma de desenvolver e ressignificar a formação política dos sujeitos. Por tudo isso, a educação tem hoje um desafio no que tange ao uso da linguagem tecnológica, visto que a exclusão socioeconômica suscita a exclusão digital e, ao mesmo tempo, a exclusão digital na escola aprofunda a exclusão socioeconômica. Em uma perspectiva emancipatória, constatamos que não basta equipar as escolas com os artefatos tecnológicos é necessário a apropriação crítica dessas ferramentas no cotidiano escolar que permita não apenas a resolução de problemas, mas que potencialize uma maior interação e a cultura do diálogo entre todos.

Freire elaborou os alicerces de sua *práxis* pedagógica interligada aos contextos sociopolíticos brasileiros, atento às dificuldades do povo, sobretudo, na busca de respostas democráticas voltadas à superação de regimes autoritários e opressores. Dessa forma, Freire oferece possibilidades epistemológicas, éticas e sociopolíticas, diante de pensamentos homogeneizadores de cultura, que torna possível conhecer os mecanismos de poder aprisionadores da vida e o reconhecimento dos saberes históricos que desautorizam ações autoritárias. Para Freire (2005), o ato de educar exige liberdade e autoridade numa espécie de aproximação que sustenta a liberdade. Nessa concepção, a autoridade pedagógica está interligada ao direito de liberdade, à autonomia, à autoria, à cooperação solidária e ao reconhecimento dos saberes socioculturais, para assim lançar questionamentos, mobilizar o (re)conhecimento das diferenças e questionar a própria realidade, que precisa ser reconstruída no seu



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



*contrapelo*, com teor crítico-libertador e compromisso com a justiça e transformação social (BENJAMIN, 1985; FREIRE, 1996).

Neste estudo, partimos da compreensão de que com as tecnologias digitais surgem novos diálogos interculturais e modos de aprender, reconfigurando a autoridade do educador, rompendo, de certa forma, com os modelos de educação bancária e autoritária voltados às competências operacionais e não aos saberes humanos (FREIRE, 1996; 2005). Há décadas, o contexto socioeducacional é marcado pela presença das tecnologias atreladas às regras autoritárias, baseadas em finalidades de aprendizagem tecnocrática e mercantilista. Em outras palavras, as tecnologias como artefatos humanos servem para beneficiar os privilégios tradicionais, autoritarismos, ou seja, elas abdicam do compromisso com a democracia, com os marginalizados e com o movimento de solidariedade por iguais oportunidades. É de grande importância destacar que, ainda que exista uma relação de poder, a autoridade não pode ser confundida com autoritarismo, pois na lógica da improvisação se confundem tais conceitos, tratando-os como sinônimos. O autoritarismo é feito com o abuso de poder, coerção, precarização e ausência do diálogo, realizado por meio de ameaças, punições e desqualificação do outro. Portanto, o problema da autoridade é quando na prática se torna autoritarismo, que é a negação da autoridade dialógica pela imposição, coisificação e objetificação do outro. Afinal, o autoritarismo está relacionado ao uso da violência física ou psíquica, por instâncias do dinheiro e do poder, enquanto a autoridade é conquistada pela liberdade, admiração e questionamento, pela relação intersubjetiva, cujo anseio está no conhecimento que dialoga com o outro e forma, educa, pesquisa, interpela e transforma os sujeitos. A autoridade implica descortinar experiências e aprendizagens significativas pela resistência à uniformização e ao conformismo, criando uma comunidade dialógica e aprendente na potência das interrogações e das diferenças nas práticas sociais.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Para Gadotti (2006, p. 149), “a educação é um processo contraditório, uma totalidade de ação e reflexão: eliminando a autoridade, caímos no espontaneísmo; eliminando a liberdade, caímos no autoritarismo”. La Taille (1999, p. 9) afirma que o tema da autoridade é complexo e, de certa forma, perigoso, “perigoso porque, por se tratar de relações de poder, as ciladas do despotismo e da hipocrisia estão em todo lugar. Fundar a autoridade sobre bases ilegítimas leva ao autoritarismo e à injustiça. Porém, negar a autoridade em nome de igualdades forçadas leva à hipocrisia nas relações humanas”. La Taille (1999, p. 9) também destaca que os dois perigos se encontram no campo da educação:

[...] se a escola negar toda e qualquer capacidade de discernimento e singularidade intelectuais aos alunos, ela se arvora o direito de arbitrar indiscriminadamente sobre cada uma de suas condutas – eis o autoritarismo – e, em caso de fracasso por parte deles, longe de questionar suas pretensões e seus métodos, ela incrimina aqueles que fogem da norma: são indisciplinados, perigosos, retardados – eis a injustiça. Todavia, se a escola negar que a relação professor/aluno é, por definição, assimétrica, uma vez que o primeiro sabe coisas que o segundo deseja ou precisa conhecer, ela, em nome de um igualitarismo de bom tom, paralisa-se e, por conseguinte, paralisa os jovens que a frequentam.

Porém, compreender a autoridade do educador é fundamental para o desenvolvimento dos processos formativos de conquista da humanidade com as linguagens digitais, pois se desdobra na perspectiva de estranhar, desconfiar e questionar as informações aparentes, instigando questões que podem desbanalizar o cotidiano por meio de um projeto social. Diante disso, lançamos a seguinte problemática: de que forma renovar a autoridade do educador em termos de (re)construção de conhecimento no universo digital, tendo por base as pedagogias de Freire? Essa pesquisa tem seu alicerce na abordagem hermenêutica, pressupondo tecer diálogos tensos com a totalidade de significados vitais, na busca de sentidos para as incoerências, contradições pedagógicas em meio a posturas de autoridade tecnológica e incompletudes visíveis. Nessa



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



perspectiva, trata-se de pensar por contradição dialética a questão da autoridade pedagógica e de elaborar uma proposta formativa em que as perplexidades e adversidades do mundo danificado e da práxis educativa possam produzir metamorfoses de resistência sociopolítica, apontando possibilidades de pensar, aprender, sentir e agir em tempos de mudança e cultura digital.

Daí a necessidade de desenvolver uma prática de liberdade frente ao quadro atual de relações por competências operacionais e de exclusões globais, para superar a tradição autoritária de interesses capitalistas, orientando-se para a responsabilidade, a tomada de posição, a reelaboração dos saberes e dos processos formativos. Faz parte do processo de ensinar e de aprender exercer a autoridade, tornar o sujeito responsável e autônomo por suas ações. Na verdade, a autonomia surge das múltiplas experiências culturais e da responsabilidade que vamos assumindo ao logo da vida, estando assim, na contramão de autoritarismos pedagógicos unidirecionais.

As relações de e de aprendizagem no contexto das tecnologias digitais confluem para um processo hermenêutico, no sentido de estabelecer novas relações da autoridade entre os conteúdos culturais aparentes e os modos de interação no mundo, visando uma atualização dos modos de comunicação que são capazes de problematizar e desmitificar os conceitos e suas relações. "A atitude hermenêutica desperta diferentes visões e discursos de mundo como questões inspiradoras e inquietantes para continuar o diálogo educativo com as diferenças e a pluralidade de formas de pensar, sentir e agir no mundo". (HABOWSKI; CONTE; PUGENS, 2018, p. 183). Há, portanto, que compreender a autoridade do educador na cultura digital para o desenvolvimento dos processos formativos de bases dialógicas, sem o autoritarismo em que o educador tenha sempre a última palavra, convidando para indagações sobre os conhecimentos que estão se (re)configurando com as ressonâncias das tecnologias digitais. Cabe lembrar que,



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Ensinar exige respeito à autonomia do ser educando. [...] Saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando e, na prática, procurar a coerência com este saber, me leva inapelavelmente à criação de algumas virtudes ou qualidades sem as quais aquele saber vira inautêntico, palavreado vazio e vontade arrogante do mestre. (FREIRE, 2005, p. 65-69).

Tais perspectivas compõem as dimensões básicas da interação e da ação pedagógica que não se limitam a considerações objetivas e resolutivas, mas abrem outros sentidos e linguagens articulados pela capacidade de reflexão, já que o conhecimento é fruto de uma tensão que movimenta e transforma as visões dos sujeitos, bem como de formas de autoridade para resistir aos dispositivos de poder coercitivo nas práticas pedagógicas. A busca de sentido das tecnologias na educação é um esforço hermenêutico cujo propósito é problematizar a questão da autoridade do educador na cultura digital, que é uma condição histórico-cultural de ensinar e de aprender numa relação de interdependência formativa. Para Libâneo (1994, p. 251),

Na sala de aula o professor exerce uma autoridade, fruto de qualidades intelectuais, morais e técnicas. Ela é um atributo da condição profissional do professor e é exercida como um estímulo e ajuda para o desenvolvimento independente dos alunos. [...] A autoridade deve fecundar a relação educativa e não cerceá-la. Autoridade e autonomia são dois polos do processo pedagógico. A autoridade do professor e a autonomia dos alunos são realidades aparentemente contraditórias mas, de fato, complementares. O professor representa a sociedade, exercendo um papel de mediação entre o indivíduo e a sociedade. O aluno traz consigo a sua individualidade e liberdade. Entretanto, a liberdade individual está condicionada pelas exigências grupais e pelas exigências da situação pedagógica, implicando a responsabilidade. Nesse sentido, a liberdade é o fundamento da autoridade e a responsabilidade é a síntese da autoridade e da liberdade.

Esta perspectiva mostra que a autoridade do educador é uma atividade pedagógica básica que surge do diálogo da vida democrática na cultura digital, cujas noções de disciplina, limite, autoria, ganham sentido nas dimensões do ensinar a pensar e do



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



aprender a agir nos contextos socioeducacionais. Tal noção que se realiza mediante ações humanas e decisões faz parte do cotidiano das relações pedagógicas e implica autoridade epistemológica para formar as novas gerações livres porque autônomas e, ao mesmo tempo, gerir e engajar as novidades da sociedade digital para problematizar a práxis socioeducacional, garantindo condições para que todos possam dizer a palavra e participar de ações na vida social contemporânea.

## AUTORIDADE PEDAGÓGICA E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS: CONTRIBUIÇÕES DAS OBRAS FREIREANAS

Parece quase impensável a separação das tecnologias digitais do horizonte educacional, tendo em vista “o fato de cada vez mais pessoas acordarem durante as madrugadas para checar novas mensagens no WhatsApp, nos seus perfis no Facebook, Twitter, Instagram ou Snapchat, ou até mesmo para ler as notícias postadas nos mais variados tipos de sites”. (ZUIN; ZUIN, 2018, p. 421). Dessa forma, “é cada vez mais comum a sensação de que esquecer o telefone móvel em casa significa algo como que se separar de um braço ou de uma perna, como se fosse um membro biônico, tamanha a sua importância nas relações cotidianamente estabelecidas”. (ZUIN; ZUIN, 2018, p. 421).

Em 2002, Türccke na obra *Sociedade excitada: filosofia da sensação*, publicado na Alemanha, afirma que por meio do consumo sucessivo dos choques audiovisuais das telas ubíquas se expandiu ainda mais a distração concentrada. Para Türccke (2010, p. 266), “De modo fulminante, o choque concentra a atenção num ponto, para poder triturar essa concentração através de incontáveis repetições. O meio de concentração é, propriamente, o meio de decomposição”. O consumo do choque audiovisual se constitui





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO

em uma desorientação, uma vez que o choque “concentra a atenção num ponto, para poder triturar essa concentração através de incontáveis repetições”. (TÜRCKE, 2010, p. 266). TÜRCKE (2010, p. 266-267) afirma que “A tela, o grande recheio do tempo livre, penetrou profundamente, por meio do computador, no mundo do trabalho; a coordenação de processos inteiros de produção e administração perpassa por ela, de tal modo que se apresenta como o do futuro”. Nesta perspectiva, Zuin e Zuin 2018, p. 424) afirmam que “Ao que tudo indica, esse do futuro já se tornou imagetivamente presente na tela ubíqua do aparelho celular”. Há uma impossibilidade de pensar com a hiperestimulação das tecnologias digitais na educação, além do perigo de postar informações comprometedoras e falsas pela compulsão em emitir rapidamente a mensagem e ser visto, mergulhados na circularidade das relações virtuais.

TÜRCKE (2010), a partir da ideia de *contrafogo* de Pierre Bourdieu, afirma que o choque imagético difundido pelas produções da indústria cultural precisa ser transformado, a partir dos termos benjaminianos, em *choque reflexivo* ou ainda em *imagens-pensamento*, um processo de concentrar e refletir sobre as imagens que são diariamente consumidas por professores e estudantes, com o objetivo de que as ideias estereotipadas sejam ressignificadas pelo educar crítico e coletivo. Entretanto, esse tipo de exercício tem sido sabotado pela tempestade de estímulos audiovisuais e lavrado pelos produtos da indústria cultural. As tecnologias digitais estão sendo disseminadas desde a educação básica até a educação superior, com a promessa de que os professores e estudantes alcancem bons resultados nos processos de e de aprendizagem. Desenvolvem-se, cada vez mais, plataformas virtuais de e voltadas para professores e estudantes do Médio em preparação para avaliações e vestibulares. Os professores têm usado as tecnologias digitais com o objetivo de cativar o interesse dos estudantes



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



e promover novas experiências à prática educativa, tendo em vista que a proposta de transmitir e dialogar sobre os conteúdos de intencionalidade pedagógica no cotidiano escolar já não é mais tão cativante.

Nesse cenário das tecnologias digitais, os ambientes tradicionais institucionais responsáveis pela transmissão dos conhecimentos culturais, como a família e as escolas, já não são os modos mais presentes no cotidiano, nas relações e interações entre os estudantes. (HABOWSKI; CONTE; JUNG, 2018). Diante da ausência de autoridade das instâncias formativas (as famílias e as escolas restringem as competências emocionais, sociais e profissionais demandadas na vida adulta e pelo mercado), os estudantes são afetados por sentirem a necessidade de navegar nos ambientes digitais, encontrando referências para a construção de identidade social e cultural. A criança e os jovens ao tornarem-se refém de uma semiformação digital carecem de uma orientação de autoridade educacional para que possam desenvolver a criticidade e o engajamento social à resolução de problemas da vida, ao invés da simples transmissão-recepção de conteúdos, para que de fato sejam atores sociais e de transformação política.

A autoridade do educador, sob a perspectiva de Freire, é trabalhada pela lógica emancipatória do inacabamento humano, no direito à liberdade e autonomia, em que a reinvenção de conhecimentos é condição dialógica e cooperativa da racionalidade pedagógica. Se na educação bancária a autoridade do educador acontecia por meio da submissão, conforme os decretos e as regras constituídas pela direção escolar e pelo educador em sala de aula, também eram fortalecidos pelas estruturas constitutivas do mundo social e das práticas culturais. No entanto, com as mudanças nos modos de ensinar e aprender em meio às transformações da cultura digital surgem perspectivas renovadas para as práticas pedagógicas em sala de aula, fazendo com que o entendimento de autoridade



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



do educador seja ressignificada. A autoridade do educador, assim como os saberes disciplinares da escola estão em crise e abalados pela instabilidade dos tempos de dispersão e presença da cultura digital, causando o comprometimento das possibilidades de (re) construção dialógica dos conhecimentos.

Não obstante, uma situação dialógica implica a ausência do autoritarismo. O diálogo significa uma tensão permanente entre a autoridade e a liberdade. Mas, nessa tensão, a autoridade continua sendo, porque ela tem autoridade em permitir que surjam as liberdades dos alunos, as quais crescem e amadurecem, precisamente porque a autoridade e a liberdade aprendem a autodisciplina (FREIRE; SHOR, 1996, p. 127).

Freire entende que ser professor implica torna-se parte da própria natureza educativa sendo capaz de estimular a autonomia, a autodisciplina e o pensamento crítico dos educandos, exercendo nos processos de e de aprendizagem a coordenação de ideias e ações, instigando e provocando a curiosidade, a inquietação e a problematização epistemológica. Diante disso, a perda da autoridade pedagógica acontece quando, por exemplo, “o educador que, ensinando geografia, ‘castra’ a curiosidade do educando em nome da eficácia de memorização mecânica dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se”. (FREIRE, 1996, p. 56). Assim sendo, “o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar”. (FREIRE, 1996, p. 86).

Sem sombra de dúvidas, “em tempos da disseminação da cultura digital, há modificações nucleares em relação ao conceito de autoridade pedagógica, o que acarreta alterações decisivas nas relações entre professores e alunos”. (ZUIN; ZUIN, 2011, p. 45). As rupturas derivadas da cultura digital fazem com que os educadores revejam seus posicionamentos e suas práticas pedagógicas com a ideia de um progresso de dominação e competências por meios



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



técnicos, mas sem referências aos saberes necessários à construção de relações com os seus educandos considerados nativos digitais. Com isso, alteram-se os paradigmas conservadores das hierarquias e autoritarismos dos processos de e de aprendizagem, que obedecem à simples reprodução manipuladora de conteúdos.

No que tange à educação contemporânea, vivencia-se novos desafios para assegurar a autoridade do educador em sala de aula em meio aos artefatos tecnológicos, cuja responsabilidade e interdependência podem gerar novas potencialidades de ações de luta e resistência democráticas, propícias à liberdade de aprender pela autodisciplina. A compreensão e o uso das tecnologias digitais tornam-se uma necessidade da vida em sociedade e a educação não pode negligenciar essa demanda. De acordo com Zuin e Zuin (2011, p. 213), “as relações entre tais tecnologias, os professores e os processos de e aprendizagem implica considerar a redefinição imagética do professor, bem como dos métodos historicamente empregados para promover a disciplina e a concentração entre os estudantes”. Assim, compreendemos que a autoridade do educador no cenário tecnológico necessita não apenas da inserção de artefatos tecnológicos, mas de novas compreensões formativas para a sociedade contemporânea, para decodificá-los e participar da sua (re)invenção no trabalho pedagógico.

Apesar do avanço gradual nas políticas públicas e do esforço de implantação e expansão dessas políticas de inclusão e inovação tecnológica nas escolas, ainda existem grandes desigualdades sociais e a falta de sensibilidade pedagógica, pois persiste uma autoridade instrumental, que é distinta de uma autoridade (re)criadora e revisora de saberes. Na perspectiva de Zuin e Zuin (2011, p. 763), “atualmente as informações e imagens registradas pelo *Google* podem muito bem ser utilizadas, a qualquer momento, tanto para identificar quanto literalmente formatar um perfil, sobretudo o mercadológico, de um determinado usuário deste mecanismo de



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



busca”, mas o professor ficou refratário ao próprio *Google* sendo destituído de autoridade no sentido de pensar com os estudantes sobre essas informações. No entanto, essa tendência globalizada interfere na ação pedagógica e nos conflitos sociais, no mundo digital da autoridade e do contexto em que estamos inseridos. Então, para além de privilegiar uma perspectiva utilitarista e de absolutização dos artefatos tecnológicos, precisamos considerar a intencionalidade e a autoridade do educador em movimentar esses mecanismos na prática pedagógica. Zuin e Zuin (2011, p. 746) afirmam que:

O conceito de autoridade pedagógica sempre esteve entre os principais temas da filosofia da educação e das práticas pedagógicas, haja vista as formas como as pedagogias tradicional, moderna e tecnicista caracterizaram a autoridade do professor. Seja ocupando ou não um papel central no desenvolvimento de tal relação, a condição do professor como modelo identitário do aluno se fundamentou na internalização e na contestação de tal figura de autoridade. A consolidação da autoridade pedagógica fundamentou-se, historicamente, sobretudo no controle disciplinar exercido pelo professor, na medida em que ele era identificado e se identificava como figura central e/ou facilitador do aprendizado dos conteúdos apresentados no transcorrer das relações estabelecidas com seus alunos.

A cultura digital abriu possibilidades trazendo ao sujeito o acesso a um novo espaço comunicacional, que pode ir além da condição neutra pautada em interesses técnicos, por exemplo, potencializando as condições de reconhecer a pluralidade das culturas e as diferentes metodologias de construídas mundialmente. Daí que sem a pressuposição dialógica que está encarnada na autoridade do professor, bloqueada pela dispersão e desorientação vigente do puro domínio tecnológico, torna-se impossível ensinar e aprender o mundo.

É por isto que a verdadeira autoridade não se afirma como tal, na pura transferência, mas na delegação ou na adesão simpática. Se se gera num ato de transferência, ou de imposição *antipática* sobre as maiorias, se degenera em autoritarismo que esmaga as liberdades. Somente ao existenciar-se como liberdade que foi constituída em



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



autoridade, pode evitar seu antagonismo com as liberdades. Toda hipertrofia de uma provoca a atrofia da outra. Assim como não há autoridade sem liberdade e esta sem aquela, não há autoritarismo sem negação das liberdades e licenciosidade sem negação da autoridade. Na teoria da ação dialógica, portanto, a organização, implicando em autoridade, não pode ser autoritária; implicando em liberdade, não pode ser licenciosa. Pelo contrário, é o momento altamente pedagógico, em que a liderança e o povo fazem juntos o aprendizado da autoridade e da liberdade verdadeiras que ambos, como um só corpo, buscam instaurar, com a transformação da realidade que os mediatiza. (FREIRE, 1996, p. 178).

A atividade pedagógica desenvolvida com autoridade diante da cultura digital não se acha excluída de cognoscibilidade, de afetividade, de metodologias rigorosas na busca de conhecimentos escolares, aliás, o exercício da autoridade pedagógica acontece na experiência da procura, da pesquisa por referências em relação à própria prática social de educar. Nessa perspectiva, as tecnologias digitais são provocadoras de transformações nos modos de aprender e de se relacionar com os outros, alterando também a autoridade do educador em sala de aula. Tudo indica que a autoridade pedagógica,

[...] se funda na convicção de que sei algo e de que ignoro algo a que se junta a certeza de que posso saber melhor o que já sei e conhecer o que ainda não sei. [...] Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa. [...] Tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto da reflexão crítica [...]. A razão ética da abertura, seu fundamento político, sua referência pedagógica; a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo. [...]. Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas. (FREIRE, 2005, p. 153).

As transformações geradas pelas tecnologias digitais se refletem na emergência de modelos de , havendo uma decadência e uma espécie de crise por meio de um técnico facilitado, objetivo, silenciador, neutro e permissivo. A inflexibilidade pedagógica e as cisões dialógicas de mundos não permitem realizar a guinada reconstrutiva de saberes por meio das tecnologias. (CONTE;



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



HABOWSKI; BRANCO, 2018). Orientar para a emancipação e manter o compromisso crítico na cultura digital faz parte da dimensão da autoridade do professor, no sentido de ampliar as relações interdisciplinares em sala de aula com as culturas e os mecanismos do mundo hiperconectado, visando à criação de um enraizamento histórico e uma sensibilidade humana e pedagógica. As tecnologias digitais ampliaram as conversas, os (des)encontros e as experiências de vida, criando colaborações e formas de participar socialmente por meio de palestras, debates em qualquer parte do mundo, de acessar as informações, além de agir e interagir e isso tudo independentemente de onde nós estamos. Tudo indica que as questões de informatização são importantes para o desenvolvimento do professor, dos educandos e para as situações de e de aprendizagem.

Nas palavras de Freire (1996, p. 29), “enquanto continuo buscando, reprocurando. porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo”. Nessa conjuntura, é preciso um olhar crítico e questionador para repensar acerca da própria autoridade do educador, a fim de promover a autonomia dos sujeitos no mundo digital, para torná-los capazes de indagar e dialogar sobre os limites das tecnologias nas escolas com as repentinas mudanças globais. Dessa forma, “ensinar não é transferir a inteligência do objeto ao educando mas instigá-lo no sentido de que, como sujeito cognoscente, se torne capaz de entender e comunicar o entendido”. (FREIRE, 1996, p. 119). Há uma necessidade de renovar os potenciais pedagógicos das tecnologias digitais, para prevenir posturas autoritárias que podem ser de alienação, estagnação e, principalmente, de exclusão tecnológica coletiva. “Por isto é que esta educação, em que educadores e educandos se fazem sujeitos do seu processo, superando o intelectualismo alienante, superando o autoritarismo do educador *bancário*, supera também a falsa consciência do mundo”. (FREIRE, 1996, p. 105).



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



A integração e o engajamento social das tecnologias na educação nos desafiam a rever a sua tecnicidade, característica comportamentalista de estímulo-resposta, para congregar novos sentidos para além desta ideia de identificação com a neutralidade tecnológica. Então, percebemos nas tecnologias digitais potencialidades para que as situações de perda de autoridade e falta de reconhecimento em sala de aula possam ser olhadas com outras perspectivas, mobilizando processos para questionar a realidade, enfrentar as dificuldades e conflitos entre educadores e educandos na experiência pedagógica. Esta precisa ser o lugar em que se dialoga, pensando em uma interação de liberdade cooperativa para o desenvolvimento de autorias coletivas e aprendentes. As tecnologias tornam-se grandes potenciais para as relações humanas, para estimular aprendizagens evolutivas, bem como para enxergar as falsas fronteiras do conhecimento, por meio das pesquisas e da abertura aos mundos virtuais. Ao descentrar a função de autoridade do educador com as contradições presentes no mundo digital, os modos de aprender movem-se para as possibilidades de linguagem virtual como alicerce às aprendizagens sociais. Nesse viés, as relações entre educador e educandos passam por transformações radicais.

Evidentemente, a ênfase atribuída à ciência e à tecnologia reverbera a crença de que os indivíduos formados poderiam dominar, de forma absoluta, a condução de seu próprio destino. Porém, considerar a força pulsional da história presente na reorganização e reconstrução das experiências humanas significa compreender como as atuais relações de produção determinam a transformação da tecnologia em seu próprio fetiche. É nessa sociedade que as relações entre professores e alunos se transformam de modo radical, o que implica refletir sobre as modificações estruturais referentes à concepção de autoridade pedagógica. (ZUIN; ZUIN, 2011, p. 755-756).

As tecnologias digitais contribuem para o de forma mais dinâmica e prazerosa, uma vez que tendem a favorecer as relações com os contextos socioculturais. As tecnologias abrem para os educadores e educandos novas perspectivas de entendimento





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO

em relação ao objeto de estudo, na medida em que se torna mais próxima da realidade. Nos contextos de inclusão digital é importante uma apropriação das tecnologias nas escolas e uma efetiva formação crítica dos professores e educandos em relação às mídias digitais em suas possibilidades, ilusões fetichistas e distorções. Por isso, torna-se fundamental aprender a questionar os limites das tecnologias de interação humana e antecipar as demandas profissionais de autoridade e de autoria diante da conectividade ilimitada entre as diferenças. O acesso às tecnologias acaba disponibilizando uma pluralidade de acessos aos conhecimentos, além de múltiplos contextos, que podem servir de pretexto para aprender a exercitar a conversação coletiva, de maneira reconstrutiva, no sentido de desafiar o outro a intervir de modo crítico, criativo e participativo na realidade. Türcke (2010, p. 266, grifos do autor) esclarece que,

*Diante da atual propagação de quantidades incomensuráveis de informações transmitidas pela Internet, desenvolve-se outro fenômeno que se relaciona diretamente não só com a produção e reprodução do conhecimento, como também com a própria autoridade pedagógica: trata-se da chamada distração concentrada. Por meio do acesso a determinada informação nas redes sociais, nossa capacidade de atenção é canalizada para logo em seguida ser triturada através do acesso a outros links, outras ligações, de tal maneira que o meio de concentração se torna o próprio meio de decomposição.*

Nesse contexto, a autoridade do educador muitas vezes cai em descrédito porque dispensa as correções necessárias para que o educando seja ativo no processo de aprendizagem, criando-se um afrouxamento da identidade e da autoria do educando, essenciais para que saiba orientar-se à criação coletiva. Os professores se sentem constrangidos e intimidados pelos educandos na falta de metodologias e estratégias reconstrutivas com as tecnologias em sala de aula, surgindo aí tensões e relações de poder entre educador e educando, que só podem ser resolvidas por saberes dialógicos e buscas coletivas. A liberdade dos educandos está condicionada pelas exigências da própria escola, mas é essencial



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



para o exercício da autoria, da responsabilidade e da reconstrução dos saberes coletivos de reconhecimento e abertura para o diálogo. Para Freire (1996, p. 67),

A teoria dialógica da ação nega o autoritarismo como nega a licenciabilidade. E, ao fazê-lo, afirma a autoridade e a liberdade. Reconhece que, se não há liberdade sem autoridade, não há também esta sem aquela. A fonte geradora, constituinte da autoridade autêntica está na liberdade que, em certo momento se faz autoridade. Toda liberdade contém em si a possibilidade de vir a ser, em circunstâncias especiais, (e em níveis existenciais diferentes), autoridades. Não podemos olhá-las isoladamente, mas em suas relações, não necessariamente antagônicas.

O desafio da autoridade do professor em tempos digitais passa por uma reeducação construída na interdependência comunicativa, que vai além do saber dominar os artefatos tecnológicos, no que tange a precisão, rapidez, sistematização, operacionalidade, desempenho e ritmo de trabalho, pois os artefatos não podem ter um fim em si, atrapalhando o trabalho do educador ou ainda servindo para disputa ou distorção da própria reflexão pedagógica. A autoridade do educador na cultura digital não pode ser pretexto para abrir mão de ensinar o educando a pensar por conta própria e formar-se, justificando que ele precisa aprender a agir sozinho ou por conta própria.

A autoridade do educador gira em torno de ser um provocador da dúvida, da paixão pelo conhecimento, um articulador que reconhece e respeita o outro, em busca de seu crescimento evolutivo, de modo a se tornar ator social em interdependência com os outros por meio do dialógico emancipador. Isso porque, “não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais”. (FREIRE, 1996, p. 95). Para tanto, a autoridade do educador não implica em exercer um poder coercivo sobre o educando, mas de reconhecer e ser reconhecido como sujeitos de possibilidades no mundo e em interação com os outros, oportunizando aprendizagens socioculturais e abertas às tradições,



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



às experiências distintas e às ações transformadoras dos sujeitos. A autoridade do professor não advém de uma ação centralizadora, autoritária e utilitarista do saber, mas de uma perspectiva do direito à liberdade de aprender, que traz as contradições presentes no analfabetismo digital, para mover-se rumo às aprendizagens sociais no restabelecimento da confiança, da autoria e da criatividade coletiva.

Contudo, é necessário refletir sobre a multiplicidade dos artefatos tecnológicos nas escolas para a reconstrução de condições que estimulem e inspirem novas formas de criatividade e (re)criação cooperativa de conhecimentos no campo da educação. “No fundo, o educador que respeita a leitura de mundo do educando reconhece a historicidade do saber, o caráter histórico da curiosidade, recusando a arrogância cientificista, assume a humildade crítica, própria da posição verdadeiramente científica”. (FREIRE, 1996, p. 123). A autoridade na educação implica liberdade cooperativa pela comunicação cultural de saberes e valores intergeracionais e interculturais, sendo uma das condições para despertar aprendizagens sociais sempre renovadas.

Aqui surge a necessidade de a prática pedagógica aproximar-se dos artefatos tecnológicos por meio de ações dialógicas, reconstrutivas e descentralizadas, congregando, assim, a valorização e recriação dos conhecimentos, pois sem autoridade e reelaboração das ações não se faz uma educação criativa e auto-crítica. Os caminhos indicam a necessidade de repensar a tarefa de ensinar, tendo como preocupação a questão da crise da autoridade do educador no contexto digital, para que possamos dar sentido à práxis pedagógica e à racionalidade aprendente, no quadro de desorientação e desagregação da atualidade.

Em tempos nos quais os aparelhos celulares, computadores e câmeras são cada vez mais utilizados tanto dentro como fora das escolas, apresentam-se as seguintes questões: 1) Em meio ao acesso online de informações que podem ser obtidas em quaisquer



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



tempos e espaços, o professor ainda poderia ser identificado como modelo identitário por parte dos alunos? 2) De que modo o professor poderia auxiliar o desenvolvimento da capacidade de concentração e da memorização de conteúdos por parte dos alunos, principalmente na sociedade na qual ocorre o bombardeamento constante de estímulos audiovisuais? e 3) De que forma o conceito de autoridade pedagógica poderia ser ressignificado no contexto histórico da denominada cultura digital? (ZUIN; ZUIN, 2011, p. 747).

A autoridade também está relacionada à posse do saber e ao poder coercitivo ou constrangedor das proibições quando esta tem por finalidade dominar e boicotar a autonomia necessária ao reconhecimento do outro. Evidentemente que o fator que retroalimenta a autoridade é o sentimento de respeito e confiança na outra pessoa. Ora, uma figura de autoridade pode conduzir os sujeitos e coagi-las ou obrigá-los a produzir coisas impensadas, acabando por interferir decisivamente na conduta de quem fica subjugado. Sob essa lógica, a autoridade pode ser concebida por um sujeito que detém força, dinheiro e poder e usa tais mecanismos para ludibriar as demais pessoas para que obedeçam ou sigam seus preceitos, não por uma liderança relacional, interdependente e reflexiva, mas por subordinação.

Saber ensinar na cultura digital e em meio às pressões por desempenho institucionais causa receio ao professor em termos de autoridade diante das tecnologias digitais por temer, inclusive, os dilemas éticos dos fóruns abertos de discussão. Dessa forma, os educandos que são nativos digitais ficam desmotivados com um centralizado nos saberes apenas do educador, de uma pedagogia bancária, aguardando inquietos pela utilização das tecnologias digitais como parte do aprender social na escola. (HABOWSKI; CONTE, 2018). A sociedade digital se apresenta como uma das grandes problemáticas a serem aprofundadas na área da educação, visto que experimentamos um enfrentamento entre gerações, em que a autoridade do educador é questionada em nome de uma tecnicidade irrefletida, na tentativa de centrar os processos de no uso da



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



máquina e das tecnologias apenas como elementos contemplativos ou dispersivos na sala de aula.

Os processos de e de aprendizagem se conjecturam num esforço coletivo de educar-se e forma-se, numa abertura dialética à pesquisa e ao pensamento conjunto em busca de entendimento acerca dos conhecimentos. Nessa perspectiva, a autoridade do educador precisa ser *coerentemente democrática*, aquela que considera as origens do educando para promover experiências e promover diálogos emancipadores. Nas palavras de Freire (1996, p. 113), “se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles”. A educação democrática demanda o empenho do educador em manter a coerência entre seus discursos ético-pedagógicos e suas práticas sociais e autocríticas, transformando os saberes de mundo em possibilidades autônomas de saber-se inacabado. “No fundo, o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdades, entre pais, mães, filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua *autonomia*”. (FREIRE, 2005, p. 105).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em Freire e em diálogos com outros pensadores mencionados, compreendemos que o papel do educador no contexto digital é de instigar a liberdade, a autonomia e a curiosidade epistemológica dos educandos, para despertar o diálogo com as contradições presentes na prática social de educar, a autocrítica e a reeducação constante frente aos movimentos culturais contemporâneos. Para tanto, o professor precisa reconhecer os conhecimentos prévios dos educandos que podem ser questionados por



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO

meio da interação humana, além de explorar a cultura digital como artifício cognitivo de retomada da própria autoridade pedagógica à construção dos processos capazes de gestar formas de pensar o e a aprendizagem com o cultivo da linguagem tecnológica. Portanto, a compreensão relacional e reflexiva das tecnologias em sala de aula é um meio para desafiar os processos de ao pensar cooperativo e dialógico, incidindo em novas condições de reconhecimento da autoridade do professor na cultura digital. Trata-se de uma leitura das tecnologias digitais como espaço à promoção e estímulo à alfabetização cognitiva, emocional e crítica dos sujeitos, pensando numa autoridade do educador que promova a capacidade reflexiva dos educandos, para a reconstrução política, econômica e cultural, que sustenta o direito de liberdade, ressignificando os conhecimentos tradicionais. Afinal de contas, a educação crítica que visa a educação democrática e libertadora não pode ficar indiferente às formas de expressão e comunicação contemporâneas, que ocorre em relações e interações tecnológicas no mundo. Tal desafio de caráter libertador ainda nutre,

O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica, etc., que nos estão condenando à desumanização [indiferença ao outro]. O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo na história que fazemos e que nos faz e refaz (FREIRE, 1996, p. 137).

A problematização em torno da questão da autoridade do professor na cultura digital, tendo como base a pedagogia dialógica freireana, indicou que é fundamental o horizonte sensível, expressivo e científico do professor para dar sentido e democratizar o acesso às tecnologias digitais na vida escolar, para aprender com o diferente e o desconhecido no diálogo intercultural de formação humana, interdependente, histórica e de autoria coletiva. A autoridade por meio de coações não é reconhecida em termos de potencialidade cooperativa o que causa empobrecimento das práticas



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



educativas, que se propagam por frágeis dispositivos de autoridade estreita e compatível com o treinamento de um campo da verdade e do saber desarticulado. A educação na cultura digital precisa estar aberta para repensar e (re)aprender como condição ao questionamento tecnológico dos paradoxos da realidade, além de estar em sintonia com a pluralidade da cultura digital, que provoca e abre caminho para outras formas de pensar acerca da questão, potencializando as interrogações e desdobramentos do ponto de vista social, ético e político da autoridade pedagógica como possibilidade à formação humana.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *A Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura*. Vol. 1. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 222-232.

CONTE, Elaine; HABOWSKI, Adilson Cristiano; BRANCO, Lilian Soares Alves. As interações dialéticas com os meios tecnológicos. *Anais CIET:EnPED: Educação e Tecnologias: Pesquisa e produção de conhecimento*. São Carlos, 2018. v. 4. p. 1-12.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia: cotidiano do professor*. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. *História das ideias pedagógicas*. São Paulo: Ática, 2006.

HABOWSKI, Adilson Cristiano; CONTE, Elaine; PUGENS, Natália de Borba. A perspectiva da alteridade na educação. *Conjectura: Filos. Educ.*, Caxias do Sul, v. 23, n. 1, p. 179-197, jan./abr. 2018.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO

HABOWSKI, Adilson Cristiano; CONTE, Elaine; JUNG, Hildegard Susana. Reflexões acerca do uso das tecnologias digitais e as juventudes do campo. *Cadernos CIMEAC*, v. 8, n. 1, p. 156-183, 2018.

HABOWSKI, Adilson Cristiano; CONTE, Elaine. Cultura digital versus autoridade pedagógica: tendências e desafios. *Linhas Críticas*, Brasília, v. 24, p. 278-301, 2018.

LA TAILLE, Yves de. Autoridade na escola. In: AQUINO, J. G. (Org.). *Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1999. p. 9 - 29.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Editora Cortez, 1994.

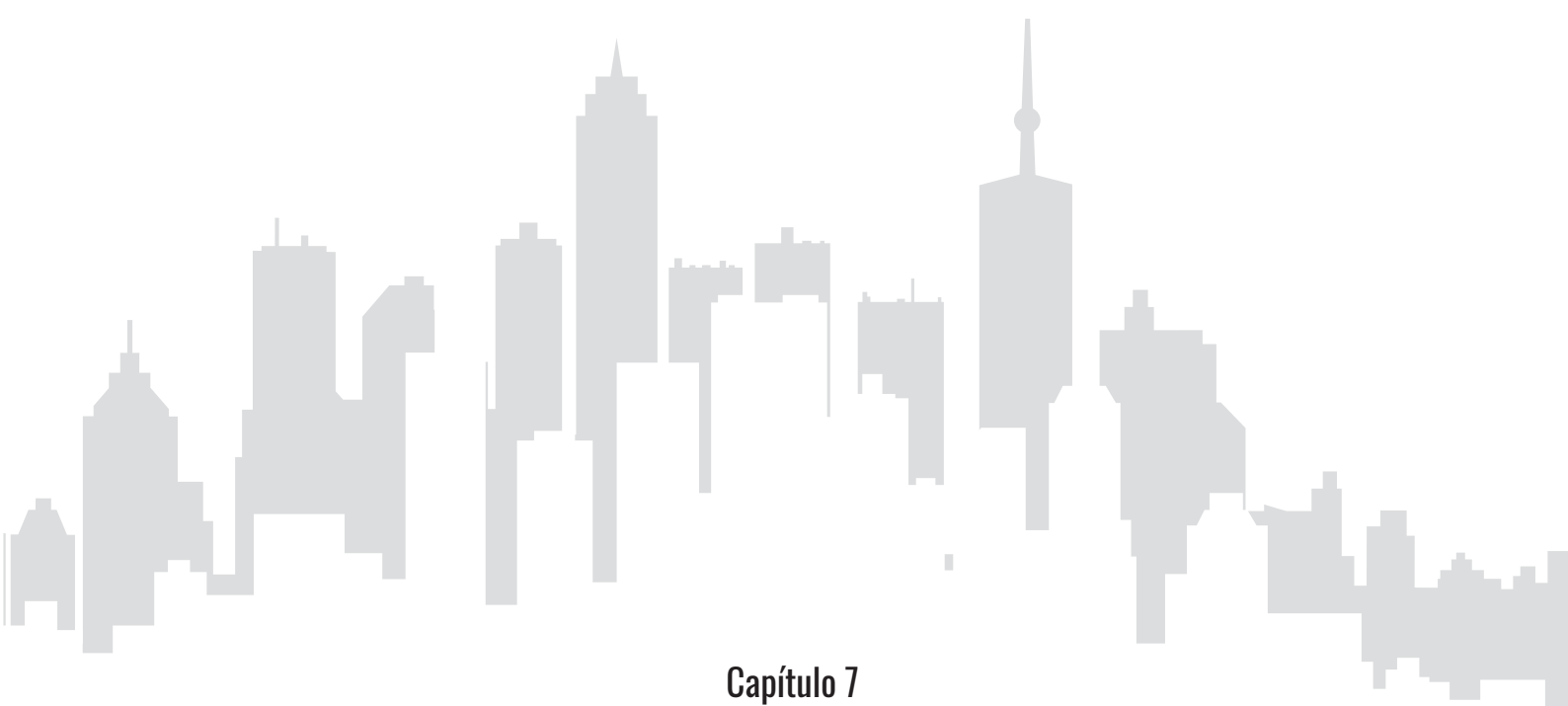
TÜRCKE, Christoph. *Sociedade excitada: filosofia da sensação*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

ZUIN, Vânia Gomes; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Professores, tecnologias digitais e a distração concentrada. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 42, p. 213-228, 2011.

ZUIN, Vânia Gomes; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. O celular na escola e o fim pedagógico. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 39, n. 143, p. 419-435, abr./jun. 2018.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. *Cyberbullying contra professores: dilemas da autoridade dos educadores na era da concentração dispersa*. São Paulo: Edições Loyola, 2017.





Capítulo 7

# A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: ESPAÇO DE RESSIGNIFICAÇÃO

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



### Resumo:

O presente capítulo dialoga sobre a potência da Educação Ambiental – EA, no contexto da crise civilizatória atual. Compreendemos que enfrentamos um momento de instabilidade em diversos setores, como na política, economia e nas relações sociais quanto ao respeito às diferenças, visto que nossos desafios não se resumem apenas a economia ou política, compreendemos que, estamos diante de obstáculos mais profundos, que referem-se ao esvaziamento de valores e sentidos e ao cerceamento de direitos insubstituíveis, como por exemplo, o direito a ser diferente. Para fundamentar os diálogos presentes no texto, articulamos contribuições de diversos autores, dentre eles, sobre a EA, Reigota (2009), sobre o saber ambiental, Leff (2001), e no que se refere a EA emancipatória, Pereira (2016). A metodologia e a análise adotada seguem como princípio a Hermenêutica com base em Pereira (2016).

### Palavras-chave:

Educação Ambiental. Resignificação. Resistência.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



## INTRODUÇÃO

Frente às dinâmicas sociais contemporâneas, da situação política e econômica no país e no mundo, marcadas por lutas de segmentos da sociedade na defesa de direitos humanos e sociais previstos na Constituição; diante das Cartas e tratados internacionais, que remetem à busca do exercício pleno da cidadania, da liberdade de expressão, da inclusão, do respeito à vida e às diferenças, dentre outras, por vezes nos vemos confrontados por nossos próprios sentimentos, emoções e razão. Indagamo-nos, sobre possíveis saídas e frequentemente nos frustramos por tentativas fracassadas. Diante disso, somos convidados a repensar sobre de onde viemos e quem somos, para assim, tentar compreender ou converter o rumo para o qual estamos caminhando.

Para que essa compreensão e reflexão filosófica ocorram trazendo mudanças em nossos paradigmas e atitudes e assim cooperem para ressignificação de valores, faz-se necessário que tenhamos um solo epistemológico firme. Nesse sentido a Educação Ambiental, por ser aqui entendida como uma “educação política está comprometida com a ampliação da cidadania, da liberdade, da autonomia e da intervenção direta dos cidadãos e cidadãs na busca de soluções e alternativas que permitam a convivência digna e voltada para o bem comum” (Reigota, 2009, p. 13), caracteriza-se como uma potente aliada.

A EA, em seu aspecto crítico, busca resgatar a perspectiva política que, instiga a desconstrução de conceitos pré-concebidos para ressignificar valores e atitudes na busca pela construção de uma sociedade mais justa e sustentável, por meio de uma racionalidade, pautada no saber ambiental que, caracteriza-se como um saber integrador, auto-reflexivo e emancipatório, que se constrói desde o ser no qual se aprende o mundo, na intersubjetividade que



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



implica o aprender a aprender com os outros, em um contexto de interculturalidade no diálogo de saberes, respeitando as múltiplas diferenças. Simbolicamente, representa uma ponte entre o conhecimento formal e o não formal, trata-se ainda de um saber que, “emerge de uma reflexão sobre a construção social do mundo atual” (LEFF, 2001, p. 9), desenvolvido de maneira integradora propiciando um pensamento complexo dos fenômenos sociais. Diante dos argumentos apresentados, uma pergunta nos inquieta e está é; Qual o motivo da inserção da EA ainda caracterizar-se como um desafio na educação formal e informal? Para melhor compreendermos, recorreremos ao que nos aclara Leff:

O saber ambiental ficou excluído num processo de extermínio dos saberes ‘não-científicos’ (saberes errantes, ciganos, nômades), [onde se incluem os saberes culturais populares] no campo de concentração das externalidades do sistema econômico, social e político, bem como o científico – tecnológico dominante. (LEFF, 2001, p. 30).

Compreende-se que na busca por padronização e estabelecimento de normas de inclusão, muitos saberes foram silenciados, dentre eles os saberes de povos tradicionais. Assim, na busca por ressignificar quem somos e nos reposicionarmos como seres coletivos, faz-se necessário que, regatemos valores e saberes negligenciados no percurso de nossa história.

O presente capítulo insere-se no contexto da dimensão estética e sensível da Educação Ambiental, que também busca promover espaços permanentes de ressignificações.

Somos convidados a pensar uma educação estética, aquela capaz de mediar a “[...] capacidade do ser humano de sentir a si próprio e ao mundo num todo integrado.” (DUARTE JR. 2010, p.13), rompendo assim os paradigmas de disjunção, reconectando-nos e nos emancipando do *status quo* de sujeição, tendo em vista que, por vezes parecemos estar em estado de anestesia, não são poucas



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO

às vezes em que descuidamos de nossos sentimentos, negligenciamos a empatia de olhar o outro, percebê-lo em sua essência e respeitá-lo em seu direito de ser diferente.

Nesse contexto a EA, caracteriza-se como outra perspectiva que, abre espaço para um pensamento livre e criador, entende-se que,

No reconhecimento do belo pelo *juízo estético*, o sujeito vivencia a condição de possibilidade de ser emancipado. O ajuizamento de gosto é livre porque não coagido por fatores pré-determinados: os de ordem conceitual, os utilitários, os sedimentados pela tradição, ou ainda os que, ao aprazerem os sentidos na sensação pela agradabilidade, motivam o sujeito a invocar o belo para expressar sua emoção espontânea e natural à sensibilidade inata. (GOROVITZ, 2011, p.1)

Nesse sentido a dimensão estética da EA, ao evocar nossos sentidos, qualifica-se como um antídoto a esse estado de possível anestesia, ao tempo em que coopera para o resgate de nossos sentidos e atua como emissária de emancipação.

O objetivo geral deste capítulo é apresentar a Educação Ambiental como um possível subsídio ao enfrentamento da conjuntura atual da sociedade. Como objetivos específicos buscou-se reafirmar a EA como educação em si e não a parte dela. Buscou-se ainda ressaltar a relevância da EA em todos os níveis, espaços e contextos sociais, como, sistema econômico, social e político de nosso país.

Na segunda seção, apresentam-se princípios da Educação Ambiental e reflexões que partem dela sobre outro modo de pesquisar, pensar e agir sobre quem somos individualmente no que se refere as nossas singularidades e sobre nosso ser coletivo de forma a respeitar as múltiplas existências. Partindo dessa reflexão inicial apresentam-se argumentos que aclaram a necessidade da inserção da EA em todos os níveis e espaços sociais, como uma dimensão ética e política essencial.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



## OUTRA PERSPECTIVA E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Entende-se a EA, em seu aspecto crítico, como uma dimensão política da Educação, que instiga a desconstruir conceitos pré-concebidos, na busca pela construção de uma sociedade mais justa e sustentável, não em um sentido apenas antropocêntrico, centralizado nos interesses inerentes apenas a vida humana em detrimento do meio em que vive, mas sim biocêntrico, ou seja, centralizado em todas as formas de vida, visando assim um bem comum.

Considerando-se o bem comum, não podemos fechar os olhos para a crise civilizatória na qual nosso mundo está submerso, onde pela azáfama por melhores posições perde-se por vezes a sensibilidade de contemplação do belo e o respeito às diferenças. Por adoção de paradigmas de controle, convertemos e reduzimos nossa posição de respeito e cuidado para domínio e exploração dos recursos naturais. Até a década de 70, entendia-se a degradação da natureza, como um dos maiores desafios existentes para o campo da Educação Ambiental, contudo, com olhares mais profundos, foi possível entender que a crise não se restringia apenas a degradação ambiental, mas também ao esvaziamento de valores, como, ética, respeito, solidariedade e empatia, compreendendo-se assim, uma crise civilizatória, onde há possivelmente uma degradação também das relações humanas, ou seja, uma crise de nosso tempo, em que os desafios não limitam-se a em reaprender a conviver com nossos territórios, mas também reaprender a convivermos uns com os outros.

A esse respeito, Ruscheinsky (2002, p. 61) disserta que, "se encontra em andamento uma crise do paradigma ecológico sustentado pela sociedade capitalista, em cuja racionalidade cabe ao ser humano o domínio da natureza". Sob esse paradigma, por



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



vezes convertemos nosso papel de cuidadores para dominadores, quando desconsideramos nossa integração a natureza, acabamos por explorá-la e enxergá-la apenas em uma visão utilitarista, como podemos perceber em discursos cotidianos como: “preservar a água, para que não nos falte, conservar a natureza para não perdermos nossa matéria prima, proteger a existência de espécies para que não nos falem alimentos”, estes discursos refletem em parte, nosso distanciamento da natureza, essa visão reflete uma concepção de vida humana superior às demais formas de vida.

Ignorar a distinção entre natureza e mundo trata-se de uma compreensão que desconsidera o mundo como o entrelaçamento do homem como “seres no mundo” para “demundanizá-lo”, como mais uma “coisa” capaz de ser objetivamente manuseada, utilizada, consumida, explorada e degradada por um sujeito que se entende apartado e, portanto, descomprometido com esse meio ambiente. (PEREIRA, 2016, p. 124).

A adoção da noção de domínio e poder humano sobre tudo, hoje traz o enfrentamento de momentos de desequilíbrio em diversos setores sociais nos quais a ética democrática, muitas vezes, é posta de lado.

Nesse contexto, ver e constatar a crise civilizatória não basta. Urge que atuemos como cidadãos e cidadãs comprometidos na busca por mudanças e no enfrentamento da situação atual.

Entendemos que esta crise não se restringe apenas ao setor, político, econômico ou outros específicos, pois trata-se de uma crise ainda mais profunda uma vez que, relaciona-se também a uma crise que emana do esvaziamento de valores essenciais a existência coletiva, como respeito, empatia e ética.

Na incessante busca, por bases que norteiem novos rumos frente aos desafios contemporâneos, emerge a EA, destacando-se por sua complexidade que nos permite repensar nosso ser e estar na terra, para além de saberes pré-concebidos, a EA difundi o saber ambiental que, refere-se a um saber que:



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



[...] prova a realidade com saberes sábios que são saboreados, no sentido da locução italiana *assaggiare*, que põe à prova a realidade degustando-a, pois se prova para saber o que se pensa, e, se a prova da vida comprova o que se pensa, aquele que prova se torna sábio. Dessa forma, restaura-se a relação entre a vida e o conhecimento (LEFF, 2009, P.18).

Assim, somos convidados à reconstituição de nossas identidades, ou seja, retornar de forma emancipada de imposições, à nossa própria essência, aquilo que nos torna singulares. Apontamos essa necessidade por entendermos que, os paradigmas validados e adotados acabam por vezes empobrecendo o ser humano, e ao ofuscar nossas singularidades, silencia também nossas potencialidades e sensibilidades, gerando assim: “Um esquecimento do sentido do Ser que é o esquecimento de nosso verdadeiro ser, de nossa identidade autêntica” (PEREIRA, 2016, p. 124). Nesse sentido compreendemos que, por meio de uma racionalidade ambiental complexa, esta reconstituição “se afasta do idêntico para forjar o inédito” (LEFF, 2003, p.34). Nesse contexto, somos convidados a retornar a essência de quem somos, e não ao que nos tornamos como produtos mediante a adoção de um idealismo ditado.

Autores como Pereira (2016), defendem que a Educação ambiental é um espaço de denúncias e de novos anúncios, assim, faz-se necessário desenvolver o senso crítico, por tratar-se de um campo em que os desafios inseridos, referem-se não apenas a religação do homem à natureza, embora seja também um grande e relevante desafio, mas inclui ainda as inter-relações entre os próprios humanos, respeitando o direito a vida e o direito a ser diferente. Entende-se que, “os fundamentos epistemológicos e ontológicos do saber ambiental adquirem assim sentido para conceber uma estratégia capaz de construir uma nova ordem social” (LEFF, 2003, p.34). Nesse sentido, a EA busca promover ambientes e momentos de permanente reflexão para todos, inclusive para os socialmente excluídos.





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Nessa perspectiva o ambiente destaca-se por sua multiplicidade de sentidos e saberes, como podemos ver elucidado por Leff, “o ambiente aparece assim como um campo heterogêneo e conflituoso no qual se confrontam saberes e interesses diferenciados” (2003, p. 51). Este ambiente não se refere aqueles de embate para intimidação, ou validação de discursos de controle, como por exemplo, os discursos sobre desenvolvimento sustentável e *greenwashing*<sup>1</sup>, que induzem o comportamento cada vez mais consumista, para atenderem às diversas sustentabilidades das empresas.

No que se refere ao discurso, ressalta-se o pensamento de Michel Foucault, no qual defende a ideia do discurso enquanto poder, e controle social. Para isso, segundo o autor, adotam-se critérios de inclusão e exclusão, visando o fim que se quer atingir ou induzir, Foucault declara que, nos discursos, “não se tem o direito de dizer tudo, (...) não se pode falar de tudo em qualquer circunstância” (2007, p.9). Agrupadas em sociedade, corriqueiramente agimos e pensamos sem percebermos que estamos sendo controlados por discursos de outros, que estabelecem paradigmas.

Para romper essas armadilhas paradigmáticas, é necessária uma constante ação reflexiva da realidade que propicie o surgimento de um pensamento complexo, como podemos ver dissertado por Guimarães (2011, p.22) “os paradigmas da sociedade moderna, chamados por Morin de paradigmas da disjunção por simplificar e reduzir a compreensão da realidade limitam o entendimento do meio ambiente em sua complexidade”, portanto entendemos que, para superarmos o *status quo*, no qual nossos entendimentos são cerceados, faz-se necessária constante reflexão sobre discursos e ações.

1. O termo *greenwashing*, refere-se às práticas de apropriação por parte de redes de marketing e relações públicas, de temas relacionados à defesa do meio ambiente, como estratégia de promoção de imagem.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Portanto, o ambiente mediado pelo saber ambiental diz respeito ao sustento à vida, pois:

O saber ambiental é uma epistemologia política que busca dar sustentabilidade à vida; constitui um saber que vincula os potenciais ecológicos e a produtividade neguentrópica do planeta com a criatividade cultural dos povos que o habitam. O saber ambiental muda o olhar do conhecimento e com isso transforma as condições do saber no mundo na relação que estabelece o ser com o pensar e o saber, com o conhecer e o atuar no mundo. (LEFF, 2009, p.18)

Nesse sentido, com frequência, surge a pergunta sobre a que se refere à EA ou em que contexto ou nível social ela precisa ser trabalhada. A resposta não se ancora no pensamento fragmentado de que ela é responsabilidade de ambientalistas, professores de Ciências ou Biologia, ou é mais uma educação ou um novo conteúdo para os currículos, como afirma Sauvè “a Educação Ambiental é a educação em si” (2005, p. 317), por excelência. Trata-se de uma dimensão significativa, posto que, ela oferece possibilidades para que o ser possa repensar suas ações e seu lugar no planeta e, por isso, precisa estar inserida em todos os níveis de , espaços e contextos sociais.

Buscando alicerçar esse repensar e o reposicionamento do ser, a EA destaca-se ainda por sua “inquietude do nunca sabido, que falta saber sobre o real, conhecimento que emerge do que ainda não é” (LEFF, 2009, p.18), assim construindo novas realidades. Para que essa construção ocorra no presente, é necessário voltar os olhares para trás e reconhecer em que ponto a humanidade errou, como sociedade, no percurso da história de sua civilização.

A esse respeito, Leff (2011) apresenta contribuições do filósofo Martin Heidegger, que defende a ideia do *ser transcendental*, que seria um ser aparentemente desubjetivado de seu próprio ser, que, ao longo da história, vem dissociando os sentimentos da razão; as ciências sociais das ciências naturais; a cultura da natureza, caracterizado por uma compreensão tecnicista que converte



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



e reduz a natureza à exploração dos bens e serviços ecossistêmicos, como ocorre no modelo capitalista de extração, produção, consumo e exclusão.

É necessário desconstruir essa visão unitária de mundo para construirmos uma nova concepção baseada em princípios *ecoéticos*<sup>2</sup>. Neste sentido, a Educação Ambiental não é apenas uma educação voltada à conservação da natureza e ao da convivência nos territórios deste planeta, mas também está voltada à alteridade, ao aprender a aprender e conviver melhor consigo mesmo e com o outro. Destaca-se, aqui, a importância do diálogo de saberes, da partilha, do aprender a conviver e respeitar as velhas e as novas sabedorias e as diferenças, por meio de uma busca permanente para conhecer o outro, não com a esperança de torná-lo nosso igual ou transformá-lo no que se julga ideal, mas respeitá-lo por quem ele é.

Assim diante dos conflitos contemporâneos, é inadiável reconhecer que a crise atual também revela a existência de uma crise de valores. Compreende-se que, isso também pode ser creditado à maneira pela qual nossa civilização ocidental foi construída, cujos pressupostos colocavam o ser humano como uma criatura predeterminada a dominar a natureza, e onde o ser humano, em um estado de aparente dessubjetivação de seu próprio ser, imerso em uma corrida para a evolução, formatou a percepção de que somos seres em permanente competição.

Diante disso, assinala-se a necessidade de se reconstruir a racionalidade, dominante, vencendo o individualismo e criando um mundo onde se aprenda a viver, verdadeiramente, sabendo conviver com o que se sabe e conhece e também com o que não

2. Termo utilizado por Fritjof Capra (1996, p. 28) referindo-se a uma visão de mundo que reconhece o valor inerente à vida humana e não humana, e reconhece que todos os seres vivos são membros de uma comunidade numa rede de interdependência.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



se sabe e não se conhece, sendo estas aprendizagens necessárias para resistência a imposições, frente a um mundo que, embora tão plural busca a cada dia uma padronização e homogeneidade. O saber ambiental caracteriza-se como potencializador para romper a imposição da homogeneidade, pois segundo Leff (2009, p.19-20):

O saber ambiental se faz assim solidário de uma política do ser, da diversidade e da diferença. Tal política se funda no direito de ser diferente, no direito por autonomia, em sua defesa frente a ordem econômico-ecológica globalizada, sua unidade dominadora e sua igualdade inequitativa. É o direito a um ser próprio, que reconhece seu passado e projeta seu futuro; que restabelece seu território e reapropria sua natureza; que recupera o saber e a fala a fim de atribuir-se um lugar no mundo e dizer uma palavra nova, desde suas autonomias e diferenças, no discurso e nas estratégias da sustentabilidade.

Neste contexto, por meio de uma nova racionalidade, abre-se espaço para emergência do novo e/ou o reprimido. Trata-se de uma política da diferença, não no sentido da garantia de privilégios a alguns em detrimento de outros, e sim do direito a ser diferente, da abertura de diálogo entre identidades coletivas múltiplas. Refere-se à relação ética entre o conhecimento, construção e legitimação de saberes e seres diferenciados.

Esse modelo de compreensão e constituição de identidades, caracteriza-se como um movimento de resistência frente ao padrão atual de distanciamento entre as relações e a imposição de padronização. Esse movimento de resistência configura-se desafiador, tendo em vista que, a manutenção do padrão atual é de interesse maior do modelo capitalista posto que, torna-se mais viável dominar um coletivo padronizado, haja vista que, facilmente nesse modelo impõe-se necessidades de consumo induzindo ao consumismo, não há defesa para os excluídos uma vez sendo definidos critérios de inclusão ditados pelo padrão do ideal, as escolhas diferenciadas são facilmente condenadas se não se adequarem ao dito “correto”. Assim, esse modelo coopera para sublimação da



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



lógica capitalista, que busca o lucro acima de tudo, cooperando para coisificação humana.

É oportuno ressaltar que a Educação Ambiental não é uma educação contra o que se chamava em outros tempos de progresso da humanidade e hoje de desenvolvimento. A crítica de diferentes autores como Jacobi, ao declarar que “prevalece ainda a ideologia do progresso, que rejeita ou minimiza as questões ambientais, seja no discurso ou na prática”. (2005, p.239) ou ainda Lima (2004) ao debater sobre o desenvolvimento pautado na “perda de sentido da vida, alienação do homem, desigualdades econômicas e sociais, consumismo, monocultura da vida urbana e redução da diversidade cultural” (p.96). Referem-se ao modo de progressão sem limites, ao crescimento desenfreado que vem destruindo, não apenas a natureza, mas também as relações entre ela e os humanos e humanos entre si.

A configuração antropocêntrica e utilitarista da ideia do “Homem” como ser supremo, colocou a humanidade, hoje, em um momento de necessárias e inadiáveis mudanças, por conta da crise civilizatória que esse mesmo *Homo sapiens* provocou.

Para responder às inquietações postas, superar esse modelo chamado hoje de Antropoceno, e estabelecer uma visão profunda pautada no biocentrismo, busca-se na Educação Ambiental o solo epistemológico como base por seu princípio fundamental de educação crítica e transformadora, comprometida com a reflexão e ação sobre as problemáticas socioambientais. Ao ressaltar a importância da EA, não se está, ingênua ou utopicamente afirmando que ela seja a salvação para a crise civilizatória, mas sim, buscando bases que capacitem a humanidade para esse enfrentamento, como se entende na proposição de Tristão (2011, p. 8):



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Não propomos que a Educação Ambiental venha se tornar a tábua salvadora para a educação, bem como dos problemas existentes no mundo. Muito menos estamos indicando receitas prontas ou dizendo o que deve ou não ser feito.

Assim, compreendemos que, não há um berço de verdades, assim como não há uma teoria única que possa garantir transformações a esse quadro de crises, contudo, por nos sentirmos responsáveis buscamos bases solidas na tentativa compreender e/ou converter o rumo para o qual estamos caminhando, como foi dito na introdução deste capítulo.

Quanto a essa desestabilidade nos solos epistemológicos que atinge também a EA, Pereira (2016) defende este deslocamento como uma *crise de fundamentos*. Com base em Habermas (1990, p. 43), o autor referenciado reconhece que “uma consciência histórica não admite mais aquelas dimensões de finitude tão bem desenvolvidas e apontadas pelo idealismo” (PEREIRA, 2016, p. 80). Isso pressupõe novos olhares, partindo das necessidades e dos anseios coletivos, e retornando ao que busca a EA: um exercício constante para auxiliar a sociedade a repensar e livrar-se de suas *verdades* e certezas, de modo a sinalizar novas óticas, por meio de um pensamento ético e livre.

Tal posicionamento é aclarado por Pereira (2016, p. 38), quando elucida o movimento que vem ocorrendo na EA, apresentando-a, para além da ciência dura e positivista, como uma perspectiva ontológica que busca acolher o ser humano na sua totalidade.

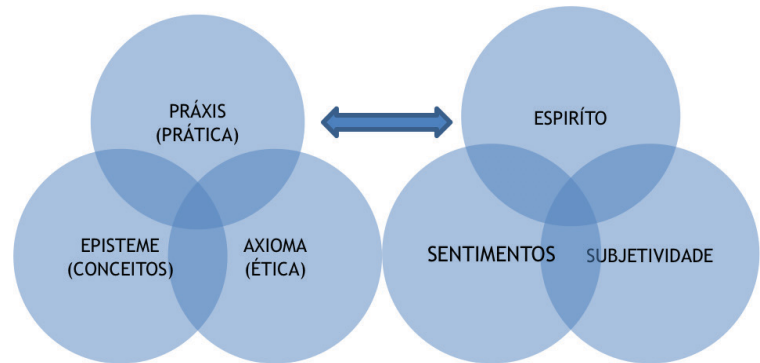
Desfrutando desses novos olhares, assume-se uma linguagem plural também nas pesquisas em Educação Ambiental, apresentam-se novas abordagens, buscando uma visão e compreensão integral sobreposta a visão unitária ou enrijecida, nesse sentido destacam-se três dimensões que estão intrinsecamente

# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO

conectadas, como as apresenta Sato<sup>3</sup>: *práxis*, *episteme* e *axioma*. Segundo a mesma autora, para além da racionalidade, as pesquisas neste campo, também acolhem outras dimensões heterogêneas: espírito, sentimentos e subjetividade, conforme representadas na Figura 1, a seguir:

**Figura 1 - Dimensões intrínsecas de pesquisas em EA**



Fonte: Elaborada pela pesquisadora, com base nos conceitos de Sato (in PEREIRA, 2016, p.11-12).

Essas dimensões caracterizam-se como indispensáveis em pesquisas no campo da EA, tendo em vista que os sujeitos e objetos de pesquisa geralmente são vivos, como a civilização ou as dinâmicas sociais ligadas a ela, fato que exige do(a) pesquisador(a), muito além do rigor científico, da vigilância epistemológica e da adequação às normatizações, a necessidade de constante reflexão, pois deverá embrenhar-se para além da Ciência, no âmbito da compreensão do ser em sua totalidade. Neste sentido, Sato (in PEREIRA 2016, p.11-12) disserta:

3. SATO, Michelle, (2016, p.10-11). As novas abordagens em EA são apresentadas pela autora, no prefácio da obra de Pereira, Vilmar. *Hermenêutica e Educação Ambiental no contexto do pensamento pós-metafísico*. 2016.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Trata-se de reconhecer a arena conflituosa da civilização, na dinâmica entre o caos e equilíbrio e assumir a impossibilidade da neutralidade nas ciências, rompendo com o distanciamento entre sujeito e objeto à compreensão e à interpretação dos fenômenos do mundo.

Dentro dessa concepção, entende-se que as pesquisas em EA, vêm assumindo uma dinâmica em uma nova perspectiva, onde de certa forma, se direferencia de posturas mais “engessadas”, por não buscar verdades absolutas, buscando assim romper a legitimação do autoritarismo muitas vezes válidas pelas pesquisas, que fortaleciam discursos adotados de verdades históricas aceitáveis. Compreendemos que, a necessidade de coerência e rigor científico faz-se indispensável, contudo olhas não só por uma ótica e sim por várias óticas diferenciadas também são revantes para vida coletiva. Assim, assumindo um compromisso socioambiental, se reconhece a necessidade de a EA estar presente em todos os níveis de , desde a educação não formal à formal, da Educação Básica até a Educação Superior. Neste processo e exercício de inserção da dimensão socioambiental em lugares, espaços e contextos sociais onde ela não existe, ou está sendo tratada de forma equivocada, destaca-se o desafio da Resolução do Conselho Nacional de Educação – CNE, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Ambiental (BRASIL, CNE-MEC, 2012) para a transição das instituições de como espaços educativos para se constituírem, também, como espaços educadores sustentáveis, caracterizados como caminhos em busca da construção de uma sociedade mais justa e sustentável. Nesse sentido:

Se buscarmos uma saída que possa superar o dualismo apontado, levando-se em conta o fato de a própria educação reforçar a fragmentação disciplinar das ciências ambientais, não podemos fugir de duas condições. Primeiro, seria necessário revincular as questões ambientais ao agir humano que as originou; e, segundo, tal revinculação do homem ao meio ambiente teria que recorrer a uma postura científica não mais objetificadora, portanto não mais reduzida ao modelo de explicação casual de fatos, usado pelas ciências duras (FERRARO, apud Flickinger, 1994).





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Compreendemos que o modelo de sociedade que vivemos hoje foi projetado por interesses maiores, a pesquisa não se exclui dessa projeção, no entanto diante do momento atual, faz-se necessário um movimento em todos os espaços, assim, uma ciência dura e positivista já não consegue corresponder com êxito às necessidades contemporâneas. Portanto as pesquisas em Educação Ambiental vêm buscando por meio de uma perspectiva hermenêutica<sup>4</sup>, não mais analisar ou categorizar os fenômenos sociais e sim compreendê-los, para apontar possíveis soluções. Nesse contexto compreendemos que, o maior compromisso da educação não está em apenas formar pessoas para se tornarem eminentes, conseguirem as melhores colocações no mercado e posições altas na sociedade, não sendo aceitável que elas atuem como mantenedoras do *status quo* da sociedade ou da noção de transferência de saberes para o exercício do domínio de uns sobre o outros. Acredita-se que ocorrendo esse *modus operandi* na educação, ela estará contribuindo para acelerar o declínio da sociedade e não para instalar as mudanças indispensáveis.

Concluimos que, embora desafiadora, a inserção da temática socioambiental em todos os níveis, espaços e contextos sociais, desde a educação formal trabalhada nas escolas, programas educacionais e grandes centros acadêmicos de a educação informal presente no nosso cotidiano, justificam-se por sua potência transformadora que capacita o indivíduo frente à vida em comunidade, ao tempo em que, ao repensar suas práticas e posição no mundo, é capaz de pensar o coletivo e compreender a rede da vida à qual está interligado, em uma visão não mais coisificada.

4. Os conceitos de hermenêutica abordados no presente estudo, adotam-se como pressupostos teóricos a concepção fenomenológico – hermenêutica do filósofo Martin Heidegger e a hermenêutica no contexto pós-metafísico de Pereira (2016),este apresenta "a Hermenêutica Filosófica como mais uma forma de interpretar as relações socioambientais pelo horizonte linguístico" (PEREIRA, 2016, P.13).



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Acreditamos que, estamos vivendo momentos de instabilidade em diversos setores, destacamos dentre eles o sistema político de nosso país, a economia, e as relações sociais no que se refere ao respeito às diferenças. Diante deste fato, não nos cabe paralisar, urge que atuemos comprometidos na construção e conversão para um mundo, mais justo, sustentável e sensível.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que, diante do momento em que vivemos não nos é válido atuarmos como espectadores ou vítimas de nosso tempo, pois ao refletirmos sobre nosso trajeto como civilização e ao buscamos sobrepor o coletivo ao individualismo, entendemos que, também somos responsáveis pela situação que vivemos hoje, por escolha, passividade ou por omissão. Nesse sentido, corrobora-mos com a afirmativa de Trevisol (2003, p. 89) ao declarar que, “[...] além de partícipes, somos co-responsáveis”, assim concordamos que não podemos esperar apenas que soluções venham até nós, faz-se necessário que tenhamos compromisso em busca-las. Para tanto, estamos vivendo um deslocamento de nossas posições, ao reconhecermos nossa responsabilidade, passamos a busca coletiva por soluções capazes de redirecionar nosso rumo a um bem viver comum.

Neste contexto, urge que retomemos valores abandonados e adotemos novos, que religuemos nossas conexões como seres inconclusos, no entanto com sentimentos integrais e com multiterminações, como disserta Pereira, “assim, por exemplo, podemos nos encerrar num abraço, mas ao mesmo tempo nos abrimos para o mundo. Essa abertura de olhares e sentidos é habitada pela nossa condição ontológica de ser mais” (2016, p. 70). Resistir ao silenciamento de nossa essência e retomarmos valores que nos permitem ser coletivos de fato caracteriza-se desafiador, contudo indispensável para o bem comum.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO



## SUMÁRIO

Assim, reafirmamos a potência da EA por sua complexidade e dimensão integradora, que auxilia reflexões que podem proliferar novos sentidos e valores para nortear nossa práxis diária, ressignificando-nos como seres plurais e coletivos marcados pela diversidade e desejosos pela promoção da equidade.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei nº 9.394/96*, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm). Acesso em: 23 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. PROGRAMA NACIONAL ESCOLAS SUSTENTÁVEIS. Versão preliminar 02.06.2014. Brasília, DF: MEC; Coordenação Geral de Educação Ambiental, 2014.

FERRARO, A. Encontros e caminhos: Formação de Educadoras (es) Ambientais e Coletivos Educadores/ Ministro do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental (org). *Hermenêutica educação ambiental: o educador como intérprete*. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005. 358 p. 23 cm. ISBN 85-7300-200-X

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 15ª.ed. São Paulo: Loyola, 2007. 79 p.

GOROVITZ, Matheus. 2011. Disponível em: <https://blog.abmes.org.br/?p=1433>. Acesso em 23 de ago. 2018.

HABERMAS, Jurgen. *The theory of communicative action*. Vol 1. Reason and the rationalization of society. Boston, Beacon Press, 1990.

LEFF, Henrique. Complexidade. Racionalidade Ambiental e Diálogo de Saberes. v. 34, n. 3 (2009), p. 17-24, set/dez. 2009. *Revista Eletrônica, Educação & Realidade*, UFRGS. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/9515/6720>. Acesso em: 10 abril. 2018.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *A Complexidade Ambiental*. Tradução de Eliete Wolff. São Paulo: Cortez, 2003.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

PEREIRA, Vilmar. *Hermenêutica e Educação Ambiental no contexto do pensamento pós-metafísico*. 1.ed. Juiz de Fora, MG: Garcia Edizioni, 2016.

REIGOTA, Marcos. *O que é educação ambiental*. 2ª ed. Coleção primeiros passos; São Paulo. Brasiliense, 2009.

RODRIGUES, F. F. R; TRISTÃO, M. Escola sustentável e educação ambiental: os saberes de uma comunidade na formação da cultura da sustentabilidade. In: *VI Encontro Pesquisa em Educação Ambiental. A Pesquisa em Educação Ambiental e a Pós-Graduação no Brasil*. Ribeirão Preto, EPEA, 2011.

RUSCHEINSKY, Aluísio. As Rimas da Ecopedagogia: uma Perspectiva Ambientalista. In: RUSCHEINSKY, A. (Org.) *Educação Ambiental: Abordagens Múltiplas*. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 61-71.

SAUVÉ, Lucie. *Educação Ambiental: possibilidades e limitações*. v. 31, n. 2 . Educação e Pesquisa, São Paulo, 2005, p. 317-322.

TREVISOL, J. V. A crise cológica e a sociedade de risco global. In: *A educação ambiental em uma sociedade de risco*. Joaçaba: UNOESC, 2003. p. 63-89.



Capítulo 8

# CONCEPÇÕES ALEGÓRICAS DE UM ESTADO AUTORITÁRIO EM CENA

Robson Teles Gomes





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



### Resumo:

A literatura pode ser espaço de tensão entre representações discursivas e relacionar fatos histórico-sociais a criações alegóricas, buscando uma resignificação de tais fatos. Em *O Pagador de Promessas* e *O Santo Inquérito*, de Dias Gomes, as experiências vivenciadas pelas personagens sugerem alegorias de um momento histórico. Para melhor se compreender essa alegorização, o dramaturgo propõe a reescritura de momentos da História de um país através de conflitos e de ações dramáticas.

### Palavras-chave:

Estado Autoritário; Teatro; Alegoria Nacional; *O Pagador de Promessas*; *O Santo Inquérito*.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



O teatro é a única arte (...) que usa a criatura humana como meio de expressão. Este caráter de ato político-social da representação teatral, ato que se realiza naquele momento e com a participação do público, não pode ser esquecido.

(Dias Gomes)

## DESCORTINANDO O ESTADO AUTORITÁRIO

Uma das mais evidentes características de um Estado Autoritário é o que se pode chamar de desmobilização social. De acordo com Ricardo Silva (2001), desmobilização social constitui-se uma estratégia em que se nega qualquer organização por parte das camadas mais populares, para que se tenha um controle total sobre o povo e suas atitudes. Ainda em relação a essa ideia, Silva destaca que “o sonho do autoritarismo desmobilizador é a passividade dos cidadãos, e a possibilidade, correlativa, de obrar para o bem deles” (SILVA, 2001, p. 9). Nesse sentido, pode-se relacionar o que Ricardo Silva trata de “autoritarismo desmobilizador” a uma ideologia de Estado que buscou legitimar determinadas soluções autoritárias aos dilemas encontrados na sociedade brasileira.

A partir das observações de Silva, nesse caso, vê-se que um dos objetivos do Estado Autoritário é evitar qualquer mobilização social, especialmente das camadas mais populares, por isso que a formação e a informação oferecidas por tal Estado são alienadoras, em busca de obediência e de passividade sociais. O autor destaca, também, que “A restauração e a reprodução da ‘disciplina social’ são a razão de ser do Estado autoritário” (SILVA, 2001, p. 8). Nesse sentido, o Estado se impõe como o único sujeito histórico capaz de moldar a sociedade, organizar a nação e de disciplinar o povo.

Buscando levar a sociedade a uma obediência passiva e a uma despolitização, o Estado Autoritário tem como uma das



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



principais metas a subordinação dos poderes Judiciário e Legislativo ao poder Executivo, posicionamento que autoriza a repressão a toda e qualquer oposição política e ideológica ao governo em vigência. A instauração de um Estado altamente centralizado tem início na Constituição de 1934 e consolidação na de 1937. Ademais, a partir desta Constituição, quem controla o Legislativo é o Executivo, além de controlar os estados federativos e os direitos do cidadão. Dessa maneira, ao atribuir ao Presidente da República o poder de intervir livremente nos estados e de expedir decretos-leis, a Constituição de 1937 consolidou as bases para a realização de um Estado Autoritário (SILVA, 2010). Ou seja, a vivência de um processo de total repressão durante a Ditadura Militar a partir de 1964 tem seus prolegômenos no Estado Novo de Getúlio Vargas, momento histórico preparatório para aqueles 'anos de chumbo'.

Muito embora essa discussão possa parecer hoje 'superada', desde que nos anos de 1980 a expressão 'Estado Autoritário' serviu a uma série de discussões sociológicas, ela ainda é válida, principalmente para que a sociedade esteja sempre alerta e melhor compreenda a formação do Estado Brasileiro a partir dos anos da Era Vargas, especialmente, o Estado Novo, até os anos finais da década de 1970, quando a transição política garantiu, teoricamente, o estabelecimento de um 'Estado Democrático'.

Nessa perspectiva, este capítulo tem a finalidade de evidenciar que algumas obras teatrais, a exemplo de *O Pagador de Promessas* (1959) e *O Santo Inquérito* (1966), de Dias Gomes, revelam fortes indícios críticos sobre a situação política e social pela qual a sociedade brasileira passava. A relação entre Dramaturgia e Política se mostra de forma alegórica em várias peças, já que, como afirma Fábio Lucas (1985), "o discurso literário (...) permeado por uma intenção de apelo, visa a mover o receptor da mensagem e estimulá-lo a engajar-se em uma prática" (LUCAS, 1985, p. 97) sociopolítica, em busca de uma sociedade mais justa.





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Profundamente marcada pela Política, a dramaturgia brasileira nos entornos de 1964 registra a dimensão de questionamentos sociopolíticos frente a um Estado cuja formação era considerada autoritária e que acabava, por isso, tolhendo direitos à cidadania. Nesse sentido, as referidas peças de Dias Gomes representam imbricações literárias e político-sociais que podem ser vistas como alegorias nacionais da realidade brasileira. Tomando-se o termo alegoria como “a substituição do pensamento em causa por outro pensamento, que está ligado, em uma relação de semelhança, a esse mesmo pensamento”, conforme postula Heinrich Lausberg (1976, p. 283), destacam-se os efeitos estéticos dessas duas peças de Dias Gomes como resposta a um espaço autoritário representado nelas. Ademais, o termo alegoria contempla significados mais específicos que não poderiam deixar de ser levados em consideração quando se ponderam questões políticas e ideológicas.

Assim, no que diz respeito à crítica literária e cultural, o nome de Fredric Jameson (1986) figurou, especialmente na década de 1980, entre os mais produtivos quanto à legitimidade da interpretação histórica atrelada à literatura. Um de seus ensaios mais comentados criticamente é *Third World Literature in the Era of Multinational Capital*. Esse texto introduz uma discussão acerca do poder globalizante que se evidencia quando se confronta a cultura de países colonizados e a de colonizadores. Inclusive, mais que uma linha teórica, as propostas defendidas por Jameson vislumbram uma espécie de paradigma para a interpretação de obras literárias produzidas no chamado Terceiro Mundo.

O principal argumento defendido por Jameson em tal ensaio diz respeito ao conceito de alegoria nacional. Esse conceito pode ser aplicado a várias obras literárias produzidas em países latino-americanos, os quais, além de apresentarem uma perspectiva que os contrapõe ao colonizador como seu “outro”, passaram por um processo político conturbado, como uma ditadura, a exemplo do



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Brasil, do Chile (1973-1990), da Argentina (1930-1983), países onde esse processo se deu de maneira mais contundente. Ademais, esses países ainda podem ser agrupados a partir de outros critérios, como sua história colonial e a mestiçagem na formação de seu povo.

Conforme o ensaio *Third World Literature in the Era of Multinational Capital*, nações com esse perfil político-social desenvolveram uma produção literária e cultural que associou a condição de país colonizado a um discurso no qual era evidente a formação de uma pátria que saiu de determinada situação periférica para a condição de protagonista. Em outras palavras, foi necessário que o discurso artístico-cultural recontasse/ressignificasse a história do povo, a fim de que este se sentisse cômico de sua própria identidade, embora, muitas vezes, fosse vítima de um processo político penoso, autoritário. Para tanto, a linguagem alegórica foi – e tem sido, ainda – uma das ferramentas mais recorrentes na literatura.

Considerando alegoria, também, como “a abertura do texto a múltiplos significados, a sucessivas reescrituras e sobrescrituras que são geradas segundo os muitos níveis e interpretações suplementares” (JAMESON, 1992, p. 26), relaciona-se tal conceito àquelas duas peças como a representação de uma resposta ao sentido problemático da situação sociopolítica dos entornos da década de 1960. Nessa perspectiva, associa-se a história de Zé-do-Burro, de *O Pagador de Promessas*, e a de Branca Dias, de *O Santo Inquérito*, como alegorias nacionais de um determinado momento histórico. Ou seja, Dias Gomes construiu nessas duas peças um discurso artístico-cultural recontando/ressignificando um momento histórico na História do país.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



## AUTORITARISMO EM CENA

Marilena Chauí (2013), em seu livro *Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro*, destaca alguns traços gerais que provocaram a formação daquele Estado: a ausência de uma burguesia nacional plenamente constituída; a ausência de uma classe operária madura, autônoma e organizada, preparada para propor e opor um projeto político que desbaratasse o das classes dominantes fragmentadas; a presença de uma classe média desatinada, ao oscilar entre uma oposição à classe dominante e um entrave à classe operária. Tudo isso gerou um vazio em relação à tomada de poder, espaço que será preenchido pelo Estado, o qual, nascido do vazio político, passa a assumir-se como o sujeito histórico do Brasil.

Frente a esse contexto, era necessário que o país se organizasse em um conjunto de representações e normas por meio do qual os sujeitos sociais e políticos se representassem a si mesmos e à coletividade, em busca de defesa dos direitos à cidadania (CHAUÍ, 2013). Era preciso mostrar resistência e demonstrar que nem todos eram alienados, que as percepções ideológicas de autoritarismo estavam sendo notadas. Para tanto, a contribuição de uma produção cultural voltada a essas questões era bem-vinda e funcional. E vários artistas se engajaram em causas de sua época, sobretudo os envolvidos com o teatro – manifestação artística que, histórica e especialmente, tem demonstrado grande envolvimento político, em busca de conscientizar, de esclarecer seu público. A existência de um Estado Autoritário, portanto, não foi suficiente para estagnar o florescimento artístico-cultural que acompanhou as questões políticas e sociais desde o final dos anos de 1950, a exemplo do Teatro de Arena, do Teatro Oficina, do Cinema Novo. A partir de então, os 'donos do poder' não sabiam como desfazer ou evitar toda a movimentação cultural que se espalhava pelo país e que só teria fim após o AI5- (RIDENTI, 2005).



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Importante mencionar-se que a produção artístico-cultural não pode ser vista de maneira salvacionista, mas a provocação que ela consegue suscitar é imprescindível a toda e qualquer sociedade. A arte nasceu para desacomodar instâncias; e em determinados momentos políticos, ela pode representar a mais funcional saída de toda uma sociedade. Cotejando a arte e o momento político da década de 1960, Marcelo Ridenti acentua que “as artes não poderiam deixar de expressar a diversidade e as contradições da sociedade brasileira da época, incluindo, por exemplo, a reação e o sentimento social ante o Golpe de 1964” (RIDENTI, 2005, p. 73).

Correlacionar a produção artístico-cultural e o Estado Autoritário provocaria variadas pesquisas, contudo, o propósito deste capítulo é apenas evidenciar essa relação, para que se possam estabelecer alguns referenciais históricos e estéticos que possivelmente interferiram na produção de *O Pagador de Promessas* e de *O Santo Inquérito*. Afinal, cada uma dessas peças dialoga diretamente com seu contexto histórico-político e estético, revelando o envolvimento ideológico do teatro e de dramaturgos como Dias Gomes. Além disso, é preciso que se diga que o uso da arte para reprimir manifestações de autoritarismo por parte do Estado não é um gesto incomum.

## ESTADO AUTORITÁRIO, PERSONAGEM RECORRENTE

O teatro com perspectivas alegóricas ocorre desde a Grécia antiga. Acerca desse caráter, Kathrin Rosenfield afirma que “O teatro grego não é lazer privado, nem liturgia, mas uma espécie de contemplação do fundamento da religião, da política e da sociabilidade” (ROSENFELD, 2002, p. 9). Nesse sentido, as questões de cidadania e as referentes ao universo sociopolítico estavam diretamente associadas às questões estéticas. Os



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



enredos estabeleciam ligação direta entre os mitos, a fundação e o desenvolvimento da civilização humana e as linhagens que daí resultavam. Dessa forma, tais enredos punham em destaque valores e regras de sociabilidade, mimetizados nas figuras mitológicas, que são reescritas e reinterpretadas nas peças. Nas palavras de Rosenfield, “Nessa reescritura, o passado remoto da lenda heroica transforma-se em pano de fundo para uma reflexão sobre problemas atuais” (ROSENFELD, 2002, p. 9).

Esse é o estratagema tomado por Dias Gomes na criação, por exemplo, da personagem Branca Dias – uma cristã-nova que viveu no Brasil colonial –, para pôr em destaque situações problemáticas do tempo histórico em que o autor produziu a peça: a Ditadura Militar. Assim, alegorizou-se na tragédia grega, visto que esta refletia sobre a organização social e sobre modos de governar a partir de lendas mitológicas, e Dias Gomes alegorizou em *O Santo Inquérito*, ao discutir questões sociopolíticas da Ditadura a partir da vida de uma cristã-nova que enfrentou o Poder Eclesiástico.

Tome-se como exemplo do teatro grego alegórico *Prometeu Acorrentado*, de Ésquilo (525 a 456 a.C.). Nessa tragédia, Zeus, que acabara de assumir o trono após ter vencido a Guerra dos Titãs, manda acorrentar Prometeu em uma rocha como punição por este ter dado aos humanos uma centelha de fogo. Opressor, Zeus se vinga de seu tio Prometeu de maneira cruel. Alegoria das relações de poder, a peça expõe aos olhos do espectador um embate entre um deus obstinado, firme, que é capaz de tudo para conseguir o que deseja, e um deus tirano, inflexível, injusto e ingrato, que esqueceu, inclusive, a ajuda de Prometeu para ter chegado aonde chegou.

### PODER

(...) Ele roubou uma flor que era tua, o brilho do fogo, vital em todas as artes, e deu-a de presente aos mortais; é preciso que pague aos deuses a pena desse crime, para aprender a acatar o poder real de Zeus e renunciar o mau vezo de querer bem à Humanidade.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



### HEFESTO

(...) Eis o que te rendeu o vezo de querer bem à Humanidade. Tu, um deus, não te encolheste de medo à cólera dos deuses e entregaste, com violação da justiça, as suas prerrogativas aos mortais; em paga, montarás guarda a este penhasco desprezível, de pé, sem dormir, sem dobrar os joelhos. Debalde exalarás gemidos e ais sem fim, porque inexorável é o coração de Zeus; todo poder recente é implacável.

(ÉSQUILO, 1968, p. 19)

Embora Zeus não apareça fisicamente em nenhum momento na peça, a referência a sua presença é constante, e sua figura funciona como a de um déspota que age em silêncio e a distância. Nesse caso, ele se consubstancia, pois, como a representação de um Estado Autoritário e assume o papel de sujeito histórico que oprime aqueles que lhe tentam obstruir o caminho para a conquista do poder absoluto<sup>1</sup>.

Fora do âmbito divino, outra tragédia clássica grega em que se pode encontrar a concepção de um Estado Autoritário, desta vez representado por personagens humanas, é *Antígona*, de Sófocles (495 a 406 a. C.), em que Creonte ganha contornos de um tirano.

### CREONTE

O que importa é que havia uma guerra e a guerra tem dois lados. Polínicos escolheu o lado errado.

### ANTÍGONA

Não é o que dizem os cidadãos de Argos. Tu sabes muito bem que eles perderam a batalha, mas não se consideram derrotados. Afirmam que usas o cadáver para aterrorizar os que poderiam se passar para o lado deles.

1. A esse respeito, veja-se, por exemplo, *Prometheus Desmotes: um «olhar» no titã*, de Carmen Isabel Leal Soares, Universidade de Coimbra, 1995; e a dissertação *A histeria como desordem mimética no Prometeu Acorrentado: uma leitura psicanalítica*, de Patricia Vivian Von Benkó Horvat, Universidade Veiga de Almeida, 2009.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



### CREONTE

Assim, andas ouvindo o inimigo?

### ANTÍGONA

O povo fala. Por mais que os tiranos apreciem um povo mudo, o povo fala. Aos sussurros, a medo, na semiescuridão, mas fala.

### CREONTE

Pois diga a esses que chamas de povo que não falem mais. É o que aconselho aos que amam a vida.

(SÓFOCLES, 2005, p. 29)

Inicialmente, é preciso que se diga que o confronto entre Antígona e Creonte está relacionado a um conflito político e dinástico. À Antígona é atribuída não apenas a referência a ideais humanitários abstratos, como a justiça, mas uma figura com peso político. Afinal, pertencente à linhagem dos Labdácidas, Antígona, como seu próprio nome sugere (*Anti* = no lugar de, *gone* = a progenitura), é aquela que substitui os descendentes de Édipo. Nessa perspectiva, Antígona, por representar a linhagem de todo um povo, a partir de Édipo, pode ser tomada como uma alegoria nacional daqueles que pertencem à linhagem dos Labdácidas. Ademais, a heroína tem consciência de seu papel político e social, a partir da sucessão que lhe cabe<sup>2</sup>. Quanto a Creonte, representando Tebas – o Estado –, ele quer fazer valer as leis que regem Tebas, mas abusa do poder.

2. Como destaca Rosenfield, desde as primeiras palavras no Prólogo, Antígona fala com inaudita altivez, com uma superioridade surpreendente para uma moça tão jovem, comparável apenas à aura dos heróis lendários. (ROSENFELD, 2002, p.15)



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Assim, um Estado Autoritário, como a figura de Creonte simboliza, aprecia um 'povo mudo'<sup>3</sup>, que precisa dos 'sussurros', da 'semiescuridão', para poder falar.<sup>4</sup> É notável a figura autoritária de Creonte, quando este afirma: "diga a esses que chamas de povo que não falem mais. É o que aconselho aos que amam a vida". Tal imagem pode ser relacionada metafórica e comparativamente à soberania que nasce no Estado Novo e que ganha dimensões gigantescas na Ditadura Militar brasileira. Do mesmo modo, o 'conselho' de Creonte pode ser tomado como as bases dos Atos Institucionais, especialmente do AI-5. Não que Dias Gomes haja feito uma intertextualidade direta entre o texto de Sófocles e sua produção dramática, mas a referencialidade aos textos gregos se faz presente nos grandes dramaturgos contemporâneos, seja na construção das ações dramáticas, seja na concepção das personagens.

No caso de *Antígona*, Sófocles constrói ações dramáticas que conduzem progressivamente os espectadores a associarem a trajetória da descendente de Édipo frente ao posicionamento político de Creonte com a realidade dos gregos da época clássica (ROSENFELD, 2002). No que diz respeito a *O Pagador de Promessas* e a *O Santo Inquérito*, Dias Gomes também conduz, progressivamente, os espectadores a associarem a trajetória de Zé-do-Burro e a de Branca Dias, respectivamente, com a realidade sociopolítica por que o Brasil passava à época da produção das peças.

3. Embora a Grécia antiga seja o berço da democracia (demo=povo, kracia=governo), mulheres, estrangeiros, escravos e crianças não tinham participação ativa nas decisões políticas da cidade. Enquanto em suas origens históricas a democracia era uma condição limitada, hoje se busca uma participação mais efetiva não de uma minoria, mas da maioria do povo. Acerca da construção do conceito de democracia na Grécia antiga e a comparação com o uso atual, veja-se o capítulo *O ideal de Sólon e a democracia na Grécia Antiga*, de Orly Kibrit, Mackenzie, 2012.

4. Vale lembrar Chico Buarque e a canção *Apesar de você*: "Hoje você é quem manda / Falou, tá falado / Não tem discussão / A minha gente hoje anda / Falando de lado / E olhando pro chão, viu".





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Além disso, o posicionamento emblemático de Antígona chama a atenção e pode ser comparado, conotativamente, ao posicionamento de todos aqueles que não temeram e não se curvaram diante das condições adversas pelas quais o Brasil passou nos referidos momentos históricos. Para elucidar tal posicionamento, veja-se a coragem de Antígona ao chamar Creonte de 'tirano' e de contrariá-lo: 'Aos sussurros, a medo, na semiescuridão, mas fala'. O vocábulo 'mas', nesse contexto, é mais que uma conjunção adversativa; ganha uma força político-ideológica imensa, por isso a resposta de Creonte é de quem se incomodou com o desafio e, em decorrência, fez uma ameaça. E essa ameaça se traduz no falso conselho – “aos que amam a vida” – e no falso desdém do 'poderoso tirano' em relação ao povo: “Pois diga a esses que chamas de povo que não falem mais”. Ou seja, 'esses' a que Antígona faz referência não têm representatividade; foi preciso, então, que a heroína os nomeasse.

Mesmo que essa abordagem tenha virado lugar comum, por ter sido repetida inúmeras vezes, não se pode deixar de mencionar que a heroína Antígona enfrenta, sozinha, o tirano Creonte, defendendo o direito de enterrar o irmão Polinices, em nome de uma liberdade e de direitos de cidadã que lhe cabiam. Nas palavras de Kathrin Rosenfield, “Nós a admiramos por ter-se insurgido contra regras arbitrárias que contrariam o direito natural da família e por defender a consciência religiosa contra a opressão do Estado” (ROSENFELD, 2002, p. 12). O decreto de Creonte ao corpo de Polinices é, para a cultura grega antiga, um dos maiores desrespeitos ao ser humano, o que, de certa forma, justifica o posicionamento extremado de Antígona. Não se trata de uma simples rebeldia à ordem da pólis grega. A heroína defende, na verdade, direitos naturais, costumes imemoriais; são leis não escritas, mas que representam um direito inalienável ao ser humano.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Por outro lado, a atitude de Antígona simboliza uma luta pelo poder. Ou, como defendia o poeta Hölderlin<sup>5</sup>, uma luta pelo palácio de Tebas – símbolo de poder. Nos estudos que o poeta alemão desenvolve sobre essa peça sofocliana, destaca-se o enfrentamento das linhagens representadas por Antígona, que é a de Édipo, e a de Creonte, que assume o poder pelo parentesco mais próximo – já que ele é irmão da rainha Jocasta. Qual das duas linhagens é mais capaz e mais digna de assumir o governo de Tebas? A presença do conflito é imprescindível ao gênero dramático: o confronto entre Antígona e Creonte está presente do início ao fim da peça. Ademais, na tragédia, afirma Aristóteles, a reviravolta é essencial. O perfil de um “ser superior” que se pode notar inicialmente em Creonte vira ruína, situação que atesta vitória à figura de Antígona, concedendo-lhe uma enigmática superioridade<sup>6</sup>.

Além da presença de alegorias do Estado Autoritário no Teatro Clássico, exemplificadas em *Prometeu Acorrentado* e em *Antígona*, pode-se dar sequência a essa presença com o teatro de Gil Vicente, na Idade Média. Dentro dessa perspectiva, em seu livro *Literatura e Ideologia*, Jaime dos Reis Sant’Anna (2003) analisa o trabalho político-literário de Almeida Garret – autor do Romantismo português – e o de Luís de Sttau Monteiro – autor português do século XX. Este, com o desejo de construir uma forte crítica ao regime ditatorial salazarista vigente em sua época, recria o *Auto da Barca do Inferno*, de 1517, através do seu texto *Auto da Barca do Motor Fora da Borda*, escrito em 1966; ao passo que Garret, movido pelo saudosismo e em nome da restauração do teatro nacional português, toma como base a fantasia alegórica *Cortes de Júpiter*, de 1521. Esses dois dramaturgos retomam a obra vicentina, muito

5. HÖLDERLIN, Friedrich. Observações sobre Édipo; Observações sobre Antígona/Friedrich Hölderlin. Precedido de Hölderlin e Sófocles/Jean Beaufret. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

6. Essa discussão é sugerida por Kathrin Rosenfield, em seu livro *Sófocles e Antígona*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



provavelmente, por esta ter manifestado o descontentamento do dramaturgo humanista com a situação socioeconômica portuguesa de sua época e por ter desafiado seus espectadores à reflexão acerca do que lhes acometia.

O trabalho de Sant'Anna tem como eixo central a intertextualidade, visto que a peça de Sttau Monteiro – *Auto da Barca do Motor Fora da Borda* – propõe o fim de um sistema social de exclusão. Segundo o autor, isso ocorre ao se tomar “o dialogismo com a obra vicentina como instrumento para criticar duramente a estrutura da sociedade portuguesa, geradora das injustiças sociais que a caracterizam” (SANT'ANNA, 2003, p. 15). Quanto à de Almeida Garret, o objetivo é restaurar a dramaturgia lusitana e o passado de uma monarquia e de uma nobreza virtuosas, que o dramaturgo acredita, de acordo com Sant'Anna, “capazes de servir de modelo para uma melhor coroa e uma mais aperfeiçoada burguesia, dentro de um sistema social do século XIX que ele deseja se mantenha basicamente inalterado” (SANT'ANNA, 2003, p. 15).

Assim, mais uma vez, o teatro, diante de um desalentador contexto de autoritarismo, contribui para que a sociedade busque se conscientizar de seus direitos e questione o poder político despótico vigente. Por esse prisma, na procura dos motivadores ideológicos que conduzem os momentos históricos em questão, Ésquilo, Sófocles, Gil Vicente, Almeida Garret, Sttau Monteiro e Dias Gomes oferecem aos espectadores, de maneira alegórica, uma necessária discussão acerca de ideologias que os circundam.

Analisando o papel do texto literário na discussão sobre o Estado Autoritário, Sant'Anna afirma que esse papel deve ser compreendido “de modo não desassociado do elemento utópico que garante ao texto literário o seu caráter proponente diante da sociedade que ele critica e deseja ver transformada” (SANT'ANNA, 2003, p. 15). Esse ‘caráter proponente’ a que Sant'Anna faz referência diz respeito a uma das funções da arte, o papel social que lhe cabe.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Portanto, uma literatura engajada, que represente a esperança de um mundo melhor, ao evidenciar a luta pelos direitos de liberdade de expressão, nasce de uma indignação e de um desejo de expor à sociedade a repressão generalizada em governos autoritários.

Este capítulo não busca ater-se aos elementos ideológicos das peças de forma explícita, porém visa a ponderar os artifícios estéticos, tais quais as alegorias, os conflitos e as ações dramáticas, que permitem transformar o texto em um dispositivo crítico simbolicamente político. Além disso, principalmente, almeja estabelecer uma relação entre esses elementos e a construção dramática de *O Pagador de Promessas* e de *O Santo Inquirido*. Nesse sentido, conforme a primeira peça:

### MONSENHOR

Com a autoridade de que estou investido, eu o liberto dessa promessa, já disse. Venha fazer outra...

### PADRE

Monsenhor está dando uma prova de tolerância cristã. Resta agora você escolher entre a tolerância da Igreja e a sua própria intransigência.

### ZÉ-DO-BURRO

*(Pausa)*

O senhor me liberta... mas não foi ao senhor que eu fiz a promessa, foi a Santa Bárbara. E quem me garante que como castigo, quando eu voltar pra minha roça, não vou encontrar meu burro morto.

### MONSENHOR

Decida! Renega ou não renega?

(...)

### ZÉ-DO-BURRO

Não! Não posso fazer isso! Não posso arriscar a vida do meu burro!



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



PADRE

Então é porque você acredita mais na força do demônio do que na força de Deus! É porque tudo que fez foi mesmo por inspiração do diabo!

MONSENHOR

Nada mais posso fazer então.

*(Atravessa a praça e sai)*

ZÉ-DO-BURRO

*(Corre na direção de Monsenhor)*

Monsenhor! Me deixe explicar! *(No auge do desespero)* Me deixe explicar!

PADRE

Que ninguém agora nos acuse de intolerantes. E que todos se lembrem das palavras de Jesus: “Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios, que, se possível fora, enganariam a muitos”.

ZÉ-DO-BURRO

Padre, eu não quero enganar ninguém.

PADRE

Enganaria a muitos, sim. E muitos o seguiriam ao sair daqui.

ZÉ-DO-BURRO

Eu não quero que ninguém me siga!

PADRE

Mas seguiriam, como já o seguiram pelas estradas, sem saber que seguiam a Satanás!

*(GOMES, 2012, p.102-103)*



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Com base nesse excerto, pode-se perceber que Zé-do-Burro, ingenuamente, não compreende as jogadas políticas e os ditames daqueles que detêm o poder. A imposição da Igreja, como se fora um Estado Autoritário, e a reação de Zé-do-Burro parecem representar as relações entre um perverso poder político e uma ingênua parte da sociedade que não percebe estar sendo manipulada. Dentro dessa perspectiva, para Sábado Magaldi (2001), “o apego a certas aparências e o culto rigoroso da razão”, no caso de *O Pagador de Promessas*, “tornam-se, inevitavelmente, formas de intolerância (...) e essa intolerância erige-se, na peça, em símbolo da tirania de qualquer sistema organizado contra o indivíduo desprotegido e só” (MAGALDI, 2001, p. 267). As ações dramáticas da obra fariam, portanto, uma relação entre a história pessoal do indivíduo Zé-do-Burro e uma alegoria da situação combativa e de ordem pública da cultura e da sociedade de um país, pois, dominado por um Estado Autoritário.

Situação análoga ocorre em *O Santo Inquérito*: com características de ‘pura encenação’, o Santo Ofício constrói um discurso, por meio da personagem Padre Bernardo, para justificar o poder da Santa Inquisição como forma de defesa da fé cristã:

### PADRE BERNARDO

(...) Os que invocam os direitos do homem acabam por negar os direitos da fé e os direitos de Deus, esquecendo-se de que aqueles que trazem em si a verdade têm o dever sagrado de estendê-la a todos, eliminando os que querem subvertê-la, pois quem tem o direito de mandar tem também o direito de punir.

(GOMES, 2012, p.29)

O discurso do Santo Ofício, de resguardar os direitos divinos e vê-los como incompatíveis com os direitos humanos, justifica o posicionamento do Poder Eclesiástico. Tal situação consubstancia-se como a preparação da sentença condenatória de Branca Dias à fogueira. No julgamento de Branca Dias, tudo eram acusações e



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



interrogatórios dos quais a moça inutilmente tentava se inocentar. Era ignorada sua versão dos fatos, uma vez que seu destino já havia sido definido pelos Inquisidores, confirmando a ideia de que “quem tem o direito de mandar tem também o direito de punir”. Esse discurso do Santo Ofício, portanto, exprime simbolicamente o discurso de um Estado Autoritário, um poder que se julga divinamente superior àqueles que o contestam.

Dentro dessa concepção, analisar a produção dramatúrgica brasileira a partir dos conflitos criados em consequência do Estado Novo e da Ditadura Militar pressupõe, como ressalta Ginzburg, “romper com a tradição nacionalista idealista, com a submissão ao colonialismo, a historiografia evolutiva e a noção de progresso” (GINZBURG, 2012, p. 13). Logo, seguindo-se tais pressupostos, busca-se a reflexão acerca de como a intensa presença de um Estado Autoritário na formação do Brasil pode ter se articulado com temas, formas, modos de produção e de recepção no que concerne aos conflitos e às ações dramáticas de *O Pagador de Promessas* (1959) e de *O Santo Inquérito* (1966). Além disso, é preciso que se discuta o alcance da importância, para o estudo da dramaturgia brasileira, da consideração de questões ligadas ao campo referencial do autoritarismo, da repressão, da tortura, a fim de que se mostre, também, como destaca Ginzburg, que “não se trata apenas de um campo de interesse para levantamento de temas, mas estético, isto é, um campo de implicações formais” (GINZBURG, 2012, p. 14). Para tanto, é relevante que se tenha, ao menos, uma visão panorâmica do contexto histórico nos entornos da década de 1960 e de suas implicações com a produção cultural, principalmente em relação à dramaturgia brasileira.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



### Quadro comparativo entre as obras mencionadas e o Estado Autoritário

Obras	Representação do Estado Autoritário
Prometeu Acorrentado	A figura de Zeus, deus cruel, obstinado, firme, capaz de tudo para conseguir o que quer, tirano, inflexível, injusto e ingrato, desprezando a ajuda que Prometeu havia lhe dado para conseguir chegar aonde chegou.
Antígona	Creonte, com desejo de reerguer Tebas, nega a linhagem dos Labdácidas e impõe, tiranamente, sua própria linhagem, buscando anular o direito natural e inalienável de Antígona para enterrar o seu irmão Polínicos.
Cortes de Júpiter/ Auto da Barca do Motor Fora da Borda	Retomando o teatro alegórico de Gil Vicente, essas obras estabelecem uma relação com a ideia de um Estado Autoritário para proporem o fim de um sistema social de exclusão, gerador de injustiças sociais, por ser Autoritário.
O Pagador de Promessas	Zé-do-Burro se vê impossibilitado de realizar sua promessa por conta do posicionamento impositivo do Poder Eclesiástico, como se este fora um Estado Autoritário.
O Santo Inquérito	No julgamento de Branca Dias, tudo eram acusações e interrogatórias que compunham um discurso do Santo Ofício representando simbolicamente o discurso de um Estado Autoritário: "Quem tem o direito de mandar, tem o direito de punir".

Fonte: O autor (2018)

## CORTINANDO ENCENAÇÕES

No que diz respeito especificamente à questão política, Dias Gomes deixa entrever aspectos que podem ser tomados como alegorias nacionais, a exemplo da atmosfera dramática que há na personagem Zé-do-Burro, de *O Pagador de Promessas*, e na atmosfera da personagem Branca Dias, de *O Santo Inquérito*. A história de vida dessas duas personagens pode ser tomada alegoricamente como a História do Brasil, naquele período de repressão política e





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



de lutas sociais. O próprio autor sugere essa concepção, quando afirma que teve de recorrer, em muitas peças suas, a elementos antirrealistas, porque nem sempre um realismo formal é a melhor maneira de refletir a realidade. “Principalmente quando esta apresenta conotações grotescas, como é o caso da nossa” (GOMES, 2012, p. 47). Portanto, a linguagem alegórica é fundamental na construção da atmosfera dramática das peças de Dias Gomes.

No que se refere a inquietações sociais e políticas, *O Santo Inquérito* representa bem as relações de poder e de repressão presentes nos anos ditatoriais, de um Estado Autoritário. Nessa peça, Dias Gomes mostra mais uma vez o terror estabelecido, deturpador do sentido das palavras, que tentava silenciar os gritos dos inconformistas. A exemplo do que já ocorrera em *O Pagador de Promessas*, em *O Santo Inquérito* a temática da incomunicabilidade humana vem à tona e consegue dialogar alegoricamente com aqueles chamados ‘anos de chumbo’, em que falar o que se pensava e questionar o que era imposto significavam atos heroicos, mas que cobravam um preço inestimável – a própria vida. Dessa maneira, nas duas referidas peças, a tentativa de silenciar o discurso dos protagonistas é a grande arma usada por uma atmosfera autoritária, em uma flagrante similitude entre a ficcionalidade dessas obras e a própria realidade que o Brasil estava vivenciando.

## REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. *Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro*. Org. André Rocha. Vol. 2. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013.

ÉSQUILO. Teatro grego. *Tradução, introdução e notas de Jaime Bruna*. São Paulo: Cultrix, 2005.

GINZBURG, Jaime. *Crítica em tempos de violência*. São Paulo: EDUSP-FAPESP, 2012.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



GOMES, Dias. *O Pagador de Promessas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

\_\_\_\_\_. *O Santo Inquérito*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

JAMESON, Fredric. Thirdworld literature in the era of multinational capitalism. *Social Text*, n. 15. Durham: Duke University Press, 1986.

\_\_\_\_\_. *O inconsciente político*. São Paulo: Ática, 1992.

LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de retórica literária*. 5ed. Lisboa: Fundação CalousteGulbenkian, 2004.

LUCAS, Fábio. *Vanguarda, história e ideologia da literatura*. São Paulo: Ícone, 1985.

MAGALDI, S. *O texto no teatro popular*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Sófocles e Antígona*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

SANT'ANNA, Jaime dos Reis. *Literatura e ideologia: Gil Vicente sob o olhar ideológico de Almeida Garret e Sttau Monteiro*. São Paulo: Novo Século Literário, 2003.

SÓFOCLES. *Antígona*. Tradução de Millôr Fernandes. 6ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_. *Teatro grego*. Tradução, introdução e notas de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2005.

SILVA, Ricardo. A Ideologia do Estado autoritário no Brasil. In: *Cadernos de pesquisa*, nº. 26, abril 2001.

SILVA, Aline Monteiro de Carvalho. A peça "O Túnel" e as perspectivas sobre o período entre 1964-1968 pelo olhar de Dias Gomes. In: *XX Encontro Regional de História: História e Liberdade*. Franca: UNESP, 2010.



Capítulo 9

**A ESCRITA LITERÁRIA ENQUANTO RESISTÊNCIA:  
VOZES E MEMÓRIAS DE SUJEITOS INVISÍVEIS  
NA OBRA OUTROS CANTOS,  
DE MARIA VALÉRIA REZENDE**

Sandra de Fátima Kalinoski





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



### Resumo:

Esta discussão resulta da análise da obra “Outros Cantos” (2016), de Maria Valéria Rezende e objetivou olhar para esta narrativa literária enquanto espaço de resistência ao dar voz aos sujeitos invisibilizados pelo poder opressor vigente durante a Ditadura Militar brasileira, bem como lutar em favor da preservação da memória coletiva. “Outros Cantos” revela-se uma ficção contemporânea preocupada e comprometida com a função da literatura enquanto crítica e reflexiva, pois exerce papel denunciativo, através de uma memória que resiste e luta contra as tentativas de apagamento.

### Palavras-chave:

Literatura. Ditadura Militar. Memória. Resistência.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



## PRETÉRITO REVISITADO E PRESENTE: UMA INTRODUÇÃO

O ano de 1964 é considerado um marco para a sociedade brasileira, pois é partir dele que o país adentra num longo e tenso período de acontecimentos históricos e políticos que, articulados de maneira ordenada, conferem à nação uma estrutura caracterizada pela desordem social, pela tensão, censura e medo. O Brasil volta a vivenciar a situação política já experimentada na metade do século XX, com a implantação do Estado Novo (1937-1945) pelo governo Getúlio Vargas. Entretanto, apesar da semelhança, o período que se iniciaria em 64 superaria em muitos sentidos, principalmente no que se refere à censura, à repressão e à violência, aquele implantado no Estado Novo.

Os vinte e um anos que transcorreram a partir de 64 marcaram profundamente a vida de uma grande parcela da população. Práticas violentas como a coerção, prisão, tortura e morte eram recorrentes contra todo e qualquer sujeito que se opusesse ao sistema opressor implantado pelo governo militar. Muitos foram os cidadãos comuns, estudantes, intelectuais e artistas presos, torturados e mortos, bem como, exilados, vítimas de tais práticas. Quem sobreviveu ao fim da Ditadura Militar, ocorrida em 1985, aos poucos começou a sentir necessidade de levar a diante o testemunho do horror vivido. Assim, entre as décadas de 70 e 80, surgem centenas de obras literárias, muitas delas ainda escritas durante a prisão destes indivíduos e que ficaram ocultadas durante o período ditatorial – como relato e denúncia das práticas de tortura e de todas as demais ações que faziam parte do aparato de censura e violência instaurado pelo governo da época. De tal modo, esses escritos literários surgem como uma denúncia do vivido, não só para mostrar o outro lado da história, mas principalmente, como um modo de dar voz àqueles sujeitos que não conseguiram sobreviver para contar e



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



levar à posteridade o conhecimento desse brutal capítulo da história brasileira, para que ao ser conhecido não torne a ser repetido.

Atualmente, apesar de transcorridas cinco décadas do início do período ditatorial brasileiro e três décadas de seu término, ainda se observa que o campo de discussão em torno de tal temática não está esgotado. Estudos acerca de obras literárias oriundas das décadas em que o país mergulhou na escuridão da censura e da violência, são crescentes. Da mesma forma, na atualidade, o surgimento de - dentre outros tipos de produções artísticas como cinema, teatro, documentário e pesquisas sobre os desmandes da Ditadura Militar brasileira - publicações de obras literárias, que ao tratar da temática ditatorial, buscam através da abordagem memorialística e/ou ficcional, uma tentativa de elucidação e de assimilação desse período pretérito tão conturbado, e que ainda se faz muito presente, principalmente na memória daqueles que sentiram na pele sua atuação.

É sobre um exemplo de produção desta natureza que se propõe a presente discussão. O *corpus* para a reflexão é a obra *Outros cantos*, de Maria Valéria Rezende, publicada recentemente em 2016, mas tendo sua produção iniciada ainda em 2014, ano em que o Golpe Militar completava meio século de seu início. A autora de *Outros cantos*, Maria Valéria Rezende, é uma freira religiosa da Congregação de Nossa Senhora – Cônegas de Santo Agostinho. Ainda jovem, foi membro da Juventude Universitária Católica (JUC), dedicou grande parte de sua vida aos estudos e ao trabalho social em meio aos mais pobres em várias partes do mundo. Viveu no nordeste e se dedicou à educação popular ancorada ao método de Paulo Freire; foi uma militante contra o governo ditatorial brasileiro da década de 70 e ajudou a esconder muitos militantes perseguidos. Estreou na literatura em 2001, aos 60 anos de idade. Em 2015 ganha o Prêmio Jabuti de melhor romance com *Quarenta dias* para em 2016 então, apresentar ao público a obra objeto de estudo deste trabalho.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Diante do exposto, buscar-se-á com esta análise traçar reflexões acerca da relação entre tempo e memória e como se dá na narrativa o resgate destas memórias. Buscar-se-á olhar para as memórias da protagonista não como simples lembranças que vem à mente ao bel prazer da recordação, mas como uma necessidade de registro e de conservação memorialística, a fim de manter viva a história de uma coletividade e ao mesmo tempo, mostrar as mazelas enfrentadas por todos aqueles vitimados pelas desigualdades sociais oriundas do abandono de Estado opressor da época. Aqueles sujeitos esquecidos, invisíveis à elite detentora do poder e pelos quais inúmeros militantes, muitas vezes, também na invisibilidade, arriscaram e perderam suas vidas.

## AS VOZES... AS MEMÓRIAS...E A LITERATURA QUE SALVAGUARDA

A narrativa de *Outros cantos* ocorre em primeira pessoa, e trata da história da protagonista – Maria<sup>1</sup> – como se autodenomina – a qual em uma viagem de retorno ao sertão nordestino, 40 anos após sua primeira estada naquele lugar, rememora durante a viagem de ônibus o período em que viveu no sertão quando jovem. Embora seja possível observar nesta narrativa passagens semelhantes à biografia da autora Maria Valéria Rezende, a obra é uma narrativa de ficção memorialística, que vai ao passado por meio da memória da protagonista e retorna ao presente da enunciação, alternadamente. O tempo que está em primeiro plano, é o tempo presente em que a narradora está fazendo sua viagem. Durante o percurso, dentro de um ônibus, cujo tempo de duração não é bem definido, mas através de alguns indícios da narrativa, pode-se inferir que fora em

1. A personagem, assim como a autora, também se chama Maria. Assim, utilizaremos a expressão "a autora" quando fizermos referência à Maria Valéria Rezende e "a narradora", "a protagonista" ou simplesmente "Maria" quando nos referirmos à personagem ficcional.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



torno de uma noite de viagem, a narradora rememora como foi viver no sertão naquele tempo pretérito e passa a comparar a vida que conheceu no passado com as situações que se apresentam a ela no presente. As lembranças trazidas para o primeiro plano da narrativa, através das memórias relembradas da narradora, configuram um segundo tempo da narrativa, de duração de alguns meses, e, é esse tempo que se faz muito presente e muitas vezes, pode ser até confundido com o presente da narrativa.

Ao remeter a um tempo pretérito, aquele em que a Ditadura Militar era sentida em todos os cantos do país, *Outros cantos* aborda a ação que fora exercida ou tentada por muitos sujeitos comprometidos na luta contra o sistema opressor: o ato de se infiltrar em meio às massas, ir aos mais remotos cantos do país para conscientizar e organizar a população em favor da militância e em prol de um objetivo maior, o de desenvolver o pensamento crítico e luta em favor da diminuição das desigualdades sociais. O enredo da narrativa radica em torno da personagem Maria, uma educadora enviada a um vilarejo, ficcionalmente identificado como Olho D'Água, no sertão nordestino com a missão de alfabetizar os adultos daquele povoado, conforme a política criada pelo governo militar que instituiu o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). Maria, que é na verdade uma militante infiltrada, aproveita a oportunidade para fugir da repressão, da tortura e da prisão decorrentes do período ditatorial e vê na ocasião a possibilidade de ajudar seus companheiros de luta política na militância. Quando se observa na narrativa passagens como: “Maria, Maria, Maria”, iam-me nomeando, eu me reconhecendo [...], fazer-me uma entre todas as outras Marias [...], tornar-me como um peixe dentro d'água, preparar o terreno para quem viesse depois de mim” (REZENDE, 2016, p. 16), encontra-se já sinalizada a missão da protagonista ao partir para o sertão no auge da sua juventude. Maria ao partir como educadora para atender à política do governo da época, busca muito mais que ensinar jovens





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



e adultos a ler e a escrever. Sob a máscara da professora alfabetizadora 'Maria', nome comum a tantas outras sertanejas daquele meio, ela 'desaparece' no universo das Marias, será só mais uma ali, facilitando assim sua permeabilidade e invisibilidade, condições indispensáveis ao cumprimento da sua meta por conscientização política do povo.

Euridice Figueiredo (2017), em seu livro *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*, discute a reelaboração da experiência traumática da ditadura e a manutenção de tal memória na coletividade e classifica em três períodos as obras que tratam desta temática. Para a autora, o primeiro período compreende entre os anos de 1964 a 1979, cujas obras vão abordar a temática, sob uma perspectiva muito contraditória, "ora utópica, ora distópica" (FIGUEIREDO, 2017, p. 47); o segundo período irá abranger a produção surgida entre os anos 1980 e 2000 e que serão em sua grande maioria relatos autobiográficos de perseguidos, presos e exilados e o terceiro período então, composto por obras literárias surgidas após a criação da Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos (após 1995) e impulsionada pela criação da Comissão Nacional da Verdade (2012). Une-se ainda a tais acontecimentos, o fato de que o ano de 2014 marcou o cinquentenário do golpe, o que por sua vez impulsionou a escrita de muitas obras para tratar do tema em questão. Para a crítica, as obras deste terceiro período são obras ficcionais e embora conservem um lado testemunhal, se distanciam do puro testemunho, "pois seus autores não se apresentam como vítimas de tortura, mas sim, conheceram essa realidade de perto e conseguem reelaborar o vivido de modo ficcional, inspirando-se em casos verídicos" (FIGUEIREDO, 2017, p. 87).

Segundo Figueiredo (2017), "os autores que escrevem nos dias de hoje foram afetados de maneira direta ou indiretamente, pela ditadura" (FIGUEIREDO, 2017, p. 42). Assim sendo, a leitura de *Outros cantos* ratifica a classificação dada pela estudiosa, quando



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



o insere neste terceiro período, pois trata de uma obra ficcional, mas que não é alheia ao testemunho que se quer evidenciado e às denúncias que se propõem a realizar. Ao escrever *Outros cantos* a autora lança mão de uma linguagem muito bem articulada, porém simples, por vezes com marcas da oralidade, possibilitando uma leitura clara, contínua e fluente, podendo ser feita do leitor mais simples ao mais erudito. Contudo, a sensibilidade com a qual a autora apresenta os assuntos que se propôs abordar, ratifica sua empatia diante do outro, do seu semelhante e diante de situações difíceis daquela dura vida do sertão. No entanto, através dessa construção relativamente simples de uma narrativa sem grandes conflitos e impasses, será possível penetrar na essência de *Outros cantos* e encontrar, no relato, a mais veemente crítica àquela realidade sertaneja repleta de privações; descobrir nas singelas descrições da vida cotidiana de um povo sofrido, a mais genuína denúncia de um sistema governamental que cega, aprisiona e escraviza os sujeitos. Sobretudo, é possível ver, o descortinar de um passado que ainda se quer presente quando se trata do período ditatorial brasileiro. Não presente no sentido da repetição, mas sim enquanto memória viva de uma coletividade, enquanto resistência e luta para que tal realidade nunca mais se repita.

Esta narrativa resgata através da memória da protagonista, sua primeira inserção no ambiente sertanejo, quando fora designada à alfabetização de adultos através do programa de governo MOBREAL, Maria parte cheia de sonhos e ideais, acredita na verdadeira conscientização crítica e organização das massas. No tempo presente da narrativa, ela retorna a este mesmo lugar: “Para falar de esperanças me chamaram de novo ao sertão e vou pensando que as minhas mudaram e se tornaram muito mais modestas e pacientes do que antes [...]” (REZENDE, 2016, p. 12). Já nas primeiras páginas do relato, a narradora expõe um certo amadurecimento ou talvez senso de realidade do que a espera. Se antes, pela primeira vez em



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



que se embrenhou pelo sertão, jovem aos trinta anos, fora com o coração cheio de esperanças, objetivando grandes conquistas por meio da promoção da consciência sociopolítica para os explorados e miseráveis trabalhadores, agora, já não espera mais o mesmo. A Maria que chegou a Olho D'Água há 40 anos, idealista, movida pela luta contra as desigualdades sociais e que já havia percorrido tantos outros cantos, como França, Argélia, México e Paraguai, e destes trazia suas mais diferentes experiências de vida, se deu conta do quão difícil e sofrido é viver numa realidade ímpar como aquela do sertão brasileiro.

Durante o percurso que faz de ônibus na travessia daquela terra seca, a narradora começa a observar aquelas pessoas que assim como ela adentram no veículo. A fisionomia de um rosto cansado, o modo de vestir, o modo de agir, “o odor exalado do couro curtido, suor e tabaco” (REZENDE, 2016, p. 09), lhe fazem revolver as memórias daquele passado vivido em sua juventude no período que permaneceu em Olho D'Água:

O odor flui da minha memória, decerto, porque este ao meu lado veste-se como um caubói de rodeio e cheira a água-de-colônia barata. [...] gibão e chapéu de couro, estátua encourada revolvendo-me as lembranças [...] e percebo em mim uma sensação de suspensão e expectativa: desejo e espero que ele lance, enfim, o seu aboio. Há mais de quarenta anos carrego essa imagem e esse canto em algum socavão da alma que agora se ilumina.[...] Deixo divagar a memória enquanto todo o resto, o caubói, o ônibus, a caatinga, a estrada, mergulha na escuridão (REZENDE, 2016, p. 09-10).

Enquanto o ônibus avança pela estrada escura da caatinga, a memória de Maria se ilumina e ela passa a reviver através de suas lembranças os acontecimentos e as experiências de vida pelas quais passou. Embalada pelo movimento do ônibus, que avança pela caatinga e encoberta pela escuridão da noite, a protagonista deixa fluir sua memória, revivendo nas lembranças cada dia, cada situação, cada luta, perdas e vitórias daquela sua primeira vez no sertão.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



A palavra memória, de origem latina, deriva de 'menor' e 'oris', e significa "o que lembra", ligando-se, dessa forma, ao passado; logo, ao já vivido. Em nível individual, a memória é a capacidade de um conjunto de funções psíquicas que possibilitam conservar certas informações, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele concebe como passadas. Henrique Serra Padrós (2001), aponta para o fato de que, "ao lembrar, o sujeito pode libertar-se dos imperativos imediatos do tempo e do espaço, percebendo, novamente, o passado, e imaginando o futuro à vontade" (PADRÓS, 2001, p. 80).

Ao acompanhar os tantos relatos da narradora, é possível observar, num certo nível individual da personagem uma tentativa de permanecer naquele passado conhecido, cujas memórias podiam ser acessadas sempre que uma nova realidade do momento vivido lhe apresentasse algo novo e que não correspondesse ao que ficou em suas lembranças. Esta é uma característica muito presente no relato da narradora, que assume, sem qualquer reserva a resistência que tem em relação a esse novo sertão, agora alterado pelas facilidades do consumo e da vida moderna:

[...] vai e vem, mantendo-me suspensa entre as imagens daquele chão já fora do tempo e este chão de hoje, quase o mesmo no mapa, mas cujo perfil me causa estranheza, semeado de antenas e torres fazendo parecer miniaturas as casas, já não apenas brancas ou cor de terra, seus raros coqueiros e as algarobas.[...] impõe aos meus ouvidos a música daquele povo, feita toda de incansável trabalho.(p. 18)[...] Uma mudança brusca nos ruídos e movimentos deste ônibus obriga-me a abrir os olhos e divisar, pela janela, uma casa isolada à beira da estrada, amplamente iluminada, luz elétrica em abundância. [...] Posso ver quase tudo lá dentro, mais coisas, muito mais coisas do que gente: sofás e poltronas forrados de plástico [...] a geladeira encimada por um pano de crochê [...] três ou quatro quadros grandes com paisagens de neve, do Arco do Triunfo [...] os famigerados racks [...] almofadas de falso cetim, um bicho de pelúcia e duas enormes bonecas louras [...] tudo como se vê nos panfletos anunciando as eternas promoções de mercadorias de pacotilha a infestar qualquer cidade. O sertão não é mais o sertão e ainda não virou mar. Fecho os olhos e minha memória recupera e



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



estiliza a beleza despojada daquele meu outro sertão (REZENDE, 2016, p. 21-22).

De fato o sertão havia mudado. Aquela beleza genuína e minimalista das casas sertanejas que continham apenas o essencial e muitas vezes nem esse, cedeu lugar a um amontoado de objetos, sem nenhum senso de estética e de bom gosto. Impulsionados por certa facilidade de acesso aos bens de consumo baratos, aquelas pessoas passaram agora a buscar através desses objetos, quiçá suprir toda a privação pela qual eram obrigados a passar no tempo em que Maria os conheceu e com eles conviveu. É como se a aquisição de uma variedade de objetos, muitas vezes fúteis, fosse capaz de mascarar um progresso efetivo, que deveria estar ali, mas que ainda não chegara.

Por outro lado, pode-se entender que ao trazer através da memória, para o primeiro plano da narrativa, as experiências de vida que teve no povoado de Olho D'Água, Maria não está apenas lutando contra um presente abarrotado de bens de consumo fúteis que tentam lhe tirar o romantismo daquele sertão legítimo, mas o faz também no intuito de dar voz àqueles que, por um descuido do destino e esquecimento do Estado opressor, por si só não têm voz própria. Assim, as memórias de Maria, ao jogar luz à vida sofrida do sertanejo, sua luta diária pela sobrevivência, sua alienação, sua submissão a um patrão que enriquece às suas custas, sem lhe pagar o mínimo digno para suprir as necessidades mais básicas, é, sem dúvida uma forma de dar voz a quem não a tem, de denúncia e, sobretudo, resistência:

Aquele fim de mundo, que eu tinha buscado imaginando-o escondido e ignorado por todos, tinha dono, o Dono, do morro que continha a milagrosa mina d'água perene, dono mesmo, "de papel passado", disseram, dono da vida e da morte naquele território que eu ousava invadir sem saber o que fazia.[...] Cada pote d'água doce, cada lata d'água salgada custava dinheiro. Era o Homem, o mesmo dono do caminhão e do fio, sem o qual os preciosos teares nada valiam.[...] Era preciso a labuta de uma família inteira, a vida



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



inteira, era preciso a herança familiar de um tear próprio, só para pagar a ração mínima de líquido durante os longos meses de estio (REZENDE, 2016, p. 33).

Padrós (2001), ao discorrer sobre os usos da memória enquanto reconstrução do passado histórico, afirma que, mesmo que a memória seja composta por experiências pessoais, as lembranças sempre serão o resultado da interação com outras pessoas. Dito em outros termos, a memória é construída ligada às lembranças das experiências e dos laços afetivos de pertencimento a um determinado coletivo social, e tais laços, a rigor, irão produzir, induzir e reforçar as lembranças comuns à memória social. O autor acrescenta que a capacidade de lembrar possibilita a preservação dessa base comum de elementos – sejam eles políticos, sociais ou culturais – transformados em referência e identidade nas relações sociais. O ato de lembrar preserva as experiências históricas para as novas gerações.

O presente vivenciado pela protagonista é a base para o acesso à memória do passado. É por meio de situações com as quais se depara que ela consegue retornar às lembranças deste outro tempo, reformulando através de comparações, seus conceitos. Toma-se aqui uma definição de Maurice Halbwachs (2003) referente a como se dá essa relação entre fatos do presente e resgate da memória, para ilustrar o entendimento de como se dá a reconstrução das memórias da personagem, ancorada às situações que a ela se apresentam:

Assim, quando voltamos a uma cidade em que já havíamos estado, o que percebemos nos ajuda a reconstruir um quadro de que muitas partes foram esquecidas. Se o que vemos hoje toma lugar no quadro de referências de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente. É como se estivéssemos diante de muitos testemunhos. Podemos reconstruir um conjunto de lembranças de maneira a reconhecê-los porque eles concordam no essencial, apesar de certas divergências (HALBWACHS, 2003, p. 29).



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Segundo o autor, mesmo que as lembranças se deem na esfera individual, elas permanecem coletivas, pois são instigadas, lembradas por um outro, ou outros, mesmo que sejam situações que só o sujeito que lembra está envolvido, ele não tem como permanecer isolado e só. Sua lembrança sempre estará ancorada à lembrança do outro para existir, mesmo que “para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra” (HALBWACHS, 2003, p. 31). Em *Outros cantos*, é possível observar:

Numa das paradas deste ônibus vi entrar uma mulher com dois meninos vestidos em suas calças jeans, seus tênis e camisetas com uma besteira qualquer escrita em inglês e figuras de desenhos animados japoneses. Suas caras não enganam, são sertanejos como eram aqueles, mas já não têm a barriga inchada, a pele encardida e arranhada como os de quarenta anos atrás. Minha razão me diz que estes de agora vivem melhor e devo alegrar-me por isso, mas meu coração já não se entenece tanto como daquela vez, diante dos outros que eu acreditava precisarem de mim (REZENDE, 2016, p. 17).

Neste excerto da narrativa, nota-se que a figura que se materializa dos meninos de agora, evoca à memória de Maria a imagem “[d]os meninos daquele tempo, correndo como bichinhos ariscos” (REZENDE, 2016, p. 17), que lhe receberam quando da sua chegada em Olho D’água e lhe permite, ancorada a esta imagem que representa uma espécie de testemunho, recuperar tantas outras memórias e reconstruir as imagens do passado. A revelação deste presente, contribui para o reforço de uma memória que Maria não quer esquecida. O que a narradora apresenta a partir de tal comparação, pode-se entender como algo que vai muito além de uma lembrança nostálgica e da necessidade de nela pertencer. É possível observar através dessa intersecção entre passado e presente e das imagens que este evoca em favor daquele, a ratificação de uma memória que se reivindica coletiva, e que é resgatada neste momento.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Por outro lado, a observância que faz a narradora em relação à aquisição de alguns bens de consumo por parte do sertanejo, conforme transcrito acima, serve para ilustrar que mesmo isso lhe favorecendo uma relativa melhora de vida, não é suficiente para convencê-la de que esse povo tenha efetivamente tido algum progresso no que se refere ao verdadeiro conhecimento crítico e reflexivo. Pode-se entender aqui o pensamento da narradora voltado às minorias que ainda permanecem à margem do acesso ao exercício da verdadeira cidadania e que, impulsionados pela grande indústria do consumo, contentam-se, na sua alienação, com o tão pouco que lhes é ofertado e permanecem ainda escravizados por um poder manipulador, seja ele comercial ou governamental.

Nessa perspectiva de abordagem, *Outros cantos* revela-se uma ficção contemporânea preocupada e comprometida com a função literária que se quer crítica e reflexiva. A narrativa ultrapassa a barreira do ficcional ao registrar e revelar, com grande sensibilidade o modo de vida, as dificuldades, a alienação, as crenças populares e a religiosidade de um povo que vê, diante do sofrimento, a fé como sua única esperança:

Adiantei-me o mais que pude para tudo ver e, embora lutando para contê-las e enxugá-las, as lágrimas estavam prestes a escorrer-me pela cara a baixo. Virei-me para olhar os rostos do meu povo. Estavam todos lá, alguns trazidos em redes sustentadas pelos ombros dos irmãos, todos vestidos em seus modestos trajes festivos que eu antes só vira bem dobrados no baú da casa de Fátima, todos iluminados por uma expressão de alegria contida. [...] Poderia eu manter-me o que me trouxera para ali, despertar-lhes ainda esperanças terrenas quando o vivido só lhes permitia situá-las no céu e assim já se haviam consolado por séculos? Não os ouvia tantas vezes dizer que a vida era plantar na terra para colher no céu? (REZENDE, 2016, p. 62).

Aqui se observa a revelação da fé do sertanejo e a devoção aos santos e aos festejos que marcam essa fé. O povo sofrido não conhece outro alento a não ser a crença de que há outra





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



vida melhor a eles reservada, porém não na terra. Para eles esta vida está destinada ao sofrimento e assim deveria permanecer: “A vida é assim mesmo, o que Deus fez a gente tem de aceitar, Ele sabe por que a gente nasceu pobre para viver pobre até chegar no céu”(REZENDE, 2016, p. 143). Fato é que esta crença distorcida, em muitas situações atinge de tal forma seu íntimo a ponto de se chegar à autoflagelação e atingir um nível de fanatismo e devoção que beira à loucura:

Então vi, primeiro confusamente através da vegetação e, pouco depois, claramente, no espaço aberto pelo que parecia o leito seco de um riacho, um grupo de homens, torsos despidos até a cintura, as cabeças cobertas, as pernas envoltas em panejamentos como de saias brancas e azuis, a flagelar-se as costas com longos relhos de couro e pedregulhos atados às pontas. Sangravam e continuavam a golpear-se sem parar de cantar (REZENDE, 2016, p. 130).

Nota-se a partir de passagens como essa qual era a verdadeira realidade daquele lugar. A educadora que fora para ali enviada com a missão de alfabetizar, mas principalmente movida pelo seu objetivo maior de organizar aquele povo e direcioná-los para um pensamento reflexivo e crítico, capaz de lhes tirar da miséria, já não se sente mais tão preparada para a tarefa. A realidade na qual viviam aqueles sujeitos, os distanciava cada vez mais dos ideais revolucionários pelos quais Maria estava disposta a lutar.

A dificuldade era imensa. A barreira que separava os sertanejos de um outro mundo possível, mais justo e digno, era levantada e reforçada cada dia mais, perante a aceitação e resignação do povo frente às injustiças e aos desmandes praticados por quem detinha o poder, situações essas, que na maioria das vezes nem eram percebidas como tal pelos sertanejos:

Já se falava em eleição, e tentei fazê-los refletir e questionar as práticas políticas [...]. “Quem é o candidato a prefeito? Já o conhecem?[...] ‘Lembram quem foi que ele nomeou, da primeira vez, para os cargos importantes da prefeitura?’” Claro, como eu



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



previa, a mulher, o sogro, a filha, o cunhado, o afilhado... “E vocês acham que isso está certo”? Certíssimo, achavam todos [...], pois, “se ele não ajudar nem a família dele, a quem mais é que vai ajudar”? (REZENDE, 2016, p. 143).

Passagens assim fazem com que o valor estético de *Outros cantos* seja elevado, pois mostram de um modo velado, o significativo e o profundo da obra. As críticas sociais que a autora faz no decorrer da obra, evidenciam uma escrita preocupada com um registro que vai além do ficcional. Para além das discussões que se abrem em torno da vida cotidiana do sertanejo, seu modo de vida, sua crença, sobrevivência, privações, abandono pelo Estado e explorados por aqueles que detêm o poder e o capital e que, em função disso, enriquecem cada vez mais às custas dessas pessoas.

Se por um lado é possível observar em *Outros cantos* a nobre tentativa de elucidar desigualdades sociais, por outro, nota-se que a narrativa faz uma revisão subjetiva do período ditatorial brasileiro. Nessa obra, não é falado daqueles que foram mortos, perseguidos ou dos torturados pelo sistema opressor, mas se fala daqueles sujeitos cuja invisibilidade era condição para o sucesso e para a manutenção da própria vida, daqueles que optaram por tornarem-se “como peixe dentro d’água, preparar o terreno para quem viesse depois” (REZENDE, 2016, p. 16). Assim, invisíveis, esses sujeitos ingressavam em meio a grupos, comunidades, regiões e passavam a compartilhar daquela vida de dores, descobertas, frustrações, alegrias e, sobretudo, aprendizagens.

Assim é a personagem Maria, uma entre esses sujeitos invisíveis, que optou por “mergulhar no seio do povo” (REZENDE, 2016, p. 106) e a partir de um trabalho de conscientização “manter e tornar libertadora a fé até então manipulada e distorcida a transferir para outra vida qualquer esperança, recompensa para quem aceitasse as dores deste mundo” (REZENDE, 2016, p. 106) e abrir caminho e possibilidades para uma organização consciente, capaz de lutar



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



pelos direitos dos cidadãos diante do estado autoritário que se apresentava. Como resultado dessas ações, é possível ter hoje inúmeros movimentos, organizações sindicais e populares, originários ainda de ações de sujeitos como representado pela protagonista Maria. Segundo a própria Maria Valéria Rezende (2016), a voz da protagonista não é aqui uma única voz, é a voz de todos aqueles invisíveis que foram e que no presente, muitas vezes, ainda seguem invisíveis.

## PARA ALÉM DA MEMÓRIA: UM GRITO DE RESISTÊNCIA

Ao findar essa discussão, não se encerram as possibilidades para além das que aqui foram levantadas e que poderiam estender e ampliar o estudo de *Outros cantos*. Questões de violência doméstica, divisão do trabalho muito bem demarcada por gênero, crenças e costumes populares e tantos outros assuntos podem ser abordados. No entanto essa discussão optou por permanecer no campo relacionado ao ato de lembrar que é tratado pela narradora, a importância da memória enquanto registro e propagação do que não se quer esquecido, bem como um olhar para a memória como uma tentativa de (re)construção e entendimento do passado vivido. A retomada desse passado através das lembranças da protagonista, aludem e constituem o cenário no qual ela se inseriu a fim de desempenhar seu objetivo de militância e organização das massas.

O fato de a autora Maria Valéria Rezende trazer para o seu relato referências, muitas vezes camufladas, referentes ao período ditatorial não é entendido apenas como apresentação do motivo pelo qual ela própria também tenha se embrenhado no sertão brasileiro. A memória recorrente, que é apresentada pela protagonista, faz atentar para o fato de que tal experiência ainda não fora superada pelo tempo, por todos aqueles que assim como representado pela personagem tenham se inserido nos confins mais remotos do



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



país em busca de um ideal de igualdade e justiça. Falar sobre o vivido durante a ditadura brasileira segue sendo uma espécie de tentativa de libertação desse passado, elaboração e compreensão do vivido. A personagem Maria não só dá voz e coloca em evidência a realidade de uma grande parcela da população brasileira que vive à margem, mas também ela é a representante de outro grupo, é a voz daqueles que foram a campo, que se infiltraram país afora na tentativa de uma nova configuração política e social através da organização das massas. Diante disso, pode-se dizer que *Outros cantos* se configura numa narrativa de resgate do duplo invisível, pois a Maria protagonista, que ao dar voz e vez ao povo esquecido, ao levar adiante, registrar as experiências adquiridas no sertão, que observa, sofre e se alegra junto aos sertanejos, confunde-se com a Maria militante, oriunda de uma organização que também se vê excluída, perseguida pelo sistema opressor e em função disso, também permanece na invisibilidade a fim de tentar levar em frente seu trabalho na luta por justiça social e igualdade entre os indivíduos.

Diante do exposto, cabe ainda mencionar alguns pontos levantados por Roberto Schwarz (1999). Para o crítico, as obras literárias que são produzidas sob um viés mais popular, oriundas de grupos subalternos e/ou excluídos, abrem um caminho para o que pode se chamar de democratização do fazer literário. Assim, se abre espaço para uma discussão de um fazer literário como um espaço de diálogo direto com o sistema político e social que a cerca, atentando para um compromisso ético, político e humanizador.

A Maria que protagoniza *Outros cantos* fora enviada ao sertão com a nobre missão de ensinar, no entanto é ela quem aprende com os sertanejos. Sua experiência de vida, trazida de tantos outros cantos do mundo, não superaram a experiência ímpar do sertão nordestino da época: "Quanto mais me dedicava a aprender, compreender e ensinar, mais percebia quão longo seria



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



o caminho, mas eu queria, sim, ficar ali, cumprindo o papel que me deram eles de lhes contar histórias, ou que me tinham dado os companheiros, de mudar a história [...]” (REZENDE, 2016, p. 144). A experiência da protagonista além de lhe conferir uma “musculatura mais forte” (REZENDE, 2016, p. 145), “depois de meses construindo com eles um laço de amizade atado pelas histórias trocadas sob o toldo da Via Láctea, o ir e vir pela rua larga, a partilha do trabalho, do cuscuz, das dores e das festas” (REZENDE, 2016, p. 140), ensina que naquele canto do mundo, diferente de outros tantos já conhecidos, ninguém conseguiria sobreviver sozinho. As noções básicas de sobrevivência em comunidade e convivência daquela vida simples e sofrida lhe ensinam muito mais do que ela poderia ter ensinado a eles através das cartilhas.

A meta da alfabetização não foi atingida, tampouco seus ideais de militante revolucionária puderem ser difundidos. Ao partir de Olho D’Água, às pressas e ajudada pelas pessoas que ali viviam, a protagonista percebe que talvez os sertanejos não fossem tão alheios e até mesmo alienados como pensara inicialmente. Pareceu-lhe, que sem nunca terem perguntado, talvez soubessem desde o início, muito mais sobre ela do que supunha e, o distanciamento, até mesmo a ignorância que existia entre essas pessoas e o mundo ao qual ela estava acostumada, poderia ser visto como uma espécie de proteção a eles e a ela própria.

Assim, reavivada pelas memórias, quarenta anos depois, ao fazer o caminho de volta, o legado recebido daqueles sertanejos de Olho D’água, ainda lhe faz acreditar “ter uma missão, infundável, mas impossível de abandonar, alicerçada na paciência e na esperança a resistir” (REZENDE, 2016, p. 145-146). Com base no observado, a lição que se pode tirar dos excertos finais de *Outros cantos*, é de que a Maria protagonista retorna ao seu passado, pois acredita que mesmo sendo outros tempos, mesmo as condições de vida sendo melhores, ainda há o que fazer, ainda há palavras que precisam



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



ser ditas, esperanças precisam ser reavivadas, memórias precisam ser resgatadas. É como se ainda houvesse muito a dizer, a passar adiante, a perpetuar.

Pode-se olhar para a personagem Maria como a materialização de uma memória que resiste e que persistirá até que se tenha chegado a uma plena assimilação deste passado que ainda clama por entendimento, para só assim fazer justiça às vítimas, punir seus algozes e dar paz aos que não sobreviveram. Conhecer, refletir, escrever e difundir a versão da história distinta da versão apresentada pela ideologia dominante também é uma forma de dar voz àqueles que não a tem ou àqueles que já não podem mais usá-la. Igualmente, é uma forma de resistência às práticas e aos discursos que ainda hoje, em pleno século XXI, tornam a se levantar em favor do silenciamento e da volta do autoritarismo. Assim, mais do que dar visibilidade aos sujeitos há tanto tempo invisibilizados pelo poder dominante, a literatura pode inserir-se no combate ao autoritarismo, muitas vezes legitimado, na luta em favor da manutenção das memórias, para que sejam mantidas vivas como sinal de resistência e, porque não dizer, de esperança.

## REFERÊNCIAS

CANCLINI, Néstor García. Quanto ou como se lê. In: CANCLINI, N. G. *O mundo inteiro como lugar estranho*. São Paulo: EdUSP, 2016.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FIGUEIREDO, Eurídice. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

PADRÓS, Enrique Serra. Usos da memória e do esquecimento na história. *Letras*, Santa Maria, PPGL-UFSM, n. 22, jan./jul., 2001.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

PELLEGRINI, Tânia. *Gavetas vazias: ficção e política nos anos 70*. São Carlos, SP: EDUFSCar, 1996.

REZENDE, Maria Valéria. *Outros cantos*. Rio de Janeiro: Alfaguara: 2016

\_\_\_\_\_. *Bastidores*. Suplemento Pernambuco. Ed. nº 119, Jan.,2016.

Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5esanteriores/edicoes/1536-2016.html>. Acesso em: 28 maio 2018.

SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras:1999.

## SUMÁRIO



A stylized, light gray silhouette of a city skyline with various skyscrapers and buildings of different heights and shapes, set against a white background.

Capítulo 10

# **CULTURA, RELAÇÃO DE PODER, EXPLORAÇÃO E OPRESSÃO EM OS MAGROS**

Juliana Cristina Ferreira







# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



### Resumo:

Este capítulo objetivou realizar uma análise do romance *Os magros* (1992), de Euclides Neto, abordando aspectos como a relação território/espaço e as relações de exploração e de opressão, com foco na intersecção, ou nas interfaces, entre cultura, identidade e sociedade na narrativa. O período representado na obra situa-se entre as décadas de 1950 e 1960 e apresenta a região produtora de cacau no sul da Bahia, onde permanecem e acirram-se os problemas sociais no campo. Para a análise sobre as relações de poder, a exploração, a opressão e a cultura, recorre-se, principalmente, às reflexões sobre os conceitos de mais-valia, de Karl Marx, e de cultura e construção identitária da região, conforme mostra Rocha (2006). A problemática que moveu a pesquisa advém da indagação sobre as maneiras como foram representadas as experiências vividas pelas personagens em situações de extrema pobreza, de desagregação de seus modos de vida, de crescente processo de exploração no trabalho e de opressão social. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, que se ateve tanto ao texto como ao contexto da obra, aos temas e assunto, e à forma em que foram produzidos.

### Palavras-chave:

*Os magros*; Cultura; Exploração; Opressão.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



A obra *Os magros* (1992), de Euclides Neto, apresenta-se como um documento de denúncia social. Sua ambientação se dá nas terras de uma produtividade cacaujeira do sul da Bahia. Constitui a narrativa de uma sociedade que vive entre o antagonismo da riqueza e da pobreza, sendo representada por duas famílias, a dos patrões, os fazendeiros, e a dos empregados da fazenda. A obra também ficcionaliza uma sociedade com atividade econômica em crise, devido ao fato de que o cacau, um dia considerado *fruto-de-ouro*, já não representava a possibilidade de uma próspera produção e, conseqüentemente, não rendia bons lucros como no passado. Isso se deu devido aos “reflexos da crise que se instalou”, marcada por “uma série de fatores, tais como baixa de preços do produto, política cambial e, em especial, uma doença que acometeu os cacauais da região, a vassoura-de-bruxa (*Crinipellis perniciosa*)” (ROCHA, 2006, p. 20). Nesse sentido, a narrativa de Euclides Neto inspira-se nas fontes populares rurais da região sul da Bahia. Nela, merece destaque a forma com que o autor retrata a contradição entre a miséria dos trabalhadores e o luxo exorbitante dos proprietários das fazendas, moradores da cidade, na capital do Estado.

O contexto literário em *Os magros* representa as personagens como vítimas da desigualdade social, da fome e da miséria, advindas da exploração de seu trabalho e do enorme desnível presente na sociedade entre o proprietário da terra e o trabalhador rural. Durante a narrativa, as personagens pobres vivenciam processos de perda territorial, de exploração e de busca pela sobrevivência, num movimento marcado pela perda da dignidade humana. Enquanto sujeitos vítimas da opressão social, suas identidades vão sendo alteradas.

1. Uma espécie de fungo que atacou a produção do cacau, levando a uma crise em sua produção (ROCHA, 2006).



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



A história narrada indica as relações travadas entre duas classes distintas que se encontram no mercado por meio do trabalho; de um lado, o proprietário comprando a força de trabalho e, de outro, o trabalhador vendendo sua força de trabalho para garantir a sobrevivência. Os vocábulos “comprando” e “vendendo” aparecem aqui com certo estranhamento, visto que a compra e a venda, nesse caso, eram apenas aparentes. Na verdade, o proprietário explorava a força de trabalho e não pagava o que devia, enquanto o trabalhador mantinha a ilusão de que a estava vendendo.

Como forma de denúncia à exploração e à desigualdade social, Euclides Neto dá voz ao agregado Sarará, o qual mostra que conhece o conceito de mais-valia, tal como proposto por Karl Marx, e explica que a desigualdade existe porque o patrão rouba a força de trabalho do servidor, enquanto este recebe um salário injusto por seu trabalho realizado. Além de receber um salário aviltante, ainda é explorado no local de trabalho.

Dessa forma, busca-se compreender a cultura capitalista, a exploração do trabalhador, a opressão e a desigualdade social advindas da relação de poder existente entre o patrão e o trabalhador rural, o qual vive numa condição precária no casebre da fazenda, enquanto o fazendeiro continua recebendo o lucro da monocultura do cacau, porém, morando não mais na fazenda, mas sim, na capital.

A obra *Os magros* representa a fase de decadência do *fruto-de-ouro*, cujos trabalhadores – da lavoura cacauzeira – buscam a sobrevivência por meio de trabalho braçal, em meio a muita exploração numa dessas fazendas. Exploração que é própria do sistema capitalista e que ocorreria mesmo que o trabalhador recebesse melhores salários, pois a mais-valia, pautada no tempo de trabalho não pago, sempre é extraída do operário. Esses aspectos são apontados por César, quando afirma que:



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Diríamos que este escritor enceta a história da decadência das terras do cacau, iniciada quando o proprietário, herdeiro do antigo coronel, já não vive na fazenda, mas em Salvador, numa luxuosa mansão e entrega todos os cuidados da roça ao capataz, aguardando apenas a remessa dos lucros para a sua conta bancária (CÉSAR, 2003, p. 12).

No período abordado pela obra, o cacau já não rendia os lucros alcançados no passado, mas ainda garantia ao proprietário da fazenda vida de fartura na capital do estado, enquanto no campo, seu administrador organizava a exploração da atividade e, posteriormente, remetia-lhe os ganhos. A exploração econômica desse território ocorreu com a devastação da natureza, jogando no chão a floresta que ali havia. Comenta Rocha (2008) que o desejo da riqueza, a corrida ao lucro e a cobiça destruíram a natureza num processo que requeria um avanço constante das lavouras sobre espaços antes não incorporados às áreas produtivas. Visava, assim, a manutenção, ou o aumento, dos cabedais anteriormente extraídos e acumulados. Assim, ao descrever uma lavoura cacauzeira, o narrador aponta esse traço do movimento de exploração econômica:

As brilhantes folhas dos cacauzeiros e os brotos roxos avermelhados mostravam a exuberância da terra. Madeiras em carvão deitavam-se pelo solo. Aqui e ali, o ponto negro das goivaras. Centenas de tocos lembravam a mata destruída: mucuris, viotes, paus d'alho, jequitibás e cedros (EUCLIDES NETO, 1992, p. 105).

A exploração depredatória do meio ambiente, com a destruição da floresta originária, deu lugar a novas lavouras de cacau e, assim, garantiu ao proprietário das terras os ganhos almejados, num momento considerado como já de decadência dessa atividade monocultora. Da atividade cacauzeira dependia a economia e o desenvolvimento dos municípios da região, como Ipiaú.

Na obra, a Fazenda Fartura é o nome fictício que Euclides elegeu para representar o lugar em que ocorria a exploração e a



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



dominação do trabalhador, o qual garantia a vida farta e suntuosa de seu patrão na capital. Analisando o processo de inserção e de exploração do trabalhador na esfera produtiva em sociedades desse teor, Marx (2006) esclarece que:

Para o trabalhador, a função produtiva de sua força de trabalho só se torna possível a partir do momento em que, em virtude da venda, ela é posta em combinação com os meios de produção. Antes de ser vendida, ela existe, portanto, dissociada dos meios de produção, das condições objetivas de sua função. Nesse estado de separação, não pode ser empregada diretamente para produzir valores-de-uso para seu possuidor, nem para produzir mercadorias de cuja venda pudesse ele viver. Logo que é posta, com sua venda, em combinação com os meios de produção, constitui parte componente do capital produtivo do comprador dela, do mesmo modo que os meios de produção (MARX, 2006, p. 44).

No mundo capitalista, a representação do ambiente cultural e dos espaços está associada à compra e venda de mercadorias, de coisas. Não importa qual seja a mercadoria em que o capital se converte, mas as formas de valores-de-uso que são trocadas, pois o trabalhador vende sua força de trabalho e o possuidor do capital a compra, numa operação que não se distingue da negociação de qualquer outra mercadoria. O possuidor do dinheiro e o possuidor do trabalho se comportam, reciprocamente, como comprador e vendedor.

Nesse contexto social de dominação de uma classe sobre outra, entende-se por exploração a apropriação, por parte do patrão, do trabalho despendido pelo trabalhador, mas não pago por aquele, o capitalista; é o apossar-se de seu tempo de trabalho excedente no processo produtivo e da mais-valia nele produzida. A voz da personagem Sarará mostra o trabalho despendido pelo trabalhador. Ao prosear com seu companheiro de capina sobre a propriedade da terra e as horas de trabalho, expõe seu conhecimento sobre a teoria marxista mais-valia, o qual foi adquirido quando conversou com seu amigo de São Paulo:



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Dizia que os ricos roubam o trabalho do pobre. Que se nós entendêssemos, poderíamos também apanhar cacau e vender. [...] Que, se nosso serviço vale cinquenta cruzeiros, o patrão só paga vinte e cinco. Portanto o patrão roubou vinte e cinco. Portanto a gente podia apanhar esses vinte e cinco que o patrão nos roubou. [...] Isso não é roubo. É defesa. Mário era o nome dele. Ainda dizia que se o rico tem o direito de roubar da gente nós também podíamos fazer o mesmo com ele (EUCLIDES NETO, 1992, p. 109-110).

Sará explicitava seu conhecimento da teoria da mais-valia, dizia aos companheiros: “Que nosso dia vale muito mais...” (EUCLIDES NETO, 1992, p. 142). Avançando naquele ideário, via na união dos explorados a possibilidade de pôr fim à situação: “... no dia que todo trabalhador se juntar não haverá mais dessas coisas. Nós vamos buscar o nosso... E nós plantamos, colhemos e secamos recebemos menos de cem cruzeiros. É ou não furto?” (EUCLIDES NETO, 1992, p. 144). Ainda segundo o personagem, fazendo lembrar o conclave de Marx e Engels (1999) no *Manifesto comunista*, aos “Proletários de todo o mundo, uni-vos!”, essa situação só se findaria com a união dos despossuídos para quebrar os grilhões: “Pobre não pode mais viver. Vive de teimoso. Só se todo pobre se juntasse pra acabar com isso...” (EUCLIDES NETO, 1992, p. 148). De tais reflexões emerge, de um lado, uma identificação do patrão como ladrão e usurpador e, de outro, a busca por se construir uma identidade entre os trabalhadores.

Nesse sentido, compreende-se o pensamento marxista de Euclides Neto se manifestando na obra, por meio da voz da personagem Sarará que se refere à questão da reforma agrária, naquele momento em discussão na sociedade brasileira. De acordo com o narrador: “- Estão dizendo por aí que o Governo vai mudar tudo: quem é pobre fica rico e quem é rico fica pobre” (EUCLIDES NETO, 1992, p. 109). Sarará questiona a forma capitalista de sociedade pautada na exploração do trabalhador, que perde sua dimensão humana e, como mercadoria que circula no mercado, coisifica-se. Nesse contexto, tem-se na reforma agrária o instrumento de justiça social.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO

Dessa maneira, percebe-se a cultura como fenômeno social, como conjunto dos valores, materiais ou não, criados pelos homens no desenrolar de sua história, na sociedade capitalista. Ela é marcada por diferenças e contradições, em decorrência de sua divisão e das visões de mundo díspares que comporta. Logo, abarca os valores e as regras seguidas, dos diversos grupos sociais, que não são rígidos e nem aleatórios, mas determinados, prevalecendo aqueles dos segmentos que dominam. Euclides Neto expressou essa ideia do pensamento marxista ao questionar a ação parcial da Justiça: “E quem já viu pobre ganhar questão com rico?” (EUCLIDES NETO, 1992, p. 109), e também ao expor a postura do Governo, em defesa dos proprietários de terra: “- Mas só teremos a ajuda quando o Governo for da gente pobre, igual a nós. O rico é pelo rico. Cada um puxa brasa para sua sardinha.” (EUCLIDES NETO, 1992, p. 110).

A cultura capitalista configura-se como um meio de negócios do qual não escapam nem mesmo os casamentos, como o casamento do doutor Jorge com dona Helena. Assim afirma a voz narrativa ao se referir à dona Helena: “Casara-se graças às vinte mil arrobas de cacau [...]” (EUCLIDES NTO, 1992, p. 10), ou “Criada no regime do interior, onde a esposa não discute ordem e o homem é o rei do lar, fazia o que ele mandava, cativa. Também não sentia amor profundo por ele. Casaram-se, graças a Deus. As duas fortunas cresceram” (EUCLIDES NETO, 1992, p. 48). No capitalismo, as relações são de mercado; tornam-se objeto de negócio, de cálculo, visando aumentar e acumular os capitais. As pessoas tornam-se coisas, alienadas, enquanto as “coisas”, muitas vezes, se humanizam.

Uma sociedade que é dividida entre duas classes sociais, ricos e pobres, e diversificada, apresenta a sua cultura, “no nível de atitudes e preferências do grupo”, sendo “necessário conhecer a história cultural e a experiência de um grupo no contexto de



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



seu ambiente físico” (TUAN, 2012, p. 91) para clarearmos suas experiências e formas de vidas.

Sabe-se que a cultura é formadora do meio, do espaço, que abarca as condições materiais ou espirituais nas quais o ser humano vive. Chartier (2006, p. 34) considera que a cultura de uma comunidade é “a totalidade das linguagens e das ações simbólicas que lhe são próprias”. As heranças e tradições culturais de uma comunidade são transmitidas por meio da linguagem, dos símbolos, de uma geração para outra, pela comunicação efetivada através de vários artefatos, dentre eles a literatura.

A literatura, como um produto histórico e cultural, representa e exprime as condições sociais e culturais em que as histórias ocorrem, incorporando valores e práticas humanas presentes numa determinada sociedade. O texto literário é capaz de transmitir valores e de propor novos conhecimentos sobre a região, a cultura e o espaço que está sendo ficcionalizado. Sendo assim, os espaços nas narrativas são desenvolvidos e inseridos dentro dos dados culturais e costumes sociais da região. Assim, segundo Barbieri (2009, p. 108), “o espaço está intimamente ligado à ação, aos personagens, ao enredo, ao tempo e à perspectiva narrativa”. Dessa maneira, o espaço narrado dá ao leitor, o sentimento de verossimilhança necessária à compreensão do local.

Assim, a voz narrativa apresenta imagens do espaço hostil, em que morava o agregado João, trabalhador rural da Fazenda Fartura, fazenda fictícia da obra, que apesar do nome “Fartura” era um local onde os trabalhadores viviam na pobreza e eram oprimidos cotidianamente. João morava num casebre abandonado no meio do mato, bem escondido, na Fazenda Fartura:

Deram-lhe um casebre no fundo da fazenda. Naquele dia já estava sem comer dois almoços e duas jantas. Recordava-se que deixara a mulher e os meninos à beira do rio das Contas, numa sombra. Como o gerente precisava de gente para a safra que entrava, aceitou-o





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



apontou a vereda, finda a qual estava a choupana de indaiá, sem portas, a cobertura furada, o mato invadindo tudo, bem no canto da roça grande (EUCLIDES NETO, 1992, p. 40).

Ao redor dos ranchos e das choupanas dos agregados, o texto menciona a existência de curral, de fonte, de hortazinha, de terreiro. Há ainda, os espaços marcados por dados do relevo, como serras e morros. Há menção à vegetação, como as matas, à atividade humana, como os roçados (Roçado Grande) e às roças, como a da Pedra Preta e das ações nelas desenvolvidas, como a roçagem e a capina. Há, ainda, referência à hidrografia do local, como o rio (das Contas), os brejos, as enchentes (de São José) e os poços (Poço fundo). O narrador mostra como o lugar era e como a lavoura do cacau foi modificando o território e tudo que o figurava. Exemplo disso são as passagens do rio que enchia e inundava quando chovia, cobrindo a plantação de cacau ao seu redor e tudo mais:

O serviço de enxada já ia bem adiantado quando chegaram os aguaceiros de São José. O riacho inchou e as baixas ficaram alagadas. Cacauzeiros novos estavam submersos, amarelando as folhas, embebedando-se. Possivelmente, quando as águas baixassem, estariam amarrotados e mortos (EUCLIDES NETO, 1992, p. 116).

No local, em condições insalubres, o trabalhador dava-se à exploração, passava frio, fome, e, mesmo doente, precisava trabalhar no pântano, no brejo, abrindo valetas para escoar as águas trazidas por aquelas que possuíam lugar de destaque na tradição cultural da região, as enchentes de São José, que cobriam algumas plantações de cacau. Nesse contexto, determinava o capataz Antônio:

- Amanhã todo mundo no brejo. Precisamos abrir valetões para escoar as águas.

Na segunda-feira lá foram os homens, nus da cintura para cima, calças em tiras, engelhados de frio. João tinha o rosto contraído e a pele parecia cadáver. Os pés e as mãos encolhidos já estavam arroxeados. Mesmo assim, batia a enxada no barro de telha (EUCLIDES NETO, 1992, p. 116).



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



O pântano era assim descrito pelo narrador: “as enxadas tiravam os bolos de barro compacto, claro e meio azulado, espalhando lama que molhava mais ainda os agregados. Não fosse o esforço físico já não poderiam mais se mexer, tal era o frio” (EUCLIDES NETO, 1992, p. 117). A exploração do trabalho era violenta e desumana, com longas jornadas: “a tarde, somente quando a noite vinha como um pano negro ensopado, é que o horário acabava. Os homens deixavam o pântano de braços cruzados, contraídos, cabeça enterrada no pescoço como se procurassem um pouco de quentura” (EUCLIDES NETO, 1992, p. 117). O narrador remete, ainda, a um dos roçados em que os agregados trabalhavam; era grande, como o próprio nome lhe adjetivava, Roçado Grande:

Os agregados, um ao lado do outro, vergados e arrastando as enxadas, capinavam o Roçado Grande. Com este nome era conhecida a maior roça nova da fazenda. Com tarefas de cacaueiros que cobriam lombadas, boqueirões e baixadas. Os homens, cerca de vinte, formavam ligeiro círculo que avançava, limpando capebas e papuas, deixando os camalões (EUCLIDES NETO, 1992, p. 105).

Descrever a forma como se formou aquela grande extensão de terras mostra o processo de posse de terras de forma desonesta, usurpadora, levada a cabo pelo pai do doutor Jorge em tempo anterior. Sarará pergunta a João o porquê de seu pai ter vendido as terras da Roça da pedra, ao lado da fazenda Fartura, e ele responde:

- Vendeu nada, homem, o pai do doutor Jorge era muito sagaz. Tanto fez que terminou ficando com a posse. Agora você vê: tinha mais de quarenta tarefas de cacau botando os primeiros cocos. É aquela Roça da Pedra sabe?

- Que começa no brejo, onde mora Ramiro?

- Isso mesmo. Pois bem: de tanto meu pai se encafifar com isso, perdeu o juízo. O certo é que ficou abastalhado pelas estradas, até que apareceu boiando no Poço Fundo (EUCLIDES NETO, 1992, p. 107).

Na expropriação da propriedade alheia, formas violentas e escusas marcaram esse processo. João sabia que seu pai havia



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



sido assassinado, porém tinha medo de fazer qualquer afirmação e perder o emprego e, quem sabe, também sua própria vida. O narrador tece ainda representações do espaço ao descrever a forma como João se deslocava por aquele território:

- João desceu a ladeira pelo caminho que ia dar na estrada real. Resolveu ir à roça da Pedra Preta que tinha sido tomada de seu pai. Passou por várias casas de trabalhadores. Eles já tinham vindo do serviço e descansavam à soleira da porta de entrada. Outros rachavam lenha no terreiro com machados cegos. Adiante deu com as roças da baixa pesadas de frutos, certas, ensombradas como se já fosse noite (EUCLIDES NETO, 1992, p. 161).

A fazenda possuía lugares que foram descritos como claros, onde os cacauzeiros ainda eram novinhos, e outros lugares escuros, em que as copas das árvores, de tão juntinhas, não deixavam quase vazar raios de sol, confundindo-se com a noite. E, para uma melhor compreensão do espaço físico e geográfico da Fazenda Fatura, vemos que este era dividido, hierarquizado, com finalidades bem estabelecidas.

A casa da sede, cercada de peitoris, afundava-se no pomar. Percebiam-se, somente, retalhos de paredes caiadas, de telhados escuros listados de limo e de janelas e portas pintadas de azul. O mais, as árvores encobriam. Aqui e ali uma primavera se enovelava nos esteios de âmago lavrado, deixando manchas vermelhas sobre o telhado. (EUCLIDES NETO, 1992, p. 130)

Se, por um lado, seguindo o intuito da exposição do lugar aos olhos de fora, de uma postura espetacular, a casa sede, que vivia há muito desabitada, ocupava o primeiro plano da cena, por outro, numa segunda posição, vinha a casa do gerente e, daí para baixo, em níveis mais afastados e até ocultos, as de outros trabalhadores, que também possuíam lá suas estratificações.

Junto à casa sede, separada pelos jardins e pomar, estava a morada do gerente, disposta em chalé, pintada de amarelo, com duas janelas e uma porta de frente, por detrás do tamarindeiro que servia de moirão. Mais abaixo, as barcaças numerosas e alinhadas, sob as quais residiam os trabalhadores solteiros. Junto a estas, as duas



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



estufas grandes, bem construídas, na solidez do cimento armado. Distribuídas pelos outeiros do pasto, casinhas de telha, beira quase no chão, porta e janela de frente, com a sala, dois quartos e cozinha, onde moravam famílias numerosas. Dali, pois, não eram vistas as dezenas de choupanas de sopapo e palha que se escondiam nas capoeiras e nas roças. A não ser alguma zoadá de menino traquinando na casa do senhor Antônio, só se ouvia a carretilha de um sanhaço-coqueiro e os galanteios de um galo vermelho, que arrastava asas a sua companheira pedrês e muito coquete. Na varanda da casa sede, beija-flores insistentes cuidavam dos filhos (EUCLIDES NETO, 1992, p. 130).

A distribuição de casas era hierarquizada no espaço geográfico, de acordo com as funções/papéis de seus moradores nas atividades de trabalho. O gerente residia na casa sede, já nas barcaças, onde se amassava o cacau, residiam os solteiros. As casinhas de telhas, que eram melhores, eram para os trabalhadores casados, mas que não tivessem filhos, e as choupanas, para os trabalhadores com filhos, como João, que possuía oito.

O ser humano deve ter direito à cidadania e ter uma vida digna. Essa questão de conhecer e compreender seus direitos faltava aos trabalhadores do cacau, os quais aceitavam qualquer trabalho explorado. Assim:

[...] viver, tornar-se um ser no mundo, é assumir, com os demais, uma herança moral, que faz de cada qual um portador de prerrogativas sociais. Direito a um teto, à comida, à educação, à saúde, à proteção contra o frio, a chuva, as intempéries; direito ao trabalho, à justiça, a liberdade e a uma existência digna (SANTOS, 2007, p. 19).

Milton Santos (2007) deixa claro que viver é ter o direito a um lugar para morar, à comida, à educação, à saúde, ao trabalho e à liberdade. Mas esses direitos, como mostra Euclides Neto, não eram respeitados, naquele contexto, e o direito ao trabalho era substituído pela exploração do funcionário pelo patrão. Dessa maneira, os agregados sentiam suas forças se esgotarem e apenas “à tarde, somente quando a noite vinha” é que o “horário acabava” e “os homens deixavam os pântanos de braços cruzados, contraídos,



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



cabeça enterrada no pescoço como se procurassem um pouco de quentura” (EUCLIDES NETO, 1992, p. 117). No final das contas, “o salário de João mal dava para adquirir aquelas mercadorias” que Isabel encomendara para o consumo da semana: carne, farinha, garrafa de querosene.

O espaço apresentado pela voz narrativa é um espaço de poder, sendo a fazenda ordenada conforme uma graduação de autoridade que corresponde às várias categorias de pessoas que as ocupam, como os trabalhadores variados e seus escalões. Doutor Jorge possuía um projeto de reforma do lugar para torná-lo mais moderno e produtivo: “Precisamos dar-lhes melhores condições para que produzam mais. Se possível, irei distribuir sapatos a todos” (EUCLIDES NETO, 1992, p. 99). Projeto esse que servia ainda aos interesses do patrão, e configurava-se como um cartão de visitas para mostrar aos seus amigos da capital:

O fazendeiro que não estava para discussões e, intimamente, sabia por que pensava na reforma, calou-se. Experimentava o prazer de mostrar aos amigos a organização da fazenda. Pelo menos, teria que reformar todas as casas do pasto, justamente as mais vistas. Quanto às roças, poderiam ficar como estavam. As da frente da fazenda é que precisavam ser rebocadas, caiadas e tijoladas. Talvez fizesse um pequeno jardim em cada uma delas (EUCLIDES NETO, 1992, p. 99).

A ideia de reforma indica a preocupação com o espetáculo, com o mostrável e com o que poderia ser considerado adequado, conforme o discurso de modernidade. A frente da fazenda deveria dar a sensação de organização e de boas condições de vida aos trabalhadores. Já atrás, as casas mais afastadas poderiam continuar como estavam, e se manter escondidas, por retratarem condições de atraso. A sede da fazenda explicitava sua identidade com o moderno, como um ambiente organizado.

Somado ao cenário montado conforme as intenções do patrão, de mostrar um cenário que simulava as boas condições de



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



vida dos trabalhadores na fazenda, o projeto de reforma associava-se ao fato de que o Presidente do Instituto do Cacau possivelmente faria uma visita ao local. O projeto também objetivava influir na conjuntura para conseguir recursos para arrumar a estrada do lugar. Em tal contexto, o doutor Jorge chegou a pensar em construir uma escola para a qual “contrataria uma professora. Nada como alfabetizar” (EUCLIDES NETO, 1992, p. 100):

- É que o presidente do Instituto de Cacau possivelmente vai por lá ver as condições do terreno e pragas dos cacauzeiros. Não podemos mostrar uma fazenda assim maltratada. Precisamos impressionar também. Depois estou querendo ver se consigo um bom auxílio para minha estrada de rodagem (EUCLIDES NETO, 1992, p. 100).

Buscava se adequar aos discursos modernizantes em circulação pela sociedade brasileira, como quem vestia uma máscara. Até um projeto de alfabetização o fazendeiro tinha em mente, ainda que a finalidade não fosse realmente a de melhorar a situação dos trabalhadores. Mas, mesmo assim, seria bom para eles se, verdadeiramente, o projeto fosse levado a cabo, pois melhoraria suas condições de existência, tornando-as mais favoráveis, graças ao saber ler e contar. Além disso, melhoraria o estado de saúde dos trabalhadores, com casas mais adequadas e calçados para os pés. Porém, no cenário espetacular montado, alguns trabalhadores nele inseridos possuíam apenas uma aparente melhor situação, como o velho trabalhador da fazenda, que não aguentava mais os trabalhos pesados e fora posto como tomador de conta da casa da sede, como guarda:

Fábio é que tomava conta. Ele dormia na varanda, sobre uma saca. Nas noites frias cobria-se com um pacote velho e se enroscava feito um cão. Botava sentido à casa. Se ouvisse algum ruído, levanta-se, percorria os alpendres, dava voltas no jardim, retornava a seu canto. Nos olhos mortiços de velho, lágrimas viscosas afogavam o olhar cansado. (EUCLIDES NETO, 1992, p. 128)

Os trabalhadores eram tratados como animais; o guarda dormia na varanda como um cão. Enquanto a casa ficava fechada,



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



abandonada, Fábio dormia do lado de fora, em cima dos sacos de cacau e, nas noites frias, enroscava-se como um cachorro. Não podia adentrar a casa, que precisava manter fechada. A fazenda era o lugar de produzir e de beneficiar o cacau por entre roças, estufas, barcaças e, nesta, até os animais velhos eram mais bem tratados que os trabalhadores, como os dois burros “aposentados”, que foram do pai do fazendeiro atual, e que não faziam mais nada por uma “questão de humanidade”, visto que o proprietário considerava que “os bichos também precisam descansar... trabalharam a vida toda” (EUCLIDES NETO, 1992, p. 131).

Mas se os animais eram humanizados, os homens, ao contrário, continuavam animalizados, coisificados: “João, de cá, invejava a sorte dos bichos. Depois de velhos, já cansados, imprestáveis, tinham a recompensa. Tinham água e comida fartas” (EUCLIDES NETO, 1992, p. 131). Ao passo que, por trás desse cenário de exposição para os de fora verem, trabalhadores e suas famílias morriam de fome, viviam nus, pés no chão e, por isso, João invejava a situação dos bichos: “somente os burros eram felizes.” (EUCLIDES NETO, 1992, p. 132).

Assim, os ambientes natural, social e cultural, os espaços da narrativa, apresentados por Euclides Neto em *Os magros* são claramente divididos e marcados por experiências de exploração, de oposições e de tensões entre patrões e empregados, exploradores e explorados, dominantes e dominados, poderosos e submissos. Nesse contexto, o nome da Fazenda “Fartura” advém da visão de mundo do proprietário, que dela retirava bens materiais, acumulava-os e deles se apropriava; bens que lhe garantiam vida de abundância. Essa situação se contrapunha àquela dos trabalhadores que ali viviam em condições precárias. Tal como descritos na obra, viviam em meio às experiências de opressão e de exploração.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



No decorrer da análise sobre cultura, transformações identitárias e linguagens na obra de Euclides Neto, *Os magros*, ficam evidenciadas diferenças entre classes sociais que contribuíram para que as personagens oprimidas e exploradas no trabalho fossem se zoomorfizando, devido às agruras vividas, às reduzidas condições de trabalho, à falta de moradia, de saúde e de higiene, pois os meninos viviam em meio ao cheiro de urina e fezes, comiam terra para saciar a fome e morriam de inanição. Cardoso (2006) explica a zoomorfização como um processo em que o homem é animalizado e assume condições irracionais e animais. A condição animal serve para radicalizar a ruptura da dignidade do homem ao ser vítima do sistema capitalista opressor.

Dessa forma, a questão da zoomorfização é uma maneira de representar a opressão e a desigualdade social vivenciadas pelo pobre, o qual busca sobreviver às agruras sociais. De acordo com Hall,

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na história social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades que por tanto tempo se estabilizaram o mundo social estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como sujeito unificado (HALL, 2006, p. 7).

Hall deixa claro que, na modernidade, a concepção de identidade como única entra em crise devido às mudanças tanto na sociedade como na política e no modo de pensar socialmente. Assim, a identidade é constituída e marcada conforme a época em que o sujeito vive e de acordo com suas experiências, sua cultura e suas relações no espaço em que se encontra inserido.

Foucault (1984) esclarece que nossas identidades são marcadas pelo espaço em que vivemos, pelo qual somos atraídos para fora de nós mesmos e pelos posicionamentos que tomamos. O espaço interior é construído por meio do contato com os espaços





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



externos nos quais vivemos e temos nossas experiências. Assim, ele é heterogêneo, pois há um conjunto de relações que se definem por posicionamentos, ou seja, os diferentes espaços pelos quais passamos e em que vivemos, como os locais de moradia, de trabalho e de lazer. Esses espaços são modificados em cada época.

Compreende-se, dessa maneira, que a abordagem que articula a narrativa mostra um prisma dialético, tanto no que se refere ao intrínseco da obra quanto o extrínseco, entendido como o contexto social, histórico e cultural em que foi produzida. Assim, analisando tanto o texto, com seu conteúdo, sua temática e sua forma, quanto o contexto em que a obra foi elaborada, bem como o autor que a concebeu, é possível perceber sua inserção social e o lugar que ocupa na sociedade. Comenta Candido (1985) que, a partir da análise literária consegue-se uma interpretação que abarque tanto as questões internas, como a temática e a estética, quanto os aspectos externos e sociais do meio, explicitando o sentido social da obra literária, na medida em que é expressão da sociedade e também interessada em seus problemas.

Dessa forma, percebe-se que Euclides Neto soube abordar a exploração humana no decorrer de sua obra e mostrar a cultura do lugar. A cultura compreendida como forma de ancoradouro do homem à sociedade, de pertencimento a dado grupo social e como aquilo que nos confere condição humana, tal como a memória, igualmente pensada como dimensão importante da vida em comunidade e que faz parte de nosso aparato simbólico, ligando os seres humanos uns aos outros, as gerações umas às outras.

Durante a narrativa, compreendem-se as experiências individuais e coletivas, as quais podem ser entendidas de várias formas, conforme, já exposto, em parte, anteriormente, ao falarmos sobre as condições de moradia, de saúde e de educação, das relações de poder e de trabalho, das atividades desenvolvidas e dos meios



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



usados para tal, bem como das interações várias entre os trabalhadores, entre eles próprios, e entre eles e seus superiores. Portanto, a maneira como o nordestino foi pensado, foi construído culturalmente, contribui para que se possa refletir sobre a figura do coronel, aquele que escraviza o trabalhador, compra, de forma exploradora, sua força de trabalho e oprime o proletariado.

Por essa forma de olhar para o oprimido, para o trabalhador, Euclides Neto, “em 1961, foi eleito prefeito de Ipiaú, município da região cacauzeira onde viveu e plasmou a sua obra. Como prefeito, implantou a primeira experiência socialista de reforma agrária feita por um administrador público brasileiro” (CÉSAR, 2003, p. 16). Foi um prefeito voltado para as camadas mais necessitadas da população. Sua administração ganhou repercussão nacional, mesmo sem o apoio do governador Luiz Viana Filho<sup>2</sup>.

O Brasil, naquela época, era considerado um país em desenvolvimento, com potencial e recursos bastantes, contudo era também possuidor de problemas sociais extremos, como uma vasta pobreza e uma classe rural excluída e impedida de participar da política. Somando-se a esses problemas, a inflação era alta. O que Euclides Neto visava era a valorização da mão-de-obra do trabalhador, o qual necessitava do trabalho nas roças de cacau para sobreviver, para manter-se empregado e garantir seu sustendo e o de sua família.

No decorrer da narrativa, observa-se a forma de transação comercial, presente no mercado de mão de obra. O vendedor de sua força de trabalho vende-a, transformando-a em mercadoria, e o comprador paga por ela, tornando-a um meio de subsistência do trabalhador. O trabalhador vende sua força de trabalho por um

2. Filho do último governador da Bahia no século XIX, nasceu em 28 de março de 1908, e viveu entre a política, dedicada à Bahia, e a Literatura, chegando a tornar-se um imortal da Academia Brasileira de Letras. (SENADO FEDERAL, 2013)



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



preço estipulado em meios de subsistência, apresentado-a como mercadoria e sendo, assim, coisificado.

Euclides Neto consegue representar o capitalismo opressor fazendo-se presente no espaço e no meio cultural da sociedade rural, pois a exploração do trabalho era intensa e, por questão de sobrevivência, o pobre realizava trabalhos exaustivos na fazenda, cuidando da produtividade do cacau, enquanto o patrão desfrutava dos lucros por eles gerados. No decorrer da análise sobre cultura, transformações identitárias e linguagens, na obra *Os magros*, de Euclides Neto, ficam evidentes as diferenças entre as classes sociais e a forma como as personagens oprimidas e exploradas no trabalho vão se zoomorfizando, devido às agruras vividas, as reduzidas condições de trabalho e a falta de moradia.

Ao dar voz ao agregado Sarará, Euclides mostra o seu desejo de lutar pelo trabalhador rural das fazendas de cacau, acabando com a exploração e com o baixo salário a que este se submetia em busca de sobrevivência. A personagem representa o trabalhador que tem consciência de sua situação de opressão e que compreende as questões de ordem política e social, tal como foram discutidas por Marx, a respeito da união entre os proletários e da força que estes poderiam adquirir, se houvesse união e luta por seus direitos e cidadania.

## REFERÊNCIAS

BARBIERI, Cláudia. Arquitetura literária: sob a composição do espaço narrativo. In: BORGES FILHO, O.; BARBOSA, S. (Orgs.). *Poéticas do espaço literário*. São Carlos, São Paulo: Claraluz, 2009.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 7 ed., São Paulo: Ed. Nacional, 1985.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO



## SUMÁRIO

CARDOSO, João Batista. Os polos da sociedade em Os magros: In: \_\_\_\_\_. *Literatura do cacau: ficção, ideologia e realidade em Adônias Filho, Euclides Neto, James Amado e Jorge Amado*. Ilhéus: Editus, 2006.

CÉSAR, Eliezer. *O romance dos excluídos: terra e política em Euclides Neto*. Ilhéus: Editus, 2003.

CHARTIER, Roger. A nova história cultural existe? In: LOPES, Antonio Herculano; VELLOSO, Monica Pimenta; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e Linguagens: texto, imagem, oralidade e representações*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

EUCLIDES NETO. *Os magros*. São Paulo: Guena & Bussius, 1992.

EXPOSIÇÃO CENTENÁRIO LUIZ VIANA FILHO. Senado Federal. Brasília. 2013. Disponível em: <[http://www.senado.gov.br/senado/biblioteca/acervo/LVF100/vida\\_01.shtm](http://www.senado.gov.br/senado/biblioteca/acervo/LVF100/vida_01.shtm)>. Acesso em: 25 mai 2013.

MARX, Karl. *O manifesto comunista*. Tradução Reginaldo Sant'Anna. Rio e Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. 11 ed. Tradução Reginaldo Sant'Anna. Rio e Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

ROCHA, Lurdes Bertol. *A região cacauzeira da Bahia – dos coronéis à vassoura de bruxa: saga, percepção e representação*. Ilhéus: Editus, 2008.

ROCHA, Lurdes Bertol. *A região cacauzeira da Bahia: uma abordagem fenomenológica*. Aracaju, SE: UFS/POSGRAD, 2006.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. 7 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução: Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.



Capítulo 11

**AUTHORITARIANISM, DISSENT  
AND THE SELF: WHAT CAN THE  
TRANSCENDENTALISM OF EMERSON  
AND THOREAU TEACH US?**

Alan Tocantins Fernandes





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



### Abstract:

Transcendentalism was stimulated by non-conformity and the urge of each individual to find a unique relation with the universe. Social activism has been one of the direct consequences of this sense of unity and paramount to ensure human dignity and environmental awareness, for instance. This paper evaluates the contemporary relevance of the works of proponents Emerson and Thoreau and the major principles of Transcendentalism to secure rightness of moral action in the face of authoritarianism.

### Keywords:

Transcendentalism. Authoritarianism. Dissent. Civil Disobedience. Democracy.

DOI: 10.31560/pimentacultural/2018.945.228-245



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



## INTRODUCTION

Inspired by German and British Romanticism, Transcendentalism was attached to the notions of North American individualism and owed its ascension to Ralph Waldo Emerson, who in 1836 published his essay *Nature*. The structure of the writing itself differed from the trends of Romanticism, which traditionally took the form of poetry, novels and short stories. In mid-19<sup>th</sup> century, Emerson befriended Henry David Thoreau – 14 years younger – and later became his mentor. He lent his land by Walden Pond, Massachusetts, to his apprentice, and even allowed Thoreau to stay in his house for some time and use his private library. Emerson also gave all the encouragement, support and advice Thoreau needed, and together they would lead the North American transcendentalist movement. Even though they also wrote poetry, it was through their essays that they became two of the most important writers in American history.

With its emergence in mid-19th century – while Romanticism was still in its heyday – Transcendentalism showed enough distinct characteristics to be considered a genre of its own. Although the concept has always been short of easy descriptions or definitions even amid the main figures of the movement, some characteristics seem to make up the core principles of the transcendentalist philosophy: extreme fondness for nature, the relationship between the individual with *the self* and the wilder natural universe and, just as importantly, the disregard to the laws of the state or impositions from society and the refusal to bow to external authority.

In this study I aim to review the fundamentals of Transcendentalism through the teachings of Emerson and Thoreau and explore how non-conformist approaches to doctrine and authoritarianism could help build the spiritual altitude required to reform society. I also attempt to investigate whether revolutionary goals



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



could potentially be reached by the means of non-violent dissent – an argument for individual resistance to civil government in moral opposition to *unfair* laws, states, institutions or even traditions in a democratic society.

Human history has shown us many instances in which the non-obedience to laws considered ill intended contributed to reshaping the law and society itself. Here, I argue that the values of Transcendentalism could be as influential as ever in the face of the growing authoritarianism in today's world – not only in corrupted or self-seeking governments, but even in more advanced and developed societies.

## TRANSCENDENTALISM: THE FUNDAMENTALS

Transcendentalism suggests that divinity permeates nature and therefore, it communicates with the notion that we can only understand reality by studying nature. It also suggests that knowledge could be reached not only through the senses, but through intuition – working on the human mind as he/she observes nature – and contemplation of the internal spirit. Intuition was, therefore, the means to truth, and god should be revealed through intuition to each individual. It did not reject religion, though. The focus of spirituality was in the self, having individuals as the spiritual center of the cosmos. It also dialogued with German idealism, Plato and Neoplatonism's fulfilment through the acquisition of knowledge as the individual's ultimate goal and the superiority of intuition to intellect (GRAY, 2011, p. 59).

In 1841, Ralph Aldo Emerson (1803–1882) published his *Essays* collection in which he made public his famous work called *Self-Reliance*. It was a collection of a number of ideas and passages he wrote on his journals from 1832 to 1840, but which he also used to





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



deliver as speeches and lectures. Emerson and his followers, which included Henry David Thoreau (1817–1862), were emphatic about the importance of non-conformity and independent beliefs – a sharp contrast with the prevailing attitude in the contemporary western society. Such position of non-conformity was, of course, of paramount importance for both Emerson and Thoreau, and even though Transcendentalism failed to achieve its ambitious goal of reforming and bringing society together in the 19<sup>th</sup> century, it could be argued that campaigners in our present age – e.g. activists for human rights, social justice, individual liberties, environmental and climate change issues etc. – owe a lot of their arguments to the values of transcendentalism.

Overall, transcendentalists preached and pursued self-reliance by supporting and celebrating the independence of thought of the individual and democracy. Nearly 200 years have passed, but its conception, which comprises the demand for equality, women's rights, reforms in education, laws, politics and religion as well as opposition to slavery and labor exploitation founded in self-respect and self-reliance are as current and present as ever. On *Self-Reliance* (1893, p. 3) Emerson wrote:

These are the voices<sup>1</sup> which we hear in solitude, but they grow faint and inaudible as we enter into the world. Society everywhere is in conspiracy against the manhood of every one of its members. Society is a joint-stock company, in which the members agree, for the better securing of his bread to each shareholder, to surrender the liberty and culture of the eater. The virtue in most request is conformity. Self-reliance is its aversion. It loves not realities and creators, but names and customs.

1. The “voices” in the excerpt, according to Emerson, are the ideas that individuals have in their minds about how to improve the world around them. And yet, no one is truly committed in taking the first step to make of such improvement something real.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



The ideals and ideas of transcendentalism were charged with the optimistic beliefs the strong concept of non-violent resistance required to fortify and inspire great leaders for centuries to come, such as Mahatma Gandhi and Martin Luther King, who saw the liberation of the self as imperative (GRAY, 2011, p. 66). In *Self-Reliance* (p. 52-53), for instance, Emerson advocates his views on non-conformity and independent beliefs:

Whoso would be a man must be a nonconformist. He who would gather immortal palms must not be hindered by the name of goodness, but must explore if it be goodness. Nothing is at last sacred but the integrity of your own mind. Absolve you to yourself, and you shall have the suffrage of the world.

However noble, the morality spirit of Transcendentalism seemed to be headed for failure in a larger scale and saw its influence dimming during the second half of the nineteenth century. One of the main reasons was perhaps the inability to organize itself systematically or to establish itself as a standard formulation for social conduct since all individuals had the exclusive authority to decide what was right and wrong in society. Despite the skepticism it conveyed, Emerson stayed loyal to the idea that every person had the power to shape and change things: which is one reason why, in the 1850s, he became involved in the movement to abolish slavery (GRAY, 2011, p. 61). He discoursed about the unpleasant attitudes people will receive from society for being a non-conformist:

[...] For nonconformity the world whips you with its displeasure. And therefore, a man must know how to estimate a sour face. The by-standers look askance on him in the public street or in the friend's parlor. If this aversion had its origin in contempt and resistance like his own, he might well go home with a sad countenance; but the sour faces of the multitude, like their sweet faces, have no deep cause, but are put on and off as the wind blows and a newspaper directs. (EMERSON, 1841, p. 6)

And insisted on the self-sufficiency of the individual:



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



What I must do is all that concerns me, not what the people think. This rule, equally arduous in actual and in intellectual life, may serve for the whole distinction between greatness and meanness. It is the harder, because you will always find those who think they know what is your duty better than you know it. It is easy in the world to live after the world's opinion; it is easy in solitude to live after our own; but the great man is he who in the midst of the crowd keeps with perfect sweetness the independence of solitude. (EMERSON, 1841, p. 5)

Gray (2011, p. 62) observes that “to live according to those laws was to live in the present, with respect for others but without timidity or apology, in the knowledge that the final judge of any person resided in the self”. He points out those who pursued the Transcendentalist creed, which included Theodore Parker (1810–1860), Bronson Alcott (1799–1888), George Ripley (1802–1880), among several other thinkers of the time who attempted to establish cooperative communities based on transcendentalist principles. Gray highlights the most famous and remembered member – together with Emerson and Thoreau – of what was called the *Transcendental Club*: Margaret Fuller (1810–1850). She vigorously advocated in the cause of female emancipation and, according to Gray (2011, p. 62) was closely linked to the abolition of slavery – she would fiercely attack “all those who would try to reduce people to property, black or female, or insist that they have to be limited to a particular ‘sphere’”. It is undeniable that Transcendentalism was truly both an intellectual and a vigorous social movement, and it is inevitable to think how its principles could still be applied in our days in order to reshape both our modern society and the laws ruling it.

## MAN AND NATURE

In the heart of Transcendentalism was the connection between man and its natural surroundings. Both Emerson and Thoreau called people to go back to the first law of men – nature – but also that we should trust ourselves so not be conducted by the enticement of



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



trying to fit in. In the opening paragraph of the chapter *Nature* (1849, p. 15), Emerson proposes:

To go into solitude, a man needs to retire as much from his chamber as from society. I am not solitary whilst I read and write, though nobody is with me. But if a man would be alone, let him look at the stars. The rays that come from those heavenly worlds, will separate between him and what he touches.

In today's increasing environmental awareness, transcendentalist views of nature are a timeless inquiry; it is as if they could predict that, amid the environmental havoc we experience in present day, future generations would finally appreciate not only the gifts, benefits, and lessons that nature could provide, but also the importance to witness the natural spectacles displayed perpetually around us. "Nature, in its ministry to man" Emerson wrote in *Nature* (1836, p. 16) "is not only the material, but is also the process and the result".

Thoreau also became particularly interested in getting in touch with nature himself. So much so that he spent two years living self-sufficiently in a self-built cabin on Walden Pond<sup>2</sup>, on a land that belonged to Emerson. He survived by fishing in the lake and growing vegetables around his cabin, selling what he did not need for his own use. He even took the time to build a cottage near the pond so he could guarantee a shelter. During the time he spent around Walden Pond, he focused on what was essential for his living, but also on observing the world around him and writing his most famous work: *Walden, or Life in the Woods*, first published in 1854. About his experience in the woods, Thoreau (1939, p. 101) observed:

2. Walden Pond is a lake in Concord, Massachusetts, in the United States. Today, the pond is protected as part of Walden Pond State Reservation and it is visited by 700,000 tourist each year. A replica of Thoreau's house, constructed in 1985, and the location of his modest accommodations are available for viewing by the public. Available on: <<https://waldenpondstatereservation.wordpress.com/>>. Access on 10/08/2018.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



I find it wholesome to be alone the greater part of the time. To be in company, even with the best, is soon wearisome and dissipating. I love to be alone. I never found the companion that was so companionable as solitude. We are for the most part more lonely when we go abroad among men than when we stay in our chambers. A man thinking or working is always alone, let him be where he will.

*Walden* is partly autobiographic, narrated in first person, but it is also an essay that could easily be translated into social activism, just like Emerson's *Nature* expressed his social conscience and a call to action. Emerson and Thoreau shared also similar views on how money changes people. They had similar reasons to turn their back on society and adventure into the wild, as well as the aversion to materialism and consumption. In *Walden*, Thoreau (1939, p. 14) notes: "Most of the luxuries and many of the so-called comforts of life are not only not indispensable, but positive hindrances to the elevation of mankind".

In the search for new individual values of autonomy and self-expression Thoreau looked for the higher laws behind the facts of his existence, convinced that the wilderness would satisfy his deepest desire for fulfillment. He aimed at the supremacy of the individual, which was the belief that one should not conform to the usual policies of life, particularly those imposed by the state, religion or even family. In *Walden* (1939, p. 68), he explained:

I went to the woods because I wished to live deliberately, to front only the essential facts of life, and see if I could not learn what it had to teach, and not, when I came to die, discover that I had not lived. I did not wish to live what was not life, living is so dear; nor did I wish to practice resignation, unless it was quite necessary. I wanted to live deep and suck out all the marrow of life, to live so sturdily and Spartan-like as to put to rout all that was not life, to cut a broad swath and shave close, to drive life into a corner, and reduce it to its lowest terms.

Such view on individual values confront the authoritarianism endorsed by materialistic values of modern life brought about by the



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



hierarchical structure of naturalized, social differences, sustained primarily by an emphasis on social comparisons, as explained by McDermott (2007, p. 2). She argues (ibid.) that authoritarianism and conservative attitudes “are frequently used in the promotion of consumer goods in advertising that often objectifies and commodifies women and nature, thus conflating materialism with traditional beliefs about gender and the environment”. Because Transcendentalism begins and ends with the individual, it gives a novel, fresh and idealistic approach for people to consider themselves as individuals, as important constituents of society – and not merely objects – and as part of the natural world.

In this view, transcendentalist thinking would go against the conventionalism of conformist attitudes and established social norms, organized by authoritarianism to maintain power hierarchies. It not only defies the submission to authority, which aims to maintain the status quo, but also suggests unconventional beliefs as an alternative to the “go along to get along” argument. This is particularly important in times when the obedience to the law represents an abdication of ethical responsibility.

As Emerson so wisely put in *The Method of Nature* (1841, p. 10) for the Society of the Adelphi, “[...] That rushing stream will not stop to be observed. We can never surprise nature in a corner”. But, surely, the opposite is true. He adds that “every natural fact is an emanation, and that from which it emanates is an emanation also, and from every emanation is a new emanation.” Thus, it is a flow that cannot be stopped. Emerson further asserts that “if anything could stand still, it would be crushed and dissipated by the torrent it resisted, and if it were a mind, would be crazed”. He also observes that “insane persons are those who hold fast to one thought, and do not flow with the course of nature”.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



### CIVIL DISOBEDIENCE: A MORAL CONCEPT?

Thoreau suggested that individuals should resist immoral government actions by simply refusing to cooperate, particularly when such action was an act of violent aggression against the weaker or a minority. Notoriously, in 1846, Thoreau was arrested for not paying his taxes as a way to demonstrate his opposition to some of the ways the government spent the money – e.g. slavery, the Mexican-American War. After his release from prison, he gave a lecture about the roles of governments and individuals in society, and eventually summarized it in a famous essay: *On the Duty of Civil Disobedience*, which is along with Emerson's *Nature*, the work that best embodies the values of Transcendentalism.

This idea of dissent reinforces an insubordinate attitude towards the systems around us. When activists enter and occupy a nuclear power plant site or an animal testing facility, for instance, they know they could be arrested for criminal trespass. However, in their view, there is an obligation to disobey any law protecting a property where an energy system that could threaten world peace or the environment would be built; or violate animal rights, in the case of the testing facility. Arguably, in many situations throughout human history the disobedience of ill intended laws could be justified – particularly those coming self-interested governances or ruthless money-driven enterprises. On *Civil Disobedience* (1849, p. 12), Thoreau remarks:

If the injustice is part of the necessary friction of the machine of government, let it go, let it go; perchance it will wear smooth – certainly the machine will wear out. If the injustice has a spring, or a pulley, or a rope, or a crank, exclusively for itself, then perhaps you may consider whether the remedy will not be worse than the evil; but if it is of such a nature that it requires you to be the agent of injustice to another, then, I say, break the law. Let your life be a counter friction to stop the machine. What I have to do is to see, at any rate, that I do not lend myself to the wrong which I condemn.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



If we consider that at the core of law is the individual moral conscience, then there is nothing that cannot be replaced in the law – even if the law is issued by a state’s authority, to obey it or not is a question of personal moral judgment. In this view, a moral obligation is just as important as a legal obligation, and a general obedience to the law should not be more valuable than its disobedience. In a democracy, the power of the state should be in balance with the free expression of its individuals. Therefore, if the laws and the governments creating those laws are to be changed, then one of the processes by which we can change them is by not obeying them. Hence, dissent is a fundamental part of the right to rebel against unfair laws and authoritarian governments, and it is even possible to argue that it is a fundamental human right – we just have to remember that the discourse of human rights emerged from organized resistance within the American and French Revolutions.

In general, civil disobedience would be deliberately carried out aiming to effect change and would, obviously, involve the violation of a law or policy. Because it is intentional, it is expected that the violator(s) would know their responsibility for the act and be willing to accept their punishment, which is fixed, ironically, by law. Dissent could be morally justified when the reasons for a course of action weigh more or are better than those against it. Regarding the moral responsibility to disregard or ignore the laws of the state, Thoreau wrote:

Must the citizen ever for a moment, or in the least degree, resign his conscience to the legislator? Why has every man a conscience, then? I think that we should be men first, and subjects afterward. It is not desirable to cultivate a respect for the law, so much as for the right. The only obligation which I have a right to assume, is to do at any time what I think right (THOREAU, 1849, p. 4).

In the transcendentalist view, individuals should be guided by their own experiences and thoughts. Before considering laws initiated by governments, individuals should follow their higher law of morality; before following any organized religion, they should go out





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



into nature to seek and find God through a closer relationship with the wilder natural universe, and by thinking for themselves; instead of just “going along to get along” with the lifestyles of mainstream society, individuals should get involved in social reforms and be on the lookout for ways of improving life in their communities and the world around them.

In this context, citizens play an important role in preventing the occurrence of impairment in laws and policies. Transcendentalism encourages that citizens are always in the lookout, because history has shown that governments could potentially be as tyrannical, perverted and unfair as they wish. By being perceptive – and disobedient, if necessary – citizens can exercise their right and duty to show their government that they are not free of flaws. In other words, without civil disobedience, our rights would be pointless.

Since the French Revolution, dissent has increasingly taken part in society and shaping the regulations we have today. In many cases (e.g. abolition of slavery, environmental and natural resources laws, Women’s Suffrage and Civil Rights Movements in the U.S.A., Gay Rights worldwide, anti-nuclear or anti-war campaigning, among others), citizens’ legal means such as voting, petitions, court appearances, lobbying etc. have not been enough and their voices have not been heard. Therefore, they have turned into dissent and civil disobedience to meet their demands.

Anti-war movements, for instance, have been a part of U.S. history since Thoreau went to jail for refusing to participate in the U.S. war against Mexico, in 1849. More recent examples were the nationwide protests against the war in Southeast Asia, Central America and in the Middle East. On the other side of the Atlantic, the “*One million march against war*” – opposing the invasion of Iraq – in the streets of Britain in February 2003 was considered the biggest public rally in British history. Demonstrators from all over the world



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



also marched, chanted and unfold their banners against the conflict in the Middle East. Although the pressure took effect in some countries which decided to pull out of the operation in Iraq, the United States and the United Kingdom carried on to lead the combat in the Middle East.

In more recent years, several countries – mostly European – have passed laws banning the use of the *burqa* or other face covering clothing in public places, for example. In such countries, adherence to *hijab* has led to political controversies and restrictions remain a quarrelsome issue. In some countries, women who insist on wearing *niqabs* and *burqas* in public might even be subject to fines. Those proposing and voting for the law argue the ban will promote a better integration to local society but also public safety, while others might judge the use of the *hijab* contradictory to gender equality values. Dissent and disobedience towards the law have come as protests by Muslims and non-Muslims – some wearing veils in solidarity and some who did not wear the veil before the ban starting to wear it. Despite the fact the ban is for any clothing that completely covers the face – i.e. not intended for the Muslim populations alone – campaigners advocate that the ban violates individual freedom and religion and the conflict has been widely and loudly amplified by the world media.

Such attitude shows lack of conformity with authoritarian powers governing modern life, which agrees entirely with the transcendentalist idea of individual supremacy and the notion that one should follow their own ideal system – even if that means intruding upon others' ideals or the law. It is important to keep in mind that within the laws are the moral autonomy or independence of mind of the individual. What Thoreau suggests is that, as free autonomous individuals, we have not only the right of civil disobedience but also the obligation and duty to dissent as a right of protest in proceedings considered to be unfair or even criminal, which was clearly the case of the Iraq invasion.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



“Society never advances”, Emerson wrote in *Self-Reliance* (1841, p. 16). For him, society “recedes as fast on one side as it gains on the other. It undergoes continual changes; it is barbarous, it is civilized, it is christianized, it is rich, it is scientific; but this change is not amelioration. For everything that is given, something is taken. Society acquires new arts, and loses old instincts”. The legal systems regulating our society will only be considered to be fair if it manages to solve quarrels well enough to earn public respect and allegiance. It is expected, therefore, that if laws are applied neutrally, the public will take steps to refrain from violating it.

In *Civil Disobedience*, Thoreau (1849, p. 12) is emphatic to affirm that “unjust laws exist”. He raises the question on whether we should be “content to obey such laws, or endeavor to amend them, and obey them until we have succeeded, or whether we should transgress them at once”. Surely, it is important to investigate just how pernicious our laws are and the consequences of their implementation (e.g. oppression, discrimination etc.). Some may argue that an unfair law should not even be considered a law, but its perverted counterpart, and the consent to obey laws, in general, should not include them – for which case opposition will always be legitimate and justified. This way, citizens would not be encouraged to accept the power of authority unconditionally or cease to defy the status quo.

In fact, the injustice, violence and disorder in contemporary society is obscured by the false idea of peace and order presented by the status quo. It is a fallacy that should be fought against continuously. It is also quite possible to have the atmosphere of totalitarianism in a society that considers itself to be democratic. In this very same society, a group of activists could be arrested for trespassing while governments would get away with war crimes. In many cases, in which disobedience has resulted in arrests, accepting to go to



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



prison has been a way the protesters have found to continue their fight and make their point – definitely the case of Thoreau.

One must not forget that, in every country, the state and their citizens have different interests. In order to maintain their power and the status quo, government agencies will entice the population to obey their laws. But these are not sacred, and in many cases, they can be obnoxious, unfair, and even dangerous. Laws are instruments used to serve certain ends, and as instruments, they can be replaced or dispensed; but not the same can be said about the ends. It is of chief importance to note, however, that not all civil disobedience is moral or effective. What some of the principles of transcendentalism have shown us is that bad laws are there to be broken and that dissent is not only our right or duty as citizens, but it is also the essence of democracy. Dissent and civil disobedience are vital weapons in the democratic process but they will not build a new society on its own.

## CONCLUSION

Transcendentalists such as Emerson and Thoreau presented to the world an original relation with the universe, which was founded on self-reliance and self-respect. Moreover, they helped to confirm a belief in the supreme importance of the individual and in the superiority of intuition to intellect. The movement was fueled with idealism, which insisted on the thought and will of the individual, but also on his consciousness and inspiration, which could be found in abundance in nature, but also in simplicity.

The ideals of Transcendentalism might not have come free of criticism, markedly in the American society, constantly craving for concrete and realistic ideals. For some, their idealism was too naive and utopic; others would agree that transcendentalists lived in



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



a bubble, an abstract world they created for themselves. However, it would be absurd to deny Emerson and Thoreau the position of the philosophical voices of North America in the 19th century.

One of the main lessons learned from the transcendentalists is that every person must be a non-conformist. And today, the argument of campaigners for environmentalism, social justice, human rights, individual liberties are fortified or even founded with the values of transcendentalism – a cultural and political legacy made available to society for nearly 200 years. Besides, they were great supporters of democracy and true believers of the individual independence, which are the foundation of contemporary western thinking.

If the ambitions movement to unify and reform society back then failed due to, among other factors, the difficulty to codify social conduct because of the very fact that an individual has the exclusive authority to judge right from wrong, the ideas and ideals of transcendentalism still have a powerful influence on people nowadays. Those engaging in acts of dissent and civil disobedience, for example, who choose to do it in non-violent ways, including great leaders such as Gandhi or Martin Luther King – who profoundly influenced non-violent disobedience movements in the 20th century – have been directly or indirectly communicating the transcendentalist notion that the non-cooperation with evil is as much a duty as cooperation with good.

As a matter of fact, non-cooperation can be an effective type of resistance which could potentially be used to assert a positive stance. The development of democracy is an infinite process which has as a cornerstone the narrowing of the gap between law and justice. Rather than being considered only a criminal act, civil disobedience and dissent can actually furnish with positive steps toward a world free of injustice and oppression. Historically, they have infringed laws, but also contributed to the creation of new ones.



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



## REFERENCES

EMERSON, Ralph Waldo. *Nature*. New ed. Boston: J. Munroe & company. 1849.

EMERSON, Ralph Waldo. *The American Scholar*; Self-reliance; Compensation. New York: American Book Co., 1893. Available on: <<https://catalog.hathitrust.org/Record/100397017>>. Access on: 10th June 2018

EMERSON, Ralph Waldo. *The Method of Nature*. An Oration delivered before the Society of the Adelpi, in Waterville College, Maine, August 11th. Boston: Samuel G. Simpkins. 1841.

GRAY, Richard. *A History of American Literature*. United Kingdom: Wiley-Blackwell – 912 pages. 2011.

MCDERMOTT, Christa. *Understanding the psychology of unsustainability: Linking materialism, authoritarianism, attitudes toward gender and the environment, and behavior*. 2007. Dissertation (PhD Psychology and Women's Studies) – University of Michigan. U.S.A.

THOREAU, Henry David. *On the Duty of Civil Disobedience*. Public domain. 1849. Available on <<http://www.gutenberg.net/7/71/>>. Access on: 10th June 2018.

THOREAU, Henry David. *Walden: Or, Life in the Woods*. Heritage Press. University of Michigan. 1939 (digitalized in 2006).



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



## ÍNDICE REMISSIVO

### A

- Africanidades 76
- authoritarianism 229, 236, 237
  - governments 231
  - hierarchical structure 236
  - society 230
- autoridade pedagógica 9, 120, 122, 125,  
130, 132, 133, 135, 136, 139, 141,  
142, 143
- exercício 133
- formação humana 142
- perda 130
- proposta formativa 125
- autoritarismo 7, 8, 10, 11, 13, 14, 27, 28,  
29, 32, 33, 37, 43, 46, 89, 123,  
124, 125, 130, 132, 133, 134, 137,  
159, 166, 170, 171, 178, 182, 184,  
205
- abuso de poder 123
- censura 32
- cotidiano 124
- democracia 123
- discurso 28
- educador 125
- injustiça 124
- opressão 89
- resistência 89
- silenciamento 32, 33

### C

- Campos dos Goytacazes 75, 76, 77, 84, 85,  
86, 88, 89, 91, 93, 95, 252
- coisificação 89
- índios goitacá 84
- civil disobedience 240, 241, 243, 244
- Civil Disobedience 238, 242
- cultura 10, 26, 31, 58, 59, 68, 73, 77, 80,  
82, 87, 97, 99, 105, 106, 107, 113,  
114, 115, 116, 120, 122, 125, 126,  
129, 130, 132, 133, 134, 137, 139,  
141, 142, 153, 163, 168, 176, 181,  
208, 210, 214, 215, 223, 224, 226,  
252

### D

- democracia 23, 33, 46, 47, 49, 50, 123, 175
- democracy 229, 243, 244
  - believers 244
  - citizens 243
  - equality 232
  - individuals 239
  - laws 239
  - state 239
- denúncia 42, 55, 63, 188, 193, 196, 209,  
210
- desigualdade social 92, 209, 210, 223
- disobedience 238, 239, 241, 242, 243, 244
  - Civil Disobedience 238
  - democracy 239
  - laws 238
  - moral conscience 239
  - moral judgment 239
  - rights 240
  - state's authority 239
- dissent 231, 239, 240, 243, 244
  - acts 244
  - authoritiam government 239
  - democratic society 231
  - duty 243
  - insubordinate attitude 238
  - law 239
  - leaders 244
  - positive steps 244
  - right 243
- Dissent 241
- Ditadura Militar 167, 172, 175, 182, 187,  
188, 189, 191, 253

### E

- escravidão 9, 48, 75, 77, 78, 80, 85, 89, 90,  
91, 93, 94
  - africanos 80
  - Brasil 85
  - colonizadores portugueses 85
  - panorama 77
  - trabalho 78
- espaço 9, 19, 27, 30, 37, 40, 41, 42, 43, 46,  
54, 55, 62, 66, 69, 102, 132, 141,  
148, 151, 155, 165, 168, 170, 187,



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



195, 200, 203, 208, 215, 218, 219,  
220, 223, 226, 227  
esquecimento 38, 151, 196, 205, 253  
Estado opressor 196  
sentido do Ser 151  
exploração 10, 47, 71, 77, 79, 88, 98, 149,  
154, 208, 209, 210, 211, 212, 213,  
216, 217, 219, 222, 224, 226

G  
government 231, 238, 239, 240, 242, 243

H  
Hannah Arendt 38, 48  
ideologia totalitária 48  
regimes totalitários 49

I  
indígena 80, 97, 102, 107, 116  
colonização 80  
costumes cristãos 103  
ensino-aprendizagem 80, 97, 102, 107, 116  
memória 80, 97, 102, 107, 116  
individual 230, 243, 244  
civil government 231  
freedom 241  
liberties 232  
moral conscience 239  
resistance 231  
supremacy 241  
values 236

J  
Jair Messias Bolsonaro 24, 27, 28, 31  
jornalismo 42, 43, 44  
era digital 42  
Fake news 44  
não-jornalismo 42

L  
lavoura cacaueteira 210, 211  
law 230, 232, 234, 236, 238, 239, 241,  
242, 243, 244  
ethical 237  
institutions 231  
policies 240  
society 230  
states 231

Leonardo Sakamoto 41  
literatura 9, 10, 98, 101, 104, 142, 165,  
168, 169, 179, 185, 187, 189, 190,  
192, 205, 215  
análise de repressões 10  
brasileira 104  
gramática 101  
ressignificações 9

M  
Marcia Tiburi 50  
memória 24, 116, 187, 189, 190, 192, 193,  
194, 195, 196, 197, 198, 202, 205,  
224, 253  
coletiva 187  
coletividade 24, 116, 187, 189, 190, 192,  
193, 194, 195, 196, 197, 198, 202,  
205, 224, 253  
enunciação 190  
narradora 191  
Michel Foucault 10, 14, 48  
discurso 152  
discurso 152  
panoptismo 75  
poder 152  
relações de poder 48

O  
onomástica 106, 114  
Onomástica  
Aňanga 114  
Karaiba 115  
Pajés 115  
Ratápe 115  
Tupã 114  
Xamá 115  
Ybakýpe 115  
Os magros 10, 208, 209, 210, 222, 223,  
226, 227, 252

P  
panóptico 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 26  
pedagogias freireanas 120  
pobreza 208, 209, 215, 225  
poder 11, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21,  
22, 25, 26, 29, 34, 46, 48, 49, 69,  
78, 82, 89, 98, 121, 122, 123, 124,  
126, 127, 128, 136, 137, 139, 150,





# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO

- 152, 163, 167, 168, 170, 172, 173,  
174, 175, 177, 178, 181, 182, 184,  
187, 190, 199, 200, 201, 205, 208,  
210, 220, 224
- ações 15  
corrupção 29  
efeito síncrono 25  
forças de segurança 17  
imaterialidade 19  
polícia 17  
repressivo 16  
soberano 15
- política 8, 11, 12, 14, 16, 17, 18, 21, 29,  
32, 38, 44, 49, 50, 59, 72, 74, 92,  
97, 98, 99, 103, 122, 129, 141,  
142, 145, 146, 148, 149, 153, 155,  
167, 171, 183, 188, 191, 192, 203,  
206, 209, 223, 225, 226, 227
- autoritário 8, 11, 12, 14, 16, 17, 18, 21, 29,  
31, 32, 38, 44, 49, 50, 59, 72, 74, 92,  
97, 98, 99, 103, 122, 129, 141, 142,  
145, 146, 148, 149, 153, 155, 167,  
171, 183, 188, 191, 192, 203, 206,  
209, 223, 225, 226, 227
- brasileira 29
- discurso 8, 11, 12, 14, 16, 17, 18, 21, 29,  
32, 38, 44, 49, 50, 59, 72, 74, 92, 97,  
98, 99, 103, 122, 129, 141, 142, 145,  
146, 148, 149, 153, 155, 167, 171,  
183, 188, 191, 192, 203, 206, 209,  
223, 225, 226, 227
- renovação 29
- R
- redes sociais 8, 37, 38, 39, 40, 41, 45, 54,  
70, 73, 136
- fake news 8, 37, 38, 39, 40, 41, 45, 54, 70,  
73, 136
- redução linguística 9, 107
- relações de poder 48, 49, 82, 124, 136,  
172, 184, 208, 224
- resistance 231, 233, 239, 244
- civil government 231  
human right 239  
non-cooperation 244  
non-violent 233
- resistência 7, 10, 33, 50, 62, 75, 76, 80, 83,  
88, 89, 90, 91, 92, 93, 123, 125,  
131, 155, 170, 186, 187, 193, 195,  
196, 202, 205
- colonização 93  
cultural 80  
diálogo 50  
escravos 83, 89, 91  
gestos 10  
memória 10  
quilombos 90  
voz 10
- responsabilidade 46, 125, 126, 131, 137  
conteúdo falso 46  
internet 46  
luta 131  
resistência 131  
saberes coletivos 137
- S
- silenciamentos 9, 96, 98, 116
- society 230, 232, 233, 234, 235, 236, 238,  
240, 241, 242, 243, 244
- democratic 231  
idealism 243  
imposition 230  
law 230  
natural world 237
- T
- tecnologias digitais 9, 120, 121, 123, 125,  
127, 128, 129, 131, 133, 134, 135,  
139, 141, 143, 251
- diálogos interculturais 123
- escola 141
- Paulo Freire 9, 120, 121, 123, 125, 127,  
128, 129, 131, 133, 134, 135, 139,  
141, 143, 251
- pedagogia 120  
Teoria Crítica 121
- trabalhador rural 209, 210, 215, 226
- transcendentalism 232, 233, 243, 244
- Transcendentalism 230, 231, 232, 233, 234,  
237, 240, 243
- Tupi 98, 101, 102, 105, 107, 108, 109, 110,  
113, 114, 117, 118



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



### SOBRE OS AUTORES

#### ORGANIZADOR

#### ÉDERSON LUÍS SILVEIRA

Mestre e Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC; Membro e pesquisador do Grupo Formação de Professores de Línguas e Literatura (FORPROLL/CNPq) e do Grupo Michel Foucault e os Estudos Discursivos (UFAM/ CNPq). Bolsista CAPES. E-mail: ediliteratus@gmail.com

#### AUTORES

#### ADILSON CRISTIANO HABOWSKI

Mestrando em Educação pela Universidade La Salle - Canoas/RS, na linha de pesquisa: Culturas, Linguagens e Tecnologias na Educação. Possui o Médio na modalidade normal (magistério), com habilitação para atuar como professor nas áreas de Educação Infantil e Séries Iniciais (2014), e Graduação em Teologia pela Universidade La Salle - Canoas/RS (2017). Tem interesse principalmente nos seguintes temas: filosofia da tecnologia; tecnologias e educação; teoria crítica; filosofia da educação; hermenêutica e educação. Participante do Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação - NETE/UNILASALLE/CNPq. E-mail: adilsonhabowski@hotmail.com



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



### ALAN TOCANTINS FERNANDES

Possui graduação em Administração de Empresas pela Universidade de Rio Verde (1996), graduação em Gestão Ambiental - Birkbeck College University of London (2008) e mestrado em Ciência da Informação Geográfica - Birkbeck College University of London (2010). Graduação em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: [alantfernandes@gmail.com](mailto:alantfernandes@gmail.com)

### BRUNA CAROLINA DE LIMA SIQUEIRA DOS SANTOS

Mestranda (Bolsista CAPES) no programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado em Educação- UNIVALI. Pós-graduação lato sensu, Especialista em Gestão e Supervisão Escolar. Licenciatura Plena em Pedagogia. Carreira desenvolvida na área de Pedagogia, experiência em regência de aulas, coordenação e apoio ao em ambiente educacional presencial e a distância, orientação a pais e discentes, elaboração de atividades interdisciplinares e desenvolvimento e implementação de projetos educacionais e pedagógicos, contribuindo para a conquista de melhorias na qualidade dos processos de e aprendizagem. Atualmente membro da Rede Sul Brasileira de Educação Ambiental-REASUL e pesquisadora no Grupo de Pesquisa Educação, Estudos Ambientais e Sociedade-GEEAS, vinculado ao PPGÉ da UNIVALI. E-mail: [bruna\\_siqueiras@hotmail.com](mailto:bruna_siqueiras@hotmail.com)

### ELAINE CONTE

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2012). Professora da Universidade La Salle - UNILASALLE, Canoas, atua no Curso de Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa Culturas, Linguagens e Tecnologias na Educação. Líder do Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação - NETE/CNPq, com financiamento do CNPq e do Programa Primeiros Projetos da FAPERGS. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Fundamentos da



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professores, teoria crítica, filosofia da educação, tecnologias digitais e educação, estética e performance, educação a distância. É membro do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade La Salle e do Grupo de Estudos sobre Filosofia da Educação e Formação de Professores - GEFFOP/CNPq coordenado pelas professoras doutoras Cátia Piccolo Viero Devechi (UnB) e Gionara Tauchen (FURG). E-mail: elaine.conte@unilasalle.edu.br

### GUILHERME LIMA CARDOZO

É doutor em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio, com split PhD em Estudos Sociais pela Universidade de Coimbra (PT), ambos financiados pela CNPq. Mestre em Estudos da Linguagem, pela PUC-Rio, com financiamento CAPES. Graduiu-se na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em Letras (Português/Italiano). É professor assistente do curso de Letras da Universidade Estácio de Sá (UNESA) e professor adjunto do curso de Jornalismo do Centro Universitário Carioca (UNICARIOCA). Atualmente, tem como projeto de pesquisa de pós-doutorado o tema “Onomástica Crística: a alteridade de Jesus nos escritos de Paiva Netto”. E-mail: guilhermegoldenstein@gmail.com

### JOÃO PAULO SILVA BARBOSA

Mestre em Letras pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Especialista em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG). Graduado em Letras pela Universidade Presidente Antônio Carlos. Professor de Língua Portuguesa da rede pública municipal de Ressaquinha, MG. E-mail: jjsig@hotmail.com.

### JULIANA CRISTINA FERREIRA

É Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com a pesquisa sobre “A representação do pobre nos romances de Euclides Neto”. Mestra em Estudos Literários pela



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO



## SUMÁRIO

Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão (UFG/RC), com a pesquisa sobre “Exclusão social nas obras Vidas secas, de Graciliano Ramos e Os magros, de Euclides Neto”. Especialista em História do Brasil: sociedade, trabalho e cultura, pela UFG/RC. Licenciada em Letras Português – Inglês pela UFG/RC. Pedagoga Pelo Centro de Superior de Catalão (CESUC). Possui inglês completo pelo CCAA e Espanhol pela Fisk. Professora Alfabetizadora na Escola Municipal Patotinha, de Catalão GO. E-mail: [jujucris214@gmail.com](mailto:jujucris214@gmail.com)

### LEONARD CHRISTY SOUZA COSTA

Professor Adjunto I da Universidade Federal do Amazonas - UFAM; Coordenador do Programa de Pós Graduação em Letras; Líder do Grupo de Pesquisas Michel Foucault e os Estudos Discursivos/Grupo CNPq; Coordenador Pedagógico de Língua Inglesa no Programa Capes - Idiomas sem Fronteiras; Coordenador do Programa Residência Pedagógica - Núcleo Língua Inglesa - Projeto Capes, na Universidade Federal do Amazonas - UFAM . E-mail: [leonardufam@gmail.com](mailto:leonardufam@gmail.com)

### NEILDA DA CUNHA ALVES FERRO

Especialista em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO). Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e licenciada em Letras (Português e Literaturas) pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense. Atua como Assistente Social na Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Social de Campos dos Goytacazes/RJ, bem como na Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos de São João da Barra/ RJ. Tem interesse nas áreas de Linguística e Questões Sociais e Raciais. E-mail: [neildasocial@yahoo.com.br](mailto:neildasocial@yahoo.com.br)

### RAQUEL CAMPOS

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura pela Universidade de Brasília. É bolsista CAPES no Programa de



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



Doutorado Sanduíche em Literatura pela Universidade de Brasília - Yale University. Seus trabalhos recentes apareceram em *Alegorias da Poesia* (2014), *Pensamento Intruso: Jean-Luc Nancy & Jacques Derrida* (2014), *Cada vez o impossível: Derrida* (2015), e nas *Revistas Circuladô, Erratica e Criação e Crítica*. É membro do Grupo de Pesquisa: Escrita: Linguagem e Pensamento e da Associação de Estudos Brasileiros (BRASA). Tem como principais áreas de atuação Teoria Literária e Literatura Brasileira. E-mail: [raquelbernardes@gmail.com](mailto:raquelbernardes@gmail.com)

### ROBSON TELES GOMES

Professor Assistente II do Curso de Letras da Universidade Católica de Pernambuco/UNICAP; Professor Colaborador do PPGL em Ciências da Linguagem da UNICAP; Vice-Presidente do Instituto Cultural Osman Lins/ICOL; Dramaturgo; Encenador. E-mail: [prof.robsonteles@gmail.com](mailto:prof.robsonteles@gmail.com)

### SANDRA DE FÁTIMA KALINOSKI

É Doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria e Mestre em Letras pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Atualmente é servidora pública federal/Técnica-Administrativa em Educação no Instituto Federal Farroupilha – Campus Frederico Westphalen. É membro do Grupo de Pesquisa Literatura e Autoritarismo da Universidade Federal de Santa Maria. Desenvolveu pesquisa sobre a ficção brasileira pós-64, discutindo questões referentes à problemática da memória, do esquecimento e da fragmentação da narrativa. Atualmente segue desenvolvendo pesquisa sobre a escrita de narrativas ficcionais pós-64, enquanto recurso para tentativa de assimilação e reelaboração do trauma vivido pelas vítimas de violência da Ditadura Militar brasileira. E-mail: [ksandra.sandra@hotmail.com](mailto:ksandra.sandra@hotmail.com)



# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

## SUMÁRIO



### THIAGO SOARES DE OLIVEIRA

Doutor em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Atualmente é Professor da Licenciatura em Letras (Português e Literaturas) e Coordenador da Especialização em Literatura, Memória Cultural e Sociedade do Instituto Federal Fluminense (IFF). É pesquisador vinculado ao Núcleo de Estudos Culturais, Estéticos e Linguagens do IFF, na linha de História da Língua Portuguesa, e coordenou por dois anos a pesquisa intitulada “O Português Histórico e a sua aplicabilidade na explicação de fenômenos fonéticos da Língua Portuguesa”. Coordena, desde 2018, a pesquisa “Descrição e explicação de fenômenos fonéticos sob o viés da Linguística Histórica”. Tem experiência em Letras, com ênfase nas seguintes áreas: Tradição Gramatical da Língua Portuguesa, Estudos Formais de Língua Latina e de Gramática Histórica, Linguística Clássica e História da Língua Portuguesa. E-mail: [so.thiago@hotmail.com](mailto:so.thiago@hotmail.com)

# OS EFEITOS DO AUTORITARISMO

